

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA**

**A CLÍNICA PSICANALÍTICA DO RECURSO À  
SUBSTÂNCIA NAS NEUROSES**

Adriana Santos Lipiani

Orientadora: Angélica Bastos

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2018

# **A CLÍNICA PSICANALÍTICA DO RECURSO À SUBSTÂNCIA NAS NEUROSES**

Adriana Santos Lipiani

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica (Instituto de Psicologia) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Angélica Bastos

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2018

# A CLÍNICA PSICANALÍTICA DO RECURSO À SUBSTÂNCIA NAS NEUROSES

Adriana Santos Lipiani

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica (Instituto de Psicologia) da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

Aprovada em 5 de fevereiro de 2018 por:

---

Presidente, Prof. Dra. Angélica Bastos de Freitas Rachid Grimberg (UFRJ) -  
Orientadora

---

Prof. Dra. Fernanda Theophilo da Costa Moura (UFRJ)

---

Prof. Dra. Angélica Cantarella Tironi (UFRJ)

---

Prof. Dra. Ana Cristina Costa de Figueiredo (UERJ)

---

Prof. Dra. Cláudia Henschel de Lima (UFF.PUVRJ)

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2018

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe Ana Lipiani que sempre apoiou meus estudos e que nunca duvidou da minha capacidade.

Ao meu parceiro e noivo Felipe Moura por se doar com amor, amparo, aconchego e estímulo no decorrer deste último ano de escrita.

À minha analista Lêda Guimarães por cuidar da minha feminilidade e do meu desejo.

Ao meu professor de pilates Rodrigo Salgado por cuidar da saúde do meu corpo.

Aos amigos que incentivam meu lado ‘nerd’ e entendem minhas ausências em épocas de mergulho de estudo e escrita.

Ao meu padraсто Nicolau Bina Machado e aos meus irmãos Luiz, Lucas, Patrícia e Bárbara.

Ao meu professor de línguas Paulo Aragão, quem com sua paciência e profissionalismo me ofereceu aprimoramento e habilidade com o inglês e o francês.

Ao Ricardo Krause por me convidar a fazer parte da ABENEPI, uma associação voltada para a pesquisa e tratamento de crianças e adolescentes.

Aos meus pacientes que me presenteiam com o inconsciente.

À minha orientadora Angélica Bastos pelas direções precisas e indagações preciosas.

À Ana Cristina Figueiredo, quem me orientou no Mestrado, e fez o carinho de participar deste momento de continuidade da pesquisa acadêmica.

À Cláudia Henschel de Lima, alguém por quem tenho enorme gratidão por me ser tão participante na minha trajetória clínica e acadêmica.

À Angélica Tironi, preciosa descoberta da vida. Bela transmissora da psicanálise, pesquisadora investida e generosa em compartilhar o saber psicanalítico.

À Fernanda Costa Moura, professora por quem tenho maior admiração, haja vista sua didática e seu entusiasmo ao falar da teoria psicanalítica.

A todos os professores e colegas da PPGTP/UFRJ pelas ricas trocas.

À Capes, pela viabilização financeira da pesquisa que resulta nessa tese.

À Faperj, pela viabilização financeira da pesquisa que resulta nessa tese.

## **RESUMO**

### **A CLÍNICA PSICANALÍTICA DO RECURSO À SUBSTÂNCIA NAS NEUROSES**

Adriana Santos Lipiani

Orientadora: Angélica Bastos

Resumo da Tese de Doutorado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção de título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

A tese vai abordar a clínica do recurso à substância nas neuroses. O ponto de partida principal é a proposição lacaniana de 1975 que situa o uso da substância como o melhor recurso a promover a ruptura com o gozo fálico.

A fim de se aprofundar sobre o que Lacan quis dizer com esta proposição, a tese dará ênfase ao estudo do conceito de falo e a importância da ação do significante como regulador de gozo e na separação entre corpo e gozo.

Neste sentido, a tese produzirá um material que contemple a dicotomia existente entre o papel do significante e a incidência do supereu como imperativo de gozo.

Junto a isto, a pesquisa sobre as etapas lógicas da efetuação da estrutura da neurose servirá de base para alcançar o sentido sobre a forma de satisfação pulsional relativa à ruptura com o gozo fálico.

Palavras-chave: significante, supereu, gozo real, gozo fálico, castração, casamento, ruptura.

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2018

## **RÉSUMÉ**

### **LA CLINIQUE PSYCHANALYTIQUE DU RECOURS À LA SUBSTANCE DANS LES NÉVROSES**

Adriana Santos Lipiani

Diréctrice: Angélica Bastos

Résumé de Thèse de Doctorat soumise au Programme de Post-Graduation em Théorie  
Psychoanalytique, Institut de Psychologie, de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro –  
UFRJ, en tant que part des exigences nécessaires l'obtention du titre de Douteur em  
Théorie Psychoanalytique.

La thèse va travailler sur la clinique du recours à la substance dans les nevroses. Le  
point de départ principal est la proposicion lacanienne de 1975, celle qui place  
l'utilisation de la substance comme le mellieur recours pour favoriser la rupture avec la  
jouissance phallique.

Afin d'approfondir ce que Lacan voulait dire avec cette proposicion, la thèse mettra  
l'accent sur l'étude du concept de phallus et sur l'importance de l'action du signifiant  
en tant que régulateur de la jouissance et dans la séparation entre le corps et la  
jouissance.

En ce sens, la thèse produira un matériau qui contemple la dicotomie existant entre le  
rôle du signifiant et l'incidence du surmoi comme impératif de jouissance.

En plus, la recherche sur les étapes logiques de la structure de la névrose servira de base  
pour atteindre le sens du mode de satisfaction pulsionelle liée à la rupture avec la  
jouissance phallique.

Mots-clés: signifiant, surmoi, jouissance réelle, jouissance phallique, castration,  
mariage, rupture

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2018

“Se acreditarmos com muita força, o impossível pode se tornar realidade”.

Mágico de Óz

**“A CLÍNICA PSICANALÍTICA DO RECURSO À SUBSTÂNCIA NAS  
NEUROSES”**

**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I: A CLÍNICA DO REAL – O SUPEREU E A TEORIA DO GOZO DE FREUD A LACAN .....</b>	<b>10</b>
<b>Parte I: A construção do conceito de supereu em Freud e suas contribuições para a clínica do recurso à substância .....</b>	<b>22</b>
<b>1. A construção do conceito de supereu em Freud .....</b>	<b>22</b>
<b>1.1. A construção do conceito de supereu na primeira tópica pulsional .....</b>	<b>23</b>
<b>1.2. O conceito de supereu na segunda tópica pulsional .....</b>	<b>29</b>
<b>Parte II: O percurso epistêmico do supereu em Lacan, sua teoria do gozo e suas contribuições para a clínica do recurso à substância .....</b>	<b>37</b>
<b>2. Supereu lacaniano – imperativo de gozo .....</b>	<b>37</b>
<b>2.1. O percurso epistêmico do supereu em Lacan: imaginário, simbólico e real ...</b>	<b>39</b>
<b>2.2. O supereu e a teoria do gozo no primeiro ensino de Lacan .....</b>	<b>45</b>
<b>2.3. O supereu e a teoria do gozo no segundo ensino de Lacan .....</b>	<b>50</b>
<b>3. O tratamento do gozo no segundo ensino de Lacan – ‘o significante é aquilo que faz barreira ao gozo’ .....</b>	<b>53</b>
<b>3.1. Caso Hans – o tratamento do gozo pelo significante .....</b>	<b>57</b>
<b>4. Um breve resumo sobre a clínica do supereu .....</b>	<b>60</b>
<b>CAPÍTULO II: O MODO DE GOZAR CONTEMPORÂNEO E A CLÍNICA DA GRADAÇÃO DIAGNÓSTICA NAS NEUROSES .....</b>	<b>65</b>
<b>Parte I: O modo de gozo contemporâneo e os efeitos da inexistência do Outro ....</b>	<b>74</b>
<b>1. Gozo contemporâneo: regido pelo signo ou pelo significante? .....</b>	<b>74</b>
<b>1.1. Um breve resumo sobre o papel do significante na neurose .....</b>	<b>76</b>
<b>1.2. Caso Hans – o papel do significante na positivação do gozo autoerótico .....</b>	<b>81</b>
<b>1.3. Quando o significante recai no signo – efeitos da inexistência do Outro .....</b>	<b>85</b>

<b>Parte II: Impasses para a efetuação da estrutura psíquica da neurose e suas possíveis respostas ao real .....</b>	<b>95</b>
<b>2. O mal estar contemporâneo e seu empuxo ao abismo da angústia .....</b>	<b>95</b>
<b>2.1. Referências psicanalíticas sobre os impasses para a efetuação da estrutura da neurose .....</b>	<b>102</b>
<b>2.2. Algumas leituras psicanalíticas sobre a gradação diagnóstica nas neuroses</b>	<b>110</b>
<b>2.3. Recurso à substância: uma resposta psíquica à fobia estrutural na neurose</b>	<b>118</b>
<b>CAPÍTULO III: O RECURSO À SUBSTÂNCIA NAS NEUROSES E SUAS GRADAÇÕES DIAGNÓSTICAS .....</b>	<b>127</b>
<b>Parte I: Referências psicanalíticas sobre o recurso à substância e uma análise sobre os diferentes tipos de uso .....</b>	<b>133</b>
<b>1. Referências sobre o uso de substância em Freud e Lacan .....</b>	<b>133</b>
<b>1.1. Considerações sobre a ruptura com o gozo fálico na neurose .....</b>	<b>147</b>
<b>1.2. Recursos à substância – dos usos à toxicomania .....</b>	<b>155</b>
<b>Parte II: Os diferentes matrimônios com o gozo fálico e algumas considerações sobre o diagnóstico diferencial na clínica do recurso à substância .....</b>	<b>168</b>
<b>2. Matrimônios e suas gradações .....</b>	<b>168</b>
<b>2.1. Achados de pesquisa sobre a clínica das neuroses com recurso à substância e o diagnóstico diferencial .....</b>	<b>180</b>
<b>3. Estudo de casos com uso de substância .....</b>	<b>189</b>
<b>3.1. Recurso à substância na psicose associado à forclusão do falo .....</b>	<b>191</b>
<b>3.2. Recurso à substância na neurose e a manutenção do casamento com o gozo fálico – etapa lógica da inscrição do falo (tempo 1) .....</b>	<b>193</b>
<b>3.3. Recurso à substância na neurose, da manutenção à ruptura do casamento com o gozo fálico – da etapa lógica da função do falo (tempo 2) ao rompimento .....</b>	<b>195</b>
<b>3.4. Recuso à substância na neurose, da ruptura à manutenção do casamento com o gozo fálico – do rompimento à etapa lógica da função do falo (tempo 2) .....</b>	<b>196</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>200</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>214</b>

## INTRODUÇÃO

A temática do recurso à substância na clínica psicanalítica suscita, corriqueiramente, uma preocupação no que tange a questão do diagnóstico diferencial, entre neurose e psicose. A clínica psicanalítica do recurso à substância sempre precisou ser cautelosa quanto à determinação do diagnóstico estrutural, haja vista que para a fenomenologia do uso de substância, por vezes, uma dificuldade inicial da identificação da estrutura psíquica pode acontecer. Tal impasse surge, sobretudo, por dois motivos: 1. Devido ao fato de certos efeitos do uso de substância serem similares aos fenômenos elementares da psicose, como por exemplo: os delírios e as alucinações; e 2. Mediante o constante surgimento, nesta clínica, de modos de efetuação da estrutura da neurose que por se apresentarem de forma muito mal acabada, devido a uma baixíssima operatividade do Nome-do-Pai como regulador de gozo, também podem propiciar uma confusão diagnóstica com a psicose. Estes dois motivos, por excelência, culminam, para alguns casos, dúvidas em relação ao diagnóstico estrutural.

Do mesmo modo, o estudo sobre a questão diagnóstica, em psicanálise, mostra sua importância como objeto de pesquisa, em decorrência desta dificuldade também operar na psiquiatria. No entanto, de outra forma. O que isto quer dizer? Enquanto a prática psicanalítica com sua direção de tratamento funciona sob a égide da determinação do diagnóstico diferencial, neurose ou psicose, na psiquiatria, os pacientes usuários de substância – em caso de dúvida diagnóstica – são, certas vezes, alocados na categoria clínica nomeada de transtorno ‘boderline’, conhecido também como ‘estados fronteirios’. Sob esse prisma, no que concerne o tipo de condução do tratamento na psiquiatria, a preocupação acerca da determinação do diagnóstico diferencial, às vezes, cai em terra, sem destaque à identificação da estrutura, e, por esta via, apenas focando no tratamento medicamentoso. Dito de outra maneira, enquanto a psiquiatria dá ênfase ao objeto (substância), a psicanálise dá relevo ao sujeito, dentro de suas particularidades de gozo, e, sobretudo, a partir da constatação de seu diagnóstico estrutural. Daí, a principal relevância de pesquisa que causa o desenvolvimento desta tese, uma vez que acreditamos que a psicanálise possui elementos teóricos sólidos para o estudo da determinação da estrutura psíquica, neurose ou psicose, na clínica do recurso à substância. E partindo desta relevância de pesquisa, a tese elege como objeto de estudo a clínica das neuroses com uso de substância.

A fim de produzir este material, a tese toma como ponto de partida três problemáticas de pesquisa surgidas em consequência da leitura de algumas referências psicanalíticas que abordam o recurso à substância nas neuroses. O desenvolvimento e a busca em responder tais problemáticas correspondem a nosso objetivo de pesquisa que visa avançar no estudo da clínica psicanalítica das neuroses com uso de substância, de modo a conseguir delimitar diferentes formas de entender a função psíquica do recurso à substância no âmbito da neurose. Sendo assim, seguem abaixo as três problemáticas de pesquisa tomadas como motes de planejamento e desenvolvimento desta tese:

A primeira problemática de pesquisa diz respeito ao principal questionamento teórico que impulsiona, desde o início, a produção desta tese. Em 1975, Lacan forja sua tese mais importante sobre o uso de drogas. Ao final de uma jornada de Cartéis, concebe o recurso à substância como a ferramenta psíquica de maior sucesso no tocante a promoção do rompimento do casamento do corpo com o pequeno pipi (Lacan, 1975). Em seguida, autores psicanalíticos contemporâneos ao analisarem a proposição lacaniana de 1975 acrescentam e leem a questão do casamento entre corpo e gozo sob a égide de uma ruptura com o gozo fálico; defendendo, por esse prisma, um uso de substância fora do campo da fantasia, fora do campo fálico. Deste modo, em relação à proposição lacaniana de 1975 e seus desdobramentos, nosso objetivo de pesquisa é buscar entender, teoricamente, o sentido que Lacan quis transmitir quando correlaciona uso de substância e ruptura com o pequeno pipi/ gozo fálico, e, do mesmo modo, interrogar, clinicamente, se esta ruptura com o gozo fálico se encontra a serviço, ou não, para todos os casos de neurose.

A segunda problemática de pesquisa funciona como uma continuidade da primeira. Refere-se à necessidade, para a abordagem da clínica das neuroses com uso de substância, em avançar no estudo sobre o conceito de falo e do gozo fálico, desde Freud até Lacan, com o intuito de produzirmos uma fundamentação teórica que nos responda, de forma consistente, a seguinte pergunta: Como devemos situar o falo, ou mesmo, a operacionalização do falo na clínica do recurso à substância no campo das neuroses?

E a terceira e última problemática de pesquisa se refere a outro questionamento teórico suscitado da leitura da tese freudiana de 1897 que concebe a masturbação como o ‘vício primário’ do sujeito, e, paralelamente, o uso de substância como um recurso, cuja função psíquica, na vida adulta, seria a de servir como substituto da satisfação faltosa referente à satisfação primeira da masturbação. Tendo como base esta postulação

freudiana, tese se propõe analisar o que Freud desejou transmitir, à luz da questão do diagnóstico diferencial, interrogando a qual estrutura psíquica o autor se refere (neurose e/ou psicose) ao correlacionar masturbação e uso de substância.

Mediante a análise destas três problemáticas de pesquisa já se torna possível pontuar que as referências psicanalíticas, tanto em Freud, quanto em Lacan, localizam a função da substância como um recurso de tratamento pulsional sempre relacionada a algo do campo da satisfação fálica, seja a fim de substituir uma satisfação faltosa fálica, seja para romper com um gozo relativo à função fálica. Tal como uma solução psíquica, encontrada pelo sujeito neurótico para fornecer tratamento a uma desregulação pulsional em resposta a algo que se sente no corpo como desprazer, a saber, como angústia.

Seguindo este raciocínio, a tese percebeu a relevância de eleger, por excelência, duas diretrizes de pesquisa: avançar no estudo sobre o conceito de gozo fálico, bem como de se aprofundar nas referências que circunscrevem as etapas lógicas da efetuação da estrutura na neurose, em Freud e Lacan. Tal necessidade de pesquisa se revelou desde o início, pois as produções psicanalíticas que abordam as formas de funcionamento pulsional orientadas pela lógica capitalista e do mercado – em que o uso e abuso de substância se incluem – são, geralmente, descritas a partir de alguns aspectos subjetivos particulares, como por exemplo, uma dificuldade do modo de gozo: de recorrer ao desejo e a fantasia inconsciente para a regulação do gozo real, de passar para a segunda operação lógica da separação, de estabelecer um firme lastro de amarração sintomática com sua posição fantasmática, de encontrar recursos simbólicos para viver uma parceria amorosa, etc. Em outros termos, um modo de funcionamento pulsional marcado por um rechaço ao inconsciente e uma tentativa de anulação da posição de sujeito dividido.

Visto isto, a fim de avançar na pesquisa, em psicanálise, sobre a constituição da estrutura da neurose, tendo em vista, em seguida, utilizá-la para a abordagem da clínica do recurso à substância, a tese adotou, fundamentalmente, três eixos de pesquisa: 1. A clínica psicanalítica do real; 2. As gradações diagnósticas no campo das neuroses e; 3. As referências psicanalíticas sobre o recurso à substância nas neuroses. Partindo desses três eixos, começamos por um estudo psicanalítico consistente sobre a construção do conceito de supereu e a teoria do gozo, desde Freud até Lacan, por onde demos início à fundamentação sobre a dicotomia existente entre a ação do significante como regulador

de gozo e a incidência do supereu como imperativo de gozo real – essencial para a investigação dos fatores psíquicos que acarretam, para alguns casos, impasses ao sujeito em avançar nas etapas lógicas da efetuação da estrutura da neurose.

Esta investigação deu corpo, ao longo dos capítulos, ao que a tese nomeou como o estudo das gradações diagnósticas nas neuroses, cujo material teórico teve como ponto de partida nossa atenção especial ao advento da segunda tópica pulsional freudiana e a análise minuciosa dos conceitos de supereu, pulsão de morte e necessidade de punição. Dar destaque ao conceito de supereu freudiano é essencial para esta tese, uma vez que demarca a introdução de uma perspectiva inédita para o funcionamento pulsional da neurose marcado, por algo além do simbólico, que sobrepuja o princípio do prazer. O simbólico deixa de ser decifrado como mensagem, o recalçado não é mais passível a interpretação, pois algo do campo do real ganha terreno e persiste sobre o modo de gozo do sujeito. Trata-se do aspecto sádico e mortífero do supereu junto às pulsões agressivas e de destruição (Freud, 1923, 1924). O que em seguida é adotado por Lacan, através do qual constrói sua teoria do gozo.

De acordo com essas postulações freudianas, Lacan, ao longo de seu ensino, formula o conceito de sintoma psicanalítico, localizando-o na interseção entre o simbólico e o real. Isto é, parte do sintoma é passível à interpretação simbólica, entretanto, outra parte do sintoma, exclusivamente, submissa à incidência da ação do supereu, representante do gozo real. Tal constatação fez a tese, mais próxima do estudo da clínica do real, compreender que mesmo que o sujeito neurótico produza sintomas de formação de compromisso como uma forma de tentar atenuar o gozo real, o supereu sempre encontra um caminho para provocar angústia ao imaginário corporal.

A análise sobre o campo do real que incide e insiste no modo de gozo do neurótico, mesmo que o sujeito tenha o sucesso de recorrer à fantasia inconsciente, ao desejo e à produção de sintoma decifrado como mensagem na tentativa de fornecer tratamento ao gozo real, acarreta à tese identificar a necessidade de abordar as diferentes formas que o sujeito neurótico, dentro de sua estrutura, pode encontrar para lidar com a incidência do supereu. Com o intuito de desenvolver as diferentes respostas neuróticas ao real, nosso estudo sobre a gradação diagnóstica no âmbito das neuroses, formulado a partir de referências psicanalíticas de autores contemporâneos (Guimarães, 2006, 2008, 2012; Godoy e Schetjman, 2009, Miller, 1996-97; outros) avaliou a possibilidade de constatar para a clínica da neurose, a verificação de diferentes níveis de operatividade do Nome-do-Pai, diferentes caso a caso. O que nos fez construir a seguinte proposição:

quanto maior for a efetividade do Nome-do-Pai na amarração sintomática da neurose, mais recursos simbólicos o sujeito possuirá para se proteger da incidência sádica do supereu; e, de modo contrário, quanto mais débil a efetividade significativa, maior a incidência do gozo real sobre o imaginário corporal do sujeito.

Esta proposição não é pensada em vão. Já se destina a servir de base para ajudar a responder as problemáticas de pesquisa construídas e mencionadas anteriormente. Relembrando: a primeira relativa às indagações suscitadas pela proposição lacaniana de 1975, que nos conduzem a buscar entender a correlação entre uso de substância e ruptura com o gozo fálico e, do mesmo modo, de interrogar se a ruptura com o gozo fálico serve para todos os casos de neurose; a segunda referente a necessidade de avançar no estudo dos conceitos de falo e de gozo fálico com a meta de esclarecer a operacionalização do falo em casos de uso de substância; e a terceira inerente ao questionamento da determinação do diagnóstico estrutural, neurose e/ou psicose, no que tange a leitura da tese freudiana de 1897 que equivale masturbação e recurso à substância. A saber, problemáticas que indicam a necessidade de dar relevo ao estudo, em psicanálise, sobre a importância da ação do significativo para a efetuação da estrutura da neurose e para a regulação de gozo real.

O sucesso do papel do significativo para a constituição da neurose é crucial para que o sujeito consiga chegar ao estágio final da efetuação da estrutura. Uma boa efetividade significativa permite ao modo de gozo do neurótico se estabelecer próximo ao funcionamento do inconsciente, de formular seu desejo em dependência ao desejo do Outro e de constituir uma posição fantasmática que atue na relação com o Outro. Visto isto, estudar a ação do significativo na constituição da neurose se faz importante, pois o esclarecimento teórico sobre o quadro clínico concernente à ruptura com o gozo fálico na neurose sai exatamente daí. Veremos que algo do funcionamento do significativo falha no caso de rompimento com o gozo fálico e é isto que vamos desenvolver ao longo dos capítulos.

A proposição lacaniana de 1975 é forjada ao final de uma Jornada de Cartéis. O assunto principal estudado naquele dia foi o caso pequeno Hans. Lacan, nesta ocasião, situa o uso de substância como a saída psíquica de maior sucesso para promover a ruptura com o pequeno pipi/ gozo fálico (Lacan, 1975). Dito de outra forma, para promover o rompimento com a angústia sentida pelo sujeito quando percebe que está casado com seu pau (ibidem). Circunscreveremos ao longo da produção dos capítulos,

sobretudo pautado na análise clínica do caso Hans, que a emergência do pênis real, via masturbação, vem associada da incidência do gozo fálico sobre o imaginário corporal em seu aspecto de gozo real; daí a sensação de angústia. Sobre isto, Lacan vai dizer que é a castração que permite liberar o sujeito da angústia (ibidem). Argumento este que nos abrirá a possibilidade de defender ao longo de nossa pesquisa de tese, seguindo as postulações lacanianas de 1975, que em caso de fracasso da castração, a substância pode surgir, na vida do sujeito, como um recurso neurótico de fuga do casamento com o pequeno pipi, e, conseqüentemente, com o gozo fálico enquanto real.

Visto isto, a tese se vê obrigada a lançar-se no aprofundamento de estudo dos conceitos de supereu e de gozo fálico. Tendo por base a obra de Freud e o ensino de Lacan, os achados da tese delimitam que tanto o supereu quanto o gozo fálico são, estritamente, orientados pelo real do gozo, restando à ação do significante a única ferramenta para tentar fazer barreira ao gozo real (Lacan, 1972-73). Desde já no primeiro capítulo, fundamentamos o supereu freudiano (1923) a serviço do id e da cultura da pulsão de morte, e o supereu laciano (1972-73) como imperativo de gozo real; a saber, ambos operando para a incidência da angústia no corpo. Do mesmo modo, no tocante ao conceito de gozo fálico, identificamos sua localização fora da cadeia significante, fora do campo simbólico, e sob esse registro, incidindo sobre o corpo de forma traumática e perturbadora (Lacan, 1972-73). Quer dizer, supereu e gozo fálico orientados pelo funcionamento do gozo real. Restando apenas ao papel do significante oferecer algum tratamento simbólico de modo a atenuar os efeitos mortíferos e sádicos do real.

Mediante esta constatação, a tese investe na temática da gradação diagnóstica das neuroses, tomando como instrumento de estudo as referências lacanianas que abordam a disciplina das etapas lógicas da constituição da neurose. Nossa pesquisa deu destaque às seguintes ferramentas lacanianas: os três tempos do Édipo (1957-58); o processo da castração (1960); o grafo do desejo (1960); os operadores lógicos da alienação e da separação (1964); a positivação do gozo autoerótico determinando a dependência ao desejo do Outro (1968-69) e os dois modos de operacionalização do falo, inscrição do falo e função do falo (1960, 1968-69, 1971, 1972-73). Fundamentar estas referências permitiu a tese descrever e esmiuçar os conceitos de gozo fálico, função fálica, significante fálico e significação fálica, ressaltando suas aproximações e divergências.

Atrelado a isto, a tese se aprofunda também no estudo da ação do significante no processo da castração. Na castração, o significante atua diretamente sobre o falo. É pela castração que o gozo fálico recebe tratamento. Realçamos que o processo da castração possui duas etapas lógicas. Resumidamente, a primeira etapa lógica se refere à negativização do falo, produto da entrada do significante no modo de gozo do sujeito, o que vem a determinar a inscrição do falo, enquanto falo imaginário ( $-\phi$ ), ao passo que a segunda etapa lógica confere à positivação do falo ( $\Phi$ ) e à função do falo, onde o gozo real recebe tratamento pela significação fálica, produto da metáfora paterna (Lacan, 1957-58, 1960, 1968-69, 1971). A castração simbólica é concebida, então, por uma captura de gozo por parte do significante, através da qual esta limitação de gozo determina o tratamento do gozo puro (Lacan, 1968-69).

A importância do papel do significante no processo da castração se aplica tanto para a regulação do gozo real e quanto para a promoção da separação entre corpo e gozo fálico. No entanto, como resultado do estudo das gradações diagnósticas no campo das neuroses, avaliamos a possibilidade de identificar clinicamente, dependendo de cada caso, diferentes níveis de operatividade do Nome-do-Pai na amarração sintomática do sujeito. A pesquisa sobre a gradação diagnóstica no campo das neuroses, como já dissemos anteriormente, se atenta para o surgimento na atualidade de diferentes modos de efetuação da estrutura da neurose que podem se estabelecer de forma mais ou menos acabada em relação ao funcionamento do inconsciente. Com o intuito de buscar entender os motivos estruturais para que alguns casos de neuroses vigorem de forma inacabada, devido ao fato de não conseguirem avançar em suas etapas lógicas da efetuação da estrutura, a tese se lança no segundo capítulo a desenvolver esta peculiaridade clínica da seguinte maneira:

A tese começa com a análise de algumas referências lacanianas (1938, 1970, 1973, 1974) que discorrem sobre os aspectos subjetivos particulares do modo de gozo contemporâneo. Nestas referências, Lacan defende para a atualidade: 1. A verificação da ascensão da função do signo em contraponto a queda da ação do significante; 2. A falência da função paterna; 3. A subida do objeto  $a$  ao zênite da civilização; 3. O domínio do objeto  $a$  mais-de-gozar no funcionamento pulsional; e 3. O supereu como sintoma do mal estar atual. Em seguida, por meio das contribuições de Miller (1996-97), Laurent (2007), entre outros, destacamos a emergência de um novo estatuto do Outro no contemporâneo regido agora por seu caráter de inexistência. Uma

debilidade significante se coloca implicando aos sujeitos a oferta de uma bússola simbólica de orientação pulsional deficitária. E em virtude deste quadro, o fenômeno da angústia se instala como marca principal no modo de sofrimento psíquico da atualidade.

Dando continuidade à pesquisa e com a finalidade de desenvolver elementos teóricos que pudessem esclarecer os motivos pelos quais alguns neuróticos se veem impedidos de avançar em suas etapas lógicas da efetuação da estrutura, a tese se apropria de algumas ferramentas presentes na teoria psicanalítica.

Primeiramente, adotamos as postulações de Martello (2014), que ao se basear no grafo do desejo de Lacan, localiza para o primeiro piso do grafo a prevalência da ação do signo e do imaginário, e, de modo contrário, para o segundo piso do grafo a presença do papel do significante, do simbólico, do desejo e da fantasia inconsciente no funcionamento pulsional do sujeito. Em seguida, a tese faz isto tomando como ferramenta de estudo os conceitos psicanalíticos de defesa, sintoma e caráter. Fundamentamos, de acordo com Freud (1913), Miller (1998-99) e outros, que enquanto o conceito de sintoma é oriundo do fracasso da defesa e da ação do retorno do recalcado, propiciando a formação de compromisso entre consciente e inconsciente, de modo contrário, a formação do caráter é resultante do êxito da defesa, marcado por um rechaço do inconsciente e por uma tentativa de anulação do sujeito dividido. E por fim, sob o prisma dos operadores lógicos da alienação e da separação, Guimarães (2012) afirma que a neurose cuja efetuação da estrutura se estabelece de forma inacabada advém de um impedimento que o sujeito encontra em efetuar a passagem da alienação para a separação. Tal impasse ocorre devido a fortes defesas obsessivas que culminam ao gozo uma predominância do imaginário e uma dificuldade de se aproximar de sua falta a ser. A saber, três maneiras de entender os impasses para a efetuação da estrutura na neurose, seja pelo primeiro piso do grafo, seja pela formação do caráter, seja pela alienação.

E por fim, chegamos ao último capítulo. Começamos pelo estudo das referências do recurso à substância em Freud e Lacan. Discutimos a verificação de diferentes abordagens do uso da substância ao longo do ensino de Freud, ora servindo para fugir das exigências impostas pela civilização, ora para buscar refúgio em um mundo próprio, ora para prescindir da parceria amorosa. Sobre esta última em particular, ressaltamos uma equivalência teórica ao que Lacan propõe em 1975. Ambos falam em casamento. Freud (1912) usa o termo ‘casamento feliz’ com a substância e Lacan (1975) o termo

‘ruptura com o casamento’. A categoria ‘matrimônio’ com a substância será um elemento relevante de estudo e de investigação ao longo do último capítulo.

Em seguida, construímos um material, produzido, de forma minuciosa, com as referências psicanalíticas que discutem a questão da ruptura com o gozo fálico na neurose em caso de substância. Baseado nessas referências, a tese averiguou para o quadro clínico relativo à ruptura com o gozo fálico na neurose um modo particular de gozo em que a ação do significante não participa. Considerada pelos autores psicanalíticos uma solução psíquica localizada fora do campo da satisfação fálica. Resumidamente, a ruptura com o gozo fálico na neurose é avaliada por Miller (1989) como um modo de gozo que se recusa a ser metaforizado pelo gozo do corpo do Outro, tal como uma insubordinação ao serviço sexual; por Laurent (1998) como uma formação de ruptura e não como uma formação de compromisso, concebendo o uso da substância fora do campo da fantasia; por Santiago (2001) como uma solução não-fálica de separação entre corpo e gozo; e por Pacheco (2011) como uma falha do semblante fálico.

Em seguida, tivemos um trabalho cuidadoso em vistas de formular um material teórico que possibilitasse a abertura de uma nova perspectiva para o estudo da clínica do recurso à substância nas neuroses. A fim de apresentar as diferentes funções psíquicas do uso da substância no campo das neuroses, elegemos como instrumento principal de estudo as duas modalidades de operacionalização do falo: inscrição do falo e função do falo. Para a construção desse material, tomamos como base de pesquisa as postulações lacanianas que abarcam a disciplina dos dois modos de operacionalização do falo (1960, 1968-69, 1971, 1972-73), bem como as valiosas contribuições de Naparstek (2008, 2011, 2014), dentre outros autores, que nos serviram, de forma consistente, para responder nossas problemáticas de pesquisa e, do mesmo modo, defender as hipóteses de pesquisa levantadas desde o início da construção da tese.

O estudo das etapas lógicas da efetuação da estrutura da neurose se afirmou crucial, através do qual, ao final do último capítulo e nas considerações finais, a tese alcança e formula seus achados tanto para a tese freudiana de 1897, quanto para a proposição laciana de 1975.

## **CAPÍTULO I: A CLÍNICA DO REAL – O SUPEREU E A TEORIA DO GOZO DE FREUD A LACAN**

### **Introdução:**

Este capítulo se destina a traçar um percurso teórico, cujo objetivo aponta para o aprofundamento sobre a clínica do real em psicanálise. Circunscrever sobre a construção do conceito de supereu desde Freud, para em seguida, apresentar a adoção desse conceito por Lacan para a criação da sua teoria do gozo, permitirá a esta tese alcançar a compreensão sobre a proposição teórica acerca da importância do estatuto do gozo para a direção de tratamento na clínica psicanalítica. Este capítulo realçará, por meio dos postulados do ensino de Lacan, que o gozo é o único real da prática psicanalítica, por onde se pode compreender a relação entre sintoma e gozo, assim como a forma subjetiva da satisfação pulsional, particular em cada caso, na estrutura da neurose.

Num primeiro momento, a primeira tópica pulsional em Freud para o campo da neurose é respaldada pelo processo do recalque, por onde o retorno do recalçado é passível de decifração simbólica. Dito de outro modo, a primeira tópica pulsional tem como marca o enfoque à clínica dos sintomas de formação de compromisso, regidos pelas leis do inconsciente (deslocamento e condensação), junto à participação das fantasias inconscientes, cuja função era fornecer tratamento à pulsão. Visto isto, as psiconeuroses, histerias e neuroses obsessivas, se constituíam por meio do tratamento do recalque, através do qual obtinham uma regulação de seu afeto vivido anteriormente sobre forma de angústia – para a histeria, pela conversão, e para a neurose obsessiva, pela formação reativa. Na primeira tópica pulsional, os sintomas se mostravam passíveis de interpretação, ou seja, acessíveis ao simbólico; a ponto de Freud defender, neste momento de sua Obra, que após o sintoma ser decifrado em análise, ele poderia desaparecer, permitindo ao sujeito ficar livre de sua doença nervosa.

No entanto, com o advento da segunda tópica pulsional em Freud, a interpretação dos sintomas ganha uma nova perspectiva, que surge em decorrência da introdução dos conceitos de pulsão de morte e de supereu na teoria psicanalítica, que por sua vez, delimitam um novo modo de regulação a respeito do campo pulsional na estrutura da neurose. Ou seja, o que antes era regido pelo princípio do prazer, passa a ser dominado

para além do princípio do prazer. Essa mudança de paradigma insere para o campo pulsional a vigência de uma nova dualidade para o estudo da neurose em Freud. O aparelho psíquico agora passa a ser regido pela dualidade, pulsão de vida e pulsão de morte. E em consequência disso, se antes o sintoma tinha como marca sua abertura à interpretação simbólica, a partir do texto “Além do Princípio do Prazer” (Freud, 1920), o poder de decifração do inconsciente recebe um entrave, uma vez que a satisfação pulsional passa a se encontrar agora sob o regime da compulsão à repetição, assim como da pulsão de morte. Desse modo, o texto de 1920 delimita uma mudança de paradigma, na medida em que o sintoma não mais se vê possibilitado de ser decifrado por inteiro; Freud aí percebe que algo escapa ao simbólico, aproximando-se desde aí da lógica do real.

Essa construção teórica, em consonância a esse novo paradigma, aponta a Freud à necessidade de avançar na pesquisa sobre o conceito de supereu. Mediante essa necessidade, o texto “O ego e o id” (1923) introduz uma nova perspectiva para a direção de tratamento na clínica psicanalítica, na medida em que no texto de 1923, Freud se aprofunda sobre a construção do conceito de supereu acerca de seu aspecto sádico e cruel sobre o eu, que posteriormente será adotado por Lacan sob o nome de gozo.

Lançar-se para o estudo sobre a clínica do real, a partir do percurso feito desde Freud com a construção do conceito de supereu, e prosseguindo com o ensino de Lacan com sua teoria do gozo, permite a esta tese de doutorado dar continuidade e avançar ao que foi desenvolvido no mestrado acerca da clínica do recurso à substância no campo da neurose. A pesquisa no mestrado deu mais relevo ao campo do simbólico, não chegando a se aprofundar sobre o que o ensino de Lacan poderia contribuir com a teoria do gozo para o entendimento das peculiaridades sobre o modo de gozo na clínica do recurso à substância no âmbito da neurose.

A pesquisa de mestrado teve como base referências teóricas que, sobretudo, realçavam a dicotomia entre as psiconeuroses e as neuroses com uso de substância, em relação as suas diferentes respostas, saídas psíquicas, frente à incidência do real do gozo sobre o corpo. Em outras palavras, os pesquisadores psicanalistas adotados no mestrado, em consonância aos postulados de Freud, ressaltavam mais a diferença entre as psiconeuroses, histerias e neuroses obsessivas, que forneciam tratamento à angústia pela produção de sintomas de formação de compromisso e através das fantasias inconscientes, em contraponto ao sujeito neurótico, usuário de substância, que não tinha a possibilidade de recorrer aos mecanismos do inconsciente para o tratamento da

desregulação pulsional, e, assim, recorria a um objeto produzido pela ciência como forma de fornecer regulação à angústia que incidia sobre seu imaginário corporal.

No entanto, a pesquisa de doutorado avança em relação ao mestrado realçando a necessidade de dar prosseguimento ao estudo sobre a clínica do recurso à substância, agora sob o prisma do real do gozo. De acordo com esse objetivo, este capítulo apresentará o percurso teórico de Freud acerca da construção do conceito de supereu, para em seguida, circunscrever a adoção deste conceito por Lacan e, do mesmo modo, os aspectos teóricos e clínicos sobre a teoria do gozo, que introduzirão novos elementos teóricos para o estudo da clínica do recurso à substância, bem como para a temática do diagnóstico diferencial nesta clínica.

Sendo assim, os próximos itens que seguem terão como meta, a partir de Freud e Lacan, contemplar as referências teóricas que regem a clínica do real, a saber, do real do gozo, que escapa e que não recebe mediação do simbólico. A clínica do real começa em Freud a partir da construção do conceito de supereu, que em Lacan, posteriormente, receberá o nome de gozo. Este capítulo pretende mostrar que se já em Freud algo do campo pulsional sobrepuja o domínio do princípio do prazer, em Lacan algo do gozo, do mesmo modo, fugirá sempre da regulação do significante. Dito de outro modo, a clínica do real se instaura desde a segunda tópica pulsional de Freud, na medida em que se constata na neurose que, mesmo com a vigência de produção de sintomas decifrados como mensagem e o recurso de fantasias inconscientes, há sempre algo no campo pulsional sob a égide da pulsão de morte, por onde o supereu consegue atuar, a saber, que foge ao simbólico. Da mesma maneira, em Lacan, mesmo que haja o tratamento do gozo pelo significante, haverá sempre o supereu em seu aspecto de imperativo de gozo dando a ordem: goza! Ou seja, o real insiste, e este capítulo buscará aprofundar esta questão, em vistas de buscar entender como o real do gozo incide e se apresenta para a fenomenologia da clínica do recurso à substância, no campo da neurose.

Além disso, este capítulo abrirá o campo de discussão, a partir de Freud e Lacan, sobre a forma como a psicanálise postula o processo de operacionalização do falo nas etapas lógicas da efetuação da estrutura da neurose. Sob esse prisma, esta tese contemplará as etapas lógicas da operacionalização do falo para a constituição da neurose, em paralelo ao desenvolvimento sobre a importância do processo de castração e do papel do significante na regulação do gozo. Trabalhar esses aspectos teóricos sobre a formação da neurose adquire papel crucial para esta pesquisa de tese, pelo fato de que a proposição lacaniana principal a respeito da clínica do recurso à substância no campo

da neurose situa o uso de drogas como uma saída psíquica frente à ruptura com o gozo fálico, bem como delimita o uso de drogas à possibilidade de permitir a separação entre o corpo e o gozo: “de romper o casamento com o pequeno pipi” (Lacan, 1975).

Desde já, é possível defender que a principal proposição teórica de Lacan (1975) acerca da clínica do recurso à substância aponta para um funcionamento do campo pulsional delimitado por uma predominância do real do gozo. A construção deste capítulo sobre a clínica do real nos permitirá começar a delinear elementos teóricos que contribuirão para o aprofundamento e leitura desta proposição lacaniana. Poderemos já começar a sustentar que o uso de droga, em consonância à proposição de 1975, apresenta-se como um recurso ao sujeito na neurose, cuja função busca fornecer tratamento à desregulação pulsional, decorrente de um déficit da regulação do gozo pelo significante. Portanto, este capítulo tem como meta aprofundar sobre a clínica do real por dois motivos principais: primeiro, pois não é possível entender o modo de gozo sintomático na clínica psicanalítica sem dar enfoque ao real do gozo (Lacan, 1974); e segundo, porque a proposição lacaniana de 1975 será trabalhada por essa tese, ao longo deste capítulo, como algo correlato ao resultado de uma falha no processo da castração, mais propriamente de uma falha na passagem do falo imaginário para o falo simbólico na constituição da neurose, o que vai instaurar assim uma forte incidência do gozo real sobre o corpo do sujeito.

Seguindo essa lógica, e tendo em voga a dicotomia entre o papel do significante na regulação do gozo e da ação do supereu em seu aspecto de imperativo de gozo, esta tese manterá uma posição clínica com a qual trabalhou desde o mestrado: de acreditar que, sobretudo, a partir da clínica contemporânea, é possível conceber a visualização, dependendo de cada caso clínico, de uma gradação no campo da neurose no que concerne à abordagem do real. O que isso quer dizer? A tese segue defendendo a hipótese de sustentar a verificação de diferentes níveis de operatividade do Nome-do-Pai que podem culminar em diferentes maneiras de amarração do modo de gozo sintomática no campo da neurose e, conseqüentemente, em diferentes modos de fazer barreira do real. Dito de outro jeito, a tese acredita que diferentes níveis da ação do significante na regulação do gozo incidem diretamente na submissão do sujeito a um menor ou maior efeito do supereu, em seu aspecto de real do gozo, sobre o imaginário corporal.

Neste sentido, este capítulo se constituirá em itens que buscarão tanto contemplar o caminho percorrido por Freud e Lacan para a construção do conceito do supereu,

correlato ao gozo real, quanto postular a importância dos conceitos como eu ideal, ideal do eu, Nome-do-Pai, metáfora paterna, castração, gozo fálico, entre outros, para o alcance do entendimento do papel do significante na regulação do gozo. Todo esse caminho terá como objetivo discorrer sobre a constituição da neurose, no que tange aos papéis do significante e do desejo em fazer barreira ao real. Sobre isto, a teoria do gozo em Lacan fornecerá ferramentas teóricas que elucidarão a proposição teórica acerca da função do significante em separar o gozo do corpo.

Para tal, em vistas de ilustrar todos os aspectos relativos às etapas lógicas da efetuação da estrutura da neurose em sua função de dar tratamento à angústia (ao gozo real), trabalharemos o caso clínico infantil do pequeno Hans, que contemplará de forma bastante exemplar todos os elementos clínicos e teóricos que nos propomos desenvolver, ao longo deste capítulo, correlato ao papel do significante para a regulação do gozo: as etapas da operacionalização do falo, a importância do processo de castração, a produção de sintomas e fantasias inconscientes para a solução da angústia, a passagem do falo imaginário para o falo simbólico e a ação do significante em separar o gozo do corpo.

Deste modo, começaremos pela primeira parte do capítulo, intitulado: a construção do conceito de supereu em Freud e suas contribuições para a clínica do recurso à substância. Trabalharemos referências teóricas da primeira e da segunda tópica pulsional em Freud, como: “A introdução ao narcisismo” (1914), “O recalque” (1915a), “O inconsciente” (1915b), “Luto e Melancolia” (1915c), “Psicologia de grupo e análise do eu” (1921), “O Ego e o id” (1923), “O problema econômico do masoquismo” (1924) e o “Mal estar na civilização” (1930).

Primeiramente, mostraremos que o caminho percorrido por Freud para a construção do conceito de supereu, a partir dos textos metapsicológicos, vislumbra o detalhe de que o supereu freudiano, num primeiro instante, constitui-se por meio das contribuições teóricas advindas do campo da loucura, a saber, mais propriamente da esquizofrenia (Freud, 1914) e da melancolia (Freud, 1915). A partir da segunda tópica pulsional, o supereu toma corpo de conceito próprio e se destaca do ideal do eu (Freud, 1923). A dicotomia entre os conceitos se estabelece – o ideal do eu assume a função de proibição ao primeiro objeto amoroso do sujeito e de regulação da pulsão através da promoção do recalque e o supereu ao lado da pulsão de morte, inscrevendo-se como uma instância psíquica, cuja atuação revela como marca um funcionamento para além do princípio do prazer. Dessa maneira, em 1923, o supereu (ibidem) surge como

resultado de uma gradação que ocorre dentro do eu; e apresenta-se como efeito do processo de uma identificação regressiva, cuja consequência coloca o eu refém das exigências do isso. A defusão pulsional, decorrente do processo da identificação regressiva, fornece todo poder ao supereu para atuar com o próprio eu. A ação do supereu ganhará forças junto às pulsões de agressividade e de destruição, fruto da defusão pulsional e relativa à pulsão de morte. Desse modo, o funcionamento do supereu será demarcado por uma vertente sádica, voltada ao eu do sujeito.

Por fim, o percurso teórico do supereu em Freud se conclui com o surgimento do conceito de masoquismo moral em 1924. O novo conceito de masoquismo moral reforça o supereu em seu aspecto sádico e cruel, de real do gozo, ao se relacionar às noções clínicas de sentimento de culpa, necessidade de punição, pulsão de morte e angústia. Lacan percebe a importância do conceito de masoquismo moral e, por aí, adota o conceito freudiano de supereu para a construção da sua teoria do gozo. O conceito do masoquismo moral em Freud dá uma nova cara ao supereu e se coloca como uma ferramenta crucial para a clínica lacaniana do real, na medida em que inscreve uma mudança de paradigma para o supereu. Isto é, se antes o supereu estava apenas condicionado pelo sadismo, recebe também outra vertente de ação, relacionada agora ao masoquismo do eu. Freud defende, então, em 1924, que “o sadismo do supereu e o masoquismo do eu suplementam-se e se unem para produzir os mesmos efeitos” (1924, p. 187), a saber, ambos atuarem em prol do supereu com o objetivo de destruir o eu do sujeito. Ainda, para finalizar, Freud acrescenta o aspecto determinante para o supereu em função do gozo real – afirma que o masoquismo e o sadismo inerentes ao funcionamento do supereu não acontecem sem satisfação pulsional (ibidem, p. 188). Desta afirmativa, Lacan se apropria do supereu freudiano e avança no desenvolvimento deste conceito, reforçando seu aspecto de real do gozo, desde já contemplado por Freud.

A segunda parte deste capítulo abordará o percurso epistêmico do conceito de supereu, ao longo do ensino de Lacan, a partir de sua localização nos registros imaginário, simbólico e real, para em seguida contemplar e aprofundar sobre a clínica do real em Lacan, por meio das contribuições teóricas de sua teoria do gozo em seu primeiro e último ensino.

O primeiro item da segunda parte deste capítulo, antes de dar início ao percurso epistêmico do conceito do supereu no ensino de Lacan, vai ressaltar o motivo clínico que fez o autor acreditar que o supereu freudiano era um instrumento teórico interessante a ser adotado. A eleição do conceito de supereu freudiano apoiado às

noções clínicas de sentimento inconsciente de culpa, necessidade de punição, masoquismo, sadismo e pulsão de morte atentou à Lacan uma peculiaridade ímpar concernente ao modo de satisfação pulsional da estrutura da neurose – a divisão do sujeito tem como marca a divisão do sujeito contra si mesmo. A clínica do real é, nesse sentido, respaldada pela clínica da pulsão de morte que atua sob o domínio do supereu. Por essa perspectiva, este item iniciará a apresentação de uma fundamentação teórica em Lacan que nos permite defender que a clínica do real pode ser lida como a clínica do supereu.

Do mesmo modo, de acordo com esse raciocínio, abordaremos desde o início da segunda parte deste capítulo que o ensino de Lacan ressaltará uma estreita relação entre sintoma e gozo, na medida em que suas elaborações lançarão o autor a defender a proposta clínica de que o sintoma está localizado entre os elos borromeanos do simbólico e do real (Lacan, 1974). O sintoma psicanalítico localizado nessa interseção será circunscrito por meio de duas vertentes: uma passível de interpretação simbólica, e outra que obedecerá a um modo de satisfação correlato ao real, advindos dos efeitos do supereu em sua ordem por excelência de gozo. A saber, uma concepção de sintoma psicanalítico que já começara a ser lapidada desde a segunda tópica pulsional de Freud.

Visto isso, abordaremos no item 2.1. o percurso epistêmico do conceito de supereu em Lacan a partir das seguintes referências: “A identificação ao sintoma na clínica do supereu” (Guimarães, 2006a), “A clínica do supereu” (Miller, 1981a), junto aos seminários de Lacan: *Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (1954), *Seminário, livro 3, as psicoses* (1955-56), *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-58), “Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960/1998), *Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63), *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais* (1965) e o *Seminário, livro 20: mas ainda* (1972-73).

O supereu no ensino de Lacan, primeiro, apresenta-se encarnado no registro do imaginário. A referência de base para essa localização epistêmica é a de 1954. Sob o registro do imaginário recebe o nome “figura obscena e feroz” (1954, p. 362). É concebido como a formulação lacaniana edípica do supereu e se encarna pelas figuras de autoridades na vida do sujeito. O supereu aqui é um personagem com uma função eminentemente imaginária (Miller, 1981a, p. 142). Do mesmo modo, o supereu em seu caráter de ‘figura obscena e feroz’ também é encontrado na experiência de travessia da fantasia nos dispositivos de passe dos AEs. Nesse momento do relato da travessia da fantasia, o supereu assume para o sujeito o “semblante do pai do horda, do Outro

gozador, do pai que ordena o imperativo do supereu” (Guimarães, 2006a, p. 107). Desse modo, o supereu no registro do imaginário demarca um gozo não mediado pelo simbólico, e sim correlato ao gozo real: “um semblante que abre a via de acesso ao real do pai” (ibidem).

No entanto, na medida em que o ensino de Lacan passa a estar mais amparado à temática da significantização, e, do mesmo modo, da função do falo para a regulação do gozo, o supereu localizado epistemicamente nesse período em que se predomina o simbólico, será contemplado pelo autor em seu aspecto rebelde e não inerente à lei do significante – quer dizer, algo no simbólico que escapa ao efeito da significação simbólica. Por este motivo, o supereu recebe um estatuto de simbólico estranho, uma vez que não possui a função de barrar o gozo. Entretanto, Lacan o concebe dentro de uma dupla face: por um lado, só se sustenta na linguagem (1955-56, p. 217), mas por outro lado, instaura-se como “uma lei insensata” (1954, p. 123). Ou seja, mesmo que o supereu tenha uma relação com a lei pelo fato de ser uma instância sustentada pela linguagem, apresenta-se ao mesmo tempo como “uma lei dialética (...) sabotador interno” (1955-56, p. 311) dessa própria lei. Portanto, o resultado pelo supereu, no registro do simbólico, de não seguir as leis do funcionamento da cadeia significante será o exercício do supereu essencialmente em sua função de efeito de gozo.

Além disso, respeitando essas considerações, o supereu na localização epistêmica do simbólico no ensino de Lacan também será averiguado em correlação ao significante do desejo da mãe, antes de esta receber tratamento no processo de metáfora paterna pelo significante do Nome-do-Pai (Lacan, 1957-58). O supereu referido ao desejo da mãe em seu aspecto de demanda absoluta e incondicional, bem como de capricho sem lei, incidirá sobre o sujeito com toda a sua força traumática de gozo puro, isto é, de gozo puro, real e traumático, não mediado pelo simbólico.

Por fim, o supereu localizado no registro do real será abordado a partir dos postulados lacanianos dos anos 1962-63 e 1964, em relação ao objeto *a* correlato ao objeto voz: “a voz (...) conhecemos seus restos nas vozes extraviadas da psicose, seu caráter parasitário sob a forma dos imperativos interrompidos do supereu” (Lacan, 1962-63, p. 275). Em 1964, o supereu ganha forma, no registro do real, através do objeto voz, uma vez que Lacan postula e realça, por meio da construção do gráfico do funcionamento do circuito pulsional do sujeito, o caráter anômalo do objeto voz quando comparado aos outros objetos: oral, olhar e fezes. O movimento de ida e volta pulsional que permite o sujeito se fazer objeto para o Outro no campo da fantasia não ocorre com

o objeto voz, tal como acontece com os objetos, oral, olhar, seio e fezes (Lacan, 1962-63): “o sujeito não poderá se fazer voz para o Outro, pois no campo pulsional a voz sempre advém como voz do Outro, voz inaudível, voz áfona, mandato silencioso de gozo, ao qual o sujeito só poderá responder: Ouço!” (Guimarães, 2006a, p. 109).

Sendo assim, este item mostrará que analisar o percurso epistêmico do conceito do supereu, por meio de sua localização em referência aos registros imaginário, simbólico e real, possibilita-nos demarcar a manutenção do funcionamento do supereu em seu aspecto de real do gozo ao longo do ensino de Lacan, representado primeiro em seu estatuto de imposição referente à “figura obscena e feroz” no registro do imaginário; segundo acerca da demanda incondicional referente aos efeitos de gozo puro e traumatizante do desejo materno; e terceiro como objeto voz relativo a um mandado de gozo do qual o sujeito não tem escapatória. Será em consequência deste percurso teórico que Lacan lançará sua proposição principal sobre o conceito de supereu: “o supereu é o imperativo do gozo” (1972-73, p. 11). Isto é, seja qual for seu revestimento epistêmico – imaginário, simbólico ou real – o supereu sempre terá por função efeito de gozo real, o que reforça a proposição teórica e clínica, importante para esta tese, de que a clínica do real é correlata à clínica do supereu.

No item 2.2., abordaremos o caminho construído no primeiro ensino de Lacan sobre a teoria do gozo, ressaltando a função da operação da metáfora paterna e o processo da castração para a regulação do gozo. Com o recorte, mais propriamente do *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-58) e do texto de “Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960), daremos início à abordagem no ensino de Lacan acerca do processo de operacionalização do falo nas etapas lógicas da efetuação da estrutura da neurose, condizentes a dois momentos cruciais:

1. Etapa lógica do falo imaginário, marcado por uma negativização, e correlato à inscrição do falo, ou em outros termos, do casamento do falo com o corpo. O falo dá corpo ao gozo e o órgão se torna instrumento, uma vez regido pelo significante;
2. Etapa lógica do falo simbólico, instaurado por uma positivação, mesmo que ainda carregue consigo a marca da falta, correlato à possibilidade da vivência da castração simbólica e à produção do desejo do sujeito em relação ao desejo do Outro para a construção de sua fantasia.

Do mesmo modo, realçaremos que, na medida em que a teoria do gozo no primeiro ensino de Lacan, a partir do enfoque à operação da metáfora paterna e do processo de castração, circunscreve a dicotomia entre o papel do Nome-do-Pai e do supereu, estando o primeiro ao lado do desejo e o segundo ao lado do gozo, a tese adotará para a sua pesquisa uma proposição teórica defendida por Miller em seu seminário clínico “A clínica do supereu” (1981a). Ao longo do seu seminário clínico, em que Miller trabalha o estatuto do supereu ao longo do ensino de Lacan, ele se questiona sobre a escolha de um significante novo que pudesse melhor escrever o supereu lacaniano. Para a surpresa desta tese que trabalha com a proposição principal de Lacan (1975) acerca da clínica do recurso de substância, em que afirma que o uso da droga é correlato à ruptura com o gozo fálico, Miller, ao fim do seu seminário, escolhe para melhor escrever o supereu em Lacan o significante ( $\phi_0$ ): “penso que podemos usar um significante menos utilizado (...), um com quem nunca se fez nada: ( $\phi_0$ )” (Miller, 1981a, p. 146). Miller sustenta sua escolha ressaltando que acredita que este significante não necessariamente denota uma negativização, e, visto isto, defende que ( $\phi_0$ ) mostra “a ubiquidade do gozo, quando este não se localiza como gozo fálico” (ibidem). Sob esse prisma, a escolha de Miller por esse significante em especial afirma nossa conduta em relacionar o recurso à substância com o efeito de gozo real que o supereu pode exercer sobre o imaginário corporal, bem como nos permite seguir com nossa pesquisa buscando aprofundar o que Lacan (1975) quis dizer quando localiza o uso de drogas em relação à ruptura com o gozo fálico.

Seguindo essa lógica, e com a meta de buscar avançar sobre a proposição lacaniana de 1975, o item 2.3. abordará a teoria do gozo no segundo ensino de Lacan a partir das seguintes referências teóricas: o seminário clínico de Miller “Teoria dos gozos” (1981b), o *Seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-69), o *Seminário, livro 20: mais ainda* (1972-73) e o texto “A terceira” (1974). Daremos continuidade ao estudo sobre a temática da operacionalização do falo nas diferentes etapas lógicas da efetuação da estrutura da neurose e da função do significante na regulação do gozo, contidas no segundo ensino de Lacan, a partir dos seguintes objetivos de pesquisa:

1. Circunscrever o novo estatuto do corpo como substância gozante;
2. Elucidar a dicotomia entre gozo e desejo;
3. Discorrer sobre a relação entre os conceitos de gozo, falo, desejo e sintoma;
4. Descrever as conexões entre castração, função fálica e gozo fálico;

5. Apresentar a diferença entre gozo puro/ real e o gozo fálico que recebe tratamento da castração;
6. Explicar o papel do significante e do desejo em fazer barreira ao real;
7. Aprofundar a proposição teórica que afirma que o significante é o que permite a separação entre o gozo e corpo.

Circunscrever esses aspectos nos permitirá elucidar, de forma consistente, tanto a dicotomia existente entre Nome-do-Pai e supereu (entre desejo e gozo) prevalente no primeiro ensino, quanto à dicotomia entre castração e supereu predominante no segundo ensino de Lacan. Veremos que o segundo ensino de Lacan avança na teoria do gozo, proferindo que a castração designa ao significante o papel de fazer barreira ao real, e, conjuntamente, de promover a separação entre gozo e corpo.

Com o intuito de ilustrar a importância do papel do significante na constituição da neurose, ressaltaremos, a partir do caso clínico do pequeno Hans, que a incidência do gozo fálico na primeira etapa lógica da operacionalização do falo, enquanto falo imaginário, é sentida pelo sujeito sob a forma de angústia. O que vigora neste momento (quando o pênis toma vida) é o gozo fálico em seu aspecto real e perturbador sobre o imaginário corporal.

No entanto, num segundo momento, o caso clínico de Hans nos mostrará a função de sua fobia a serviço de solucionar a angústia, e, conseqüentemente, de ter sucesso em passar pela castração simbólica. A eleição de um significante (cavalo) suscita a produção do sintoma fóbico, o que possibilita o menino fazer a passagem do falo imaginário para o falo simbólico. O significante cavalo, no caso Hans, opera na separação final do gozo com o corpo, traz a solução para a angústia e permite o sujeito viver a castração simbólica. Isso acontece porque Lacan compreende a castração como a captura de um gozo por parte do significante, e essa limitação de gozo fornece tratamento ao gozo puro (Lacan, 1968-69) – gozo puro referente à primeira etapa lógica do falo imaginário (momento da emergência do pênis real) que era sentido pelo sujeito como traumático e real.

Visto isto, à luz de nossa tese, podemos considerar, teórica e clinicamente, a partir da análise do caso Hans, duas formas distintas de abordar o gozo fálico:

1. A primeira referente ao gozo fálico enquanto gozo real, localizado no primeiro tempo da operacionalização do falo imaginário, sentida como angústia pelo sujeito no momento em que começa a se masturbar, e depois;
2. A segunda correlata ao gozo fálico mediado e tratado pelo significante, referente ao segundo tempo lógico do falo enquanto simbólico, por onde o sujeito encontra solução para a sua angústia via fantasia inconsciente e produção de sintoma de formação de compromisso.

Logo, esperamos que ao final deste capítulo possamos estar aptos a seguir na busca do esclarecimento sobre os impasses inerentes à efetuação da estrutura da neurose em caso de uso abusivo de substância, assim como de lançar-se na construção de um material teórico e clínico que contribua à temática da determinação do diagnóstico diferencial na clínica do recurso à substância.

## **Parte I: A construção do conceito de supereu em Freud e suas contribuições para a clínica do recurso à substância.**

### **1. A construção do conceito de supereu em Freud:**

Na primeira parte deste capítulo, a tese buscará apresentar os caminhos teóricos da Obra de Freud que culminam na construção do conceito de supereu em psicanálise. Tal caminho se inicia na primeira tópica pulsional. Embora Freud ainda não soubesse, no decorrer da produção da sua primeira tópica pulsional ele já forja elementos teóricos que, futuramente, lhe servirão para alcançar a lapidação e a fundamentação final do conceito de supereu. Para a tese se faz importante, apresentar as etapas da criação conceitual do supereu em Freud, pois sua construção o faz deparar com uma necessidade, em sua teoria, de se aprofundar a respeito da disciplina do diagnóstico diferencial entre neurose e psicose. Isto acontece devido ao fato de perceber uma enorme aproximação entre os efeitos da instância do supereu na estrutura da neurose, em comparação com certos fenômenos apresentados no âmbito da psicose. Os caminhos teóricos para a construção conceitual do supereu em Freud vão destacar a participação de processos psíquicos muito parecidos daqueles verificados no campo da patologia, tais como da esquizofrenia e da melancolia. O estudo sobre o narcisismo e a possibilidade de avançar sobre o desenvolvimento da psicologia do eu surgem a partir de comparações com os processos psíquicos da esquizofrenia, bem como de aproximações com elementos clínicos existentes na melancolia. De acordo com essas averiguações, o conceito do supereu, no decorrer da Obra de Freud, constituir-se-á como uma parte separada do eu, refém às exigências do isso, culminando num papel agressivo e cruel contra o próprio eu.

Seguindo essa lógica, veremos na segunda parte deste capítulo, como o processo de construção do supereu em Freud vai permitir Lacan adotar este conceito como ponto de partida para forjar a teoria do gozo. A apresentação do caminho percorrido por Freud para a construção do conceito de supereu, a partir do estudo dos textos metapsicológicos, possui uma grande relevância, na medida em que permite contemplar e realçar que desde Freud já é possível localizar o supereu determinado pela vertente do real do gozo; que se inscreve, diretamente, no modo de gozar do sujeito neurótico. Dito de outro modo, o supereu, ao lado da pulsão de morte, institui-se como uma instância psíquica que sobrepuja o princípio do prazer, bem como funciona por uma incidência ao

modo sintomático do sujeito, que não diz respeito ao simbólico. Sendo assim, já em Freud, encontramos o poder da atuação do supereu sobre o sintoma, em seu aspecto particular que vai além da decifração simbólica – que foge à interpretação –, mas sim referente ao gozo real, não mediado pelo simbólico.

Tal aspecto será crucial para tentarmos entender a proposição lacaniana de 1975 que concebe a droga como um recurso psíquico bem sucedido na neurose no tocante ao rompimento do casamento do corpo com o pequeno pipi (Lacan, 1975), a saber, com o gozo fálico. Essa tese acredita numa estreita correlação entre a incidência do supereu no imaginário corporal e a eleição do uso de substância como forma de tentar fornecer tratamento à angústia.

Com a finalidade de fundamentar os objetivos de pesquisa expostos acima, vamos trabalhar com as seguintes referências teóricas encontradas ao longo da Obra de Freud: “A introdução ao narcisismo” (1914), “O recalque” (1915a), “O inconsciente” (1915b), “Luto e Melancolia” (1915c), “Psicologia do grupo e Análise do eu” (1920), “O ego e o id” (1923), “O problema econômico do masoquismo” (1924) e “O mal estar na civilização” (1930). Por meio dessas referências, desenvolveremos as etapas percorridas por Freud para a construção do conceito de supereu de acordo com as seguintes noções clínicas: narcisismo, eu ideal, ideal do eu, angústia, sentimento inconsciente de culpa, identificação, melancolia, pulsão de morte, pulsão de agressividade, masoquismo, sadismo e necessidade de punição.

### **1.1. A construção do conceito de supereu na primeira tópica pulsional:**

Começamos, então, com o texto “Introdução ao narcisismo” (1914). O estudo sobre o narcisismo primário, mais propriamente, a pesquisa sobre a teoria da libido ajuda Freud perceber aspectos diferentes entre as neuroses de transferência e a esquizofrenia. No tocante à hipótese da teoria da libido, Freud se atentou que no campo das parafrenias, ou esquizofrenias, os pacientes apresentavam duas características fundamentais: a megalomania e o desvio do interesse ao mundo externo, a saber, de pessoas e de coisas. Isto fez o autor acreditar que os psicóticos não seriam acessíveis a influência da psicanálise (1914, p. 81). No entanto, por outro lado, permitiu a elaboração dos conceitos da libido do eu e da libido do objeto como resultado de suas

observações das características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos (ibidem, p. 85). Observou que, enquanto nas parafrenias (esquizofrenias) a libido permanecia no eu em decorrência da megalomania e da falta de interesse do mundo externo (localizando aí a noção clínica de libido do eu), no caso das neuroses de transferência, em virtude da atuação da fantasia, a libido apresentava seu movimento para fora; quer dizer, a libido era voltada para o campo do Outro, para o mundo externo (situando aí a libido do objeto).

Seguindo essa lógica, Freud percebe o valor da análise das parafrenias para o estudo direto do narcisismo; e assinala que da mesma maneira que as neuroses de transferência permitem traçar os impulsos pulsionais libidinais, a demência precoce e a paranóia também surgem como ferramentas importantes para a compreensão interna da psicologia do eu: “mais uma vez a fim de chegar a compreensão do que parece tão simples em fenômenos normais, teremos que recorrer ao campo da patologia com suas distorções e exageros” (ibidem, p. 89).

Com o intuito de avançar na pesquisa sobre a psicologia do eu, Freud forja os conceitos de narcisismo primário e narcisismo secundário, assim como os do eu ideal e do ideal do eu. Profere que uma unidade comparável ao eu não existe desde o começo. A passagem do autoerotismo para o narcisismo acontece por meio do acontecimento de uma ‘nova ação psíquica’. A ‘nova ação psíquica’ atuará diretamente nas pulsões autoeróticas, de modo a efetuar a passagem para o narcisismo (1914, p. 84). Num primeiro momento, teremos o narcisismo primário correlato ao eu ideal resultado do surgimento de uma unidade corporal dotada de toda perfeição, onde se localiza todo investimento da libido. Todavia, o desenvolvimento do eu implica a passagem do narcisismo primário para o secundário. Isto é feito a partir do ideal do eu que projetará sua libido no mundo externo como forma de buscar a perfeição anteriormente vivida: “o narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ideal (...) O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância no qual ele era seu próprio ideal” (ibidem, p. 100). O ideal do eu implica, então, a presença do Outro. É apenas através do Outro, neste segundo momento do narcisismo, através de seu investimento no mundo externo, que agora se faz possível a busca da satisfação pulsional outrora vivida de forma plena em seu narcisismo perdido na infância. Além disso, o autor pontua que a formação do ideal do eu é o fator condicionante para o recalque (ibidem), assinalando aí sua função determinante para a neurose.

Seguindo esse raciocínio, cabe ressaltar que desde Freud a entrada do Outro e a instalação do recalque, a partir da função do ideal do eu, representam fatores determinantes para a entrada do sujeito no campo da neurose. Ao longo deste capítulo, a tese se propõe delinear os diferentes efeitos à subjetividade psíquica do sujeito, em decorrência de uma maior ou menor operatividade atuação do ideal do eu na estrutura da neurose. Verificar o modo de incidência do Nome-do-Pai, e, conseqüentemente, da atuação do ideal do eu, como regulador de gozo, permite aprofundar as particularidades do modo de funcionamento subjetivo em casos de neurose com uso de substância.

Retornando ao texto, Freud articula o ideal do eu a uma categoria bastante importante a qual nomeia ‘agente psíquico especial’. Esta combinação entre o ideal do eu e o agente psíquico especial abrirá as portas mais a frente para deduzir o conceito de supereu. Sobre essa articulação, Freud propõe existir um agente psíquico especial responsável por acompanhar e medir as exigências do ideal do eu em comparação ao eu real. Todavia, o autor acrescenta que essas exigências acarretam ao eu, o estabelecimento de processos parecidos com o da patologia. Dito de outro modo, na medida em que este agente psíquico especial exerce o papel de avaliar se o eu está alcançando as metas que o ideal do eu incessantemente impõe, concomitantemente, causa ao eu uma sensação de estar sendo frequentemente monitorado e observado, tal como ocorre na paranoia (Freud, 1914, p. 102). A partir dessa referência, já se é possível perceber o primeiro ponto que assinala a aproximação da construção do conceito do supereu em paralelo a aspectos do campo da loucura.

“Não nos surpreenderíamos se encontrássemos um agente psíquico especial que realizasse a tarefa de assegurar a satisfação narcísica proveniente do ideal do eu, e que por essa finalidade em vista observasse constantemente o eu real, medindo-o pelo aquele ideal (...) O reconhecimento deste agente nos permite compreender os chamados ‘delírios de sermos notados’, ou mais corretamente de sermos vigiados, que constituem sintomas tão marcantes nas doenças paranoides, podendo também ocorrer como uma forma isolada de doença, ou intervalos numa neurose de transferência. Pacientes destes tipos queixam-se de que todos os seus pensamentos são conhecidos e suas ações vigiadas e supervisionadas (...) Um poder dessa espécie, que vigia, que descobre e que critica todas as nossas intenções realmente existe. Na realidade existe em cada um de nós em nossa vida normal” (Freud, 1914, p. 102).

Do mesmo modo, além da referência sobre o agente psíquico especial com seu caráter exigente e vigilante, neste mesmo texto, o autor insere dois elementos importantes no tocante à construção do conceito do supereu – tratam-se do sentimento

de culpa e da angústia. Segundo Freud, o sentimento de culpa surge em decorrência da falta de satisfação relativa a não realização do exigido pelo ideal do eu. O fracasso da satisfação pulsional, em decorrência da não realização deste ideal, provoca a liberação de uma libido homossexual que culmina a apresentação do sentimento de culpa que é vivido pelo sujeito sob a forma de angústia social (ibidem, p. 108).

O autor sustenta que o sentimento de culpa se apresenta em dois tempos: o primeiro referido a crítica dos pais e o segundo relacionado à agentes presentes na sociedade (ibidem, p.102): “originalmente esse sentimento de culpa era o temor da punição dos pais, ou mais corretamente, o medo de perder seu amor, mais tarde os pais são substituídos por um número indefinido de pessoas” (ibidem, p. 108). Tem-se, então, já neste texto uma articulação entre o supereu, representado pelo agente psíquico especial, o sentimento de culpa e a angústia.

A temática do sentimento inconsciente de culpa é retomada no texto “O inconsciente” (1915b). Freud ao falar dos sentimentos, emoções e afetos inconscientes profere: “na prática psicanalítica estamos habituados a falar de amor, ódio, ira etc inconscientes, e achamos impossível evitar até mesmo, a estranha conjunção ‘consciência inconsciente de culpa’ ou uma ‘angústia inconsciente’ paradoxal” (1915b, p. 182). Entretanto, para entender melhor o que Freud quis dizer com sentimento inconsciente de culpa articulado à vivência da angústia, vale retomar suas considerações a respeito do processo de recalque. No texto “O recalque” (1915a), o autor delimita dois representantes pulsionais que fazem parte do recalque: a idéia e o afeto, bem como realça a importância de acompanhar separadamente, dentro de um caso de recalque, o que acontece com a idéia após o recalque, e o que ocorre com o afeto, anteriormente ligado à idéia (Freud, 1915a, p. 157).

Nesse caso, com o objetivo de esclarecer sobre a noção clínica de sentimento inconsciente de culpa, faz-se necessário apresentar, em primeiro lugar, as três vicissitudes possíveis para o afeto, no caso do recalque da idéia. De acordo com o texto “O recalque” (1915a), o afeto possui três caminhos possíveis: 1. O afeto pode ser inteiramente suprimido, e neste caso não sentido; 2. O afeto pode aparecer de uma maneira qualitativamente colorida, e, dessa forma, sentido de modo diferente; ou 3. O afeto ser transformado em angústia (ibidem, p. 157). O autor descreve as vicissitudes do afeto nos três tipos clínicos fobia, histeria e neurose obsessiva: relata que na fobia o afeto é transformado em angústia; na histeria, a partir da conversão, o afeto é suprimido; e na neurose obsessiva, num primeiro tempo, por meio do deslocamento, o afeto é

sentido qualitativamente colorido por causa da formação reativa, porém, num segundo momento, com o retorno do recalado, o afeto é transformado em angústia moral e social (ibidem).

Seguindo essas considerações, Freud no texto “O inconsciente” (1915b) afirma ser errado dizer que o afeto é inconsciente, pois quem sofre o recalque é a ideia e não o afeto. O que pode acontecer é de o afeto ser mal interpretado, haja vista que em decorrência de a idéia sofrer o recalque, o afeto passa a ser ligado à outra ideia no campo do consciente (1915b, p. 182): “não existem afetos inconscientes da mesma forma que existem idéias inconscientes. A diferença toda decorre do fato que ideias são catexizadas (...), enquanto que os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos” (ibidem, p. 183).

Logo, de acordo com as postulações freudianas de 1915b, no tocante aos efeitos do supereu, o que ganha mais relevância para a tese é o caso em que o afeto se transforma em angústia.

Seguindo na pesquisa sobre o sentimento de culpa em Freud e tendo como base, agora, as referências teóricas de “Luto e Melancolia” (1915c), “O Ego e o id” (1923), “O problema econômico do masoquismo” (1924) e “O mal estar na civilização” (1930), podemos descrever o caminho percorrido por Freud que culmina na compreensão do sentimento de culpa como expressão da tensão entre o eu e o supereu, vivido sob a forma de angústia (tal como delimitara em 1914, a partir da função do agente psíquico especial); bem como de ressaltar a importância da participação dos aspectos clínicos da melancolia para a construção do conceito de supereu.

A pesquisa comparativa entre a melancolia e os estados normais de luto no texto “Luto e Melancolia” (1915c) parece ser uma continuidade do trabalho sobre o narcisismo. O resultado desse texto superou o alcance de apenas ilustrar o estado patológico da melancolia: Freud descobre que o agente crítico atuante em casos de paranoia também se mostra presente na melancolia. A perturbação melancólica aqui é descrita por Freud em consequência de uma separação do eu, a partir da qual “uma parte do eu se coloca contra a outra, julga-a criticamente, e, por assim dizer, toma-a como seu objeto” (1915c, p. 253).

Após se referir ao processo da melancolia a partir do resultado de uma separação do eu, em que uma parte passa a agredir a outra, Freud se questiona sobre o que acontece de diferente nos casos de melancolia em comparação aos estados normais de

luto. Segundo o autor, o que se verifica nos estados normais de luto é a retirada da libido do objeto perdido e seu deslocamento para um novo. Contudo, isso não ocorre nos casos de melancolia – a libido, ao invés de ser direcionada a um novo objeto, retira-se para o eu do sujeito. Nesse caso, a retirada da libido para o eu acarreta uma identificação com o próprio objeto abandonado, o que determina ao eu uma posição de refém ao agente psíquico especial que vai julgá-lo, como se este fosse o objeto abandonado, e: “assim a sombra do objeto caiu sobre o eu, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado” (ibidem, p. 254). Nesse sentido, a catexia erótica do melancólico sofreu uma dupla vicissitude em relação a seu objeto: “parte dela retrocedeu a identificação, mas outra parte sob influência do conflito devido à ‘ambivalência’ foi levada de volta à etapa do sadismo que se acha mais próxima do conflito” (ibidem, p. 257).

Por esse prisma, o estudo da melancolia, muito antes do estabelecimento do conceito de supereu em 1923, já contribuiu para a pesquisa sobre o funcionamento desta instância psíquica (supereu) que aos poucos vai tomando forma por meio do surgimento das noções clínicas de agente psíquico especial (1914) e de agente crítico (1915c), sustentados sempre em seu aspecto vigilante e julgador. Seguindo essa mesma lógica, Freud observa uma aproximação entre a neurose obsessiva e a melancolia, no ponto em que se atenta que a autotortura melancólica se encontra presente do mesmo modo na neurose obsessiva; encontrando-se nos dois casos uma satisfação pulsional tanto das tendências do sadismo quanto do ódio (1915c, p. 257).

Outro ponto relevante do texto “Luto e Melancolia” (1915c) diz respeito a necessidade de um exame mais apurado sobre a temática da identificação. A melancolia é o resultado de uma identificação, mas uma identificação regressiva ao objeto. O conceito de identificação foi forjado por Freud, a priori, com estatuto e funcionamento diferente. Desde o texto “Totem e tabu” (1912-13), Freud concebe a identificação como um processo que se institui antes de qualquer escolha de objeto, assim como delineado em dependência à fase oral do desenvolvimento libidinal. Entre 1912 e 1923, alguns textos corroboraram esta tese. No texto de “Totem e tabu” (1912-13), a identificação dos filhos com o pai acontece através da festa totêmica por meio do ato de devorar o animal que vem a representar o pai. A ingestão do animal totêmico por todos os filhos propicia a identificação com o pai. No texto “Luto e Melancolia” (1915c), Freud mantém a identificação como uma etapa preliminar da escolha objetal, delimitando que “o eu deseja incorporar a si esse objeto, e, em conformidade com a fase oral ou

canibalista do desenvolvimento libidinal, deseja fazer isso devorando-o” (1915c, p. 255). O mesmo se averigua no texto “Psicologia de grupo e análise do eu” (1921), em que Freud profere que a identificação é algo que precede a catexia objetual, ou seja, comporta-se como um derivado da primeira fase, a oral; e finaliza com o texto “O ego e o id” (1923), onde o autor retoma sua posição: “a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai (...) é uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia do objeto” (1923, p. 44).

Qual a importância em retomar essas citações acerca do processo de identificação em Freud? Porque o autor descobre com o estudo da melancolia que um processo diferente ocorre, em comparação ao luto, e que seu resultado implica a participação do sadismo e do ódio, ferozmente atuantes sobre o eu. Trata-se do processo da identificação regressiva: “na melancolia, uma catexia objetual é substituída por uma identificação” (1915c, p. 247). No tocante aos efeitos do processo melancólico para o eu, Freud desenvolve:

“A análise da melancolia mostra agora que o eu só pode se matar, se devido ao retorno da catexia objetual, puder tratar a si como objeto – se for capaz de dirigir para si a mesma hostilidade relacionada a um objeto, e que represente a reação original do eu para com objetos do mundo externo” (Freud, 1915c, p. 257).

## **1.2. O conceito de supereu na segunda tópica pulsional:**

Ter tido o cuidado de circunscrever os aspectos do quadro clínico da melancolia foi necessário, uma vez que Freud retoma suas postulações teóricas sobre a função agressiva e cruel do agente crítico, atuante sobre o eu, no texto “O ego e o id” (1923). Ao se aprofundar sobre a teoria do complexo de Édipo, o autor se depara com a descoberta de que as identificações regressivas não se restringem apenas à melancolia: “alcançamos sucesso em explicar o penoso distúrbio da melancolia (...) que uma catexia do objeto foi substituída por uma identificação (...) não sabíamos tão comum e típico ele é (...) esse tipo de substituição tem grande parte na determinação da forma tomada pelo eu” (1923, p. 41).

As descobertas do texto “O ego e o id” (1923) permitem Freud realizar que as identificações regressivas, derivadas do complexo de Édipo, ocupam uma posição

especial e determinante para o fechamento do conceito de supereu. Temos, então, a partir dos achados de 1923, pela primeira vez, os conceitos de ideal do eu e de supereu contemplados, na obra de Freud, de maneira distinta, cada um com sua função: de um lado, o ideal do eu resultado da identificação primeira e imediata ao pai, que acontece antes de qualquer catexia do objeto, e, de outro lado, o supereu, como derivado das primitivas catexias objetais abandonadas da criança e transformadas em identificações, ocorridas por meio da regressão.

É importante acentuar que os textos “Além do Princípio do Prazer” (1920) e “O ego e o id” (1923) marcam o advento da segunda tópica pulsional em Freud, que por sua vez introduz o funcionamento do aparelho psíquico regido por meio da dualidade pulsional entre pulsão de vida, representante de Eros, *versus*, pulsão de morte, representante de Tânetos. O conceito de supereu será finalmente forjado com as considerações desenvolvidas em 1920 e 1923, a partir das noções clínicas de pulsão de morte, agressividade, dessexualização e sadismo. Abre-se, a partir desse momento teórico, o campo para o desenvolvimento posterior em Lacan para a construção da teoria do gozo. O funcionamento pulsional do aparelho psíquico, a partir da segunda tópica em Freud, demarca algo que vai para além do simbólico, a saber, algo que não se restringe mais a vertente da interpretação. O supereu atrelado à pulsão de morte em seu aspecto sádico e cruel insere, agora, para a psicanálise o registro do real do gozo.

Freud começa o texto do “O ego e o id” (1923) proferindo que os estudos anteriores o fizeram chegar à conclusão de que existe uma gradação no eu, uma diferenciação dentro dele que considera ser o supereu. Do mesmo modo, diz estar inclinado a acreditar que essa parte do eu se estabelece menos vinculada à consciência, o que delimita uma novidade, uma nova perspectiva em relação ao funcionamento do supereu (1923, p. 41).

Retomando suas postulações sobre o processo da melancolia, Freud lembra que quando uma pessoa precisa abandonar um objeto, uma alteração no eu ocorre. Do mesmo modo, amparado a esse processo, supõe que o jeito mais fácil de uma pessoa normal abandonar um objeto acontece a partir da introjeção, que funciona de acordo com a regressão ao mecanismo libidinal da fase oral. O autor propõe, assim, que a identificação, por meio da regressão, seja a “única condição que o isso pode abandonar seus objetos” (ibidem, p. 42), concebendo ao desenvolvimento do eu como sendo o resultado de “um precipitado de catexias objetais abandonadas” (ibidem).

Todavia, assinala que o abandono de objetos pela via da identificação regressiva coloca o eu em risco. A transformação de uma escolha objetal erótica em alteração do eu, por um lado permite o eu obter algum controle sobre o isso, porém, por outro lado, em consequência deste processo, o eu se coloca, automaticamente, refém às exigências do isso (ibidem). Esse risco ao eu acontece, pois a transformação da libido erótica em libido do eu, em decorrência da identificação, precipita um abandono dos objetivos sexuais e, portanto, uma dessexualização. Essa dessexualização determina uma mudança na relação do eu com Eros, e uma aproximação direta com Tânetos: “dessexualizando e sublimando a libido do isso, o eu está trabalhando em oposição aos objetivos de Eros, e colocando-se a serviço dos impulsos libidinais opostos” (ibidem, p. 58), no caso a serviço da pulsão de morte. A partir dessas postulações, Freud conceitua o supereu como derivado das catexias objetais do isso, relativas ao complexo de Édipo, e, desse jeito, afirma: “o supereu acha-se sempre mais próximo do isso e pode atuar como seu representante do eu” (ibidem, p. 61).

Do mesmo modo, o autor aprofunda, neste mesmo texto, a relação entre o supereu e o sentimento de culpa. Defende a hipótese de que o sentimento de culpa permanece inconsciente, pois se acha intimamente vinculado ao complexo de Édipo (ibidem, p. 64). Importante lembrar que quando dizemos ‘o sentimento de culpa permanece inconsciente’, entendemos como suprimido e não sentido pelo eu, tal como descrevemos a partir das postulações freudianas de 1915a, acerca das vicissitudes pulsionais do afeto. Freud profere que o sentimento de culpa se apresenta como resultado das críticas do supereu, regido pelo isso, sobre o eu; e visto isso, pergunta-se: “como é que o supereu se manifesta essencialmente como sentimento de culpa (...) e, além disso, desenvolve tão extraordinária rigidez e severidade para com o eu?” (ibidem, p. 65).

Mediante essa pergunta, o autor descreve os modos de atuação do supereu na melancolia, na neurose obsessiva e na histeria. Sobre o funcionamento na melancolia, disserta: “seguindo nosso ponto de vista sobre o sadismo, diríamos que o componente destrutivo entrincheirou-se no supereu, e voltou-se contra o eu. O que está influenciado agora o supereu é uma cultura da pulsão de morte” (ibidem, p. 65), convidando frequentemente o eu a morte a não ser que este se afaste por meio da mania (ibidem). Na neurose obsessiva, o sentimento de culpa é bastante ruidoso e determinado por impulsos recalçados. O supereu, nesse caso, é influenciado por processos que permanecem desconhecidos ao eu (ibidem, p.64). A autodestruição na neurose

obsessiva que coloca o sujeito a perigo do suicídio decorre do processo de regressão à organização pré-genital, que transforma os impulsos amorosos em impulsos agressivos, e, desse modo, com a dessexualização e a pulsão de destruição liberada, o supereu tenta destruir o objeto. Mesmo que esse processo não tenha sido efetuado pelo eu, o supereu se comporta como se o eu fosse o responsável. Resta ao eu lutar contra a pulsão de destruição adotando como saída as formações reativas e as medidas precatórias (ibidem, p. 66). Já no caso da histeria, Freud afirma que o sentimento de culpa se mantém a distância do eu (ibidem, p. 64). O recalque, nesse caso, obtém sucesso em manter o material do sentimento de culpa longe da consciência, e, em decorrência disso, o histérico se apresenta mais protegido ao perigo (ibidem, p. 66).

Freud conclui, então, que a atitude do eu relativa à produção do supereu, através do trabalho das identificações regressivas, acarreta um único resultado: “tornar-se objeto da pulsão de morte e de ele próprio perecer” (ibidem, p. 69). A dessexualização que se dá em consequência da transformação da libido do objeto erótico em libido do eu efetua uma defusão pulsional. A sublimação propicia a liberação da energia libidinal do componente erótico que antes estava ligado ao objeto. Essa energia agora livre é liberada sob a forma de agressão e destruição. Logo, a defusão pulsional é a responsável pelo caráter geral de severidade e crueldade do supereu (ibidem, p. 67). Em consequência de todas essas postulações, Freud afirma: “o eu é a sede real da angústia” (ibidem, p. 69), uma vez que é o eu quem sofre os efeitos do supereu, da defusão pulsional, da pulsão de agressividade e da pulsão de morte. À luz do ensino de Lacan, como veremos na segunda parte deste capítulo, será possível fazer a leitura dessa proposição freudiana do eu como a sede da angústia de outra maneira; ou seja, em termos lacanianos, passaremos a ler como: o imaginário corporal como o local da angústia, efeito direto do supereu, representante do real do gozo.

Por fim, com o intuito de fechar esse item, vamos trabalhar a última referência em Freud que diz respeito à construção do conceito de supereu: o texto “O problema econômico do masoquismo” (1924). O texto “O problema econômico do masoquismo” (1924) é o instrumento teórico mais precioso que Lacan utilizou para criar sua teoria do gozo. Esse texto ganha relevo para Lacan, na medida em que Freud associa o papel do supereu a um novo elemento clínico: a necessidade de punição. Em 1924, Freud dá continuidade à lapidação do conceito de supereu a partir, neste texto, da concepção de

masoquismo moral relacionada às noções clínicas de sentimento inconsciente de culpa, masoquismo e necessidade de punição.

No texto “O Ego e o id” (1923), vimos como o sentimento de culpa foi concebido por Freud como o resultado da expressão da tensão entre o eu e as exigências do supereu. O eu, neste caso, reage a essas exigências com a angústia e o sentimento de culpa permanece inconsciente ao sujeito. Já no texto “O problema econômico do masoquismo” (1924), Freud vai além e, a partir da observação de seus pacientes, percebe que os sujeitos não conseguem falar a respeito de seu sentimento de culpa, entretanto, permitem-se relatar com frequência algo que se revela como uma necessidade de punição de si mesmos. Seguindo essa lógica, em decorrência de suas observações clínicas, lança a proposta de que a apresentação na fala dos pacientes acerca da necessidade de punição advém, diretamente, do efeito do sentimento de culpa que permanece inconsciente (1924, p. 184).

Do mesmo modo, como resultado de enxergar a presença recorrente da necessidade de punição em sujeitos neuróticos, o autor consegue aprofundar sua teoria acerca da forma de funcionamento do supereu, entendendo melhor agora como este desempenha o papel exigente e agressivo sobre o eu: “o supereu – a consciência em ação no eu – pode então tornar-se dura, cruel e inexorável contra o eu que está a seu cargo. O imperativo categórico de Kant é, assim, o herdeiro do complexo de Édipo” (ibidem, p. 185). A partir dessa constatação, realça a participação direta do complexo de Édipo e do poder paterno como responsáveis da necessidade de punição, ligada intrinsecamente ao sentimento de culpa inconsciente (ibidem, p. 186).

No tocante ao complexo de Édipo e ao poder paterno, desde 1914, Freud já postulava sobre os personagens que podiam atuar no lugar de supereu. Dez anos após, mantém sua posição; em 1924, relata que os representantes do supereu obedecem uma certa cronologia: primeiro o supereu se localiza nos pais, para posteriormente, deslocar-se para outras figuras de autoridade presentes na vida do sujeito (1924, p. 185).

“O complexo de Édipo mostra assim ser – como já foi conjecturado num sentido histórico (...) O curso do desenvolvimento da infância conduz um desligamento crescente dos pais e a significação pessoal desses para o supereu retrocede para um segundo plano. As imagos que deixam lá para atrás, pois, vinculadas à influências de professores e autoridade, modelos auto-escolhidos e heróis publicamente reconhecidos, cujas figuras não mais precisam ser introjetadas por um eu que se tornou resistente” (Freud, 1924, p. 185).

Neste sentido, Freud localiza a necessidade de punição ao lado do masoquismo moral, como resultado direto dos poderes paternos, representantes de autoridade, advindos e surgidos desde o complexo de Édipo. Tem-se, assim, o masoquismo moral em correlação intrínseca aos efeitos nefastos do supereu.

Logo, em 1924, o modo de funcionamento do supereu passa a ser contemplado de acordo com dois prismas: o sadismo e o masoquismo (1924, p. 186). O autor não descarta nada do que construiu em 1923, apenas acrescenta um novo dado ao anteriormente postulado. A saber, se antes o supereu era apenas concebido por seu caráter sádico, no qual o eu se encontrava *à mercê* da incidência da pulsão de morte e da pulsão de agressividade, agora, com a inserção da noção clínica de necessidade de punição e o masoquismo moral, passamos a ver também um papel masoquista do próprio eu (ibidem, p. 186).

A descoberta principal de Freud foi averiguar que nos dois casos – pelo sadismo e pelo masoquismo – o que ocorre é uma satisfação pulsional que se dá pela via da punição e do sofrimento (ibidem): “o sadismo do supereu e o masoquismo do eu suplementam-se e se unem para produzir os mesmos efeitos” (ibidem, p. 187).

“Na primeira, o acento recai sobre o sadismo intensificando o supereu a que o eu se submete; na última, incide no próprio masoquismo do eu que busca punição, quer do supereu quer dos poderes parentais externos (...) ambos os casos se trata do relacionamento entre o eu e o supereu (...) em ambos os casos o que está envolvido é uma necessidade que é satisfeita pela punição e pelo sofrimento” (Freud, 1924, p. 186).

Relacionar o masoquismo moral, o sentimento de culpa inconsciente, a necessidade de punição e o poder paterno permite Freud se aprofundar sobre a força de destruição do supereu sobre o eu. A necessidade de punição a serviço da pulsão de morte determina que “o masoquismo deve fazer o que é desaconselhável, agir contra seus próprios interesses, arruinar as perspectivas que se abrem para ele no mundo real e, talvez, destruir sua própria existência real” (ibidem, p. 187).

Freud, então, alcança a profundidade do perigo do efeito da fusão da pulsão, representada aqui pelo masoquismo moral. De acordo com o que postulou, desde 1923, sobre des fusão e fusão pulsional, sustenta algo que antes da segunda tópica não parecia possível entender – que o masoquismo e o sadismo inerentes ao funcionamento do supereu sobre o sujeito não acontecem e não existem sem satisfação libidinal (ibidem, p. 188).

“O masoquismo moral, assim, se torna uma prova clássica da existência da fusão da pulsão. Seu perigo reside no fato de originar-se da pulsão de morte e corresponder a parte dessa pulsão que escapou de ser voltada para fora, como pulsão de destruição. No entanto, ele tem a significação de um componente erótico, a própria destruição de si mesmo pelo indivíduo não pode se realizar sem uma satisfação libidinal” (Freud, 1924, p. 188).

O gozo real se apresenta, assim, com toda a ferocidade do supereu freudiano. Não foi à toa que o conceito do supereu emergiu a partir das contribuições teóricas do campo da loucura, esquizofrenia e melancolia. Esta tese aposta em dizer que desde Freud o supereu já é regido pelo real do gozo – tema que pretendemos aprofundar no próximo item. Seguindo as postulações freudianas, dissertamos, neste item, como o supereu se constitui por meio da identificação regressiva anteriormente localizada apenas na melancolia, colocando o eu à *mercê* das exigências do isso, bem como relatamos os efeitos vorazes do processo de des fusão pulsional que determina o funcionamento do supereu em paralelo à pulsão de agressividade e de destruição. O eu fica refém do sadismo e do masoquismo, haja vista a necessidade de punição e o sentimento inconsciente de culpa, pilares da incidência do papel cruel do supereu, herdeiro do complexo de Édipo. Será sob o eu, sede da angústia, ou em termos lacanianos, sob o imaginário corporal, que o supereu vai atuar em seus efeitos de real do gozo. Como saída ao sujeito neurótico, resta ao ideal do eu, representante do Nome-do-Pai, atuar na regulação do gozo, de modo a assumir a função de lutar contra os efeitos de Tântos e contra as forças da pulsão de morte que tendem a levar o sujeito ao pior.

Portanto, de acordo com as referências metapsicológicas freudianas, que foram adotadas no item 1.1., a tese defende que a verificação do recurso à substância, em casos graves de neurose, pode surgir como tentativa de dar tratamento à angústia, efeito de uma forte desregulação pulsional. Desregulação essa ocasionada por uma maciça incidência do supereu, advinda do processo de dessexualização e des fusão pulsional, em paralelo à ação agressiva e destrutiva da pulsão de morte sobre o eu. Nesses casos, em virtude da ausência de recursos simbólicos, correlata a uma baixa operatividade do ideal do eu paterno, para atenuar e tratar o gozo real, que incide sobre o corpo sob a forma de angústia, o recurso à substância por muitas vezes encontra sua função psíquica.

Para finalizar, vimos que a fundamentação metapsicológica do conceito de supereu em Freud foi concluída com a concepção teórica de masoquismo moral. O conceito de masoquismo moral atrelado à noção de necessidade de punição fará Lacan se atentar para esta peculiaridade do supereu freudiano, e, através desta, forjar sua teoria

do gozo. Seguindo essa lógica, na segunda parte deste capítulo, teremos como meta desenvolver o percurso epistêmico do supereu no ensino de Lacan, tendo em vista, do mesmo modo, destacar os elementos que contribuíram para a construção de sua teoria do gozo.

A construção desta próxima etapa também será de suma importância, na medida em que nos servirá de orientação teórica e clínica a fim de dar início à tentativa de esclarecer o que Lacan quis propor em 1975 quando situa o uso da droga na neurose como uma saída psíquica bem sucedida de promoção do rompimento do casamento do corpo com o pequeno pipi (Lacan, 1975), a saber, de promoção da ruptura com o gozo fálico. A tese acredita que o desenvolvimento da proposição lacaniana de 1975 propiciará a possibilidade de também avançar na questão do diagnóstico diferencial na clínica do recurso à substância.

## **Parte II: O percurso epistêmico do supereu em Lacan, sua teoria do gozo e suas contribuições para a clínica do recurso à substância:**

### **2. Supereu lacaniano – imperativo de gozo:**

Circunscrever até aqui a construção teórica do conceito de supereu em Freud se fez importante, pois nos permite agora delinear como e por qual razão Lacan adotou o conceito de supereu para o seu ensino. Podemos iniciar dizendo que o conceito de supereu em Lacan revela uma estreita ligação com a discussão sobre a direção de tratamento na clínica psicanalítica, uma vez que promove a abertura para abordar o funcionamento do sintoma pela via do real do gozo.

Veremos mais a frente neste mesmo capítulo (Lacan, 1974, p. 30) que o sintoma se localiza, na amarração borromeana dos três elos real, simbólico e imaginário, na interseção entre os elos simbólico e real. Localizada nessa interseção, uma parte do sintoma está sujeita à interpretação simbólica, porém outra parte se situa obedecendo estritamente ao real, advindos dos efeitos do supereu em sua ordem por excelência de gozo. Em outras palavras, o sintoma psicanalítico é constituído por duas vertentes: uma que obedece e está aberta à decifração simbólica e, concomitantemente, outra que se apresenta como objeto direto da incidência do real. Concepção de sintoma esta que Lacan forja em consonância às contribuições freudianas da segunda tópica pulsional, em que se verificam por um lado, a formação do sintoma como formação de compromisso/decifrável como mensagem, e por outro lado a atuação do supereu em paralelo à pulsão de agressividade e de destruição, que culmina no sujeito um modo de gozo não mediado pelo simbólico. O resultado desses achados faz com que Lacan no *Seminário, livro 20: mais ainda* (1972-73) defenda a seguinte proposição clínica: “nada força ninguém a gozar, senão o supereu. O supereu é o imperativo de gozo – Goza!” (ibidem, p. 11).

Seguindo essa lógica, no tocante à direção de tratamento, Guimarães em seu texto “A identificação ao sintoma na clínica do supereu” (2006a, p. 103) adverte que o único critério clínico que permite o analista intervir no modo sintomático de gozo do sujeito é quando este relata que o modo de gozo assume um estatuto de insuportável. Este é um dado importante para a clínica do recurso à substância, na medida em que se verifica, em alguns casos, um modo de uso da substância através do qual se objetiva alcançar um

gozo ilimitado, regido pela ordem do excesso, o que coloca por muitas vezes o sujeito em situação de perigo de vida.

“(…) a única condição que autoriza a incidência do ato analítico sobre um gozo consiste na passagem de um modo de gozo, seja qual ele for para o estatuto do insuportável; condição que só advém quando este gozo passa a ter para o sujeito o estatuto de imperativo superegóico (...) um imperativo que tem para o sujeito o valor de uma lei que exige: goze! Imperativo que se eterniza na compulsão a repetição e ultrapassa as medidas dos excessos de gozo que são suportáveis para um sujeito, imperativo que se situa disjunto do próprio desejo do sujeito; imperativo do qual não se pode fugir, diante do qual o sujeito só encontra o seu efeito de assujeitamento a isso que só exige goza, goza, goza!...” (Guimarães, 2006a, p. 103).

Sobre a mesma temática, Miller em seu livro “Recorrido de Lacan” (1991) leciona um relevante seminário de título “A clínica do supereu” (1991a). Neste seminário, o autor circunscreve o percurso epistêmico do conceito de supereu no ensino de Lacan. Miller adverte que Lacan, de acordo com o que absorveu da teoria freudiana, sustenta a hipótese fundamental – a divisão do sujeito tem como marca a “divisão do sujeito contra si mesmo” (Miller, 1981a, p. 137). Aqui a divisão do sujeito contra si mesmo decorre da leitura feita por Lacan sobre a lógica do gozo quando se leva em consideração os efeitos do supereu. É essencial ressaltar que, à luz da psicanálise, desde a segunda tópica freudiana, o sujeito não busca o seu próprio bem. Sobre essa constatação clínica, Miller acentua: “quando se supõe que o princípio do próprio bem vale para o sujeito não se pode entender a pulsão de morte” (1981a, p. 137), e prossegue dizendo: “por esta razão lhe agregamos ao termo de supereu o termo da clínica, poderia também dizer-se clínica da pulsão de morte, ainda que esta seja mais manifesta em seu aspecto de supereu” (ibidem). Em outras palavras, o sujeito neurótico está apegado a algo que não lhe faz bem, como consequência direta da atuação do supereu. por esse prisma, Miller contempla ao supereu um caráter de “corpo estranho do sintoma, como a opacidade do sintoma” (ibidem, p. 136), resultado direto do que Freud nomeou como masoquismo moral (ibidem, p. 139).

Como já dissemos anteriormente, o conceito de masoquismo moral freudiano foi a peça chave para Lacan adotar o supereu em seu ensino. A verificação da necessidade de punição concernente ao supereu cai como uma luva para o estudo de caso que Lacan estava fazendo no momento. O caso Aimeé, presente da tese de psiquiatria de Lacan de 1932, mostra de forma clara um sujeito que experimenta uma satisfação pulsional que ocorre pela via da punição. O conceito de supereu em Freud à luz do masoquismo moral

é adotado por Lacan para entender este caso de paranóia que apresentava um gozo que provinha de mecanismos autopunitivos. Neste caso de paranóia, Aimeé comete um crime, entretanto, Lacan se atenta a um dado clínico importante; percebe que o crime não foi a razão de sua cura. Pelo contrário, o que provoca a sua cura é a consequência de seu ato criminoso, a saber, o castigo provocado por este. Daí, Lacan realça que a resolução do delírio, causa da loucura de Aimeé, acontece em decorrência da punição, descobrindo assim “esse conceito maciço de supereu fundado pelos mecanismos autopunitivos” (Miller, 1891a, 138). Portanto, a paranóia de autopunição revela a Lacan uma paranóia superegóica: “para Aimeé o crime paga, porque ao se ver castigada se vê satisfeita” (ibidem), tal como Freud em (1924, p. 188), ao falar sobre o masoquismo moral, advertira que não há como haver masoquismo sem satisfação pulsional. Neste sentido, a primeira clínica de Lacan é uma clínica do crime do supereu, sendo a tese de Lacan uma contribuição ímpar para a clínica do supereu.

## **2.1. O percurso epistêmico do supereu em Lacan: imaginário, simbólico e real:**

A fundamentação teórica que se segue nos servirá de bússola para buscar trabalhar, no decorrer desta tese, os seguintes objetivos de pesquisa: 1. Discorrer sobre as peculiaridades do modo de gozo do sujeito que recorre à substância na neurose; 2. Aprofundar a proposição lacaniana de 1975 que correlaciona o uso de drogas à ruptura com o gozo fálico; e 3. Abordar a questão do diagnóstico diferencial, entre neurose e psicose, na clínica do recurso à substância, à luz da psicanálise.

Com o intuito de discorrer sobre as considerações teóricas a respeito das localizações epistêmicas do supereu nas vertentes do imaginário, simbólico e real, para em seguida, realçar as contribuições do conceito de supereu para a produção da teoria do gozo no ensino de Lacan, vamos ter como base duas referências: o texto de Guimarães, “A identificação ao sintoma na clínica do supereu” (2006a) e o seminário clínico de Miller “A clínica do supereu” (1981a), assim como fragmentos dos seguintes seminários de Lacan: *Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (1954), *Seminário, livro 3, as psicoses* (1955-56), *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-58), “Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960), *Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63), *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais* (1965) e o *Seminário, livro 20: mas ainda* (1972-73).

Circunscrever as etapas epistêmicas do supereu no ensino de Lacan, a partir dos registros do imaginário, simbólico e real se faz relevante, na medida em que abre o campo para abordar as relações do sujeito com o gozo; mote que interessa, por excelência, à clínica da psicanálise, em vistas de entender e se aprofundar acerca das diferentes formas de sofrimento psíquico.

Segundo as postulações de Guimarães (2006a), a formulação lacaniana do supereu, primeiramente, em sua encarnação imaginária aparece no *Seminário, livro I: os escritos técnicos de Freud* (1954, p. 362) sob o nome de “figura obscena e feroz”. O supereu, sob o nome de “figura obscena e feroz”, não se reduz à precisão conceitual do eixo imaginário  $a - a'$ , apresentando, portanto, uma posição assimétrica em relação ao sujeito. Neste momento do ensino de Lacan em que se vigorava o privilégio do Outro simbólico, Guimarães pontua que: “o supereu como “figura obscena e feroz” aparece como um mestiço, que nem bem se enquadra inteiramente no simbólico, nem inteiramente no imaginário, conforme as categorias conceituais definidas por Lacan nesse momento” (Guimarães, 2006a, p. 106).

Do mesmo modo, Miller em seu seminário “A clínica do supereu” (1981a) marca que a “figura obscena e feroz” deve ser entendida como a formulação lacaniana edípica do supereu. A saber, respeitando as postulações freudianas de 1914 e 1924 em que o supereu se personifica primeiro nos pais para, depois, situar-se em figuras presentes na vida do sujeito, Miller registra que a formulação épica do supereu se apresenta encarnado em personagens da história do sujeito, e relacionado a posições de autoridade (Miller, 1981a, p. 142): “se levamos em conta o modo em que se apresenta o supereu este poderia ser uma função eminentemente imaginária: o supereu é um personagem” (ibidem, p. 142).

No tocante a esse personagem através do qual o supereu se personifica, Guimarães (2006a) profere que a experiência do dispositivo de passe na Escola destaca a emergência dessa “figura obscena e feroz” que ocorre no momento da travessia da fantasia. De acordo com Guimarães, a “figura obscena e feroz” na travessia da fantasia assume para o sujeito a força e o caráter do pai da horda, aquele que ordena o goze, instituindo-se assim como “semblante do pai da horda, do Outro gozador, do pai que ordena o imperativo do supereu” (2006a, p. 107). Visto isto, o supereu como “figura obscena e feroz”, no registro do imaginário, não se refere a um gozo regulado, mediado pelo simbólico, e sim correlato ao gozo real: “este semblante do supereu não deve ser

confundido com o Nome-do-Pai, função simbólica, mas deve ser situado desde a perspectiva o último Lacan, como um semblante que abre a via de acesso ao real do pai” (ibidem).

No entanto, a partir do momento que o ensino de Lacan assinala uma maior prevalência do simbólico, acontece uma passagem epistêmica do supereu. O estatuto do gozo, neste período, é progressivamente significantizado através do falo. É exatamente neste momento em que se vigora a significantização do ensino de Lacan, que o papel do supereu adquire uma particularidade, a saber, “no tratamento epistêmico do supereu que Lacan vai localizar algo no simbólico que escapa o efeito da significação fálica” (Guimarães, 2006a, p. 108).

No *Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (1954), Lacan se refere ao supereu como “uma lei desprovida de sentido, mas que, entretanto, só se sustenta na linguagem” (1954, p. 11). Lacan averigua, então, uma dupla face do supereu, sustenta-se na linguagem, contudo, sem sentido: “o supereu tem uma relação com a lei, e, ao mesmo tempo, é uma lei insensata” (ibidem, p. 123). Por esse prisma, o supereu recebe um estatuto de simbólico estranho, haja vista que possui o caráter de lei, porém uma lei que não barra o gozo (Guimarães, 2006a, p. 108).

No *Seminário, livro 3: as psicoses* (1955-56), Lacan ainda se vendo às voltas deste estatuto simbólico estranho que se sustenta na linguagem, mas que não tem função de regulação do gozo, dá continuidade a seu estudo, situando de um lado: “o supereu (...) instância presente do significante, que é indispensável para que funcione um organismo humano” (1955-56, p. 217), e de outro lado: “o supereu (...) uma lei dialética (...) sabotador interno” (ibidem, p. 311) dessa própria lei. Tem-se, então, o supereu aqui não seguindo as leis do funcionamento da cadeia significante e exercendo essencialmente a função de efeito de gozo (Guimarães, 2006a, p. 108).

No seminário “A clínica do supereu” (1981a), Miller em consonância às referências lacanianas acima abordadas, relaciona o supereu, em seu aspecto de lei insensata, a dois significantes: ao S1 e ao S(A). Defende que essa lei insensata e estranha se refere ao significante unário; o supereu é a evidência de um significante único, que por estar sozinho, não tem sentido, nem justificação. Seguindo esse raciocínio e por averiguar que o supereu não é uma lei socializante e muito menos pacificadora, Miller também correlaciona o supereu ao S(A) que supõe a lei total do Outro (ibidem, p. 143). Em “Subversão do sujeito e a dialética do desejo no

inconsciente freudiano” (1960), Lacan ao desenvolver o grafo do desejo situa o S(A) “no ponto em que toda cadeia significante se honra ao fechar sua significação. Se é preciso esperar tal efeito de enunciação inconsciente, é aqui em S(A barrado), há que lê-lo: significante de uma falta no Outro” (Lacan, 1960/1998, p. 832), prosseguindo: “A falta de que se trata é, com efeito, aquilo que já formulamos: que não há Outro do Outro” (ibidem). Sendo assim, mediante essas referências de Lacan, Miller (1981a/2006) delimita o efeito do supereu associado ao significante de S(A) sobre o sujeito: “neste momento a voz insensata do supereu se faz escutar pelo sujeito. É o Outro enquanto não há Outro do Outro, o Outro enquanto faz a lei, mas também enquanto ele mesmo não está regulado” (Miller, 1981a, p. 143).

Do mesmo modo, a concepção do supereu como lei insensata que não barra o gozo também é encontrada nas postulações de Lacan no *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-58) acerca do significante Desejo da Mãe. O desejo da mãe antes de ser metaforizado e dominado pelo significante Nome-do-Pai se situa em seu caráter de real do gozo. O desejo da mãe, sem passar pela metáfora paterna, tem o rigor de uma demanda absoluta, cujo estatuto de incondicional determina “um modo de funcionamento do significante que não corresponde às leis de funcionamento da cadeia significante, onde localiza uma lei que não tem a função normativa de barrar o desejo da mãe, mas uma lei que funciona com toda a insensatez imperativa de ordenar o gozo” (Guimarães, 2006a, p. 109). Seguindo essa mesma temática, Miller concebe o supereu articulado à função do desejo da mãe, sem a mediação do Nome-do-Pai, da seguinte maneira: “o supereu está cerca do desejo da mãe como capricho sem lei (...) Na realidade, há que ter claro que ao valorizar a função da mãe, estamos valorizando a incidência traumatizante do gozo puro” (Miller, 1981a, p. 143), a saber, um gozo não regulado pelo simbólico.

Desde já, podemos realçar a importância de destacar, para esta tese, isto que Miller nomeia como ‘incidência traumatizante do gozo puro’, a saber, um gozo puro que, ao não ser mediado pelo significante simbólico do Nome-do-pai, incide no sujeito de uma maneira traumática, concernente ao real. Destacar a verificação desse gozo puro que incide de forma traumática por não se encontrar submetido à função do falo se revela como uma importante ferramenta teórica para o estudo da clínica do recurso à substância no âmbito da neurose, no momento em que lembramos da proposição lacaniana de 1975 que situa o uso da droga como saída psíquica à ruptura com o gozo fálico. A partir dessa observação, a tese avança em sustentar para a clínica do recurso à

substância, em casos graves de neurose, uma predominância dos efeitos vorazes do supereu, que pode vir a determinar um estatuto de gozo mais autoerótico que prescinde do Outro como resultado direto de uma falha na função fálica em regular o gozo. Guardemos essa informação para retomá-la mais a frente.

Por fim, o supereu no registro do real. A localização epistêmica do supereu no real é encontrada no *Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63) por meio das elaborações lacanianas sobre o objeto *a* correlato ao objeto voz. Neste seminário, Lacan defende: “A voz (...) conhecemos seus restos nas vozes extraviadas da psicose, seu caráter parasitário sob a forma dos imperativos interrompidos do supereu.” (1962-63, p. 275). É preciso ressaltar que, a partir do Seminário 10, Lacan conduz de outra maneira a teoria do gozo, haja vista, nesse momento de seu ensino, o surgimento de dois novos elementos: a inserção do Outro faltoso e a introdução do conceito de objeto *a*, ambos participantes da formação da fantasia e do desejo do sujeito.

Como resultado dos achados teóricos do Seminário 10 de Lacan (1962-63), o conceito de angústia passa a se apresentar como efeito de uma falha no processo de castração. No *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-58), Lacan formula os três tempos do Édipo e concebe a castração como resultado da operação da metáfora paterna, cuja consequência é a perda de um gozo, que por sua vez permite o sujeito entrar no registro da falta. A vivência da castração se localiza no segundo tempo do Édipo. Antes disso, no primeiro tempo do Édipo, tem-se a dupla imaginária mãe/bebê, momento este em que o bebê ocupa o lugar de ‘ser o falo’ para a mãe. A introdução da Lei do Pai, no segundo tempo do Édipo, instaura a entrada de um terceiro elemento, cuja função retira o sujeito deste lugar de ‘ser o falo’ da mãe. Agora a mãe se ocupa de algo além do bebê. O desejo da mãe, neste momento, é direcionado alhures. Por fim, no terceiro tempo do Édipo, como consequência da inscrição da Lei do Pai, ao sujeito é permitida a passagem de ‘ser o falo’ para o ‘ter o falo’, o que abre a possibilidade para o sujeito de se desvincular da mãe como seu primeiro objeto de amor e passar a usar agora seu “certificado de virilidade” com outras mulheres (ibidem).

O processo de castração simbólica se instaura, então, a partir da atuação da significação fálica (resultado da Metáfora Paterna). A significação fálica, resultado da inscrição do significante Nome-do-Pai, é o que propicia ao sujeito viver uma mudança do estatuto do falo. Quer dizer, o falo que antes era imaginário, passa a receber o estatuto de simbólico. Neste sentido, a perda de gozo concernente à castração é o que

permite inscrever o sujeito no registro da fantasia e do desejo, recursos esses da ordem do inconsciente, que impulsionarão o sujeito em busca do objeto perdido; do gozo perdido que vivera plenamente no primeiro tempo do Édipo (ibidem).

Destacar essas informações sobre os tempos do Édipo e o papel do significante Nome-do-Pai no processo de castração é importante, pois no *Seminário, livro 10: a angústia* (1964), Lacan concebe o conceito de angústia como resultado da falta da falta, isto é, de algo que falha no processo de castração e que não instaura o sujeito no registro da falta. Isto é, a falta da falta que faz emergir a angústia: “que a angústia não é sinal de uma falta, mas de algo que devemos conceber num nível duplicado, por ser a falta de apoio dada pela falta” (Lacan, 1964, p. 64).

Veremos ainda nesse capítulo, a partir do caso freudiano do pequeno Hans, um exemplo clássico da emergência da angústia que acontece, exatamente, pelo fato de o estatuto do falo para o menino ainda estar situado no registro do imaginário. O caso clínico mostrará que será apenas a partir da formação (de compromisso) do sintoma fóbico e da produção das fantasias (inconsciente) do bombeiro e da girafa que Hans encontrará uma saída, dentro de sua neurose, para viver a castração e fazer a passagem do falo imaginário para o falo simbólico. Realçar as postulações lacanianas sobre o processo de castração e a mudança de estatuto do falo imaginário para o simbólico tem a sua relevância para esta tese, na medida em que nos servirão notadamente de base teórica para o esclarecimento e aprofundamento futuro das peculiaridades da clínica do recurso à substância no campo da neurose.

Voltemos à concepção do supereu no registro do real pelo objeto voz. Encontramos essa referência também no *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais* (1964) de Lacan. Dando continuidade às postulações de 1962-63 sobre a função do objeto *a* no processo de formação da fantasia do sujeito, Lacan, em 1964, forja a montagem de um gráfico referente ao modo de funcionamento do circuito pulsional, condizente à fantasia, através da qual a satisfação pulsional ocorre. Lacan trabalha, nesse seminário, o objeto *a* por meio de quatro campos relativos às zonas erógenas do corpo pulsional: oral, fezes, olhar e voz. Defende que objeto *a* em torno do qual o impulso da pulsão faz seu circuito, é aquele que será inserido no processo da fantasia e através do qual o sujeito alcançará sua satisfação pulsional. Essa satisfação pulsional é denominada por Lacan de gozo. E daí, o sujeito se posicionará frente ao Outro a rigor da escolha de seu objeto *a*, ou seja, “o sujeito vem a se fazer olhar, se

fazer chupar, se fazer cagar na sua fantasia, como objeto para o Outro” (Guimarães, 2006a, p. 109). Quer dizer, o modo de gozo do sujeito está articulado diretamente ao objeto *a* de eleição.

Contudo, no tocante ao objeto voz, algo diferente ocorre. O circuito pulsional que ocorre com o objeto oral, fezes e o olhar não acontece do mesmo modo com o objeto voz. Dito de outro modo, com o objeto voz não há o movimento de ida e volta pulsional que permite ao sujeito se fazer objeto para o Outro no campo da fantasia. O circuito não se fecha e, deste modo, o objeto voz passa a ser concebido por um caráter anômalo. Quer dizer: “Na pulsão invocante, o sujeito não poderá se fazer voz para o Outro, pois no campo pulsional a voz sempre advém como voz do Outro, voz inaudível, voz áfona, mandato silencioso de gozo, ao qual o sujeito só poderá responder: Ouço!” (Guimarães, 2006a, p. 109). E, assim, o objeto voz se inscreve como representante do supereu no registro do real do gozo. Neste caso, cabe apenas o sujeito escutar o que vem do campo do Outro.

Sendo assim, no ensino de Lacan encontramos três tempos epistêmicos do supereu: 1. O primeiro em seu estatuto de imposição referente à “figura obscena e feroz” correlato ao registro do imaginário; 2. O segundo representado pela demanda incondicional oriunda do desejo materno, cujo efeito é a incidência de um gozo puro e traumático sobre o sujeito, referente ao registro do simbólico; e 3. O objeto *a* voz que impõe um mandato de gozo do qual o sujeito não tem escapatória, concernente ao registro real. E ao final desse percurso de formulações, Lacan forja sua proposição principal no *Seminário, livro 20: mais ainda* (1972-73) sobre o supereu: “nada força ninguém a gozar, senão o supereu. O supereu é o imperativo do gozo” (ibidem, p. 11). Sob esse prisma, constatamos que seja qual for o revestimento epistêmico do supereu – imaginário, simbólico ou real – sempre terá por função efeito de gozo.

## **2.2. O supereu e a teoria do gozo no primeiro ensino de Lacan:**

À luz dos ensinamentos do *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-58), Miller desenvolve algumas informações importantes acerca da relação entre significante, falo, desejo e gozo (1981a, p. 142). Ressalta que o significante Nome-do-Pai é o que permite ordenar as coisas e relacionar o gozo com o falo; somente por esse prisma Lacan pode dizer que “o falo é o significante do gozo” (ibidem). Seguindo esse

raciocínio, Miller adverte a dicotomia entre a operatividade do significante do Nome-do-Pai e a função do supereu: “se o supereu interessa Lacan é precisamente porque uma função que faz contraponto com a do Nome-do-Pai. O Nome-do-Pai é uma função relacionada ao desejo, o supereu é uma função correlata ao gozo” (ibidem). Ou seja, de acordo com as postulações lacanianas sobre os três tempos do Édipo em 1957-58, Miller sustenta que o Nome-do-Pai tem por função dar um contorno ao gozo, regulando-o: “desde o princípio o gozo não está coordenado com o significante. É necessário o Nome-do-Pai para que o gozo desmedido se coordene com o que não é mais que o seu semblante, o falo” (Miller, 1981a, p. 146).

Seguindo esse raciocínio, ao final de seu seminário clínico intitulado “Clínica do supereu” (1891a), Miller se questiona sobre a escolha de um significante que pudesse melhor escrever a teoria de Lacan sobre o supereu (ibidem, p. 146). Este significante que Miller escolhe será um instrumento teórico primoroso para o percurso que esta tese pretende empreender daqui por diante. No entanto, antes de darmos o enfoque ao significante adotado por Miller, que por sua leitura melhor delimita o supereu no ensino de Lacan, faz-se importante apresentar e trabalhar alguns fragmentos do texto de Lacan “Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960). O texto laciano de 1960 é contemporâneo ao *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-58) e contempla proposições clínicas consoantes ao que Miller se propõe a discorrer em seu seminário de 1981a acerca da importância da operatividade do Nome-do-Pai na regulação de gozo e o papel da castração na mudança do estatuto do falo imaginário para o simbólico, na estrutura da neurose, no ensino de Lacan.

No texto “Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960), Lacan afirma que o gozo recebe uma regulação e um contorno somente em consequência de um sacrifício relacionado ao complexo de castração, o que se dá em referência ao falo: “É a simples indicação desse gozo em sua infinitude que comporta a marca dessa proibição e, para constituir essa marca, implica um sacrifício: o que cabe um único e mesmo ato, com a escolha de seu símbolo, o falo” (Lacan, 1960, p. 836). Mediante esta constatação, o autor disserta sobre as peculiaridades das duas etapas lógicas, ou, em outros termos, das duas formas de operacionalização do falo: o (-φ) (phi minúsculo) relativo ao falo imaginário e o Φ (phi maiúsculo) relativo ao falo simbólico.

A primeira etapa lógica se refere à inscrição do falo, a saber, a presença do falo imaginário que se instaura na estrutura da neurose como resultado de uma negativização. Segundo Lacan, é a negativização do falo que tem como função dar

corpo ao gozo: “(...) o falo, ou seja, a imagem do pênis, é negativizado em seu lugar de imagem especular. É isso que predestina o falo a dar corpo ao gozo, na dialética do desejo” (ibidem). Em outras palavras, é por meio da inscrição do falo, no registro do falo imaginário (negativizado), que a passagem do órgão ao instrumento se faz possível: “assim é que o órgão erétil vem a simbolizar o lugar do gozo, não como ele mesmo, nem tão pouco como imagem, mas como parte faltante na imagem desejada (...) à função de falta de significante (-1)” (ibidem, p. 837).

Já a segunda etapa lógica de operacionalização do falo é correlata ao falo simbólico. Em contraponto ao falo imaginário, o falo simbólico somente se inscreve a partir de uma positivação, mesmo que ele ainda venha a representar uma falta. Sobre isto, Lacan afirma que o falo simbólico, enquanto significante do gozo, é impossível de ser negativizado (ibidem, p. 838).

“A passagem do (-φ) (phi minúsculo) da imagem fálica de um lado ao outro da equação do imaginário e do simbólico positiva-o, de qualquer modo, ainda que ele venha preencher uma falta. Por mais que seja suporte do (-1), ali ele se transforma em φ (phi maiúsculo), o falo simbólico impossível de negativizar, significante do gozo” (Lacan, 1960, p. 838).

Neste sentido, seguindo a lógica do que foi postulado no *Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63) sobre a participação do Outro faltoso na fantasia do sujeito, e no *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais* (1964) acerca do circuito pulsional de ida e volta do objeto *a*, através do qual o sujeito alcança sua satisfação pulsional, Lacan, em 1960, avança, em seu ensino, o lugar do sujeito em relação ao Outro, apontando a correlação existente entre fantasia, falo simbólico e demanda do Outro. Sobre isto, o autor diz: “o neurótico, de fato, histérico, obsessivo ou, mais radicalmente, fóbico é aquele que identifica a falta do Outro com sua demanda, φ com D” (Lacan, 1960, p. 838), acrescentando: “daí resulta que a demanda do Outro assume a função de objeto em sua fantasia (nossas fórmulas permitem sabê-lo de imediato) reduz à pulsão: (\$ ◇ D)” (ibidem).

Dissertamos sobre esses fragmentos do texto lacaniano de 1960 que abordam a questão da operação do significante Nome-do-Pai, do processo de castração e dos dois estatutos de falo na neurose para retomarmos a proposição teórica que Miller faz ao fim de seu seminário intitulado “Clínica do supereu” (1981a), que por sua vez nos servirá de forma primorosa na condução desta tese. Para isso, voltemos, primeiro, às duas frases

de Miller que foram expostas acima e fundamentadas a partir do texto de 1960 de Lacan:

1. “desde o princípio o gozo não está coordenado com o significante. É necessário o Nome-do-Pai para que o gozo desmedido se coordene com o que não é mais que o seu semblante: o falo” (Miller, 1981a/2006, p. 146 apud Lacan, 1960/1998, p. 836).
2. “(...) ‘o falo é o significante do gozo’ (...) Se o supereu interessa Lacan é precisamente porque é uma função que faz contraponto com o Nome-do-Pai. O Nome-do-Pai é uma função relacionada ao desejo e o supereu é uma função correlata ao gozo” (ibidem, p. 142).

Logo, de acordo com as informações contidas nessas duas frases, e tendo por base também todo o desenvolvimento exposto de seu seminário “Clínica do supereu” (1981a), Miller se desafia a escolher um novo significante que tenha a capacidade de melhor escrever o supereu na teoria de Lacan. Lembra que propôs, anteriormente, para o supereu o significante S (A) (1981a, p. 143), entretanto, arrisca-se em defender um novo significante, afirmando: “penso que podemos usar um significante menos utilizado que este, um com que nunca se fez nada: ( $\Phi_0$ )” (ibidem, p. 146, negrito nosso).

De que forma Miller defende a escolha desse significante novo ( $\Phi_0$ ) que, segundo a sua leitura, melhor escreve o supereu no ensino de Lacan? Primeiramente, o autor reforça sua escolha ao dizer que entende, que com esse significante, ele alcança a possibilidade de representar “o gozo não freiado pelo falo” (ibidem). Em seguida, com o intuito de defender essa proposta a respeito da escolha desse significante, Miller também tem o cuidado de lembrar que Lacan afirma (1960, p. 838) que não se pode negativizar o falo simbólico. Entretanto, Miller segue sustentando sua escolha pelo significante ( $\Phi_0$ ) para representar o supereu no ensino de Lacan, na medida em que acredita na seguinte posição teórica: “não considero que ( $\Phi_0$ ) seja uma negativização, considero que mostra a ubiquidade do gozo, quando este não se localiza como gozo fálico” (Miller, 1981a, p. 146).

Seguindo esse raciocínio, em vistas de reforçar sua posição teórica, Miller lembra que no *Seminário, livro 20: mais ainda* (1972-73) Lacan sustenta que a mulher não está privada do gozo fálico. O gozo fálico para a mulher se inscreve como um gozo suplementar. Sobre isso, Lacan profere: “nem por isso deixa de acontecer que se ela está

excluída da natureza das coisas, é justamente pelo fato de que, por ser não-toda, ela tem, em relação ao que se designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar” (Lacan, 1972-73, p. 79). Em outras palavras: “não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo. Ela não está lá não de todo. Ela está lá a toda” (ibidem, p. 80).

Visto isso, Miller concebe o supereu, no ensino de Lacan, a partir do significante do falo simbólico índice zero ( $\phi_0$ ), a saber, um significante que “escreve o gozo não congelado, não cativo do falo” (Miller, 1981a, p. 146). À luz da leitura desta tese, podemos entender que Miller, ao propor a eleição do significante ( $\phi_0$ ) para o supereu, ele não entende com isso a não operatividade do gozo fálico para a estrutura da neurose. Pelo contrário, ele apenas empreende o falo simbólico índice zero para o funcionamento do supereu, tal como esta tese vem contemplando a construção do conceito do supereu, desde Freud, ao lado do real do gozo. Em Freud, vimos o supereu operando para as exigências do isso e atuando contra o próprio eu, com seu caráter sádico e cruel, e, em Lacan, contemplamos o supereu como uma lei insensata que não tem o papel de barrar o gozo, uma vez que não é mediado pelo simbólico; constituindo-se ao longo do ensino lacaniano em seu aspecto mais mortífero de imperativo de gozo.

Nesse sentido, a pesquisa desta tese se identifica e apoia a escolha de Miller do significante ( $\phi_0$ ) para melhor representar e escrever o supereu, na medida em que a proposição clínica mais importante do ensino de Lacan referente à clínica do recurso à substância se baseia na afirmativa de que o uso de droga na neurose opera para a ruptura com o gozo fálico (Lacan, 1975).

Um dos objetivos principais desta tese é buscar, exatamente, aprofundar o que Lacan quis dizer em 1975 ao situar o uso da droga como o que propicia a ruptura com o gozo fálico na neurose. Até este ponto da tese, de acordo com as postulações de Freud e de Lacan, já podemos defender a hipótese, em consonância de também acreditar em uma gradação no campo da neurose no que concerne à abordagem e resposta ao real do gozo, o entendimento de que quanto menor for a operatividade do significante Nome-do-Pai na regulação do gozo, maior será a incidência dos efeitos vorazes do supereu em seu aspecto de imperativo do gozo, ou em outros termos, de gozo real. Seguindo essa lógica, compreender o supereu a partir do significante do falo simbólico índice zero, lido assim por Miller, permite-nos sustentar nossa posição teórica a respeito da hipótese de que a adoção do recurso à substância por um sujeito neurótico pode se apresentar

como a eleição de um objeto produzido pela ciência, cuja função psíquica aponta para uma tentativa em fazer barra ao gozo, ou em outros termos, de fornecer tratamento ao real do gozo, efeito direto do supereu sobre o imaginário corporal.

Do mesmo modo, com o intuito de seguir avançando com o objetivo de pesquisa de aprofundar a proposição lacaniana de 1975, a teoria do gozo no segundo ensino de Lacan nos oferece novas ferramentas teóricas, uma vez que contempla de forma mais aprimorada a importância do processo de castração, a forma como acontece a operacionalização do falo nas etapas lógicas da efetuação da estrutura e do papel do significante para a regulação do gozo no campo da neurose.

### **2.3. O supereu e a teoria do gozo no segundo ensino de Lacan:**

Para a construção deste item serão adotadas as seguintes referências: o seminário clínico “Teoria dos gozos” (1981b) de Miller, o *Seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-69), o *Seminário, livro 20: mais ainda* (1972-73) e o texto “A Terceira” (1974) de Lacan. Dando continuidade à teoria do gozo, em seu segundo ensino, Lacan segue aperfeiçoando a temática da operacionalização do falo articulada ao processo da castração para a constituição da neurose. Este item pretende discorrer, a partir das novas elaborações no segundo ensino de Lacan, sobre as peculiaridades da dicotomia existente entre os conceitos de gozo e de desejo, bem como dar prosseguimento ao desenvolvimento teórico sobre a importância do papel do significante na regulação do gozo, no que tange ao processo de castração e a passagem do estatuto do falo imaginário para o falo simbólico na efetuação da estrutura psíquica da neurose.

Para tal, em vistas de conduzir esse estudo, este item se lançará na meta de abordar e trabalhar os seguintes objetivos de pesquisa, contemplados no segundo ensino de Lacan: 1. Circunscrever o novo estatuto do corpo como substância gozante; 2. Aprofundar a relação entre os conceitos de castração, função fálica e gozo fálico; 3. Discorrer sobre a conexão entre gozo, falo, desejo e sintoma; 4. Explicar a função do significante e do desejo em fazer barreira ao gozo e; 5. Desenvolver a proposição teórica que afirma que a ação do significante é o que permite a separação do gozo com o corpo.

Em primeiro lugar, é preciso realçar a principal distinção entre o conceito de desejo e de gozo. Enquanto o desejo implica estar situado em uma função dialética com

o Outro, o gozo não possui essa característica. O que isso quer dizer? Vimos no último item como Lacan, desde o primeiro ensino, descreve uma relação muito próxima, sobretudo, de dependência acerca da constituição do desejo, no que tange a relação do sujeito com o Outro. O desenvolvimento teórico sobre a estreita articulação entre o desejo e o Outro, no primeiro ensino de Lacan, começa com a construção do grafo do desejo em 1960, no qual o autor forja o axioma: “todo desejo é desejo do Outro” (ibidem), dando prosseguimento com a verificação da importância do Outro faltoso e do objeto *a* na participação da fantasia e do desejo do sujeito em 1962-63, e concluindo com a produção do grafo do circuito pulsional do objeto *a*, em 1964, através do qual o sujeito alcança sua satisfação pulsional, pela via de um movimento de ida e volta pulsional, em relação ao Outro. Satisfação pulsional que Lacan denomina, neste momento, de gozo. Seguindo essas referências, identifica-se a constatação lacaniana, em seu primeiro ensino, do desejo como função dialética, na medida em que envolve a participação do Outro.

No entanto, o gozo não se situa numa função dialética com o Outro; em contraponto ao desejo, o gozo não implica a entrada do Outro: “as relações do gozo com o significante são muito diferentes que as relações do desejo com o significante” (Miller, 1981b, p. 150). O ponto de partida no que concerne o gozo é o corpo.

A partir do *Seminário, livro 20, mais ainda* (1972-73), Lacan delimita uma estreita relação entre gozo e corpo. Em 1972-73, o corpo passa a ser concebido a partir de outro estatuto – o estatuto de substância gozante. De acordo com esse novo prisma, o autor defende que o gozo somente torna-se possível se o corpo estiver sob o regime do significante. Começa a defesa de sua argumentação se perguntando: “por que damos tanta ênfase à função do significante? Porque é o fundamento da dimensão do simbólico, o qual só o discurso analítico nos permite isolar como tal” (Lacan, 1972-73, p. 27). Isto é, segundo Lacan, a função do significante inscreve, agora, o corpo a partir de um novo registro denominado substância gozante. Neste sentido, Lacan delimita a substância do corpo “como aquilo de que se goza. Propriedade do corpo vivo, sem dúvida, mas não sabemos o que é estar vivo, senão apenas isto, que um corpo, isso se goza” (ibidem, p. 29) e, deste modo, realça a relação entre significante, corpo e gozo: “isso só se goza por corporizá-lo de maneira significativa” (ibidem, p. 29). Mediante essa construção teórica, Lacan (1972-73) introduz três proposições clínicas importantes a respeito da função do significante na regulação do gozo: 1. “O significante se situa no

nível da substância gozante” (ibidem, p. 30), 2. “O significante é a causa do gozo” (ibidem), e 3. “O significante é aquilo que faz barreira ao gozo” (ibidem).

Do mesmo modo, no tocante à construção do conceito de gozo, Lacan afirma que ele só pode ser entendido a partir do registro do gozo fálico, ou seja: “no que diz respeito ao gozo (...) terá que ser sustentado e nos levará ao nível do gozo fálico” (ibidem, p. 30), “tudo gira ao redor do gozo fálico” (ibidem, p. 14). Em outras palavras, quando se contempla o gozo sexual, esse deve ser lido como gozo fálico, uma vez que se encontra articulado ao processo da castração: “aí está o dito para o que concerne o gozo enquanto sexual. De um lado, o gozo é marcado por esse furo que não lhe deixa outra via senão a do gozo fálico” (ibidem, p. 15).

Seguindo a mesma temática, no tocante à função do significante como regulador de gozo, Lacan, alguns anos antes, no *Seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-69), em consonância ao que fundamentara em 1960, forja a teoria do gozo, aprofundando as conexões entre os conceitos de sintoma, gozo, falo e desejo.

Num primeiro momento, Lacan dá enfoque à relação entre sintoma e gozo, afirmando que um sujeito só pode ser definido por meio do seu sintoma. Pela perspectiva psicanalítica, o sintoma somente pode ser apreendido senão a partir do gozo: “aquela que faz entrar em jogo o que sem dúvida se situa na origem do sujeito, isto é, o gozo” (1968-69, p. 308). O gozo só é acessível, através da relação com o significante e o falo: “o importante (...) é saber o que acontece, no sistema significante, com a chamada função do falo” (ibidem, p. 309).

Faz-se importante aqui lembrar de que maneira a relação entre significante, gozo e falo foi contemplada no primeiro ensino de Lacan. Tal como postulamos no item anterior, o papel do significante como regulador de gozo, começa a ser construído, sobretudo, a partir da operação da metáfora paterna e do processo de castração. Em 1960, Lacan postula que o gozo somente recebe um contorno e uma regulação do significante após passar pelo sacrifício do complexo de castração, que por sua vez tem referência direta ao falo (1960, p. 836). Em consonância as teorias dos três tempos do Édipo e do processo de castração, Lacan formula duas etapas lógicas para a operacionalização do falo: 1. A primeira etapa marcada por uma negativização correlata ao falo imaginário ( $-\phi$ ) e à inscrição do falo; e 2. A segunda etapa instaurada por uma positivação, através do qual o falo torna-se simbólico ( $\phi$ ) e é colocado em função.

Lacan ao adentrar em seu segundo ensino, produz novos instrumentos teóricos que permitem uma compreensão mais profunda sobre o papel do significante como regulador de gozo real. Em 1969-70, realça a importância de entender a incidência do significante no modo de gozo do sujeito como condição única que permite a separação entre corpo e gozo na neurose (Lacan, 1969-70, p. 188). E dando prosseguimento a seu raciocínio, dois anos após, afirma: “o significante é aquilo que faz barreira ao gozo” (1972-73, p. 30). Em relação à função separadora entre corpo e gozo, profere:

“O importante é que, natural ou não, é efetivamente como ligado à própria origem da entrada da ação do significante que se pode falar de gozo. Com que goza a ostra ou o castor, ninguém jamais saberá nada disso porque, faltando significante, não há distância entre o gozo e o corpo” (Lacan, 1969-70, p. 188).

Com o intuito de buscar desenvolver e esclarecer, teoricamente, essa citação de 1969-70, bem como a proposição de 1972-73, a tese seleciona trabalhar com os seguintes aspectos teóricos contidos no segundo ensino de Lacan:

1. O conceito de falo como significante da falta (Lacan, 1968-69);
2. A importância da mudança do registro do falo imaginário para o falo simbólico para a efetuação da estrutura da neurose a partir do processo de castração (ibidem);
3. O estatuto do gozo fálico situado fora do corpo e fora do sistema significante (Lacan, 1968-69; 1974);
4. Função fálica e desejo, articulados ao significante, no papel de regulação do gozo real (Lacan, 1960; 1968-69);
5. A distinção entre o gozo real (enquanto puro e traumático) do gozo fálico que recebe tratamento pela significação fálica via castração simbólica (Lacan, 1968-69; Miller, 1981b).

### **3. O tratamento do gozo no segundo ensino de Lacan – “o significante é aquilo que faz barreira ao gozo”:**

Começamos, então, com uma afirmativa de Lacan, no seminário de 1968-69, em que situa o falo como significante da falta, vinculado ao processo de castração: “a

função do falo (...) ela representa seja o que ela se define inicialmente como aquilo que falta, isto é, que funda o modelo da castração” (Lacan, 1968-69, p. 310). A castração começa com a inscrição do falo imaginário (negativizado  $-\phi$ ), para depois, fazer a passagem ao falo simbólico (positivado  $\phi$ ). Lembrando que mesmo que haja uma positividade neste segundo momento, o falo simbólico mantém uma representação da falta. E, deste modo, a castração articulada ao significante pode fazer barreira ao gozo (Lacan, 1972-73, p. 30).

Sobre isto, Miller destaca a importância do processo da castração no que tange à regulação do gozo pelo significante, proferindo que a partir do momento em que no ensino de Lacan, o sujeito é abordado pela lógica do significante, isso consiste delinear que o advento do sujeito, barrado pela linguagem, passa a ser lido como resultado da ação do significante, que determina a separação do gozo com o corpo. Miller, seguindo Lacan, atribui esta separação do gozo com o corpo ao processo da castração, e realça que isto já se encontra desde Freud, quando este forja o complexo de Édipo articulado à castração (Miller, 1981b, p. 151).

Do mesmo modo, de acordo com as contribuições lacanianas de 1960 e 1968-69, o desejo também aparece de mãos dadas ao significante na função de regulação do gozo. Em 1960, por meio da produção do grafo do desejo por Lacan, o conceito de desejo surge, do mesmo modo, como um veículo de tratamento ao gozo: “pois o desejo é uma defesa, proibição de ultrapassar um limite de gozo” (1960/1998, p. 839). Seguindo as referências de Lacan, Miller leciona, em seu seminário “A teoria dos gozos” (1981b, p. 151), sobre o papel do desejo associado ao significante na função de separar o gozo do corpo:

“Poderíamos dizer que há, na teoria psicanalítica, um nome específico para a barreira que faz o significante ao gozo do corpo, o nome dessa barreira é precisamente o desejo. O desejo é uma barreira ao gozo fundada na linguagem (...) O desejo é uma defesa contra o gozo. O gozo em si mesmo (...) é uma perturbação do corpo, constitui em si mesmo uma relação perturbada do animal que fala com seu próprio corpo. Não há harmonia de gozo” (Miller, 1981b, p. 151).

De acordo com esta citação, vamos agora tentar responder ao seguinte ponto: por que o gozo recebe o caráter de perturbador do corpo? A resposta é bastante importante para o esclarecimento futuro das peculiaridades do modo de gozo autoerótico na clínica do recurso de substância.

A primeira informação em vista de responder a razão pela qual o gozo atua para a perturbação do corpo está relacionada ao fato de que quando se trata do gozo, o que está em questão é o gozo fálico: “tudo gira ao redor do gozo fálico” (Lacan, 1972-73, p. 14). Porém, o que determina seu caráter perturbador? Lacan responde a essa pergunta ao delimitar que tudo que é correlato ao significante do falo está localizado fora do sistema significante (1968-69, p. 310): “o gozo fálico (...) está fora da linguagem do simbólico” (Lacan, 1974, p. 32). Ou seja, isso quer dizer que o falo não é o que representa o sujeito. O falo representa o gozo sexual, que se apresenta como externo ao sistema. É, exatamente, por este motivo que se revela por seu caráter de gozo puro e absoluto (Lacan, 1968-69, p. 310), a saber, de gozo real.

A partir daí torna-se possível começar a entender por qual razão Lacan denominou o falo como significante de gozo. No instante em que o autor concebe o falo como o significante fora do sistema, percebe que este significante é o que melhor ilustra o que está radicalmente fora do gozo (Lacan, 1968-69, p. 311). Esta constatação lhe permite defender que o gozo fálico, deste modo, é por excelência da ordem do real, em decorrência de não estar simbolizado no sistema: “acrescentei que tudo que é recalcado no simbólico retorna no real, e é por isso mesmo que o gozo é absolutamente real, porque no sistema do sujeito, ele não é simbolizado nem simbolizável em parte alguma” (ibidem).

No entanto, o segundo ensino de Lacan marca uma relevante distinção entre os conceitos de falo e de gozo quando se trata de conceituar ‘gozo fálico’ e ‘função fálica’. Se o gozo fálico implica a perturbação do corpo exatamente pelo fato de estar relacionado ao campo do real – do gozo puro, a função fálica se determina por outro registro, o registro do simbólico que vai culminar na regulação do gozo: “a função fálica, apesar de não representar o sujeito, parece marcar, como campo limitado da relação do gozo com o que se estrutura como o Outro, um ponto de sua determinação” (Lacan, 1968-69, p. 311).

Sobre isto, Miller disserta a respeito do cuidado em conceber a distinção dos conceitos de falo e de gozo quando relacionados à expressão ‘significante de gozo’. Aplica à função fálica o papel de captura de gozo por parte do significante. Captura esta equivalente a uma limitação de gozo por parte do significante, que por sua vez, é responsável pela “castração do gozo puro” (Miller, 1981b, 152).

O que Miller quer dizer com ‘castração do gozo puro’? A castração capta uma medida de gozo, ou uma quantidade de gozo, e esta medida de gozo recebe um tratamento que ocorre através da castração. E o que a castração faz? Permite que essa medida de gozo fálico faça a mudança do registro do imaginário (-φ), através do qual o sujeito está submetido ao gozo absoluto, puro e real (ou em outros termos, à angústia), para o registro do simbólico (Φ), recebendo assim uma regulação de gozo. Sob esse prisma, Miller assinala que só se pode atribuir ao falo simbólico (Φ) a denominação de significante do gozo, somente, quando o gozo tiver passado pelo tratamento do significante através da castração:

“Não podemos deduzir a todo phi maiúsculo como significante do gozo. O phi maiúsculo é significante do gozo quando o gozo tem significante. O falo tempera o gozo, ou seja, dá uma medida e também seu semblante, porque o gozo enquanto tal não tem medida” (Miller, 1981b, p. 154).

Do mesmo modo, é preciso realçar outro aspecto do gozo fálico. O gozo fálico não implica a relação com o Outro: “o gozo, enquanto sexual, é fálico, quer dizer, ele não se relaciona ao Outro como tal” (Lacan, 1972-73, p. 16). É o que chamamos de masturbação. O gozo fálico pode bastar-se a si só – não tem referência ao gozo do Outro, pelo contrário, localiza-se como o gozo do Um: “o Um não se amarra com verdadeiramente com nada do que pareça o Outro sexual” (ibidem, p. 137), ou seja, “(...) o Outro não se adiciona ao Um. O Outro apenas se diferencia. Se há algo que ele participa do Um, não é por adicioná-lo” (ibidem).

Como entender a concepção de gozo fálico sem relação com o Outro, como o gozo do Um? Acrescentando às referências lacanianas abordadas neste item sobre os dois tempos lógicos da operacionalização do falo – imaginário e simbólico (1960, 1968-69, 1972-73), o *Seminário, livro 19: o pior* (1971) também contempla um fragmento que aborda o primeiro tempo da operacionalização do falo (-φ), correlato ao momento de inscrição do falo. Lacan concebe a inscrição do falo como “uma espécie de ficção de casamento” (1971, p. 19), “precisa continuar presa ao mastro, no qual vocês não podem deixar de reconhecer o falo” (ibidem, p. 20).

Visto isto, estes fragmentos permitem delimitar que o gozo fálico já vigora desde o primeiro tempo lógico da operacionalização do falo – correlato ao momento da inscrição do falo, a saber, momento em que se opera o casamento do gozo com o corpo

a partir do falo/instrumento. Entretanto, com o detalhe de que o gozo fálico poderá a vir receber tratamento pelo significante/simbólico com o processo de castração ou não.

### **3.1. Caso Hans – o tratamento do gozo pelo significante:**

Um exemplo clínico bastante importante que ilustra a ação do significante em fazer barreira ao gozo, ou, em outros termos, a ação do significante operando na separação do gozo com o corpo, é o caso clínico freudiano do pequeno Hans. No último item, já trabalhamos um pouco este caso, em referência à sua utilidade clínica para o estudo sobre a clínica do recurso à substância, porém, agora com mais instrumentos teóricos advindos do segundo ensino de Lacan, faz-se interessante prosseguir e avançar na análise deste caso, em vistas de produzir mais recursos para a pesquisa desta tese.

No *Seminário, livro 4: a relação de objeto* (1956-57), Lacan se dedica bastante a trabalhar o caso de Hans. Identifica que a emergência da angústia no menino no instante em que seu pênis se torna real. O pênis toma vida, começa a se agitar e Hans começa a se masturbar. Segundo o autor, a angústia para Hans advém da masturbação (1956-57, p. 231). A saber, momento postulado como “uma espécie de ficção de casamento” (1971, p. 19) correlato ao casamento do gozo com o corpo; ou dito de outro modo, da inscrição do falo relativo ao gozo real, sentido como angústia. Sobre este momento, Lacan conceitua a angústia como: “correlativa ao momento em que o sujeito está suspenso entre um tempo que ele não sabe mais onde está, em direção a um tempo onde ele será alguma coisa na qual jamais se poderá reencontrar” (1956-57, p. 231).

Ou seja, da onde advém a angústia? Num primeiro momento, o falo do menino se localiza no registro do imaginário, ocupando o lugar de ser o falo da mãe, cuja função é dar satisfação e preencher a falta da mãe, nessa parceria vivida como paraíso de engodo e de completude. Entretanto, quando o pênis se agita e Hans começa a se masturbar, o falo se torna real; daí se vigora a angústia, vivida como consequência de toda “diferença que existe entre aquilo pelo qual é amado e o que ele pode dar” (1956-57, p. 249), a partir de então.

Daí a importância do papel da fobia, desenvolvido por Lacan no decorrer de seu ensino, delimitado não como uma entidade clínica, mas como uma placa giratória (1972-73, p. 293) que permite a entrada do sujeito na estrutura da neurose, na medida

em que suscita a passagem do falo imaginário para o simbólico. Passagem que ocorre, somente, por meio do processo da castração, que, por sua vez, só opera senão pela ação do significante: “a função da fobia (...) é a seguinte: ela introduz no mundo da criança uma estrutura” (1956-57, p. 252).

Deste modo, a fobia é mais uma maneira de ilustrar que o campo da angústia não é desprovido de objeto, tal como Lacan adverte desde o *Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63). De acordo com essa lógica, descreve-se, exatamente, a função da fobia, que é substituir o objeto da angústia por um significante que causa medo (1972-73, p. 297), vide a formação do sintoma fóbico (de cavalo). A fobia em Hans se apresenta como uma solução edípica frente a um agente paterno falho em promover a vivência da castração. O sintoma fóbico, medo de cavalo, revela-se como um apelo ao complexo de Édipo, através do qual o menino vai buscar na mordedura do cavalo a sua castração simbólica.

Além disso, atrelado ao sintoma (fóbico) de formação de compromisso, a função da fobia também opera a partir de outro aspecto clínico crucial e determinante para o sucesso da vivência de castração, a saber: o recurso da fantasia inconsciente. No caso clínico de Hans, duas fantasias são descritas e analisadas por Freud e, futuramente por Lacan. Trata-se do relato das fantasias da girafa e do bombeiro, cuja função, em ambas situações, permitiram ao menino a mudança do falo imaginário para o simbólico, e, assim, sua passagem efetiva pela castração.

A fantasia das girafas surgiu mediante a impossibilidade de Hans manter o registro da mãe falicizada, denominada por Lacan de home-la. Diante deste impasse, o menino encontra como solução psíquica que lhe ajuda viver o processo de castração: a criação de uma brincadeira que representava o confronto entre a girafa grande e a girafinha (ibidem, p. 313). Ele desenha a girafinha em um papel, e em seguida, amassa-a e senta em cima. Segundo Lacan, através dessa brincadeira, Hans “faz esse falo passar para o simbólico, porque é aí que ele terá eficácia, e todos sabem de que ordem é a eficácia das fobias” (ibidem).

Do mesmo modo, seguindo a linha de se apropriar de recursos inconscientes, articulada à função da fobia, como forma de tratar sua angústia, Hans também relata, no decorrer dos encontros com Freud, um sonho, cujo efeito foi fundamental para lhe ajudar a passar pelo processo de castração. Revela a Freud que sonha com um bombeiro. O temor da criança no sonho é o fato de que seu pênis não está enraizado. O bombeiro surge no papel de mediação que permite “colocá-lo, retirá-lo e tornar a

colocá-lo” (1956-57, p. 272). No entanto, isso não basta a Hans. É preciso que seu falo seja amovível. Neste caso, Hans encontra uma solução com seu sonho. Ele introduz o parafuso: “o instalador, ou o serralheiro, vem e o aparafusa, depois do que o instalador ou o bombeiro vem e lhe desparafusa o pênis para recolocar outro maior” (ibidem). Este sonho se situa para o caso como uma solução definitiva para o seu processo de castração. A apresentação do elemento lógico, representado pelo parafuso, em seu papel de mediação, permite introduzir o falo no registro simbólico. Em outras palavras, esse “elemento mítico vai trazer a verdadeira solução do problema, através da noção de que o falo é também algo tomado no jogo simbólico, que pode ser combinado que é fixo, quando se o instala, mas que é mobilizável, que circula, que é um elemento de mediação” (ibidem)

À luz dessas considerações, Lacan defende a importância do processo da castração no que tange à efetuação da estrutura da neurose vinculada a passagem do estatuto do falo imaginário para o simbólico. A partir disto, afirma que um homem só pode se tornar homem se fizer do seu pênis um símbolo. Ou seja, para um homem, “não é o pênis que me qualifica como significante de minha virilidade” (1968-69, p. 314). Segundo Lacan, “é preciso deixar bem claro que se trata apenas de um símbolo” (ibidem).

Como resultado de todas essas elaborações, Lacan (1968-69) associa a ação do significante à importância do papel do desejo na entrada do sujeito na estrutura da neurose. O autor postula que o ponto de entrada pela qual a estrutura do sujeito se constitui ocorre como resultado da positivação do gozo autoerótico (que anteriormente se encontrava ligado à etapa da masturbação). Quer dizer, segundo Lacan, a eclosão da neurose advém da positivação do gozo autoerótico, que por sua vez determina a passagem para uma nova etapa lógica da efetuação da estrutura da neurose, referente a um novo momento de sua constituição, no qual a positivação do gozo do sujeito lhe inscreve, agora, em dependência do desejo do Outro (1968-69, p. 312).

“De que desvio decorre a eclosão de uma neurose? Da intromissão positiva de um gozo autoerótico, perfeitamente tipificado nas primeiras sensações mais ou menos ligadas ao onanismo – chamem-no como quiserem – na criança. Nos casos que caem em nossa jurisdição, isto é, naqueles que geram uma neurose, é nesse ponto exato, no momento mesmo em que se produz a positivação do gozo autoerótico, que se produz, correlativamente, a positivação do sujeito como dependência do desejo do Outro” (Lacan, 1968-69, p. 312).

Sendo assim, a etapa final da castração, contemplada por Lacan em 1960, por meio da positivação do falo ( $\Phi$ , falo simbólico), passa por uma nova releitura nesta citação em 1968-69. Coloca-se, agora, como efeito da positivação do gozo autoerótico: determinante para a positivação do sujeito como dependência do desejo do Outro. Segundo o autor, a relação positiva do sujeito com o gozo sexual é o que culmina o surgimento do desejo de saber (1968-69, p. 312). Por esse prisma, Lacan, de acordo com seus postulados de 1964, profere que a eclosão da neurose é determinada pela junção do objeto *a* e do campo do Outro – o objeto *a* escolhido pelo sujeito, pelo qual encontra sua essência real como falta-de-gozo, e o campo do Outro por onde o sujeito busca e ordena seu saber; isto é, o desejo de saber, que, por sua vez, impõe o campo proibido ao gozo (ibidem).

Logo, vimos, a partir do primeiro e do último ensino de Lacan, duas maneiras de abordar a forma como o sujeito consegue alcançar a última etapa lógica da efetuação da estrutura psíquica da neurose. Primeiro, em 1960, quando Lacan postula que o processo de castração vigora a partir da passagem do falo imaginário para o falo simbólico, a saber, que se dá através da positivação do falo (simbólico); e depois, em 1968-69, quando o sujeito entra na neurose como resultado da positivação do gozo autoerótico. Em outras palavras, tanto a positivação do falo simbólico, quanto a positivação do gozo autoerótico, que no fim são a mesma coisa, porém, apenas lida de forma diferente ao longo do ensino de Lacan, propiciam ao sujeito alcançar a fase final da sua constituição, instaurando assim seu desejo em dependência ao desejo do Outro.

#### **4. Um breve resumo sobre a clínica do supereu:**

Trabalhamos todo o desenvolvimento do percurso sobre a teoria do supereu e do gozo, desde Freud até Lacan, com o intuito de demarcar que o sujeito, pela perspectiva da psicanálise, antes mesmo de receber o tratamento do gozo pelo significante, já se encontra, primariamente, localizado no registro do imaginário, refém completamente do gozo real. Ressaltamos, do mesmo modo, a constatação teórica, desde Freud, em consonância às postulações na segunda tópica pulsional, de que algo do campo da satisfação pulsional sempre permanece subjugado para além do princípio do prazer (sob funcionamento do supereu), mesmo com a averiguação de produção de sintomas de

formação de compromisso e a vigência de fantasias inconscientes, na efetuação da estrutura da neurose, que buscam operar para o tratamento da angústia.

A pesquisa sobre o conceito de supereu e a teoria do gozo, a partir de Freud e Lacan, permitiu-nos compreender que só podemos conceber, pela perspectiva da psicanálise, uma forma de sofrimento psíquico colocando em voga a questão do gozo. Devemos estar sempre atentos à relação entre sintoma e gozo. O gozo, em seu aspecto real, persiste, pois o sintoma não se reduz apenas ao simbólico decifrável (Lacan, 1974, p. 25). Há sempre algo que se coloca no caminho, que atravessa, impedindo que as coisas avancem; e este é o sentido real do sintoma (ibidem, p. 26): “o gozo dá conta da existência do sintoma, da satisfação que o sujeito encontra em seus sintomas, do que Freud abordou como masoquismo moral” (Miller, 1981b, p. 154).

Vimos, na primeira parte deste capítulo, como que por meio das considerações freudianas da segunda tópica pulsional (Freud, 1923), o sujeito neurótico se constitui a partir do processo de identificação, cujo efeito lhe coloca refém das exigências do isso e, conseqüentemente, dos poderes agressivos do supereu. A constituição do sujeito neurótico tendo em voga o processo de desfunção pulsional, ocasionada pelo processo de regressão oriunda da identificação, não deixa saída ao sujeito a não ser sua submissão às pulsões de destruição e de agressividade relativas ao supereu. Do mesmo modo, em referência à obra de Freud, postulamos que as exigências do supereu se encontram relacionadas a um sentimento inconsciente de culpa, advindo do complexo de Édipo, ligado a representantes diversos da figura de autoridade, por meio do qual o supereu encontra espaço para exercer sua influência imperativa de gozo sobre o eu (ibidem).

Seguindo a pesquisa de Freud, em 1924, o autor analisa mais um aspecto correlato ao supereu em relação ao sentimento inconsciente de culpa, inserindo nesse contexto a visualização na fala dos pacientes neuróticos o relato de uma necessidade de punição. De acordo com esse novo aspecto, Freud, em 1924, forja a noção clínica de masoquismo moral, como consequência de atentar uma maior facilidade do sujeito neurótico em falar sobre uma necessidade de punição do que assumir um sentimento inconsciente de culpa. Visto isto, Freud se assegura da relação existente entre a ação do supereu, do sentimento de culpa e da necessidade de punição, como motes teóricos e clínicos cruciais para a emergência do sentimento de angústia no sujeito neurótico: “aqui talvez nós possamos alegrar por termos assinalado que, no fundo, o sentimento de culpa, nada mais é que uma variedade topográfica da angústia, em suas fases posteriores coincida completamente com o medo do supereu” (Freud, 1930, p. 138). Por esse

prisma, Lacan adota o conceito freudiano de masoquismo moral, correlato ao supereu, e forja sua teoria do gozo, tendo por base o aspecto inerente à constituição da neurose: a presença da necessidade de punição.

Sendo assim, mediante o que foi desenvolvido neste capítulo sobre o conceito de supereu e a teoria do gozo, Miller localiza que no ensino de Lacan o gozo é o único real da prática psicanalítica, por onde se pode entender a relação entre sintoma e gozo, bem como de sua satisfação pulsional (1981b, p. 155), mesmo que esta conduza o sujeito para o pior. Seguindo essa lógica, Miller, de acordo com as postulações lacanianas, localiza o supereu na conjunção do simbólico e do real, referindo a este: “uma lei que se articula ao gozo, inclusive fazendo dele um imperativo: goza!” (ibidem, p. 155).

Temos, então, uma estreita relação entre sintoma e supereu em psicanálise que começa em Freud: “talvez toda neurose oculte uma quota de sentimento inconsciente de culpa (supereu), o qual por sua vez, fortifica os sintomas, fazendo uso deles como punição” (Freud, 1930, p. 141), e se conclui com Lacan a partir da construção de sua teoria do gozo e da concepção do supereu como imperativo de gozo (Lacan, 1972-73).

No mais, desenvolvemos, ainda neste capítulo, a importância do processo de castração para a efetuação da estrutura neurose, a partir do primeiro ensino e último ensino de Lacan, como forma de elucidar os recursos teóricos que contemplam o papel do significante para a regulação do gozo. Vimos a castração com o papel de delimitar ao significante a função de fazer barreira ao gozo, ou, em outros termos, a função do significante em separar o gozo do corpo. Tal função foi circunscrita, no ensino de Lacan, a partir do processo de castração (Lacan, 1960), cujo papel propicia a passagem do estatuto do falo imaginário para o falo simbólico, que por sua vez permite o tratamento do gozo pela função fálica. Em outras palavras, desenvolvemos que a castração é concebida por uma captura do gozo por parte do significante, a partir do qual essa limitação de gozo determina o tratamento do gozo puro (Lacan, 1968-69). Quer dizer, o falo, no processo de castração, tempera o gozo fornecendo uma regulação ao gozo, que antes era por excelência da ordem do real.

Dando prosseguimento ao objetivo de melhor delinear o supereu em seu aspecto de imperativo de gozo, Miller (1981b) ressalta a necessidade de Lacan, a partir dos anos 70, em retificar o conceito de pai que se formula pelo Édipo, em consequência do que foi construído acerca do pai de Totem e Tabu. A distinção entre o pai do Édipo e o pai de Totem e Tabu aponta para Lacan a exigência em corrigir a relação de ambos no que

tange ao complexo de Édipo e à castração. Quer dizer, se por um lado o pai do Édipo tem a função de saber e, do mesmo modo, de proibir, por outro lado o pai de Totem e Tabu é um pai que apenas goza (Miller, 1981b, p. 156). Por esta distinção, Miller delimita uma equivalência do supereu em relação ao pai de Totem e Tabu em contraponto à função da castração, em seu papel de regulação de gozo, correlato ao pai do Édipo: “isso merece que corrijimos o que há de unilateral do Édipo (...) Freud situa o supereu no declínio do complexo de Édipo, porque o supereu é um chamado ao gozo puro, quer dizer, um chamado a não castração” (ibidem), a saber, em termos lacanianos, um chamado ao imperativo de gozo, puro.

Portanto, este capítulo delimita, a partir das contribuições de Freud e de Lacan, que o gozo real persiste na estrutura da neurose, mesmo que haja a ocorrência da ação do significante. O sintoma é constituído por uma parte que recebe regulação do significante, intitulada como gozo fálico (o que passa pela castração), contudo, por outra parte regida exclusivamente pelo objeto *a*, por onde o supereu encontra espaço para atuar na sua função de imperativo de gozo (Lacan, 1974, p. 30).

No entanto, esta tese defende a hipótese de uma gradação na abordagem do real no campo da neurose. É importante ressaltar que diferentes níveis de operatividade do Nome-do-Pai incidem em diferentes modos de amarração sintomática na estrutura da neurose. Dito de outra maneira, os diferentes níveis de atuação do significante, em fazer barreira ao gozo, implicam diferentes modos de incidência do gozo real, ou em outros termos, do supereu sobre o sujeito.

Sendo assim, no que tange à pesquisa da clínica do recurso à substância na neurose, esta tese vai defender a hipótese de que uma baixa operatividade do Nome-do-Pai, correlata a um déficit da ação do significante no processo de castração, vai deixar o sujeito submetido aos poderes do supereu, cujo efeito sobre o imaginário corporal será sentido como angústia. Neste sentido, sendo a psicanálise orientada pela clínica do sujeito, e não do objeto, vai conceber a função psíquica do uso de substância, na neurose, como um recurso encontrado pelo sujeito na tentativa de fornecer tratamento para o gozo real, em consequência de um déficit em sua vivência de castração.

Para finalizar, cabe ressaltar que toda fundamentação teórica apresentada neste capítulo no que concerne ao conceito de supereu e da teoria do gozo, passando por Freud e Lacan, será de extrema relevância para a construção dos próximos capítulos que abordarão a temática da clínica do recurso à substância e a questão do diagnóstico

diferencial na mesma. Do mesmo modo e articulado a esta temática, o desenvolvimento sobre a importância do processo da castração para a efetuação da estrutura da neurose, assim como o papel do significante e do desejo para a separação do gozo do corpo, atuando na regulação do gozo real, também funcionarão como ferramentas essenciais para o aprofundamento sobre a proposição teórica principal de Lacan acerca da clínica do recurso à substância na neurose.

Sendo assim, a partir de agora, a tese passa a ter importantes ferramentas para alcançar a meta de buscar responder o que Lacan quis dizer, em 1975, quando situa o uso de droga para o neurótico como uma saída psíquica bem sucedida para alcançar a ruptura com o gozo fálico, delimitada, teoricamente, pela proposição que defende o recurso à droga como o “que permite romper o casamento com o pequeno pipi” (Lacan, 1975).

## **CAPÍTULO II: O MODO DE GOZAR CONTEMPORÂNEO E A CLÍNICA DA GRADAÇÃO DIAGNÓSTICA NAS NEUROSES:**

### **Introdução:**

Termos como recuo do saber inconsciente, apagamento do sujeito dividido, queda dos ideais e falência da função paterna são corriqueiramente utilizados para mencionar a clínica na atualidade. Este capítulo se lança, então, na meta, a partir das contribuições teóricas de Freud, Lacan e de autores contemporâneos, de ilustrar os motivos pelos quais esses termos foram adquirindo destaque, bem como de contemplar as especificidades da apresentação do modo de gozo nos dias atuais.

O norte principal para o desenvolvimento deste capítulo parte, sobretudo, da avaliação teórica sobre as mudanças sociais que ocorreram da época de Freud para a nossa. Na época vitoriana de Freud, os referenciais simbólicos tinham sucesso em atuar na regulação do gozo. Por meio da família e da sociedade, o sujeito conseguia se apropriar de significantes mestres (S1), identificações simbólicas a partir dos quais se apoiava para a construção de sua subjetividade. A efetuação da estrutura psíquica da neurose era marcada pela formação de um ideal do eu que operava na regulação das pulsões junto a um supereu, em seu papel, por excelência, de proibição de gozo. Resumidamente, este era o cenário psíquico representante do modo de gozo nos tempos de Freud.

No entanto, conforme a ciência foi ganhando espaço na atualidade, sérias mudanças acerca do estatuto da relação do sujeito com o Outro passam a acontecer. Os semblantes produzidos pela própria psicanálise – o pai, o Édipo, o recalque, a castração e o sintoma etc. – põem-se a titubear. O que antes era regido sob o predomínio do sujeito do inconsciente e do Nome-do-Pai na regulação do gozo, hoje com a vigência do discurso capitalista e da lógica do mercado, o que passa a operar é uma avalanche de oferta de produtos *latusas* que se apresentam na contramão do campo da falta e do desejo, antigamente prevalentes para a constituição do sujeito.

Em consequência disto, vigora-se para a atualidade o cenário social nomeado por Miller (1996-1998) como a era do ‘Outro que não existe’, marcada pela debilidade do ideal paterno em atuar na regulação do gozo e na castração, o que culmina para os dias atuais o surgimento de uma nova forma de neurose, cuja característica principal se situa

pela apresentação de uma efetuação da estrutura psíquica mal acabada (Guimarães, 2012). A falha da efetuação da estrutura da neurose, nos tempos atuais, surge como efeito da ‘inexistência do Outro’, implicando à constituição da neurose uma dificuldade em alcançar a operação lógica da separação, permanecendo, assim, em uma posição mais alienante em relação ao Outro.

À luz destas considerações, este capítulo se atenta à importância de ressaltar para a clínica contemporânea a necessidade em psicanálise de contemplar diferentes formas de conceber a neurose. Para tal, a tese vai se apoiar, sobretudo, nas contribuições que a clínica continuísta do último ensino de Lacan oferece com as diferentes formas de ler a estrutura da neurose, mediante as várias formas de amarração sintomáticas, condizentes com o nível de operatividade do Nome-do-Pai na regulação do gozo do sujeito.

Seguindo esta linha de raciocínio, desenvolveremos sobre os efeitos da ‘inexistência do Outro’ nos tempos de hoje para a efetuação da estrutura da neurose, que, em virtude de sua baixa capacidade em regular as pulsões, acaba por acarretar a apresentação de uma resposta psíquica ao real que não necessariamente obedece ao caminho da produção do sintoma de formação de compromisso, junto aos recursos do desejo e da fantasia inconsciente (outrora mais presentes). Dito de outro modo, sob o regime do ‘Outro que não existe’, a clínica atual traz como marca o predomínio de um tipo de neurose, cujo sofrimento subjetivo possui como manifestação principal o fenômeno da angústia; resultado direto de uma baixa regulação do gozo pelo significante, tal como contemplamos no primeiro capítulo.

Deste modo, o advento da época do ‘Outro que não existe’ suscita a necessidade de contemplar, clinicamente, diferentes formas de apresentação da neurose no que concerne seu modo de gozo e sua relação com o Outro. Para tal, a tese pretende desenvolver esta temática defendendo a hipótese teórica que se refere à possibilidade de averiguar uma gradação diagnóstica dentro do campo da neurose. Esta gradação, à luz desta tese, será fundamentada tendo como critério de avaliação clínica a investigação, dentro de cada caso clínico, da localização da etapa lógica da efetuação da estrutura em que o sujeito se encontra – o que permitirá elucidar, teoricamente, diferentes formas de abordar o real em função dos diferentes níveis de operatividade do Nome-do-Pai para a amarração sintomática da estrutura, que por sua vez podem se instalar de formas diversas no campo diagnóstico da neurose.

No primeiro capítulo, a tese trabalhou com o exemplo clínico do caso do pequeno Hans por este ilustrar, de forma bem apropriada, a hipótese da gradação diagnóstica

dentro do campo da neurose. O estudo clínico do caso Hans, em Freud e Lacan, avalia que o menino consegue sair do tempo da angústia, correlato à emergência de seu pênis real (momento do advento da satisfação masturbatória), na medida em que vive a castração simbólica. O menino, num primeiro instante, sente a angústia, em função da incidência do gozo real, em seu aspecto traumático sobre o seu corpo. O tratamento ao gozo real ocorre a partir da ação do significante com o processo de castração, que além de fornecer uma significação fálica que permite responder, simbolicamente, sobre o enigma de seu gozo fálico, propicia, em paralelo, ao sujeito a passagem do falo imaginário para o falo simbólico. A castração simbólica opera por meio da adoção de um significante associado ao pai: o cavalo. A partir do significante cavalo, Hans tem sucesso em produzir um sintoma fóbico, e, junto às fantasias inconscientes da girafa e do bombeiro, contadas para Freud, o menino consegue viver a castração, adentrar no campo do inconsciente e, conseqüentemente, fornecer tratamento a sua angústia.

Este caso clínico se faz especial, pois se pensado sob o prisma da gradação, encontramos dentro do caso a presença de dois tempos lógicos da efetuação da estrutura. A saber, o primeiro relativo à angústia, situado na vertente do imaginário e o segundo concernente ao sintoma de formação de compromisso, medo de cavalo, por onde o simbólico intervém para a regulação do gozo. Logo, mediante essa ótica, o caso Hans é um material teórico bastante utilizado no estudo da clínica contemporânea, sobretudo, para a clínica do recurso à substância, uma vez que assinala o aspecto clínico que contempla a possibilidade de visualizar o sucesso ou não do significante na regulação do gozo, pelo aspecto simbólico, e, do mesmo modo, para a efetuação da estrutura da neurose.

Ou seja, se Hans não tivesse encontrado um recurso próprio, uma saída psíquica, dentro do seu Édipo, para viver a castração, ele se manteria na primeira etapa lógica, imaginária, em que sente a angústia, cujo resultado para a sua constituição seria uma efetuação da estrutura inacabada. Caso isso acontecesse, esta tese poderia fazer a leitura de que Hans estaria aí refém dos efeitos da ‘inexistência do Outro’, tal como predomina nos dias atuais. Sob esse prisma, Hans se apresenta como um bom recurso teórico por permitir elucidar, de forma bem consistente, índices clínicos que descrevem os possíveis impasses nos quais um sujeito pode esbarrar para a efetuação de sua estrutura, em consequência de uma falha da ação do significante no processo de castração.

Abordaremos o estudo sobre a clínica da gradação diagnóstica na neurose partindo da hipótese de poder imaginar uma escala (de 0 a 100) relativa a ‘uma menor a

maior existência do Outro' atuante para a regulação do gozo. Esta proposta nos permitirá discorrer sobre o surgimento, na prática psicanalítica, de diferentes tipos de neurose no tocante a sua abordagem e resposta psíquica particular ao real.

Vale lembrar que, no primeiro capítulo, fundamentamos, de forma minuciosa, a disciplina, em psicanálise, acerca da clínica do real. Baseado na obra de Freud, circunscrevemos a construção do conceito de supereu determinado por seu papel sádico e cruel contra o próprio sujeito. Logo após em Lacan, o supereu representado por sua função imperativa de gozo, instituído sob a égide do gozo real, sem tratamento da função fálica. Concluímos ao fim deste capítulo que o supereu, independente da atuação do significante na regulação do gozo, sempre encontra uma brecha por onde insiste em provocar o sofrimento ao sujeito. No entanto, identificamos, a partir de Freud e Lacan, que a única maneira para o sujeito neurótico atenuar a força do supereu somente se faz a partir da atuação do significante/simbólico pela via da função do ideal do eu paterno, bem como dos recursos do desejo e da fantasia na estrutura da neurose.

Neste sentido, seguindo a lógica da gradação, a tese acredita que quanto maior for o sucesso do ideal do eu em regular o gozo mais protegido o sujeito estará dos efeitos mortíferos do supereu que ordena apenas o 'goze!'. Em outras palavras, quanto maior for a existência do Outro em seu papel de regulação do gozo real mais aberto o sujeito estará em alcançar o sucesso em sua efetuação da estrutura, de modo a se relacionar com o Outro pela via do inconsciente e da falta. Logo, com o intuito de trabalhar a temática da gradação diagnóstica nas neuroses no que concerne à escala da menor à maior existência do Outro, este capítulo tem como objetivo circunscrever as particularidades sobre o modo de gozar no contemporâneo, advindas das mudanças sociais ocorridas desde a época freudiana até a nossa – que culmina, sobretudo, numa nova forma de relação do sujeito com o Outro, em que se passa a vigorar mais o predomínio do imaginário em contraponto à ação do simbólico.

A fim de aprofundar esses aspectos teóricos e clínicos, tomaremos como base as seguintes referências teóricas: “Os complexos familiares” (Lacan, 1938), “Radiofonia” (Lacan, 1970), *Seminário, livro 20: mais ainda* (Lacan, 1972-73), “Televisão” (Lacan, 1973), “A Terceira” (1974), “Uma Fantasia” (Miller, 2004), “El Otro que no existe y sus comités de ética” (Miller, 1996-1997), “La experiencia de lo real en la cura psicanalítica” (Miller, 1998-1999), “A sociedade do sintoma” (Laurent, 2007), “Um modo de fazer consistir o pai” (Guimarães, 2006b), “Logos 7” (Guimarães, 2012), “Método científico, normatividade social, sintoma psicanalítico” (Martello, 2014) e

outros. Assim, a partir dessas referências, no decorrer do capítulo, temos como meta desenvolver de forma aprofundada os aspectos clínicos particulares concernentes ao modo de gozar contemporâneo.

Nossa fundamentação teórica começará com o texto lacaniano intitulado “Radiofonia” (1970). Neste texto, Lacan delimita o funcionamento do modo de gozo contemporâneo como efeito da ascensão do objeto *a* ao zênite da civilização, bem como destaca a introdução de um novo funcionamento pulsional que vai na contramão do que propôs na instância da letra no inconsciente, regido pela “queda do significante, recaindo no signo” (ibidem, p. 411). O autor profere que, no contemporâneo, o sujeito não tem mais no que acreditar: “já não se sabe a que santo recorrer” (ibidem). Como consequência, a descrença no Outro e a falta de parede simbólica para o sujeito se apoiar culminam a queda do funcionamento do significante recaindo no signo. Tal fato instaura uma séria mudança para o modo de efetuação da estrutura da neurose; ou seja, ao invés de um significante representar um sujeito para outro significante (mantendo sua posição de falta a ser, de sujeito dividido), o modo de gozo, agora, orientado pelo funcionamento do signo, passa a permitir ao sujeito conseguir dizer “isto é alguém” (Lacan, 1970, p. 413). Visto isto, a falta de apropriação do significante, para a estrutura da neurose, suscita, como efeito de linguagem, a emergência da angústia (Lacan, 1970, p. 411). Quer dizer, angústia que advém como resultado direto do discurso contemporâneo que impede ao sujeito a produção de um modo de gozo que opere pela via do inconsciente.

Seguindo esta mesma temática, no texto “Televisão” (1973), Lacan prossegue sua teoria sobre o modo de gozo no contemporâneo concebendo sua precariedade ao localizá-lo sob a lógica do mais-de-gozar (1973, p. 533). Mediante esta constatação, delinea o supereu estrutural, forjado primeiramente por Freud, não mais como efeito da civilização, mas sim, agora, conceituado como um “mal-estar (sintoma) na civilização” (ibidem, p. 528) – realçando aí o poder superegóico sádico e cruel delimitado pela forte incidência do real de gozo sobre a civilização moderna.

Além disso, respeitando o que Freud advertira em “O ego e o id” (1923) quando localiza o eu como a sede da angústia, Lacan, do mesmo modo, em seu texto “A terceira” (1974) se pergunta “do que temos medo?” (1974, p. 29), e, logo em seguida responde “de nosso corpo” (ibidem). É do corpo que o sujeito deve temer, pois é nele que se sente a angústia (ibidem) – corpo como sede da angústia (Freud, 1923) e, em outros termos, local da incidência do gozo real (Lacan, 1974) – tal como a tese vem

circunscrevendo desde o primeiro capítulo. Sob esse prisma, fundamentaremos, no decorrer deste capítulo, o imaginário corporal como local *príncipes* da incidência do gozo real na atualidade, em decorrência da inexistência do Outro para a regulação pulsional.

Acrescentando a nossa fundamentação teórica sobre o modo de gozar no contemporâneo e baseado nas proposições lacanianas acima apresentadas, autores psicanalíticos como Miller (1996-1997, 2010), Laurent (2007), Guimarães (2012), Godoy e Shetjman (2009), Martello (2014) e outros produziram textos onde buscaram se aprofundar sobre esta temática, cujos materiais firmam-se importantes para a pesquisa que esta tese propõe. Realçam os problemas que a inexistência do Outro acarreta para a constituição da neurose nos tempos atuais, dando destaque ao surgimento de uma nova forma de sofrimento subjetivo, cuja manifestação psíquica caminha agora mais próxima ao regime do imaginário junto à emergência da angústia. De forma resumida, os autores desenvolvem as seguintes questões:

Miller em seu texto “Uma fantasia” (2004) e Laurent em seu texto “A sociedade do sintoma” (2007), em consonância à proposição lacianiana que demarca o gozo contemporâneo sob a égide da ascensão do objeto *a* ao zênite da civilização, vai descrever o contexto do mal-estar atual correlato à vigência da caça do mais-de-gozar em paralelo às mudanças ocorridas do tempo de Freud para a atualidade, ressaltando os efeitos da inexistência do Outro para a subjetividade contemporânea.

Do mesmo modo, seguindo as postulações lacanianas, Miller em seu Seminário “O Outro que não existe e seus comitês de ética” (1996-1997) vai destacar a vigência na atualidade de sujeitos desbussolados, desorientados e desenganados, bem como vai sustentar que o mal-estar da civilização é determinado por uma crise do real, cuja problemática se esboça sob o fundo da angústia (1996, p. 12). Para tal, vai formular o axioma ( $I < a$ ) que representa a queda do ideal paterno e o predomínio do objeto sobre o sujeito.

Acerca da proposição lacianiana que assinala para o modo de gozo contemporâneo a queda do significante e em contraponto ao domínio do signo para o funcionamento pulsional na neurose, Laurent (2007), Miller (1998-1999) e Martello (2014) terão o cuidado de apresentar as diferenças: 1. Quando o sintoma é regido pelo significante, recebendo tratamento do inconsciente, e 2. Quando o sintoma caminha ao lado do signo, orientado pelo campo do real e da angústia, cujo funcionamento se descreve por um gozo sem barra e sem limite.

Laurent (2007) fará essa distinção a partir dos termos ‘alloverdose’ e overdose: ‘alloverdose’ quando há participação do Outro no sintoma, por meio do desejo e da fantasia; e overdose quando em virtude da inexistência do Outro, o sujeito busca restaurar o Outro dentro de si, pela via do gozo real, buscando torná-lo todo. Já Miller trabalhará essa distinção (1998-1999) por meio da apresentação dos conceitos de sintoma e de caráter: o sintoma implicando o Outro, a fantasia e o desejo, em contraponto ao caráter, cujo sucesso da defesa instaura um modo de gozo que rechaça o inconsciente e que caminha ao lado do real. Por fim, Martello (2014), que adotará o grafo do desejo lacaniano, localizando a ação do signo no primeiro piso do grafo, orientado pelo registro do imaginário e do eu ideal; e a função do significante no segundo piso do grafo, onde se encontra a consolidação da fórmula da fantasia, bem como a formulação do desejo do sujeito em relação ao desejo do Outro. Juntos todos esses autores abordarão diferentes maneiras de entender os determinantes psíquicos acerca dos impasses para a efetuação da estrutura na neurose predominantes na atualidade.

Deste modo, de acordo com a hipótese da gradação diagnóstica nas neuroses, veremos que o estatuto do Outro pode surgir de diferentes formas: 1. Seja pela égide da existência do Outro, permitindo o sujeito viver a castração e adentrar no campo da falta e do desejo em relação com o Outro; 2. Seja orientado pelos efeitos da inexistência do Outro, que ao fornecer ao sujeito uma carência de recursos simbólicos, o fará permanecer em num modo de gozo mais imaginário, cuja manifestação principal será a angústia.

Seguindo para o final do capítulo, vamos nos aprofundar sobre o conceito de caráter, forjado primeiramente por Freud (1913) e retomado por Miller (1998-1999) e Godoy e Shejtman (2009). Apresentaremos a informação de que além do conceito de caráter servir, teoricamente, para elucidar, em psicanálise, maneiras de conceber os impasses para a efetuação da estrutura, introduz também índices que explicam, para a atualidade, a razão de a efetuação da estrutura se apresentar mal acabada e sob o predomínio do imaginário – o que por sua vez acarreta dificuldades para o sujeito em se relacionar com o Outro pela via do inconsciente.

Freud (1913) descreve uma forma de neurose, a partir da produção do conceito de caráter, cuja característica principal é a ausência do sucesso do recalque e do retorno do recalçado. Concebe a formação do caráter como resultado da regressão pulsional à fase anal-sádica do desenvolvimento libidinal, bem como pela ausência da ação de uma

divisão subjetiva em seu modo de gozo que pudesse corresponder a uma luta entre as instâncias do consciente e do inconsciente. No mesmo texto, profere que a formação do caráter se revela próxima à neurose obsessiva, todavia, assinala a diferença entre ambos ao afirmar que na neurose obsessiva se averiguam forças pulsionais que impedem que a regressão total ocorra, assim como a presença de sintomas de formações de compromisso relativos ao retorno do recalado.

Godoy e Shetjman (2009) seguindo os postulados freudianos, vão trabalhar o conceito de caráter, situando-o no primeiro tempo lógico da formação da neurose obsessiva, marcado pelo êxito da defesa e o rechaço do inconsciente; em contraponto ao segundo tempo da formação da neurose obsessiva, em que o retorno do recalado emerge permitindo a produção de sintomas de formação de compromisso. Seguindo esta mesma lógica, Miller (1998-1999) vai conceber a formação do caráter ao lado do campo do real e representado por forma de sofrimento subjetivo que não se encontra aberta à decifração simbólica – o que o faz descrever, deste modo, a formação do caráter como um obstáculo narcisista inicial, no qual o imaginário obscurariza a análise.

Mediante tais informações sobre o conceito de caráter articulado aos efeitos do sucesso da defesa na constituição da neurose, acrescentaremos ao fim do capítulo os achados teóricos e clínicos de Guimarães (2012) que nos permitirão aprofundar a temática da gradação diagnóstica nas neuroses, bem como melhor trabalhar, no próximo capítulo, as peculiaridades da clínica do recurso à substância e a questão do diagnóstico diferencial, entre neurose e psicose, para esta clínica.

Guimarães (2012), ao desenvolver as características prevalentes na clínica psicanalítica da atualidade, profere que a forma de sofrimento subjetivo, que cada vez mais surge em cena buscando tratamento, encontra-se submetida ao regime de fortes defesas obsessivas. Sobre isto, ao longo de seu texto, fundamenta sua posição teórica, defendendo o sucesso das defesas obsessivas através da única condição de estarem atreladas, estruturalmente, a uma fobia central de base. Sustenta sua tese dando destaque à prevalência de uma imaginarização correlata ao modo de gozo contemplado nos dias de hoje. Do mesmo modo, designa o declínio da função paterna, advertido por Lacan desde 1938, como o determinante psíquico, na atualidade, para o surgimento de neuroses mal formadas e mal estruturadas, assim como de posições fantasmáticas mal estabelecidas enrijecidas na primeira etapa lógica da alienação.

Segundo a autora (2012), as neuroses mal estruturadas decorrem, na maioria das vezes, de uma dificuldade do sujeito em alcançar o processo de separação, onde se

instala a relação do sujeito com o Outro a partir da falta e do desejo. Neste sentido, em consonância aos postulados de Freud (1913), Miller (1998-1999), Godoy e Shetjman (2009) sobre o conceito de caráter, Guimarães circunscreve, teoricamente, os casos de estruturas mal acabadas em relação tanto ao predomínio do imaginário quanto ao êxito da defesa obsessiva para o modo de gozo.

Dito de outra forma, Guimarães vai acentuar que, em virtude da baixa operatividade do Nome-do-Pai em regular o gozo e propiciar a castração simbólica, o sujeito se fixa no primeiro tempo lógico da alienação devido à carência de recursos simbólicos para fazer borda ao buraco do Outro. A consequência deste quadro clínico será a impossibilidade de o sujeito lidar com a falta do Outro, fazendo, deste modo, o sujeito recorrer às defesas obsessivas como alternativa para se manter distante de sua divisão subjetiva. Neste sentido, as postulações de Guimarães a respeito do quadro clínico marcado pelo sucesso das defesas obsessivas nos servem tanto para a pesquisa dos impasses para a constituição da estrutura, quanto para assinalar as razões estruturais de a forma de sofrimento subjetivo na atualidade se destacar pelo registro imaginário.

No entanto, a autora (2012) também nos atenta que há um leque de formas de diagnosticar o sujeito dentro do campo da neurose obsessiva. Isto ocorre por ser possível verificar vastas possibilidades do neurótico obsessivo se haver com o real. Quer dizer, a partir de casos clínicos em que se visualizam um forte rechaço do inconsciente com uma grande distância da posição de sujeito dividido até por meio de casos clínicos em que se pode identificar diferentes níveis e formas de aproximação da divisão subjetiva (\$).

Tal constatação teórica e clínica nos dará um maior embasamento para, no próximo capítulo, fundamentar para a clínica do recurso à substância as diferentes funções psíquicas do consumo da substância dentro de cada caso clínico de neurose. Do mesmo modo, permitirá-nos apresentar a informação de que, em relação à clínica do recurso à substância em psicanálise, dependendo de cada caso, o sujeito poderá prescindir do Outro, ou até mesmo, incluí-lo em sua dinâmica de satisfação pulsional. Defenderemos que isto dependerá do grau de recuo ou de aproximação à sua posição de sujeito dividido, assim como do modo de sua efetuação da estrutura na neurose, menos ou mais acabado.

## **Parte I: O modo de gozo contemporâneo e os efeitos da inexistência do Outro.**

### **1. Gozo contemporâneo: regido pelo signo ou pelo significante?**

Este item dará início à tentativa de discorrer sobre os aspectos inerentes ao mal-estar na civilização nos tempos atuais relativos aos efeitos da inexistência do Outro, cuja marca obedece ao regime do mais-de-gozar. Inicialmente, a pergunta principal que nos move na direção de tentar entender os aspectos clínicos acerca do modo de gozo no contemporâneo é: o que mudou em relação ao mal-estar da época de Freud para o mal-estar na atualidade?

Na época freudiana, em contraponto aos tempos atuais, havia a vigência de um ‘Outro que existia’. Qual é a importância da existência do Outro para a efetuação da estrutura da neurose? Tal como predominava na época de Freud, ‘a existência do Outro’ abria a possibilidade de delinear a presença de alguns aspectos clínicos na constituição da neurose. Sua existência sustentava para o sujeito tanto a apropriação de significantes mestres (S1) que funcionam para a regulação do gozo, bem como junto aos motes teóricos principais da psicanálise – Nome-do-Pai, inconsciente, recalque e sintoma – oferecer tratamento à angústia, em função da atuação do significante no processo de castração.

Visto isto, a verificação na atualidade da inexistência do Outro incide no sujeito a problemática de precisar se haver com uma ausência de amparo subjetivo. Na falta de âncora simbólica, o sujeito se encontra por vezes à deriva; encontra-se desbussolado (Miller, 1996, p. 11). A precariedade da função do estatuto do Outro nos tempos atuais implica ao funcionamento pulsional do sujeito neurótico uma debilidade em dar tratamento ao gozo real, e, por consequência disto, o que passa a vigorar no cenário clínico é o estabelecimento de um predomínio da angústia para o modo de gozo no contemporâneo (ibidem, p. 12).

Em consonância à lógica referente a essas duas saídas neuróticas de se haver com o real – uma relativa mais próxima às leis do inconsciente e outra submissa à angústia/gozo real – Miller, em seu Seminário “El Otro que no existe y sus comités de ética” (1996-1997), do mesmo modo, localiza duas maneiras de situar o gozo, a primeira concernente ao que Freud postulou sob a égide do agente da castração e a

segunda, de forma contrária, descrita por uma “investidura do resto, do tampão da castração” (1996, p. 78).

A delimitação que Miller propõe a respeito dessas duas formas de situar o gozo – uma pelo sucesso da castração e outra pela falha na castração – adequa-se ao que esta tese vem assinalando no tocante à importância do papel do significante (ou em outros termos da existência do Outro) para a regulação do gozo através do processo da castração, bem como do êxito da efetuação da estrutura da neurose, através do qual o sujeito consegue recorrer ao desejo e a fantasia como forma de fazer barreira ao real do gozo.

Chegamos ao momento de começarmos a trabalhar de forma aprofundada as referências teóricas em psicanálise que dissertam sobre os aspectos particulares do modo de gozo contemporâneo. Para isto, antes de mais nada, faz-se importante acentuar que os autores psicanalíticos como Miller, Laurent, Martello e outros tiveram como ponto de partida para a produção de seus textos sobre o mal-estar contemporâneo e seu modo particular de gozo, sobretudo, três referências lacanianas – tratam-se dos textos: “Radiofonia” (Lacan, 1970), “Televisão” (Lacan, 1973) e “A terceira” (Lacan, 1974).

Mediante este fato, este item não poderia dar início a sua fundamentação teórica trabalhando senão, em primeiro lugar, essas três referências localizadas no último ensino de Lacan. Dentro dessas referências, encontraremos acerca do modo de gozo contemporâneo, em especial, as formulações lacanianas que contemplam os seguintes aspectos teóricos e clínicos:

1. A questão do predomínio do signo em contraponto a queda do significante para o funcionamento pulsional (1970, p. 411);
2. A ascensão do objeto *a* ao zênite da civilização (ibidem);
3. A apreensão da vigência de um modo particular de gozo regido pelo mais-de-gozar (1970, p. 413; 1973, p. 533);
4. A verificação da inexistência do Outro para a regulação do gozo (1970, p. 413);
5. O imaginário corporal como lugar da incidência do mal-estar contemporâneo sentido como angústia (1974, p. 29).

Entretanto, esta tese faz a proposta de antes de adentrarmos ao trabalho sobre essas três referências lacanianas, que dissertam sobre o modo de gozo atual e que

contemplam o predomínio do signo e a queda do significante no contemporâneo, dentre os outros aspectos acima pontuados, de retomarmos de forma breve o que esta tese vem construindo desde o primeiro capítulo acerca da importância do papel do significante para a regulação do gozo na estrutura da neurose.

A proposta é retomarmos abaixo de forma resumida alguns pontos importantes, trabalhados no último capítulo, do primeiro e do segundo ensino de Lacan, e acrescentarmos novos, sobre o papel do significante para a constituição da neurose para, em seguida, no próximo item, dar início à descrição, de forma mais profunda, sobre a divergência entre a função do signo e o papel do significante no contemporâneo (Lacan, 1970), bem como pontuar seus diferentes efeitos para a efetuação da estrutura da neurose.

### **1.1. Um breve resumo sobre o papel do significante na neurose:**

Neste item, a meta da tese é apresentar alguns fragmentos teóricos, encontrados ao longo do ensino de Lacan, que abordam o papel do significante para a efetuação da estrutura da neurose. No tocante ao primeiro ensino de Lacan, vamos adotar, sobretudo, as seguintes ferramentas de estudo: a teoria lacaniana dos três tempos do Édipo e a adoção dos conceitos da alienação e da separação, operadores lógicos da constituição da neurose. Para tal, trabalharemos com as seguintes referências lacanianas: *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-58), o *Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63) e o *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais* (1964), “Subversão do sujeito e a dialética do inconsciente freudiano (1960a), “A posição do inconsciente” (1960b) e o *Seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-69).

No *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-58), Lacan defende o papel do significante Nome-do-Pai a partir da formulação teórica da operação da Metáfora Paterna. A Metáfora Paterna consiste na operação significante – a substituição do significante Desejo da Mãe pelo significante Nome-do-Pai – que permite ao sujeito fazer barreira e se proteger do gozo real advindo do Desejo da Mãe. Isto se dá em função da produção de uma significação fálica, resultado da Metáfora Paterna, que ao oferecer ferramentas simbólicas ao sujeito, possibilita-o a tentar responder sobre o enigma do Desejo da Mãe (Lacan, 1957-58). Com o intuito de descrever a operação da

Metáfora Paterna, Lacan introduz uma nova forma de ler o complexo de Édipo freudiano, organizando-o em três tempos, a partir dos quais dará início, em seu primeiro ensino, à fundamentação teórica das etapas lógicas da efetuação da estrutura da neurose.

Resumidamente, descreveremos, abaixo, as características dos três tempos do Édipo. No primeiro tempo do Édipo, o sujeito se situa em uma tríade imaginária: bebê-mãe-falo. O pai já se encontra presente, todavia, com sua função velada. Neste primeiro momento, em função do não exercício do significante Nome-do-Pai, o sujeito assume o lugar de ‘ser o falo’ da mãe. Tem função de satisfazê-la, acreditando ser seu complemento.

No segundo tempo do Édipo, a entrada de um terceiro elemento (o pai) desmonta essa tríade imaginária, uma vez que mostra ao sujeito que o desejo da mãe encontra-se alhures, ou seja, em outro lugar que não nele, tal como vigorava no primeiro tempo do Édipo. Instaura-se aí a Lei do pai que retira o sujeito do lugar de ‘ser o falo’ da mãe, de modo que o falo agora está localizado no pai. Tal mudança permite ao sujeito viver a castração; a saber, sair do registro do imaginário a partir da ação do simbólico. Quer dizer, no segundo tempo do Édipo, o falo, ao receber tratamento do significante no processo de castração, passa a ser operacionalizado a partir do registro do simbólico.

Por fim, no terceiro tempo do Édipo, o papel do pai consiste em sustentar sua posição de falo para a mãe, introduzida no segundo tempo. O sujeito agora passa agora a se posicionar subjetivamente pelo movimento de ‘ter o falo’. Isto se dá mediante a formulação da significação fálica, resultado da Metáfora Paterna, o que culmina ao pai a possibilidade de ofertar ao sujeito o direito de exercer sua virilidade, agora, com outras mulheres. O sujeito, então, finaliza seu Édipo, com a produção tanto do ideal do eu paterno regulador de gozo, quanto do supereu herdeiro do complexo de Édipo (Lacan, 1957-58).

Já no *Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63), Lacan introduz uma nova maneira de conceber o Outro. Insere-se aqui a concepção do Outro faltoso. O sujeito constitui sua fantasia a partir do que supõe faltar ao Outro. Se todo desejo é desejo do Outro, a formulação da fantasia terá como ponto de partida essa falta: “o Outro concerne a meu desejo na medida do que lhe falta e de que ele não sabe” (Lacan, 1962-63, p. 33). Desenvolve seu argumento fundamentando a estreita correlação entre desejo, fantasia e Outro. Ilustra isto por meio da construção de um esquema em que localiza os

elementos da fórmula da fantasia no lado do campo do Outro, enquanto que ao lado do sujeito, apenas o inconsciente inalcançável (ibidem, p. 33):

A	S	Gozo
<i>a</i>	A	Angústia
\$		Desejo

No *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais* (1964), Lacan dá prosseguimento às suas postulações a respeito da constituição da neurose e da consolidação da fantasia, tendo por base a construção do conceito de objeto *a* apresentado em seu último seminário. Em 1964, Lacan introduz uma nova maneira de circunscrever as etapas lógicas da efetuação da estrutura da neurose, agora, a partir dos operadores lógicos da alienação e da separação. A construção conceitual desses dois operadores delimita que a entrada do inconsciente se dá por dois campos: do sujeito e do Outro.

A operação lógica da alienação é descrita por Lacan pelos termos da reunião e da disjunção, o que determina que o sujeito que só pode vir a advir se for ao campo do Outro; isto é, reunir-se ao campo do Outro, pois é ali que se encontram os significantes que podem lhe constituir. Entretanto, como resultado da reunião, ocorre a disjunção. Quando o sujeito se aliena ao campo do Outro, acontece uma perda de si. Uma falta-a-ser se estabelece, pois nenhum significante pode dizer tudo sobre o sujeito. Tem-se então o *fading* do sujeito, a saber, o surgimento do sujeito dividido, oriundo desta falta real: “a falta real é o que o vivo perde, de sua parte de vivo, ao se reproduzir pela via sexuada” (Lacan, 1964, p. 207). Logo, o advento do sujeito é efeito de linguagem por nascer desta sincronia significante, relativo ao processo constitutivo da alienação (1960b, p. 849).

Já no segundo movimento lógico concebido pela operação da separação, Lacan vai colocar em voga o desejo que será vivenciado pelo sujeito nos intervalos do significante onde se reconhece como sujeito dividido. A operação lógica da separação demarca a consolidação da fantasia em dependência estreita ao desejo do Outro: “esse suborno secundário não apenas conclui o efeito da primeira, projetando a topologia do sujeito no instante da fantasia, mas o sela, recusando o sujeito de desejo que ele se saiba efeito de fala, ou seja, que saiba que ele é por ser outra coisa senão o desejo do Outro” (1960b, p. 850). A dependência ao desejo do Outro decorre do fato de que o processo de

separação advém da lógica simbólica da interseção que faz emergir o recobrimento de duas faltas – a falta do sujeito e a falta do Outro: “essa função modifica-se aqui por uma parte retirada da falta da falta, através do qual o sujeito reencontra no desejo do Outro sua equivalência ao que ele é como sujeito do inconsciente” (1960b, p. 856).

Deste modo, a separação abre a dimensão do desejo. Nos intervalos dos significantes, encontra-se a ação da metonímia e, assim, do desejo. O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro: “ele me diz isso, mas o que ele quer de mim?” (1964, p. 209) – é o que Lacan situa como o ‘enigma do adulto’. Do mesmo modo, o autor assinala que as operações de alienação e de separação são circulares e não recíprocas. A separação representa o retorno da alienação, de modo que o sujeito põe em jogo a sua perda, reconduzindo ao seu começo: “a opacidade do que ele encontra no lugar do desejo do Outro, mas que restitui o sujeito à opacidade do ser que lhe coube por seu advento de sujeito, tal como ele se produziu inicialmente pela intimação do outro” (1960b, p. 856).

Além disto, neste mesmo seminário, Lacan forja o esquema do circuito pulsional, por onde o sujeito alcança a satisfação em relação ao Outro por meio da eleição de um objeto *a* relativo a uma zona erógena: fezes, seio, olhar ou voz. Através da eleição deste objeto *a*, o sujeito se posicionará subjetivamente em relação ao Outro com a formulação de sua fantasia, através da qual tentará responder ao que supõe ser o desejo do Outro.

No último ensino de Lacan, o autor produz novas referências acerca do papel do significante no processo de castração, contemplando, assim, outras formas de compreender as etapas lógicas da operacionalização do falo na neurose. É importante ressaltar aqui que as novas formulações lacanianas do último ensino não prescindem das do primeiro; ao contrário, apenas se dispõem como novas ferramentas teóricas de abordagem para o estudo sobre a efetuação da estrutura da neurose.

Tendo em vista que a clínica contemporânea possui como fenômeno principal a apresentação da angústia como saída psíquica predominante frente ao real no âmbito da neurose, a tese, no primeiro capítulo, discorreu de forma aprofundada sobre o estudo da clínica do real. Para tal, apresentamos um detalhado percurso sobre a construção do conceito de supereu em Freud e em Lacan, a partir do qual foi possível estabelecer uma grande equivalência entre o papel do supereu e a incidência do gozo real na estrutura da neurose. Do mesmo modo, concluímos que independente do supereu em seu aspecto de imperativo de gozo persistir e insistir, a única maneira de o sujeito fazer anteparo ao

gozo real, advindo do poder mortífero do supereu, é através do ideal paterno ou, dito de outro modo, do significante.

No último capítulo, vimos que o significante atua no processo da castração, possibilitando ao sujeito o tratamento simbólico ao real do gozo. Realçamos a formulação lacaniana que reforça o papel tanto do significante, quanto do desejo na função de barrar o gozo real, bem como dissertamos sobre o papel do significante no processo da castração, que ao atuar diretamente no falo, permite ao sujeito fazer a passagem do falo imaginário (-φ) para o falo simbólico (φ). Lembrando também que demarcamos que Lacan profere que, mesmo que essa passagem opere a partir de uma positivação, o falo ainda assim se mantém no registro da falta. Do mesmo modo, pontuamos que a castração ao ser concebida como uma perda de gozo implica ao sujeito uma nova maneira de se operacionalizar com o falo, agora, no campo do simbólico, o que faz culminar a apresentação do sujeito dividido e, portanto, sua relação com o Outro pela via do desejo e da fantasia.

Além disso, trabalhamos os conceitos de gozo fálico, função fálica e significante fálico, pontuando suas conexões e participações para a constituição da neurose. Pontuamos que no início tudo se refere ao gozo fálico. O gozo fálico é do Um; concebido como fora do sistema significante. Mediante esta informação algo importante é postulado por Lacan no decorrer do último ensino, e, do mesmo modo, crucial para o material teórico que esta tese vem construindo. O gozo fálico, sem tratamento do significante, tem como característica um efeito perturbador. Seu caráter perturbador e traumático, que incide sobre o corpo, ocorre, exatamente, por se situar fora do sistema, isto é, no campo do gozo real. Visto isto, acentuamos que o processo de castração atua mediante a captação de um pedaço de gozo real, a saber, um tratamento delimitado de gozo fálico. Esta quota de gozo fálico recebe tratamento pelo simbólico, pela via da castração, passando a servir para o sujeito como função fálica, cuja responsabilidade será de operar no tratamento do gozo real.

Este breve recorte do que trabalhamos no último capítulo se fez importante aqui, pois agora vamos apresentar fragmentos do último ensino de Lacan, em que o autor prossegue em seu estudo sobre os conceitos de saber, gozo e falo, tendo como prisma a relação do sujeito com o Outro, bem como a constituição da neurose.

Seguindo sua pesquisa sobre a efetuação da estrutura da neurose articulada à temática das etapas da operacionalização do falo, Lacan no *Seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-69), forja uma nova forma de leitura para o processo da castração

simbólica a partir do qual nomeia como ‘eclosão da neurose’ (Lacan, 1968-69). Lacan faz isto se perguntando sobre a etiologia da neurose, acentuando que a condição para sua eclosão se remete à necessidade da positivação do gozo autoerótico – aquele encontrado nas primeiras sensações de prazer advindas do ato masturbatório (ibidem, p. 312). Aqui, então, o autor forja uma outra maneira de ler a castração, postulada primeiramente em 1960a, como resultante da passagem do falo imaginário para o falo simbólico:

“De que desvio decorre a eclosão de uma neurose? Da intromissão positiva de um gozo auto-erótico, perfeitamente tipificado nas primeiras sensações mais ou menos ligadas ao onamismo – chamem-no como quiserem – na criança. Nos casos que caem em nossa jurisdição, isto é, naqueles que geram uma neurose, é nesse ponto exato, no momento mesmo em que se produz, a positivação do gozo erótico, que se produz, correlativamente, a positivação do sujeito como dependência ao desejo do Outro” (Lacan, 1968-69, p. 312).

Do mesmo modo, Lacan (1968-69) profere que a eclosão da neurose determina o ponto de entrada pela qual a estrutura do sujeito constitui um drama representado pela experiência subjetiva da junção do objeto  $a$ , aquilo que o sujeito afirma ser sua essência real de falta de gozo, com o campo do Outro, na medida em que é nele que se ordena o saber. É da relação positiva do sujeito com o chamado gozo sexual que surge o desejo de saber. Por este prisma, Lacan sustenta que a etiologia da neurose encontra-se remetida à relação entre saber e gozo, a partir da qual o sujeito formula sua pergunta: “se quisermos entendê-lo, o que o neurótico nos diz com seus sintomas, que constituem o lugar em que coloca seu discurso, é que ele não busca outra coisa senão igualar-se a pergunta por ele formulada” (Lacan, 1968-69, p. 323).

## **1.2. Caso Hans – o papel do significante na positivação do gozo autoerótico:**

Esta nova referência em Lacan nos permite seguir no aprofundamento sobre o caso pequeno Hans que se apresenta para esta tese como um precioso instrumento de estudo para alcançar as peculiaridades que envolvem a clínica do recurso à substância no âmbito da neurose. O caso Hans começou a ser apreciado no primeiro capítulo desta tese, onde contemplamos a importância do papel do significante em sua função de fazer barreira ao gozo pela via da castração, dando enfoque à importância da passagem do falo imaginário ( $-φ$ ) para o falo simbólico ( $φ$ ). Em seguida, falamos de Hans na

introdução deste capítulo já o referenciando em sua utilidade para abordar a clínica da gradação da neurose, correlata ao estudo dos diferentes tempos lógicos da efetuação da estrutura.

Esta tese acredita que quanto mais avançarmos com o estudo sobre a importância do papel do significante para o tratamento do gozo real, da ação da castração simbólica para efetuação da estrutura da neurose, bem como sobre as diferentes formas de operacionalização do falo no âmbito da neurose, estaremos criando um material teórico cada vez mais consistente e fundamentado, de modo a alcançar as especificidades sobre a pesquisa da clínica do recurso à substância e, conseqüentemente, da questão do diagnóstico diferencial, entre neurose e psicose, para esta clínica.

Daremos, agora, então, prosseguimento ao estudo do caso pequeno Hans a partir das contribuições lacanianas de 1968-69, cujas postulações oferecem elementos novos a nossa leitura sobre o caso, iniciada no capítulo anterior.

Resumidamente, no último capítulo, o estudo do caso Hans foi discutido, tendo por base as formulações lacanianas de 1957-58 e de 1960a, cujos achados ressaltaram alguns pontos. Em primeiro lugar, destacamos que o caso Hans nos permite localizar dois momentos lógicos da constituição da neurose no tocante à forma da operacionalização do falo – o primeiro em que vigora a emergência da angústia como resultado do pênis real, que toma vida com a masturbação e o segundo relativo ao tratamento do simbólico (a saber, do significante) por meio da produção do sintoma fóbico e do recurso das fantasias inconscientes da girafa e do bombeiro, a partir dos quais a castração torna-se possível a Hans.

Primeiramente, dissertamos sobre as proposições lacanianas de 1960a em que Lacan acentua a relação entre o papel do significante e o processo de castração. Descreve esta relação ressaltando a importância do papel do significante, que ao atuar diretamente no falo, permite a passagem do falo imaginário ( $-\phi$ ) para o falo simbólico ( $\phi$ ), por meio de uma positivação (mesmo que o significante fálico ainda se mantenha sob o registro da falta), resultando assim no próprio processo da castração.

Logo, sob o prisma das discussões teóricas acerca do caso Hans e, em comparação aos postulados lacanianos mencionados acima, a tese verifica que o tratamento simbólico em Hans é localizado, exatamente, como efeito da *positivação* do falo, inerente ao processo de castração. Somente a positivação do falo permite retirar Hans da primeira etapa do falo imaginário, em que ocorre a emergência da angústia decorrente

da satisfação do ato masturbatório. Isto acontece, na medida em que a positivação do falo permite fornecer tratamento simbólico/significante ao falo, e, deste modo, a possibilidade ao sujeito de passar pela castração. Dito de outra maneira, a *positivação* do falo, por meio da ação do significante, culmina ao sujeito outra maneira de operacionalizar e de se relacionar com o falo, agora, com o recurso do inconsciente e a participação do Outro para a constituição de sua neurose.

Seguindo este raciocínio, em 1968-69, Lacan dá continuidade ao estudo sobre a efetuação da estrutura da neurose, porém, agora, com novos elementos. Profere que a eclosão da neurose somente ocorre por meio da *positivação* do gozo autoerótico (antes atribuída apenas às satisfações masturbatórias), e, do mesmo modo, destacando para a função desta positivação o estabelecimento da formulação do desejo do sujeito em dependência ao desejo do Outro (Lacan, 1968-69, p. 312).

Ao voltarmos ao caso Hans, em consonância a tais proposições lacanianas, podemos equacionar o momento do falo imaginário relativo à satisfação masturbatória de 1960 ao momento anterior à positivação do gozo autoerótico também inerente ao mesmo tipo de satisfação (masturbatória) de 1968-69. Ou seja, duas maneiras de localizar, no decorrer do ensino de Lacan, a descrição do conceito de gozo fálico relativo à primeira etapa da constituição da neurose – aquele que de início possui por excelência um caráter perturbador e traumático por se localizar fora da cadeia significante e fora do simbólico (Lacan, 1972-73).

Do mesmo modo, Lacan formula a segunda etapa da constituição da neurose a partir do que nomeia como ‘eclosão da neurose’, que por sua vez vigora em consequência da *positivação* do gozo autoerótico (1968-69). A tese acredita que aí o autor realça o determinante psíquico para o sucesso da efetuação da estrutura da neurose. Apostamos nesta correlação, pois é exatamente neste ponto em que se consolida a formulação do desejo do sujeito em dependência ao desejo do Outro, culminando assim ao sujeito a possibilidade de possuir recursos subjetivos a fim de colocar-se num lugar fantasístico, de modo a produzir um sintoma de formação de compromisso que busque responder sobre o desejo do Outro.

Sendo assim, retomar e apresentar este breve resumo sobre a importância do papel do significante no ensino de Lacan e, do mesmo modo, avançar no estudo do caso clínico do pequeno Hans neste ponto de nossa pesquisa se fazem importantes, uma vez que nos permitem, agora, iniciar de uma maneira mais abrangente nosso próximo item,

em que explicaremos: os diferentes efeitos psíquico da prevalência da ação do significante ou da ação do signo na constituição da neurose, bem como as peculiaridades do tipo de sofrimento subjetivo em destaque na atualidade, cuja marca principal se revela, sobretudo, a partir do fenômeno da angústia.

Além disso, dar enfoque a este percurso teórico tem seu valor, pois vai de acordo com nosso estudo sobre a clínica do recurso à substância e a temática da gradação diagnóstica das neuroses. A construção teórica que esta tese vem desenvolvendo caminha de modo a defender a hipótese clínica que entende a irrupção de alguns casos de neurose com recurso à substância, em consequência de uma falha do papel do significante em relação à castração simbólica. Dito de outro modo, defenderemos, ao longo da tese, que quando uma neurose empaca na passagem do imaginário para o simbólico, isto ocorre devido ao fato deste sujeito neurótico ter recebido para a efetuação de sua estrutura um tratamento débil do significante, o que por sua vez incide, diretamente, no surgimento de um modo de gozo que tende a se orientar mais para o lado da alienação e do imaginário.

Visto isto, por muitas vezes, o sujeito neurótico que recorre à substância pode prescindir do Outro em função dos impasses que esbarra em sua efetuação da estrutura. Entretanto, veremos no próximo capítulo que essa afirmativa que, corriqueiramente, utiliza-se para a clínica do recurso à substância no âmbito da neurose de que ‘o sujeito que recorre à substância prescinde do Outro’ pode ser compreendida também de outra forma. O que isso quer dizer? A partir do próximo capítulo, abordaremos a questão do ‘prescindir ou não prescindir do Outro’ por meio do critério de pesquisa adotado por esta tese, a partir do qual acreditamos que tudo vai depender da forma de operacionalização do falo identificada em cada caso clínico de neurose. Com o intuito de sustentarmos esta hipótese clínica, estudaremos fragmentos de casos clínicos de neurose com diferentes funções psíquicas do recurso à substância, cujos usos permitirão, dentro de cada caso, visualizar o valor psíquico da substância a serviço tanto para instaurar ‘o prescindir do Outro’, quanto para possibilitar ‘a inclusão do Outro’ na satisfação pulsional do neurótico.

Por fim, após rememorarmos pontos abordados ao longo desta tese acerca da importância do papel do significante na regulação do gozo e na constituição da neurose, passemos agora para o próximo item, em que vamos dar início à fundamentação sobre o modo de gozo contemporâneo descrito por Lacan em “Radiofonia” (1970), sob a égide da emergência do signo em contraponto à função do significante, bem como sobre as

contribuições lacanianas contidas nos textos “Televisão” (1973) e “A terceira” (1974). Através destas referências, desenvolveremos os seguintes aspectos sobre o modo de gozo contemporâneo:

1. Os efeitos da inexistência do Outro para a constituição subjetiva;
2. A emergência do signo em contraponto ao papel do significante;
3. O predomínio do funcionamento pulsional correlato ao mais-de-gozar;
4. O fenômeno da emergência da angústia como resultado do mal-estar contemporâneo.

### **1.3. Quando o significante recai no signo – efeitos da inexistência do Outro:**

Para este item, adotamos para trabalhar as referências lacanianas que contemplam elementos importantes acerca do modo de gozo contemporâneo. Nessas referências, Lacan delimita algumas mudanças sociais que ocorreram desde a época de Freud, culminando numa nova forma de ação do Nome-do-Pai na regulação do gozo para a estrutura da neurose, em consequência dos efeitos da inexistência do Outro na atualidade. Trabalharemos os textos “Radiofonia” (1970), “Televisão” (1973), “A terceira” (1974) e os seminários: *Seminário, livro 11: os quatros conceitos fundamentais* (1964) e o *Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-70). Começemos por “Radiofonia” (1970).

Lacan em 1970 participa de uma entrevista para a Rádio Televisão Belga e nela responde algumas perguntas acerca do modo de gozo contemporâneo. Esta entrevista se encontra transcrita no texto intitulado “Radiofonia” (1970) e buscaremos desenvolver os pontos abordados por Lacan em resposta, sobretudo, à segunda pergunta desta entrevista. Trata-se da seguinte pergunta: “*A linguística, a psicanálise e a etnologia têm em comum a noção de estrutura: a partir dessa noção, não será possível imaginar o enunciado de um campo comum que um dia reúna psicanálise, etnologia e linguística?*” (Pergunta feita a Lacan, transcrita em “Radiofonia”, 1970, p. 405).

Tal como relatamos, anteriormente, Lacan a partir desta pergunta formaliza e defende pontos cruciais sobre o modo de gozo na contemporaneidade: 1. Verifica a queda do funcionamento do significante, em contraponto ao domínio da atuação do signo no funcionamento pulsional (Lacan, 1970, p. 411); 2. Determina a subida do objeto *a* ao zênite da civilização como responsável pelo efeito de angústia, resultado do

esvaziamento da produção do discurso analítico (ibidem) e; 3. Situa o modo de gozo contemporâneo pelo regime do mais-de-gozar (1970, p. 413).

Estes são os aspectos teóricos e clínicos, em especial, que vamos encontrar no texto “Radiofonia” (1970). A proposta agora, para este item, é seguir os passos de Lacan dentro de sua resposta, de modo a entender como este defendeu tais proposições.

De início, a pergunta anuncia o ponto em comum entre linguística, psicanálise e etnologia no tocante à noção de estrutura, e, visto isto, a Rádio interroga se é possível ou não um dia reunir as três a partir deste ponto em comum (1970, p. 405). A pergunta se constrói a partir da noção de estrutura, e, sendo assim, Lacan adota como ponto de partida para a formulação de sua resposta, exatamente, a apresentação de como a psicanálise concebe a noção de estrutura, tendo como referência o campo do inconsciente e da linguagem, bem como da apropriação que esta faz do simbólico em resposta ao real, por meio do papel do significante (ibidem).

Com o intuito de melhor dissertar como Lacan constrói sua resposta à Rádio, vale antes lembrar que uma das referências lacanianas com a qual esta tese trabalha a temática sobre a efetuação da estrutura da neurose, incluindo a participação dos conceitos de inconsciente, linguagem e significante, é o *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais* (1964). Como dissertamos no item 1.2., Lacan (1964) introduz uma nova maneira de formular a constituição da neurose produzindo uma topologia através da criação dos operadores lógicos da alienação e da separação, cujas funções assinalam que a entrada do inconsciente somente acontece por meio de dois campos, do sujeito e do Outro (1964, p. 199). Ressaltamos que o advento do sujeito só ocorre se este se direcionar ao campo do Outro – o que Lacan forja como a primeira operação lógica da alienação. De acordo com esta constatação, Lacan demarca que o sujeito é efeito de linguagem. É efeito de linguagem por nascer desta sincronia significante (Lacan, 1960a, p. 849), instaurando assim como sujeito dividido, como falta-a-ser.

É baseado nas suas postulações teóricas de 1964 que o autor desenvolve seus argumentos, de modo a responder à pergunta à Rádio (1970). Logo, de acordo com suas formulações a respeito dos operadores lógicos da alienação e da separação, Lacan se apoia em duas diretrizes para responder à Rádio, através das quais desenvolve primeiro como a psicanálise concebe a noção de estrutura, também existente na linguística e na etnologia, para, em seguida, delinear como a psicanálise adota os conceitos de significante e de signo, mostrando sua abordagem diferenciada daquela compreendida pela linguística (Lacan, 1970).

Ao descrever a diferença entre o papel do significante e do signo em psicanálise, Lacan vai ressaltar sua preocupação quando avalia para o contemporâneo uma nova maneira de apresentação do modo de gozo, cujo funcionamento pulsional deixa de estar atribuído ao significante (relativo ao inconsciente e à linguagem) passando a vigorar agora sob o domínio do signo. Tal elaboração apontará ao que hoje recebe o nome por Miller como ‘a era do Outro que não existe’, visto que Lacan, no decorrer de sua resposta, situa o contemporâneo marcado por uma inexistência de crença ao Outro. E a partir disto anuncia: “a queda do significante recaindo no signo” (Lacan, 1970, p. 411); “já não sabe a que santo recorrer (em outras palavras, quando não há mais significante para fritar – é isso que o santo fornece)” (ibidem, 1970, p. 412).

Neste sentido, o texto “Radiofonia” (1970) se revela peça fundamental para o estudo no contemporâneo, uma vez que Lacan nos oferece recursos para seguir em nossa pesquisa sobre os efeitos da inexistência do Outro, que por sua vez podem surgir como impasse para a efetuação da estrutura da neurose, caso o funcionamento do signo para o modo de gozo prevaleça.

Lacan dá início a sua resposta à Rádio formulando duas frases essenciais que parecem fluir como norte para o desenvolvimento de suas futuras formulações: “seguir a estrutura é certificar-se do efeito de linguagem” (1970, p. 405). E, em seguida, assinala: “a estrutura é apanhada a partir daí (...) Daí, isto é, do ponto em que o simbólico toma corpo” (ibidem).

Sua resposta se desenvolve a partir daí – com o intuito de defender como a estrutura, em psicanálise, é certificada do ponto em que o simbólico toma corpo.

Começando tal desenvolvimento, Lacan propõe a descrição de dois momentos do corpo: “o primeiro corpo faz o segundo, por se incorporar nele” (Lacan, 1970, p. 406). O primeiro corpo o autor nomeia como incorpóreo e relata que o movimento ao segundo se dá pela incorporação: “daí o incorpóreo fica marcando o primeiro, desde o momento seguinte à sua incorporação” (ibidem).

Logo, sob o prisma da descrição lacaniana desses dois momentos relativos ao corpo, a tese propõe a correlação do segundo momento relativo à incorporação com o processo da alienação, que resulta no advento do sujeito dividido. Propomos essa leitura de acordo com o que Lacan pontua: “é incorporada que a estrutura faz o afeto, nem mais nem menos, afeto a ser tomado apenas a partir do que se articula do ser, só tendo ali ser de fato, por ser dito de algum lugar” (ibidem, p. 406). Ao acentuar ‘por ser dito de

algum lugar' localiza a constituição da neurose em dependência dos significantes encontrados no campo do Outro, a partir dos quais o sujeito se insere na linguagem. Quer dizer, Lacan aponta que o incorpóreo toma vida ao passar pela incorporação, em decorrência do simbólico tocar o corpo, pela via do significante.

Seguindo essa lógica, o autor faz uma observação a respeito do cadáver. Realça que o cadáver implica um corpo que antes estava vivo e, deste modo, mantinha uma relação com o simbólico. De acordo com esta reflexão, sustenta que por este motivo o corpo do cadáver não se torna, com a morte, automaticamente, uma carniça. O corpo do cadáver sustenta uma história pessoal, ou seja, a relação prévia do sujeito com a linguagem: “o cadáver preserva o que dava ao vivente o caráter: o corpo. Permanece como *corpse*, não se transforma em carniça, o corpo era habitado pela fala, que a linguagem *corpsificava*” (Lacan, 1970, p. 407). Deste modo, Lacan vai formulando sua resposta à Rádio com a construção de uma fundamentação sobre a forma como a estrutura pode ser certificada, em psicanálise, uma vez respeitando a relação do corpo com o simbólico e a participação do Outro para a constituição da neurose.

Vale também lembrar que Lacan adota para a formulação teórica do processo de alienação a interrogação imposta ao sujeito: “a bolsa ou a vida?” (1964). O autor adota essa interrogação para mostrar que na alienação o sujeito não possuirá outra opção como resposta a não ser pela vida. E sua única opção possível, automaticamente, lhe colocará como consequência: uma vida decepada, ou seja, uma vida sem bolsa (Lacan, 1964). É isto que ocorre na alienação: por um lado, o sujeito se constitui a partir de significantes encontrados no campo do Outro (sua única opção possível para advir como sujeito) e por outro, é determinado como falta a ser, na medida em que a inserção do sujeito na linguagem suscita sua divisão – o sujeito barrado, o sujeito do inconsciente (\$) – a partir do qual a psicanálise vai operar.

Atrelada às contribuições do *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais* (1964), a tese também adota para melhor fundamentar a resposta de Lacan para a Rádio em 1970 o seu *Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-70). Neste seminário (1969-70), o autor dá continuidade ao seu ensino acerca da constituição do sujeito, seguindo com sua posição a respeito do conceito do sujeito como ‘efeito de linguagem’, bem como acrescenta a esta construção conceitual suas formulações teóricas sobre os discursos: “há algo que se presentifica pelo fato de que toda

determinação de sujeito, portanto, de pensamento, depende do discurso” (Lacan, 1969-70, p. 161).

Em 1969-70, o autor disserta sobre as particularidades do sujeito do inconsciente a partir do discurso psicanalítico. O que nos contribui a ler o que profere em “Radiofonia” (1970) ao que tange ‘o momento em que o simbólico toma corpo’. Faz isso ressaltando como a psicanálise concebe a importância do significante, a começar pelo que nomeou de traço unário: “é justamente o que aprendemos no discurso psicanalítico (...) é o traço unário, é o ser marcado como *um* (...) de um *um* singular, daquele que leva a marca, desde esse momento, apresentam-se o efeito da linguagem e o primeiro afeto” (Lacan, 1969-70, p. 164). Quer dizer, Lacan aqui destaca que é exatamente pelo sujeito estar marcado pelo *um* que se inscreve o efeito de sua divisão (ibidem): “quanto mais longe levarmos seus efeitos, mais emerge sua origem. O efeito de linguagem é retroativo, precisamente porque é na medida de seu desenvolvimento que se manifesta o que ela é de falta a ser” (ibidem, p. 165).

Portanto, de acordo com tais postulados, Lacan (1970), respondendo à Rádio, dá início à formulação do tipo de estatuto de corpo com o qual a psicanálise vai trabalhar: “o corpo, a levá-lo a sério, é, para começar, aquilo que pode portar a marca adequada para situá-lo numa sequência de significantes. A partir dessa marca, ele é suporte da relação, não eventual, mas necessária, pois subtrair-se dela continua a ser sustentá-la” (Lacan, 1970, p. 407). Nesta citação, ele descreve o sujeito barrado localizado na sequência de significantes S1 – S2 – S3 – S4 (...), respeitando sua proposição teórica de que “um significante representa um sujeito para outro significante” (ibidem, p. 410). Nos intervalos entre os significantes, encontra-se o sujeito do inconsciente, no entanto, significantes que nunca poderão dizer tudo sobre o sujeito, instituindo-se assim a falta a ser. Sobre isto, Lacan profere: “desde tempo imemórias, Menos-Um designa o lugar que é dito do Outro (...). Pelo Um-a-Menos faz-se a cama para a intrusão que avança a partir da extrusão: é o próprio significante” (ibidem).

Esse significante único opera por sua relação com o que já está ali, já articulado, de maneira que só podemos concebê-lo pela presença do significante já ali, diria eu, desde sempre. Com efeito, se esse significante único, o significante do *mestre*, escrito como quiserem, se articula com algo de uma prática que ele ordena, esta prática já está tecida, tramada, por aquilo de que certamente ainda não se separa, ou seja, pela articulação significante. Esta última está na origem de todo saber, só podendo de início ser abordada como *savoir-faire* (Lacan, 1969-70, p. 162).

Mediante esta introdução em sua fala em resposta à Rádio, Lacan (1970) disserta de forma minuciosa a distinção entre o modo de apropriação que a psicanálise faz dos conceitos de signo e de significante em comparação àqueles concebidos e adotados pela linguística. Com a finalidade de delimitar, teoricamente, esta distinção, o autor acentua que o ‘tipo de carne’ pelo qual a psicanálise vai se interessar revela em si uma peculiaridade: “não é o que se dá com toda carne. Somente das que são marcadas pelo signo que as **negativiza** elevam-se, por se separarem do corpo, as nuvens, águas superiores, de seu gozo, carregadas de raios para redistribuir corpo e carne” (1970, p. 407, grifo nosso).

Dentro desta citação, podemos pinçar duas informações que ganham destaque por se encontrarem presentes no decorrer do ensino de Lacan. Primeiramente, a psicanálise só possui interesse pelo signo, enquanto negativizado, visto que ela trabalha com o funcionamento do significante, cuja característica principal está na impossibilidade de dizer tudo, uma vez que o sujeito se insere na linguagem e se constitui pela falta a ser – em relação à verdade só podemos semi-dizê-la (Lacan, 1972-73, p. 99). Além disso, a passagem na citação acima que adverte ‘somente das que são marcadas pelo signo que as negativiza elevam-se, por se separarem do corpo’ diz respeito ao caráter principal do significante em sua função que permite a separação entre o gozo e o corpo: “ligado à própria origem da entrada em ação do significante que se pode falar de gozo (...) faltando significante, não há distância entre o gozo e o corpo” (Lacan, 1969-70, p. 188).

Pautado nestas constatações teóricas, Lacan afirma, em sua resposta à Rádio, ser impossível a união entre psicanálise e linguística, uma vez que a abordagem da noção de estrutura não é a mesma para as duas. Lacan até concorda que “a linguística fornece o material da análise, ou o aparelho com que nela se opera” (Lacan, 1970, p. 407), todavia, defende que a psicanálise dá vida à estrutura de outra maneira: “um campo só é dominado por sua operação” (ibidem). A operação deste material em psicanálise funciona em relação ao campo do inconsciente, sob o prisma do funcionamento do significante, bem como das operações da metáfora e da metonímia: “esta prática já está tecida, tramada, por aquilo de que certamente não se separa, ou seja, pela articulação significante” (Lacan, 1969-1970, p. 162). Ao contrário da prática da linguística que adota como instrumento de trabalho o signo: “o signo tomado como objeto (...) é isso que cria obstáculo à captação como tal do significante” (1970, p. 401).

Além disso, com o objetivo de reforçar a distinção entre psicanálise e linguística, Lacan acrescenta: “o inconsciente pode ser, como disse, a condição da linguística. Esta,

no entanto, não tem sobre ele a menor influência (...) nela deixa em branco o que surte efeito nele: o objeto *a* (...) pivô do ato psicanalítico” (ibidem). O objeto *a* aqui como o que surge do resultado do discurso psicanalítico correlato ao advento do sujeito como dividido: “a partir do discurso psicanalítico não há senão um afeto, ou seja, o produto da tomada do ser falante num discurso, na medida em que esse discurso o determina como objeto” (Lacan, 1969-70, p. 160) – “pois não há nada mais no mundo que um objeto *a*, bosta ou olhar, voz ou teta, que refende o sujeito, caracteriza-se nesse dejetivo que *existe* ao corpo” (1974, p. 17).

Após todo esse desenvolvimento, Lacan (1970) mostra sua preocupação acerca do modo de gozo contemporâneo. Qual é o motivo de sua preocupação?

Dissertamos acima que, quando trabalhamos com o significante, o sujeito só pode ser encontrado no intervalo entre um e outro, ‘um significante representa um sujeito para outro significante’, o que implica a impossibilidade de dizer tudo sobre o sujeito. Entretanto, quando entra em vigor o funcionamento pulsional em relação ao signo na atualidade, a impossibilidade de falar sobre o sujeito, que existe pela via do significante, desaparece, tornando-se viável dizer: “isto é alguém” (Lacan, 1970, p.413). O signo, diferente do significante, tem o poder de representar alguma coisa para alguém (ibidem, p. 411): “o signo pressupõe o alguém a que ele constitui signo de alguma coisa. É o alguém cuja sombra ocultava a entrada da linguística” (ibidem, p. 401).

A preocupação de Lacan é exatamente esta – sua verificação, no contemporâneo, da queda do significante recaindo no signo e, conseqüentemente, das conseqüências que tais mudanças podem acarretar para o funcionamento subjetivo. Sobre isto, profere: “se o significante representa o sujeito (e não um significado) para um outro significante (o que quer dizer: não para outro sujeito), então, como pode esse significante cair no signo, que, de memória de lógico, representa alguma coisa para alguém?” (ibidem, p. 411). E adverte em seguida: “não será um progresso: antes uma regressão” (ibidem, p. 402).

É neste momento da sua entrevista que Lacan atribui essa mudança à ‘subida do objeto *a* ao topo da civilização’: “para isso, bastaria a ascensão ao zênite social do objeto que chamo de pequeno *a*, pelo efeito de angústia provocado pelo esvaziamento com que nosso discurso o produz, por faltar a sua produção” (Lacan, 1970, p. 411). Em outras palavras, por faltar o funcionamento da estrutura pela via do significante e do sujeito marcado pela falta a ser.

Dito de outra forma, enquanto o objeto *a*, ao lado do funcionamento do significante, operava como objeto causa de desejo (Lacan, 1960a/1998), de modo contrário, o objeto *a*, correlato ao signo, advém como objeto de gozo e de uma satisfação pulsional que, agora, obedece ao regime do mais-de-gozar (Lacan, 1970, p. 413). Objeto de gozo ao alcance das mãos em qualquer prateleira do mercado capitalista – aquele que Lacan forja com o nome de *latusias* (1969-70, p. 172).

Com o intuito de descrever o conceito de *latusias*, Lacan diz que seu sentido ficaria melhor se tivesse o particípio *ousia*, de modo a incluir um aspecto ambíguo: “a *ousia* não é o Outro, não é o ente (...) não é bem o ser” (ibidem). Seguindo esse jogo de palavras, o autor faz uma brincadeira: “no que diz respeito à insubstância feminina, iria até a *parusia*” (ibidem), um trocadilho com Paris. Neste sentido, o termo *latusias* implica o efeito do domínio da ciência em contraponto à operação da psicanálise, no tocante ao modo de satisfação pulsional. Sobre as *latusias*, Lacan conceitua como: “pequenos objetos *a* que vão encontrar ao sair, no pavimento de todas as esquinas, atrás de todas as vitrines, na proliferação desses objetos feitos para causar o desejo de vocês, na medida em que agora é a ciência que o governa, pensem neles como *latusas*” (ibidem). Seguindo essa temática, no texto “Televisão” (1973), Lacan mantém sua apreciação sobre o modo de satisfação pulsional no contemporâneo regido pelo mais-de-gozar: “a precariedade do nosso modo (de gozo) agora só se situa a partir do mais-de-gozar e já nem sequer se enuncia de outra maneira” (Lacan, 1973, p. 533).

Sendo assim, voltando à “Radiofonia” (1970), a tese destaca que a satisfação pulsional regida pelo signo na atualidade não supõe mais a localização do sujeito entre um significante e outro. O sujeito não se apresenta mais a partir de uma cadeia de significantes. Em função disto, quando o signo permite dizer ‘isto é alguém’, retira do sujeito a possibilidade de se relacionar com a falta a ser inerente ao funcionamento do significante. Daí a averiguação de Lacan que no contemporâneo não há mais santo a recorrer: “não há mais significante para fritar – é isso que o santo fornece” (ibidem, p. 412). Quando Lacan diz ‘não há mais significante para fritar’, podemos ler também que não se trata mais da eclosão da neurose correlata à formulação do desejo do sujeito em dependência do desejo do Outro (Lacan, 1968-69, p. 312), mas da incidência da lógica capitalista que faz o sujeito comprar qualquer coisa dominado agora pela busca “do afeto do desejo de Outra-coisa (com maiúscula)” (Lacan, 1970, p. 412).

A tese, neste ponto de seu desenvolvimento, faz a proposta de aproximarmos o que diz respeito ao conceito de *latusias* (1969-70) com a queda do significante recaindo

no signo (1970) para o entendimento do modo de gozo na atualidade. Esta aproximação torna-se possível na medida em que a emergência da angústia surge como efeito, por excelência, em ambos os casos, mostrando, assim, serem proposições teóricas que se entrelaçam uma a outra. Do mesmo modo, que nos ajudam a abordar as peculiaridades referentes ao mal-estar contemporâneo que Lacan situa ao lado do real do gozo, a saber, da angústia.

Sendo assim, após toda essa fundamentação, verificamos que Lacan delimita, em seus textos sobre o contemporâneo (1969-70, 1970 e 1973), a angústia como manifestação principal sobre o modo de gozo na atualidade. Lacan em “Radiofonia” (1970, p. 411) situa o fenômeno da angústia como responsável pelo sofrimento subjetivo no contemporâneo, em decorrência da subida do objeto *a* ao zênite da civilização. Profere sobre o conceito de *latusias*, demarcando que a verdadeira relação do sujeito com os objetos *latusias* não pode culminar em outra coisa senão a angústia (1969-70, p. 172). E, por fim, no texto “Televisão” (1973), localiza o mal-estar da civilização atual ao lado do supereu, bem como delimita uma concepção de supereu estrutural para o contemporâneo “não como efeito da civilização, mas um ‘mal-estar (sintoma) na civilização’” (Lacan, 1973, p. 528).

Não é por nada que Lacan no texto “A terceira” (1974) vai ressaltar que é do corpo que devemos ter medo; exatamente, pelo fato de que é no imaginário corporal que a angústia se apresenta como resultado direto do que o mal-estar atual na civilização produz: “Do que temos medo? De nosso corpo. É o que manifesta esse fenômeno curioso sobre o qual fiz um *Seminário* durante todo um ano, e que denominei *A angústia*” (1974, p. 29).

Portanto, seguindo o que essas quatro últimas referências lacanianas postulam (1969-70, 1970, 1973 e 1974), verifica-se para o modo de gozo contemporâneo uma prevalência da satisfação pulsional no registro do imaginário, a partir do qual o fenômeno clínico, por excelência, que se espera é a angústia. Angústia proveniente dos efeitos da inexistência do Outro em seu papel de regulador de gozo. Resultado de uma falha no processo de castração que podem ser lidas, no decorrer do ensino de Lacan, seja:

1. Pela falha na passagem do falo imaginário para o falo simbólico (Lacan, 1960);
2. Pela falha da positividade do gozo autoerótico (Lacan, 1968-69).

Por fim e após toda essa fundamentação, destacamos para o modo de gozo contemporâneo, à luz das referências lacanianas, os seguintes aspectos: a inexistência do Outro, a subida do objeto *a* ao zênite da civilização, o funcionamento pulsional regido pelo mais-de-gozar, a queda do significante recaindo no signo e o fenômeno da angústia como efeito principal no imaginário corporal, em função das mudanças ocorridas na civilização e na cultura.

Seguiremos agora dando prosseguimento ao estudo sobre esses aspectos a partir das referências teóricas de autores psicanalistas contemporâneos que se basearam nas referências lacanianas, trabalhadas neste item, de modo a avançar em nossa fundamentação acerca do sofrimento subjetivo na atualidade.

## **Parte II: Impasses para a efetuação da estrutura psíquica da neurose e suas possíveis respostas ao real.**

### **2. O mal estar contemporâneo e seu empuxo ao abismo da angústia:**

Aqui neste item vamos trabalhar tendo por base a produção teórica de autores psicanalíticos contemporâneos que adotaram como ponto de partida para sua escrita os postulados lacanianos de 1970 a 1974 desenvolvidos ao longo da primeira parte deste capítulo. Estes postulados, tal como a tese acentuou, demarcam aspectos particulares do funcionamento pulsional na atualidade e, do mesmo modo, operam como material base para a pesquisa em psicanálise acerca das mudanças que ocorreram do tempo de Freud até os dias de hoje.

Neste item, vamos adotar como instrumento de estudo, sobretudo, as seguintes referências: “El Otro que no existe e sus comités de ética” (Miller, 1996-97), “Uma fantasia” (Miller, 2004), “A sociedade do sintoma” (Laurent, 2007), “Método científico, normatividade social e sintoma psicanalítico” (Martello, 2014), entre outras. A partir destas referências, daremos prosseguimento ao estudo, em especial, sobre: 1. As características do mal estar atual, em comparação ao mal estar freudiano; 2. Os índices teóricos e clínicos que contemplam os fatores psíquicos culminantes para possíveis impasses na efetuação da estrutura psíquica da neurose; e 3. A abordagem psicanalítica acerca do fenômeno da angústia que emerge como marca principal do sofrimento subjetivo na contemporaneidade.

No seminário clínico “El Otro que no existe e sus comités de ética” (1996-1997), Miller dá início a sua exposição teórica situando o estatuto da existência do Outro para a época de Freud e, de modo contrário, da inexistência do Outro para a atualidade. Explica essa divergência por meio do critério de avaliação do tipo de operatividade do significante Nome-do-Pai como regulador de gozo na estrutura da neurose, tendo como parâmetro seu sucesso ou sua debilidade em fornecer tratamento ao gozo real. Com a finalidade de explicar como ocorreu a mudança da existência para a inexistência em relação ao estatuto do Outro para o sujeito neurótico, Miller desenvolve o seguinte raciocínio:

Baseado no texto freudiano de “Totem e Tabu” (1912-1913), Miller atesta que nem a morte de Deus nem a morte do pai determinam à figura paterna uma perda de

poder (Miller, 1996, p. 10). De acordo com os achados freudianos do texto “Totem e Tabu” (1912-1913) e a posterior leitura deste artigo feita por Lacan, o pai da horda enquanto morto ganha um novo estatuto correlato à função do pai simbólico. Freud em “Totem e Tabu” disserta sobre uma determinada horda onde existia um pai que mantinha o poder de ter todas as mulheres do grupo, demarcando uma posição autoritária de gozo frente a seus filhos. Em função desta configuração ditatorial, seus filhos se rebelam e se reúnem com a decisão de matar o pai. Este ato criminoso gera uma grande sensação de culpa para seus filhos, o que culmina na necessidade de delimitar leis de convivência, como forma de dar tratamento a esta culpa, bem como de fornecer uma regulação pulsional. Neste sentido, o assassinato do pai da Horda suscita o advento da civilização. O advento da civilização surge em consequência da emergência do sentimento de culpa gerado no povo, que por sua vez culmina na renúncia de satisfação em virtude à obediência das leis criadas. Portanto, a instalação da civilização com suas leis, paralela à renúncia de prazer pelo povo, propicia diretamente uma regulação de gozo. Uma regulação pulsional que ocorre mediante o tratamento simbólico sucedâneo à morte do pai.

Sendo assim, de acordo com a leitura de Lacan, os postulados freudianos de “Totem e Tabu” (1912-1913) delimitam dois tipos de estatuto do pai, representados por duas vertentes: o pai real e o pai simbólico. O pai real condizente ao primeiro momento representado pelo pai do gozo real e correlato à instância superegógica imperativa de gozo, e o pai simbólico que surge num segundo momento, resultante de sua morte, e referente à função do ideal do eu, responsável pelo recalque das pulsões, bem como da regulação do gozo real.

Seguindo esta lógica, Miller em “O Outro que no existe e sus comités de ética” (1996-1997) localiza para a época de Freud o que designa como o reinado do Nome-do-Pai. Reinado em que o ideal do eu regula as pulsões e que, do mesmo modo, inscreve o estatuto da existência do Outro para a subjetividade: “em uma primeira aproximação podemos definir como o significante de que o Outro existe” (Miller, 1996, p. 10). E, de modo contrário, para a época de Lacan, a vigência do estatuto da inexistência do Outro.

Como entender o estatuto do ‘Outro que não existe’ na atualidade, em relação à forma de apresentação do sofrimento subjetivo, cuja manifestação predominante, nos tempos atuais, revela-se pela emergência da angústia? Em primeiro lugar, cabe ressaltar que diferente da obra de Freud, o ensino de Lacan não teve como objetivo salvar o pai.

Pelo contrário! As postulações lacanianas caminharam na direção de construir uma teoria sobre a pluralização dos Nomes-do-Pai que reforça e implica a tese da inexistência do Outro. Tal inexistência pode ser ilustrada pelo matema laciano  $S(\mathcal{A})$ : “a leitura deste matema ( $S(\mathcal{A})$ ) não só pluraliza o Nome-do-Pai, como também o pulveriza (...) consagra a inexistência do Outro” (Miller, 2010, p. 10).

A construção teórica sobre a pluralização dos Nomes-do-Pai, no ensino de Lacan, tem seu início no *Seminário, livro 22: RSI (1974-75)* e recebe sua lapidação final no *Seminário, livro 23: o sinthoma (1975-76)*. No *Seminário, livro 22: RSI (1974-75)*, Lacan forja três formas de nomeação para o sofrimento subjetivo de acordo com a angústia (real), o sintoma (simbólico) ou a inibição (imaginário). Neste seminário, formula a tese de que os três anéis real, simbólico e imaginário podiam se amarrar entre si; quer dizer, que os três registros se enodavam entre eles mesmos.

Entretanto, no seminário seguinte, Lacan faz uma virada em seu ensino. No *Seminário, livro 23: o sinthoma (1975-76)*, introduz uma nova tese em que afirma que o real, o imaginário e o simbólico agora são independentes e encontram-se soltos. Diferente de antes (1974-75) em que os três elos enodavam-se entre si, agora não é mais possível uma amarração estável entre os três anéis. Para haver a amarração é preciso um quarto elemento que Lacan dá o nome de *sinthoma*. O *sinthoma* é o que possibilita amarrar os três registros mediante a formação de um nó dito borromeano: “o imaginário, o simbólico e o real como separados uns dos outros. Vocês tem a possibilidade de ligá-los. Com o que? Com o *sinthoma*, o quarto” (Lacan, 1975-76, p. 21).

A virada em seu ensino também se instala perante a informação de que o Nome-do-Pai não é mais o único que serve para amarrar os três registros, passando a partir de agora ser um entre vários outros. Em outras palavras, o significante Nome-do-Pai, segundo Lacan (1975-76), representa um dos nomes do *sinthoma* que amarra os três registros, entretanto, apenas um nome dentre as suas infinitas possibilidades. Daí ocorre a instauração no ensino de Lacan a respeito da pluralização dos Nome-do-Pai.

Logo, respeitando as formulações lacanianas da década de 1970, incluindo a tese sobre a pluralização dos Nome-do-Pai, Miller junto a um grupo de psicanalistas preocupados com as mudanças sociais que incidem na instalação de um modo de gozo, correlato aos efeitos da inexistência do Outro, criam um seminário clínico. Neste seminário adotam como objetivo de pesquisa a investigação sobre as peculiaridades da subjetividade contemporânea e o papel que a psicanálise pode desempenhar frente ao

mal estar atual (Miller, 1996-1997, p. 14), que Lacan localiza como um sintoma em referência ao poder mortífero do supereu: “um mal-estar (sintoma) da civilização” (Lacan, 1973, p. 528).

É importante ressaltar que o mal estar contemporâneo advém do mal estar freudiano. Do período de Freud para os dias de hoje, muitas mudanças na configuração familiar e social ocorreram. Freud formula o mal estar na civilização em uma época em que o Nome-do-Pai ainda possuía sua coroa. Havia ainda a vigência do reinado do ideal do eu, responsável pelo recalque e pela regulação das pulsões. E, do mesmo modo, no tempo de Freud (1908a), a doença nervosa eclodia como resultado da obediência da ‘moral civilizada’ (das regras sociais impostas aos sujeitos) e, portanto, culminava ou pela renúncia de gozo ou pelo processo de sublimação.

Entretanto, esta configuração psíquica muda drasticamente dos tempos de Freud para a subjetividade contemporânea. Ou seja, o supereu freudiano que antes funcionava pela égide da proibição perde seu lugar e, gradativamente, abre espaço para o supereu lacaniano que toma o poder com sua função imperativa de gozo. Acerca desta mudança no funcionamento pulsional, Miller disserta: “o supereu freudiano produz coisas como o proibido, o dever, até a culpa, são termos que fazem o Outro existir (...). O supereu lacaniano produz um imperativo distinto: goza! Este é o supereu da nossa civilização” (Miller, 1996, p. 19).

Seguindo este raciocínio e pensando na passagem do mal estar de Freud para o nosso, uma pergunta se coloca em cena: o que provoca a inexistência do Outro para o contemporâneo? No texto “Os complexos familiares na formação do indivíduo” (1934), Lacan pela primeira vez fala sobre o “declínio social da imago paterna” (1938, p. 67). Neste texto, em consonância às formulações freudianas, Lacan reafirma que a imago do pai é essencial em seu papel de interdição, operando tanto para a regulação da libido, quanto para o processo de sublimação (ibidem, p. 66). A partir desta constatação teórica, reforça a sua preocupação em verificar “um pretenso afrouxamento dos laços familiares” (ibidem), em decorrência dos efeitos extremos do progresso social. Visto isto, assegura e adverte que o declínio da função paterna está intrinsecamente ligado à possibilidade de uma crise psicológica: “seja qual for o seu futuro, esse declínio constitui uma crise psicológica” (ibidem, p. 67), reforçando, do mesmo modo, que este declínio prejudica o sucesso do Édipo, em função da carência paterna no papel de interdição de gozo.

Sendo assim, de acordo com sua preocupação do declínio do pai na sociedade, Lacan conclui que a forma de apresentação do sofrimento subjetivo, no contemporâneo, evolui no sentido de “um complexo caracterológico” (ibidem, p. 67), determinado por um modo de gozo para as neuroses, cujo funcionamento pulsional passa a operar na contramão da regulação pulsional e da sublimação, outrora relativas à função do pai no complexo de Édipo do sujeito (ibidem). Descreve e sublinha este obstáculo para a constituição do sujeito ao realçar que a personalidade do pai, nos dias de hoje, passa a se apresentar em seu núcleo familiar de forma “ausente, humilhada, dividida ou postiça” (ibidem).

Ou seja, diferente do que Miller destacou sobre o estatuto do ‘Outro que existe’ inerente à época de Freud, por meio da verificação do poder do pai, consistindo em dar suporte à castração simbólica ao sujeito (Miller, 1996, p. 10), Lacan localiza para o contemporâneo uma falência do poder paterno que abre o caminho para a constatação da inexistência do Outro, o que por sua vez provoca mudanças em relação à forma de regulação do gozo no campo das neuroses.

“Essas neuroses, desde o tempo das primeiras adivinhações freudianas, parecem ter evoluído no sentido de um complexo caracterológico no qual, tanto pela especificidade de sua forma quanto por sua generalização – ele é o núcleo da maioria das neuroses – podemos reconhecer a grande neurose contemporânea. Nossa experiência leva-nos a apontar sua determinação principal na personalidade do pai, sempre de algum modo ausente, humilhada, dividida ou postiça. É essa carência que, de acordo com nossa concepção de Édipo, vem estancar tanto o ímpeto instintivo quanto a dialética das sublimações”. (Lacan, 1938, p. 67).

Deste modo, à luz do que a tese vem fundamentando, podemos extrair da citação acima a percepção que, desde 1938, Lacan já assinala índices teóricos e clínicos que nos apontam fatores determinantes para o surgimento de impasses para a efetuação da estrutura da neurose no tocante ao papel do pai no processo do complexo de Édipo. Dito de outra forma, em 1938, Lacan já se atenta a uma nova modalidade de pai que falha em exercer o papel de interdição de gozo – papel este que propiciaria uma vivência bem sucedida do Édipo. Assim, em virtude da debilidade do pai, em sua função de ideal do eu, o recalque e a regulação pulsional esbarram em desafios para a efetuação da estrutura, no sentido de alcançar de forma consistente a formulação da pergunta do desejo do sujeito em relação ao desejo do Outro.

Neste sentido, Miller (1996, p. 11), em virtude da constatação da inexistência do Outro na construção da subjetividade contemporânea, identifica a verificação de sujeitos

neuróticos em estado de desengano e de errância. Pensa-se, equivocadamente, que Lacan com a construção do conceito do Nome-do-Pai restauraria o pai. Vimos que a pluralização do Nome-do-Pai não salva o pai, ao contrário, arrasta-o à inexistência. A consequência deste cenário psíquico é a condenação do sujeito a um modo de gozo determinado pelo mais-de-gozar (Miller, 1996, p. 19), tal como Lacan formula em “Radiofonia” (1970, p. 413) e “Televisão” (1973, p. 533).

Tal condenação do sujeito ao funcionamento pulsional regido pelo mais-de-gozar joga o sujeito contemporâneo no abismo da angústia: representante do fenômeno psíquico predominante do mal estar da atualidade. Sobre isto, Miller pontua: “poderia dizer que há um mal estar a respeito do real (...) esta problematização se esboça sob o fundo de angústia” (Miller, 1996, p. 12). O autor concebe a angústia como manifestação principal do mal estar atual ao entender que isto advém de um modo de gozo que não obedece à castração: “nosso gozo, gozo contemporâneo, o gozo do tempo em que o Outro não existe e que não se situa a partir do agente da castração” (ibidem, p. 78). Tal como Lacan assinala sua preocupação desde 1938 com o declínio da imago paterna: “seja qual for o seu futuro, este declínio constitui uma crise psicológica” (Lacan, 1938, p. 67).

Seguindo a mesma lógica, Miller em “Uma fantasia” (2004) defende o domínio do gozo real (a angústia) na apresentação do sofrimento subjetivo na atualidade, agora, mediante a verificação de sujeitos desinibidos, desamparados e desbussolados (Miller, 2004, p. 1). Miller, neste texto, reforça sua concepção no que diz respeito à percepção da ausência de bússolas de orientação de gozo aos sujeitos contemporâneos, remetendo a isto o fim do exercício das regras impostas pela ‘moral civilizada’ existente nos tempos de Freud (Miller, 2004, p. 1 apud Freud, 1908). Tal como nos referimos acima sobre os postulados de Freud (1908a), Miller também sustenta que era a ‘moral civilizada’ que oferecia um contorno ao gozo real, em consequência das inibições ativas aos impulsos sexuais da sociedade. Em outras palavras, com o fim da ‘moral civilizada’, a regulação pulsional antes em exercício, mediante as regras sociais, cai em terra; e o que resta aos sujeitos contemporâneos se instala perante uma vida à deriva sem âncora e sem bússola simbólica, a saber, deixados em desamparo subjetivo.

Visto isto, a falta de bússola de orientação de gozo, nos tempos atuais, suscita uma mudança de paradigma para o modo de funcionamento pulsional. Ou seja, o que

antes na época de Freud era orientado pela ‘moral’ sofre uma transformação em direção ao ‘imoral’, devido à ausência de bússola de regras morais e de inibição de gozo. Sob esse prisma, Miller afirma uma passagem do estatuto da moralidade para a imoralidade no contemporâneo (Miller, 2004, p. 1).

“Desde quando estamos todos desbussolados? (...) sem dúvida desde que a moral civilizada, como dizia Freud, foi abalada (...). Ainda guardamos a sua significação, o bastante, pelo menos, para poder ressentir nossa civilização, o estado atual de nossa civilização como imoral, caminhando para a imoralidade. Com efeito, a moral civilizada, no sentido de Freud, dava uma bússola, um corrimão aos desamparados, sem dúvida porque inibia (Miller, 2004, p. 1)”.

Miller, após fazer esse recorte em que situa a ‘moral civilizada’ como a antiga bússola de regulação de gozo, adota a tese lacaniana postulada em “Radiofonia” (1970), que formula o modo de gozo contemporâneo descrito como efeito da “ascensão do objeto *a* ao zênite da civilização” (Lacan, 1970, p. 411). Tendo como base estas duas proposições teóricas em Freud e Lacan, Miller se questiona se já estaria dada como certo a concepção de uma sociedade sem discurso na atualidade, haja vista sua ausência de bússola de orientação pulsional.

Mediante esta interrogação, Miller aposta em defender uma nova bússola para o contemporâneo. Elege o objeto *a* como representante da bússola da civilização nos dias de hoje (Miller, 2004, p. 2) e defende sua escolha, partindo do princípio de que o objeto *a* como mais-de-gozar – objeto demarcado por Lacan (1970, 1973) para configurar o modo de gozo na atualidade – busca uma satisfação pulsional que visa a um além dos limites, correlato ao estatuto do gozo real, atuante como um imperativo de gozo, que ordena ao sujeito: goze sempre mais, mais e mais!

“Lacan registrou esse novo astro *sociel*, se assim posso dizer, como objeto *a*, resultado de um forçamento, de uma passagem para o mais além dos limites descobertos por Freud (...). Elemento intenso que perime toda noção de medida, indo sempre em direção ao mais, em direção ao sem medida (...). Então, de repente, me perguntei: será o objeto *a* – como dizer? – a bússola da civilização de hoje? E por que não? (Miller, 2004, p. 2)”.

Baseado nesta formulação, Miller situa a ascensão do objeto *a* ao lugar dominante na forma de apresentação do sofrimento subjetivo nos dias de hoje, concebendo-o como “o princípio do discurso hipermoderno da civilização” (Miller, 2004, p. 2): “esse objeto – esta é a nossa hipótese – impõe-se ao sujeito desbussolado, convida-o a ultrapassar as

inibições” (ibidem). E para representar esta hipótese, Miller forja o matema:  $(a \rightarrow \$)$ , cujo significado aponta para o sujeito comandado pelo objeto mais-de-gozar (ibidem, p. 4).

Além disso, é importante sublinhar que no texto “Uma fantasia” (2004), Miller tem como finalidade apresentar suas formulações de modo a contemplar as mudanças ocorridas do tempo de Freud para cá. Assinala que num primeiro momento, a prática psicanalítica incidia em tratar a vigência de um mal estar orientado por um tipo de funcionamento pulsional, cuja característica principal era marcada pelo refreamento e inibição das realizações de satisfação de gozo. Por esse prisma, Miller afirma que a psicanálise freudiana foi responsável por abrir um caminho para a liberação de gozo, o que vem, posteriormente, funcionar para a ascensão do objeto *a* ao zênite da civilização nos dias de hoje (ibidem, p. 7).

Em consequência desta liberação à satisfação sexual, a prática lacaniana atualmente precisa lidar com o sucesso que a psicanálise freudiana antecipou, tendo em voga, sobretudo, as: “consequências ressentidas como a ordem da catástrofe. A ditadura do mais-de-gozar devasta a natureza, faz romper casamentos, dispersa a família, remaneja o corpo (...) realiza uma intervenção muito mais profunda sobre o corpo” (ibidem, p. 7).

Logo, mediante a liberação à realização da satisfação pulsional que a psicanálise freudiana antecipara, o que se averigua com o fenômeno da angústia, representante principal do sofrimento subjetivo na atualidade, é a constatação das consequências psíquicas inerentes ao fim do exercício da ‘moral civilizada’, culminando, diretamente, o titubeamento dos semblantes produzidos pela própria psicanálise, tais como: o pai, o Édipo, a castração, a pulsão etc. (ibidem, p. 8).

## **2.1. Referências psicanalíticas sobre os impasses para a efetuação da estrutura da neurose:**

Neste item, vamos adotar, sobretudo, duas referências teóricas: o texto “A sociedade do sintoma” (2007) de Laurent e o texto “Método científico, normatividade social e sintoma psicanalítico” (2014) de Martello. Laurent (2007) e Martello (2014) tomam como base o texto “Radiofonia” (1970), adotando para suas produções teóricas a

proposição lacaniana que assinala a queda do significante recaindo no signo, correlato ao modo de gozar no contemporâneo (trabalhado por esta tese no último item).

As produções de Laurent (2007) e Martello (2014) vão acrescentar contribuições importantes à pesquisa que a tese vem desenvolvendo, na medida em que nos servirá para prosseguir na investigação sobre os índices clínicos referentes à temática dos impasses existentes para a efetuação da estrutura psíquica da neurose que persistem nos dias de hoje. Veremos em seus textos que os autores se inclinar-se-ão na meta de melhor entender a razão clínica de o fenômeno da angústia se apresentar como a saída psíquica predominante, para lidar com o gozo real na atualidade, por meio dos caminhos teóricos que fundamentam as seguintes diferenças:

1. Quando a estrutura psíquica em seu modo de gozo é regida pelo significante, recebendo tratamento do inconsciente ou;
2. Quando a estrutura psíquica em seu modo de gozo é orientada pela égide do signo, atuando sob o prisma do gozo real, em busca de uma satisfação sem limite, em decorrência de uma baixa mediação do simbólico.

Laurent (2007) vai defender essa distinção a partir da fundamentação teórica dos termos ‘alloverdose’ e overdose: descrevendo o conceito de ‘alloverdose’, em cuja formação do sintoma há participação do Outro, a partir da formulação da pergunta sobre o desejo do Outro e da ação da fantasia inconsciente, e, em contrapartida, a overdose relativa à inexistência do Outro, em que se averigua a tentativa do sujeito em restaurar o Outro dentro de si, buscando-o tornar todo, pela via do imperativo do gozo real. Já Martello (2014) vai desenvolver esta distinção por meio da adoção do instrumento teórico do Grafo do desejo de Lacan (1960a), localizando no primeiro piso do grafo o domínio do signo agindo de acordo com o registro imaginário e do eu ideal e, de modo diferente, no segundo piso do grafo a vigência do papel do significante com a formação da fantasia inconsciente e do desejo em relação ao Outro.

Logo, à luz desta tese, o estudo das referências teóricas acima mencionadas revela duas maneiras de conceber possíveis desafios impostos ao sujeito neurótico, nos tempos atuais, que podem se apresentar na relação com o Outro como entraves de alcançar o sucesso para a efetuação de sua estrutura psíquica. O que por sua vez pode culminar como resposta psíquica perante a incidência do gozo real no imaginário corporal a

produção da angústia pelo sujeito. Sendo assim, passamos para o desenvolvimento dos textos de Laurent (2007) e Martello (2014):

Laurent em “A sociedade do sintoma” (2007) começa demarcando a diferença entre o modo de gozo da época de Freud e da nossa ao dar enfoque à transformação ocorrida do mal estar da civilização freudiana (1930) em relação ao mal estar da civilização atual, contemplado por Lacan (1973) pelo conceito de “sinthoma” associado à ação do supereu (Laurent, 2007, p. 163 apud Lacan, 1973, p. 528).

Ao delinear esta mudança sobre a forma de regulação de gozo, sustenta que o funcionamento pulsional na atualidade pode ser representado pelo matema ( $I < a$ ), a saber, o predomínio do objeto sobre o ideal ou em outros termos, o sujeito dominado pelo objeto  $a$  (Laurent, 2007, p. 163 apud Miller, 1997, p. 372). Matema este ( $I < a$ ) que segue a mesma lógica do que Miller também propõe em “Uma fantasia” (2004) com o matema: ( $a \rightarrow \$$ ), por onde se descreve o sujeito orientado pelo objeto  $a$  mais-de-gozar (Miller, 2004, p. 4). Quer dizer, duas maneiras de matematizar o modo de gozar contemporâneo.

É no seminário “El Otro que no existe e sus comités de ética” (1997) que Miller e Laurent criam juntos o matema ( $I < a$ ) ao estudarem a forma de satisfação pulsional vigente nos dias de hoje. A partir deste matema, os autores dissertam sobre um aspecto importante que incide, diretamente, no resultado de diferentes formas para a efetuação da estrutura da neurose. Assinalam que quando o I (ideal do eu) está em pleno exercício, o circuito do modo de gozo do sujeito deve passar pelo Outro social. No entanto, quando o objeto  $a$  rouba a cena, o modo de gozo passa a se situar pelo mais-de-gozar (Miller, 1997, p. 372). Sob esse prisma, advertem que quando o objeto  $a$  ganha força, o sujeito se instala em uma precariedade de gozo, uma vez que se encontra “particularizado pelo mais-de-gozar e já não se organiza pelo ideal” (ibidem, p. 372). E, assim, proferem: “nosso modo contemporâneo de gozar se vê de alguma maneira, funcionalmente, atraído pelo estatuto autista de gozo” (ibidem). Dito de outro modo, um estatuto autista que tende a prescindir do Outro para sua satisfação sexual.

Seguindo este raciocínio, Laurent no texto “A sociedade do sintoma” (2007) relembra a proposição lacaniana de 1970 que denota o modo de gozo no contemporâneo correlato à ascensão do objeto  $a$  ao zênite da civilização. A partir desta referência, profere que o efeito de linguagem, na atualidade, não é concebido como significado, e sim como “déficit de um efeito de corpo” (Laurent, 2007, p. 163). Trata-se do que

concebemos, no último item, o ‘déficit de um efeito de corpo’ como uma falha do significante ao tocar o corpo ou em outros termos, de uma falha do simbólico tomar o corpo. O autor entende a emergência do fenômeno da angústia provocado pelo esvaziamento do discurso psicanalítico e a ascensão do objeto *a* ao zênite da civilização como: “um efeito particular do discurso do mestre contemporâneo, isto é, do discurso capitalista” (Laurent, 2007, p. 163). A angústia predomina, pois o objeto *a* mais-valia, produto por excelência do discurso capitalista, apresenta-se como um significante foracluído, podendo assim retornar no real como gozo (ibidem).

Após esta introdução, Laurent inicia suas formulações sobre as diferenças entre os termos que escolhe chamar de ‘alloverdose’ e overdose – o último dominado pelo objeto *a* mais-de-gozar e o primeiro incluindo o Outro na dinâmica da satisfação pulsional do sujeito. Laurent, em primeiro lugar, relembra, em consonância aos postulados lacanianos, que o efeito de linguagem, primeiramente, surge sob a forma de angústia (Laurent, 2007, p. 169), uma vez que é correlato ao gozo real em seu papel perturbador e traumático sobre o imaginário corporal – tal como a tese vem ilustrando com o estudo do caso pequeno Hans, em que a angústia emerge, exatamente, no momento em que seu pênis se torna real através da masturbação.

Daí, Laurent assinala que o único modo de fornecer tratamento ao efeito de linguagem se dá por meio do apoio que o sujeito encontra no significante: “é na sustentação do discurso que o sujeito pode buscar identificação e apoio para suportar o ‘efeito de linguagem’ que é a angústia” (Laurent, 2007, p. 169). Além disso, aponta que o tratamento da angústia somente pode ocorrer pela via do significante com os recursos da metáfora e da metonímia. Quer dizer, diferentemente do funcionamento do signo, que consegue dizer ‘isto é alguém’, na vigência da ação do significante, a metonímia do discurso não supõe nenhum todo da significação (ibidem).

Neste sentido, adverte que, no caso de ausência de significantes mestres que possam dar apoio ao sujeito e fornecer tratamento à angústia, a incidência do gozo real no corpo provoca uma tentativa desenfreada de refazer o Outro, buscando torná-lo todo: “a angústia leva ‘refazer o todo’ em uma situação em que o sujeito não crê mais no significante Um. O esforço para tornar o Outro todo repousa sobre o insuportável de uma ausência de garantias de gozo” (2007, p. 169). Sobre isto, disserta que este movimento pode acontecer de duas maneiras – ambas regidas pelo imperativo do gozo: “de um lado, apelos ‘populistas’ para refazer o todo. De outro, tentativas de reencontrar

o gozo por intermédio de um acesso em curto-circuito. O paganismo contemporâneo busca a prova da existência de Deus na overdose” (ibidem).

Diante deste cenário, sublinha o resultado do declínio do ideal paterno para o contemporâneo, realçando que não existe declínio do ideal sem ser acompanhado das exigências de gozo (Laurent, 2007, p. 170). Ressalta o fato de que não se deve subestimar a verdadeira força do supereu em sua exigência pulsional e poder ilimitado. Em decorrência desta subestimação, o autor destaca o mal estar na civilização atual orientado pela face mais mortal da pulsão (ibidem, p. 171).

Logo, em consequência deste panorama psíquico, Laurent demarca que o sujeito moderno se encontra em estado de desamparo para sua regulação de gozo, o que o faz adotar como saída a tentativa de restaurar o Outro dentro de si pela via da overdose, sob a égide do gozo real. Sobre isto, põe em voga uma preocupação clínica: a resposta psíquica frente ao real, que visa refazer o Outro todo dentro de si, empurra o sujeito ao abismo da pulsão de morte (ibidem, p. 169).

“Para o sujeito moderno, a existência de Deus se demonstra pela overdose. Pela presença do ex-stase nele próprio, o sujeito experimenta a presença do Outro (...). Em nossa civilização, o sujeito pode escolher ‘entregar-se a morte’ de várias maneiras. A overdose não se restringe aos comportamentos suicidas, como as toxicomanias de drogas pesadas. O sujeito pode se matar no trabalho, escolher esportes perigosos, escolher o suicídio político, transformar-se em um homem bomba e gozar de sua morte. Em toda essa bacanal mortífera, tão característico de nossa época, encontramos manifestações da busca de uma presença do Outro em nós. Por que ele nos abandonou?” (Laurent, 2007, p. 169).

Além disso, o autor também desenvolve suas formulações teóricas ao que escolhe chamar de ‘alloverdose’. Diferente da overdose, Laurent localiza a ‘alloverdose’ ao lado do sintoma psicanalítico junto à ação do significante e das leis do inconsciente. A ‘alloverdose’, referindo-se ao sintoma de formação de compromisso, tem como marca principal liberar o sujeito da tirania de gozar de tudo (Laurent, 2007, p. 173). Laurent concebe o sintoma como um gozo estrangeiro que implica a dimensão de ex-sistência do gozo. A satisfação pulsional do sintoma é estranha ao sujeito, todavia, é apenas através do sintoma que se encontra uma resposta ao real. Por meio do sintoma, tem-se o acesso ao inconsciente e a compreensão do modo de gozar do sujeito (ibidem, p. 173), que, por sua vez, somente pode ser conhecido na relação com o Outro.

Portanto, o sintoma psicanalítico inclui o Outro, na medida em que responde ao desejo do Outro, bem como tendo em voga a posição fantasística em que o sujeito se

coloca no circuito pulsional com o Outro, por meio da eleição de seu objeto particular (olhar, voz, fezes ou seio). Não há sintoma sem Outro. O sintoma é determinado pelos significantes encontrados no campo do Outro. Por esse prisma, à luz desta tese, podemos sustentar que, quando se trata de sintoma psicanalítico, o Outro existe para o sujeito enquanto ação do significante que vem fornecer tratamento ao gozo real.

“Por intermédio desse pedaço de corpo que posso reconhecer como meu, tenho acesso ao significante do Outro em mim, a essa mensagem vinda alhures. Quando estou em face ao Outro, este não é exterior a mim, está em mim. Eu sou o Outro que está lá. Podemos indicar esse acesso como a crença do sujeito no sintoma. O sintoma se prova porque dá acesso ao inconsciente como modo de gozar, a prova da existência do inconsciente está no sintoma” (Laurent, 2007, p. 173).

Resumindo, Laurent apresenta de um lado a overdose, em cujo funcionamento pulsional o sujeito busca restaurar o Outro todo em si pela via do gozo real, e de outro lado, a ‘alloverdose’, em que o sintoma psicanalítico implica o acesso ao inconsciente e o tratamento do real pelo significante. Podemos defender, então, que enquanto no primeiro caso o sujeito encontra-se abandonado pelo Outro, operando aí o axioma do ‘Outro que não existe’, no segundo caso, ‘O Outro existe’ a partir do sintoma. O que faz o autor finalizar seu texto reforçando a importância do Outro para a formação do sintoma: “reduzir o Nome-do-Pai a um sintoma (...) é fazer do sintoma o fundamento da sustentação do Outro. A ética da psicanálise é a de uma ‘sociedade do sintoma’” (ibidem, p. 177), e acrescenta: “nesse sentido, o programa de ação do psicanalista pode ser nomeado com a fórmula: fazer acreditar no sintoma” (ibidem).

Seguindo uma lógica bem próxima do que Laurent descreve acima, passemos agora para a apresentação das formulações de Martello encontradas no texto “Método científico, normatividade social e sintoma psicanalítico” (2014).

Martello adota o instrumento teórico do grafo do desejo de Lacan (1960), a partir do qual se debruça a desenvolver as particularidades existentes quando a efetuação da estrutura da neurose se mantém no primeiro piso do grafo e quando consegue fazer a passagem para o segundo piso do grafo. Disserta sobre as diferenças de funcionamento pulsional, correlato a sua localização no primeiro ou no segundo piso, tendo em vista os conceitos de signo e de significante.

Respeitando o modo como Lacan (1970) se dedica a explicar a divergência da apropriação teórica do conceito de estrutura pela linguística e pela psicanálise, Martello,

seguindo seus passos, defende a ocorrência da significação no primeiro piso, referente ao funcionamento do signo, em contraponto à formação do sintoma psicanalítico no segundo piso do grafo, correlato ao significante. O texto de Martello aborda, assim, o predomínio da ação do imaginário **ou** do simbólico na efetuação da estrutura psíquica, cujos efeitos, em cada caso, culminarão em diferentes respostas ao real, dentro do campo da neurose.

A autora relata que a direção teórica e clínica para entender o que hoje afeta a subjetividade contemporânea se baseia em sempre ter como ponto de partida as construções de Freud e Lacan sobre a teoria da divisão subjetiva, incluindo o conceito de inconsciente e a formação do sintoma psicanalítico (2014, p. 209). Segundo a autora, estudar as formas possíveis da constituição subjetiva na modernidade implica, sobretudo, abordar as questões referentes à divisão entre o registro do imaginário e do simbólico, buscando delimitar a partir deste aspecto clínico a forma como a estrutura da neurose se organiza a partir do simbólico.

Martello realça este dado, na medida em que na atualidade o que se encontra em deficiência é, exatamente, o simbólico: “se há algo que afeta a constituição subjetiva na modernidade é o fato de que a estrutura de organização do simbólico foi alterada” (ibidem). Visto isto, a autora se propõe a trabalhar os efeitos do declínio da função paterna, a saber, do simbólico no contemporâneo, a partir do estudo do grafo do desejo de Lacan.

Respeitando as postulações lacanianas de 1960a, Martello destaca que no primeiro piso do grafo, encontra-se o campo do Outro tomado a partir dos signos. No primeiro piso, há uma forma de estruturação que se sustenta pela relação especular com o outro, implicando assim o predomínio do registro do imaginário (ibidem, p. 211). Esta primeira etapa lógica da efetuação diz respeito à estrutura narcisista enquanto eu ideal; e deste modo, o campo do Outro é organizado tal qual o campo da linguística. O sujeito se relaciona com Outro todo (A) e é regido por leis de ordem fechada, que garantem a partir da ação dos signos, a vigência de significação e, conseqüentemente, a satisfação pulsional (Martello, 2014, p. 212).

Já no segundo piso do grafo do desejo, o sujeito não se constitui por meio de significações advindas da ação do signo. Isto acontece, pois, no segundo piso, o sujeito passa pela castração simbólica, sendo inserido na linguagem e na relação com o significante: “o segundo andar do grafo, o superior, é o andar inaugurado pelo sujeito da

ciência ou inconsciente no que ele deve se haver com a castração no campo do Outro e da linguagem para promover a dimensão do significante” (Martello, 2014, p. 212).

Nesta nova etapa lógica da efetuação da estrutura, o sujeito não tem mais a possibilidade de possuir significações que lhe garantam satisfação. Aqui, o sujeito buscará esta significação a partir do que imagina ser o desejo do Outro. Seu único recurso a responder tal enigma, uma vez que já se encontra inserido no regime do inconsciente se dá pela via da fantasia e da formação dos sintomas neuróticos. Diferente do primeiro piso, aqui a relação sexual não existe. A relação com o Outro barrado impossibilita ao sujeito responder ao enigma do Outro e criar uma significação: “o encontro do sujeito com a barra do Outro evidencia-se com uma questão sexual. É um problema sexual o sujeito não encontrar no campo da linguagem a possibilidade de executar o gozo exigido pela pulsão” (ibidem, p. 212-213).

Portanto, de acordo com o mesmo raciocínio das elaborações que desenvolvemos a partir do texto de Laurent, Martello nos apresenta por meio do instrumento teórico do grafo do desejo a verificação de dois estatutos do Outro: a ‘inexistência do Outro’ no primeiro piso do grafo, operando pelo registro do imaginário e do signo, e a ‘existência do Outro’ no segundo piso, em que se verifica a ação do significante como regulador de gozo. Dito de outra forma, à luz desta tese, os dois estatutos do Outro podem ser contemplados a partir da averiguação no primeiro piso do ‘Outro que não existe’ exercendo um papel débil no que diz respeito ao processo de castração e no segundo piso, do ‘O Outro que existe’ atuando no sucesso da passagem do falo imaginário para o falo simbólico para a regulação do gozo.

Por fim, torna-se interessante finalizar este item com uma citação de Martello que descreve o papel e a importância do estatuto do Outro enquanto barrado para o alcance de uma efetuação da estrutura da neurose bem sucedida, abarcando a relação do sujeito dividido com o Outro faltoso e tendo em voga o desejo e a fantasia atuantes como forma de tratamento ao gozo real.

“Inscrever a barra no grande Outro é uma operação científica de suspensão de signos e do advento do significante. Barrar o grande Outro do saber, da tradição, dos signos naturais para adquirir um saber mais consistente da natureza baseada no entanto em números e artifícios de linguagem, é relevante por ser antilibidinal, por cortar com circuitos de satisfação pulsional que sustentam o grande Outro como completo. Foi graças a este corte com a libido que se constitui a ciência” (Martello, 2014, p. 214).

Neste item, buscamos abordar duas maneiras de conceber leituras em psicanálise sobre os possíveis impasses para a efetuação da estrutura da neurose, de modo a dar continuidade ao estudo sobre os índices teóricos e clínicos que contribuem para abordar o motivo pelo qual o fenômeno da angústia, nos dias de hoje, mostra-se de maneira tão prevalente como resposta psíquica ao real pelos sujeitos na modernidade.

Com o intuito de dar prosseguimento ao estudo sobre o predomínio do fenômeno da angústia nos tempos atuais, vamos passar para o próximo item, onde teremos como direção de pesquisa apresentar algumas referências em psicanálise que contemplam diferentes maneiras de entender o que a tese vem propondo com a temática da gradação diagnóstica no campo da neurose. Desde o último capítulo, adotamos como ponto de partida para abordar a temática da gradação a proposta clínica da apresentação de diferentes níveis de operatividade do Nome-do-Pai no campo da neurose, o que vem a determinar diferentes formas de amarração sintomática (Guimarães, 2006). Por essa lógica, a apropriação do termo ‘gradação’ nesta tese remete ao objetivo de pesquisa de delinear as diferentes saídas psíquicas que um sujeito neurótico pode encontrar para lidar com a incidência do real sobre o seu corpo.

Por fim, na meta de avançar na proposta da temática da gradação diagnóstica na neurose, passemos ao próximo item, onde nos apropriaremos de novos recursos teóricos, tendo como objetivo de pesquisa desenvolver um material que nos permita, no próximo capítulo, trabalhar de forma bem fundamentada os diferentes tipos de uso de substância na clínica das neuroses, bem como a questão do diagnóstico diferencial na clínica psicanalítica do recurso à substância.

## **2.2. Algumas leituras psicanalíticas sobre a gradação diagnóstica nas neuroses:**

Com intuito de abordar a temática da gradação diagnóstica na neurose, o texto de Freud “A disposição à neurose obsessiva” (1913) se apresenta como uma interessante ferramenta teórica, pois demarca a possibilidade de esclarecer, a partir do conceito freudiano de caráter, a afirmativa de que para alguns casos de neurose a efetuação da neurose não alcança o seu fim, revelando-se mal formada ou inacabada. Freud neste texto observa um novo quadro clínico que localiza dentro do campo das neuroses e ao qual dá o nome de caráter. O autor aponta que no campo do desenvolvimento do caráter podem ser encontradas as mesmas forças pulsionais que vigoram nas operações das

neuroses (1913, p. 347), todavia, acentua um importante aspecto clínico correlato, exclusivamente, ao caráter: “o fracasso do recalque e o retorno do recalado – peculiares ao mecanismo da neurose – acham-se **ausentes** na formação do caráter (...) o recalque não entra em ação” (ibidem, p. 347, grifo nosso).

Desta constatação clínica, Freud afirma que os processos de formação do caráter são mais obscuros e menos acessíveis à análise que os neuróticos (ibidem), uma vez que não respeitam os mecanismos do inconsciente (condensação e deslocamento) próprios da neurose. Além disso, na finalidade de elaborar os diferentes modos de efetuação da estrutura, no tocante à formação do caráter e das psiconeuroses (histerias e neuroses obsessivas), Freud destaca as peculiaridades condizentes de cada quadro clínico. Enquanto localiza o ponto de fixação (a inibição de desenvolvimento) para a disposição à parafrenia (psicose) na fase autoerótica, situa as histerias e as neuroses obsessivas em fases posteriores (ibidem, p. 342).

Em relação à formação do caráter, Freud profere que esta advém de “uma regressão da vida sexual ao estágio pré-genital sádico e anal erótico, na qual descobrimos a disposição à neurose obsessiva” (ibidem, p. 347). Esta citação, conseqüentemente, suscita Freud a postular outro aspecto clínico importante – seu cuidado em delimitar a distinção teórica referente às características da formação do caráter e da neurose obsessiva:

“Uma comparação entre tal mudança de caráter e a neurose obsessiva é muito impressionante. Em ambos os casos o trabalho da regressão é aparente. Mas enquanto na primeira, encontramos uma regressão completa, a seguir um recalque que ocorreu suavemente, na neurose há conflito, um esforço para impedir que a regressão ocorra, formações reativas contra ela e formações de sintomas produzidos por conciliação, assim como uma divisão (*splitting*) das atividades psíquicas em algumas que são admissíveis à consciência e outras que são inconscientes” (Freud, 1913, p. 347).

A partir desta citação, a tese se inclina a recortar aqui as características clínicas particulares que Freud circunscreve para descrever a formação do caráter: 1. Há a regressão completa ao estágio pré-genital anal-sádico; 2. Há a ausência do fracasso do recalque que permitiria através do retorno do recalado a produção de sintomas de formação de compromisso; 3. E a ausência de divisão subjetiva a ponto de gerar um conflito psíquico entre as instâncias psíquicas.

Após discorrer sobre as peculiaridades do funcionamento pulsional do caráter e da neurose obsessiva, Freud localiza a histeria, no que concerne a seu modo de efetuação da estrutura, numa “relação íntima a fase final do desenvolvimento libidinal, que se caracteriza pela primazia dos órgãos genitais (...) acha-se sujeita ao recalque, que não implica regressão ao estágio pré-genital” (ibidem, p. 349).

Portanto, de acordo com as postulações freudianas de 1913, sustentamos ser possível pontuar três gradações diagnósticas da estrutura psíquica da neurose:

1. **Primeira gradação:** a *formação do caráter*, em que se verifica uma regressão completa ao estágio pré-genital anal-sádico, sem produção de sintoma de formação de compromisso e sem conflito psíquico;
2. **Segunda gradação:** a *neurose obsessiva*, em que os sintomas de formação de compromisso e as medidas protetivas se esforçam para impedir que a regressão total ocorra;
3. **Terceira gradação:** a *histeria*, em que vigora a fase final do desenvolvimento libidinal.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio sobre a gradação diagnóstica no âmbito da neurose, Godoy e Schejtman no texto “Las neurosis obsesivas en lo ultimo ensino de Lacan” (2009) teorizam sobre os conceitos de defesa, caráter e sintoma, a partir dos achados de Freud para o caso do Homem dos Ratos (1909), bem como de outras referências freudianas como “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” (1886) e “O Recalque” (1914).

Godoy e Shetjman (2009) iniciam seu texto, realçando que Freud postulou para a formação lógica da neurose obsessiva dois momentos distintos: o primeiro correlato ao êxito da defesa e o segundo, ao fracasso da defesa. Para o primeiro momento lógico, Freud observa o que denominara de ‘período de saúde aparente’, decorrente do êxito das defesas primárias; e, para o segundo momento, a instalação da ‘doença propriamente dita’, na medida em que passam a vigorar para o sujeito os efeitos da irrupção dos sintomas de retorno do recalque e das defesas secundárias representadas pelas medidas protetivas. É no segundo momento lógico da formação da neurose obsessiva que o fracasso da defesa se apresenta. A defesa falha em manter recalque no inconsciente o representante traumático da pulsão (Godoy e Shejtman 2009, p. 92 apud Freud 1886, 1909, 1914).

No *Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-60), Lacan profere que em se tratando da efetuação da estrutura da neurose, a defesa é sempre o ponto de partida. Ao afirmar que a realidade é precária, o autor ressalta que a abordagem do real só pode ser entendida, primeiro, em termos de defesa. Sustenta sua afirmativa demarcando que a pesquisa autoanalítica de Freud sobre a abordagem do real ocorre primeiro pela via de uma defesa primária e visto isto, defende que uma “defesa que já existe antes mesmo de as condições do recalque como tal se formularem” (Lacan, 1959-60, p. 43).

Mediante esta referência lacaniana e, do mesmo modo, respeitando os postulados de Freud (1886, 1909, 1914), Godoy e Shejtman (2009) vão trabalhar o conceito de caráter, situando-o no primeiro tempo lógico da formação da neurose obsessiva, cujo efeito do êxito da defesa culmina para o funcionamento psíquico “um singular modo obsessivo de rechaço do inconsciente” (2009, p. 92). O caráter passa a ser um estilo habitual do sujeito, implicando um certo equilíbrio e estabilidade (ibidem, p. 93).

Por esta ótica, a tese entende que as formações de caráter são defesas fortes erguidas no ponto em que o retorno do recalado possui dificuldade para entrar em ação. No entanto, a aparente estabilidade indica o agravamento do quadro clínico, escondendo a gravidade do funcionamento psíquico orientado pelo êxito da defesa.

Já em relação aos sintomas obsessivos, Godoy e Shejtman (2009) os situam no segundo tempo lógico da neurose obsessiva. Contudo, afirmam que a formação dos sintomas obsessivos mesmo que obedecem às leis do inconsciente (deslocamento), sendo decifrados como mensagem, ainda assim, no segundo momento lógico, continuam a ser descritos por uma consistência defensiva bastante rígida (2009, p. 94) ao inconsciente, bem como demarcados por uma tentativa de corte à dimensão transferencial do sujeito histórico (ibidem, p. 92).

Sobre isto, no *Seminário, livro 24: l'insu que sait de l'une bévue s'aille à mourre* (1976-77), na aula de 17 de maio de 1977, Lacan põe como exemplo a neurose obsessiva como princípio da consciência e, por esta razão, seu ensino adverte uma necessária histerização do neurótico obsessivo para a sua entrada em análise.

Logo, por meio dos postulados de Freud e de Lacan mencionados acima e das contribuições de Godoy e Schetjman (2009), a tese segue em sua fundamentação teórica com a defesa de propor a leitura da gradação diagnóstica no campo da neurose, sob a égide da verificação de diferentes níveis de operatividade do Nome-do-Pai ou de diferentes gradações da ação do significante para a amarração sintomática da estrutura neurótica. Neste item, então, a tese deu prosseguimento a esta fundamentação a partir do

desenvolvimento das peculiaridades dos quadros clínicos: caráter, neurose obsessiva e histeria, na medida em que estes se constituem por diferentes maneiras de lidar com o real, de acordo com seus diferentes graus de abertura ao inconsciente.

De modo a acrescentar novas referências a esta fundamentação, Miller no livro “La experiencia de lo real en la cura psicanalitica” (1998-1999) também teoriza e trabalha com os conceitos de defesa, caráter e sintoma. Toma como base tais conceitos para seu estudo, com o intuito de aprofundar, teoricamente, as particularidades a respeito da abordagem do real na clínica psicanalítica contemporânea.

Miller realça que a partir da década de 20, sobretudo, com os textos freudianos “Além do Princípio do Prazer” (1920) e “O ego e o id” (1923), a psicanálise se depara com alguns obstáculos no que concerne à necessidade de esclarecer o surgimento de novas formas subjetivas de sofrimento que não coincidem mais com o funcionamento proposto pela primeira tópica. O advento do conceito de pulsão de morte insere uma nova maneira de entender o mecanismo pulsional que passa a sobrepujar o princípio do prazer (Freud, 1923). De acordo com o texto “O ego e o id” (1923), o inconsciente que antes era equivalente ao recaiado, passa a não mais coincidir: “o inconsciente é outra coisa que o simbólico (...) nem tudo que é inconsciente é recaiado” (Miller, 1999, p. 107 apud Freud, 1923). A partir da segunda tópica freudiana, averigua-se o fracasso da leitura do inconsciente. O acesso ao simbólico deixa de ser livre: “não há mais um real dócil ao simbólico” (Miller, 1999, p. 105).

Deste modo, em consonância aos novos prismas da segunda tópica de Freud, o último ensino de Lacan se dirige ao sujeito em outro terreno que não o recaiado. Passa a se revelar aí a incidência forte da defesa em certas formas de sofrimento pulsional. A defesa encontra-se atrelada à formação do caráter, de modo a não ser passível de interpretação, como efeitos de sentido e de verdade (ibidem, p. 36).

Esta afirmativa concerne à proposição de Lacan no *Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-60) quando assinala que a defesa existe antes mesmo de se formarem as condições para o recalque (Lacan, 1959-60, p. 43). Neste caso, de acordo com as postulações de Freud, Lacan e Miller, a defesa pode tanto servir de base para constituição do caráter, como também ser a etapa prévia às condições do recalque.

Tem-se, então, uma diferença entre os conceitos de sintoma e caráter. O caráter não se oferece como um corpo estranho ao ego, tal como Freud e Lacan formulam. O caráter não está do lado do inconsciente recaiado e não é passível de interpretação.

Revela-se como algo “integrado a personalidade” (Miller, 1998, p. 69). Coelho e Azeredo no texto “Um tipo excepcional de caráter” (2005) assinalam: “o caráter é muito mais um modo de se e de viver (...) aparece do lado do real” (2005, p. 87).

Diante de todos esses aspectos clínicos, Miller acredita que a formação do caráter representa um obstáculo narcisista inicial para a prática analítica; dito de outra forma, no que concerne ao caráter, o “imaginário obscurariza a análise” (1998, p. 81). Assinala o caráter como algo que não se deixa ler segundo o modelo das formações do inconsciente, não sendo correlato a um querer dizer (Miller, 1999, 134). Diante dessas formulações, o autor apresenta o seguinte esquema (ibidem, p. 134):

SIMBÓLICO	REAL
Sintoma	Caráter
Recalque	Defesa
Desejo	Gozo
Inconsciente	Pulsão

Ao fim de todo esse desenvolvimento, Miller defende que o conceito de caráter concerne a uma articulação entre o inconsciente e o corpo, entre a pulsão e o imaginário. O caráter é “o aparato próprio para pensar a repercussão da satisfação pulsional arraigada no corpo” (Miller, 1999, p. 163).

Esta citação respeita o que a tese vem fundamentando, ao longo deste capítulo, acerca do fenômeno da angústia visto como predominante na forma atual de sofrimento subjetivo. Tal como Miller descreve acima, a tese concebe a ‘satisfação arraigada no corpo’ como resultado da debilidade da ação do significante no processo da castração, mediante a falha em fornecer tratamento ao gozo fálico que advém, num primeiro momento, sobre o corpo de forma traumática (vide a apresentação do caso Hans). Neste sentido, a articulação entre o inconsciente e o corpo, entre a pulsão e o imaginário, proposta por Miller, pode ser lida, à luz desta tese, sob a égide da permanência pelo sujeito neurótico na etapa lógica do falo imaginário, cujo efeito psíquico emerge sob a forma de angústia no imaginário corporal. Em outras palavras, perante a falha em viver as etapas lógicas do complexo de Édipo, o sujeito se vê impossibilitado de responder sobre o enigma do gozo fálico e, na ausência da significação fálica, elege o fenômeno da angústia como saída psíquica frente ao real.

Logo, tendo como referência o postulado de Lacan que designa a ação do significante como responsável em propiciar a separação entre o gozo e o corpo (Lacan,

1969-70, p. 188), esta tese se arrisca a defender que podemos situar o conceito de caráter como uma das formas de descrever, teoricamente, os impasses nos quais um sujeito neurótico pode esbarrar para a efetuação da sua estrutura psíquica.

Sigamos agora com uma nova referência em psicanálise que nos fornece outra maneira de contemplar a temática sobre a gradação do diagnóstico no campo da neurose. Guimarães em seu texto “Um modo de fazer consistir o pai” (2006b) parte de uma nova perspectiva clínica introduzida pela ‘clínica continuísta’ ou borromeana de Lacan para abordar a gradação diagnóstica na neurose, avaliando diferentes formas de constituição da estrutura e, conseqüentemente, diferentes maneiras de lidar com o real.

Guimarães (2006b) desenvolve a temática sobre a gradação diagnóstica na neurose demarcando que, diferente da clínica estrutural ou descontinuísta, que se baseava apenas no diagnóstico diferencial entre neurose e psicose, mediante o binômio inscrição do Nome-do-Pai/ forclusão do Nome-do-Pai, a clínica continuísta se destaca por uma nova linha de direção de tratamento, ao incluir a necessidade de se atentar a: “uma ampla variação de modos sintomáticos de amarração dos três registros: real, simbólico e imaginário (...) no sentido de examinar com certa precisão a maior ou menor consistência do Nome-do-Pai no sintoma que faz a amarração na estrutura subjetiva” (Guimarães, 2006b, p. 50).

Examina a importância em verificar essa ampla variação dos modos de amarração na neurose, remetendo ao fato de que isso se constitui em consequência dos efeitos relativos aos diferentes níveis de operatividade do Nome-do-Pai na efetuação da estrutura; ou seja: “toda uma gradação contínua do modo como o Pai aí se efetiva, resultará em diferentes modos de diagnosticar a estrutura de um sujeito inserido no âmbito da neurose” (Guimarães, 2006b, p. 50). Seguindo esta proposição clínica, postula diferentes formas de diagnosticar a estrutura da neurose, de acordo com o grau de consistência do Nome-do-Pai presente na amarração sintomática do sujeito e através da formalização teórica de quatro quadros clínicos correlatos à verificação de diferentes níveis de regulação do gozo na constituição da neurose, bem como do acesso do sujeito ao inconsciente. Seguem-se abaixo a apresentação dos quadros clínicos:

Sob o prisma da perspectiva da clínica continuísta, Guimarães apresenta o primeiro quadro clínico, situando-o no lado mais extremo da menor consistência do Nome-do-Pai. Aqui, a autora localiza os “sujeitos, tanto adultos como crianças, que são referidos de modo impreciso como ‘neuróticos psicotizados’” (Guimarães, 2006b, p.

50), assim como os “sujeitos que são diagnosticados através do termo ‘debilidade neurótica’ (...) engendrados em sua estrutura subjetiva em que a operação de alienação não chegou a ser estabelecida efetivamente” (ibidem, p. 50).

Passando para o estágio seguinte da gradação, encontra-se o segundo quadro clínico. Neste segundo ponto da gradação, Guimarães localiza um terreno psíquico onde ainda não se é possível assegurar um modo seguro de consistência efetiva do Pai. Todavia, mesmo sem esta segurança, acrescenta que este estágio também é concebido pela constatação (caso a caso) de toda uma gradação diagnóstica no tocante a um maior ou menor sucesso da amarração sintomática da neurose pelo significante paterno.

Para este segundo estágio de gradação, a autora se atenta para os seguintes tipos de sofrimento subjetivo: os transtornos alimentares, o recurso à substância psicoativa e outros modos de gozo que, do mesmo modo, obedecem ao regime do discurso capitalista (ibidem). Guimarães explica a escolha desses quadros clínicos tendo como base o estudo dos conceitos lacanianos (1964) alienação e separação – operadores lógicos da constituição da neurose –, através dos quais defende os motivos estruturais de acreditar que, nestes modos do gozo orientados pelo discurso capitalista, ainda não se pode ter certeza sobre a efetividade do Pai na amarração sintomática do sujeito. Dá destaque ao efeito direto do declínio da função paterna, prevalente no contemporâneo, responsável por fazer com que a efetuação da estrutura se depare com obstáculos, de modo não alcançar o seu fim. E, seguindo este raciocínio, a autora pontua para este segundo estágio de gradação, os seguintes aspectos clínicos (2006b, p. 51):

1. Houve a operação de alienação, ainda sem a efetivação da operação da separação;
2. A dimensão da demanda ainda não foi articulada ao desejo;
3. A extração do objeto *a* ainda não resultou em seu uso fantasmático;
4. A significação fálica ainda não forneceu os lastros precisos para o gozo na sexuação do sujeito (ibidem).

Contudo, a gradação diagnóstica proposta por Guimarães não acaba neste estágio. Seguindo mais adiante na linha da gradação, no tocante à perspectiva continuísta, a autora situa um quadro clínico onde “o Pai tem uma consistência maior no sintoma, mas ainda assim sem poder ser inserido no registro da certeza” (ibidem, p. 51). Situa para

este estágio os estados subjetivos que vão do pânico à angústia (ibidem). Isto é, estados subjetivos que se referem ao campo clínico das neuroses obsessivas.

Por fim, o último estágio da gradação localizado no ponto extremo da linha continuísta correlato à maior consistência do Pai. Neste último estágio, encontra-se a amarração sintomática da neurose histérica: “um modo de amarração em que o Pai ainda que não consista de modo absolutamente seguro, já está sustentado no estatuto da certeza, da crença ao Pai” (ibidem, p. 51), em que vigora a faceta do pai idealizado.

Deste modo, Guimarães (2006b) defende uma forma de fazer a leitura, em psicanálise, acerca da gradação diagnóstica na neurose, orientada pela perspectiva da clínica continuísta do último ensino de Lacan, por qual se revela a possibilidade de vislumbrar uma ampla variação dos modos sintomáticos de amarração dos três registros real, simbólico e imaginário na estrutura da neurose. Faz isso formulando quatro etapas de gradação diagnóstica na neurose, que, ao estarem submetidas a diferentes níveis de consistência do Nome-do-Pai na regulação do gozo, produzem, do mesmo modo, diferentes respostas ao real.

No próximo item, daremos nossa lapidação final à pesquisa da gradação diagnóstica nas neuroses neste capítulo. Avançaremos no estudo sobre o papel da defesa (em seu aspecto de sucesso ou de fracasso) na efetuação da estrutura psíquica da neurose. A tese se dedicará em seguir a análise sobre as fobias e as neuroses obsessivas, haja vista que nesses dois tipos clínicos verificamos certa dificuldade do sujeito em avançar nas etapas lógicas da efetuação da estrutura, mantendo-se, deste modo, afastados de sua posição subjetiva.

Para tal, buscaremos dar continuidade ao estudo, em psicanálise, dos motivos estruturais pelos quais as fobias e as neuroses obsessivas se destacam como tipos clínicos orientados predominantemente pelo imaginário, devido ao déficit do significante no processo de castração simbólica, culminando em um tipo de satisfação pulsional que tende a afastar, ou mesmo prescindir o Outro para o modo de gozo do sujeito.

### **2.3. Recurso à substância – uma resposta psíquica à fobia estrutural na neurose:**

De acordo com as contribuições teóricas referentes aos conceitos de caráter e de defesa (Freud, 1886, 1909, 1913; Miller, 1998-1999; Godoy e Shetjman, 2009), em

paralelo, ao que Guimarães (2006b) propõe com os quadros clínicos e seus diferentes níveis de operatividade do Nome-do-Pai, a tese acredita que o tipo de funcionamento pulsional que melhor corresponde à clínica do recurso à substância na neurose, no que tange à tentativa de fornecer tratamento à angústia – em seu maior grau de incidência no imaginário corporal – refere-se, sobretudo, aos modos de gozo encontrados nas fobias e nas neuroses obsessivas.

Cabe aqui, desde já, delimitar que além dos tipos clínicos da fobia e da neurose obsessiva, a tese também compreende que é possível encontrar em casos clínicos de neuroses histéricas o recurso à substância. Todavia, um dado clínico precisa ser destacado: o recurso à substância na neurose histérica responde a outra função psíquica, quando comparada a das verificadas nas fobias e neuroses obsessivas. Como entender esta diferença? No tocante ao uso de substância na histeria, o consumo não terá como objetivo, por exemplo, apaziguar os efeitos de uma efetuação da estrutura mal acabada. Na histeria (tal como Freud e Lacan identificam), a efetuação da estrutura vigora de maneira mais avançada, haja vista que a resposta psíquica ao real inclui a presença de sintomas de formação de compromisso, bem como da fantasia inconsciente e do desejo em ação.

Portanto, seguindo nossa linha de pesquisa sobre as gradações diagnósticas no campo das neuroses, diferente das fobias e das neuroses obsessivas marcadas por um predomínio do imaginário, nas histerias, o simbólico já ganha um terreno mais consistente e efetivo, permitindo ao sujeito outra forma de fornecer tratamento ao gozo real. O recurso à substância nas histerias, na maioria dos casos, surge, em paralelo, à formação de sintomas decifrados como mensagem; e sua função psíquica, geralmente, se encontra a serviço de buscar apaziguar os efeitos do supereu materno sobre o sujeito. No entanto, a tese não possui como objetivo de pesquisa contemplar as peculiaridades do uso de substância nas neuroses histéricas. Apenas achamos interessante aqui pontuar algumas divergências entre o uso na histeria e o uso nas fobias e neuroses obsessivas.

Sendo assim, sigamos com o aprofundamento teórico sobre os tipos clínicos das fobias e das neuroses obsessivas, na medida em que se adequam aos quadros subjetivos que sofrem os efeitos de uma incidência mais maciça do gozo real/ pulsão de morte, em consequência dos impasses psíquicos vividos – mediante uma baixa operatividade do Nome do Pai – que os impedem em avançar nas etapas lógicas da efetuação da estrutura da neurose.

No tocante ao campo da fobia, averiguamos, no decorrer de toda a tese, que o estudo clínico do caso Hans foi essencial para circunscrevermos, de forma minuciosa, tanto sobre a irrupção da angústia, quanto seu tratamento via ação do significante no âmbito da neurose. Dissertamos, seguindo os postulados de Lacan, que a emergência da angústia decorre do advento do pênis real evidenciado pelo início da masturbação. Hans, num primeiro momento, se vê refém da incidência do gozo fálico/real sobre seu imaginário corporal. O que ocorre devido à falha da ação do significante no processo de castração simbólica que mantém o sujeito na primeira etapa lógica do falo imaginário. Em consequência da ausência de recursos simbólicos que lhe possibilitasse buscar responder sobre o enigma do gozo fálico, resta a Hans sofrer os efeitos mortíferos e traumáticos do gozo real vigente nesta primeira etapa lógica da efetuação da estrutura psíquica da neurose.

Já sobre a neurose obsessiva, dando prosseguimento à nossa fundamentação prévia acerca dos conceitos de defesa, caráter e sintoma (Freud, 1886, 1909, 1913b; Miller, 2003; Godoy e Shejtman, 2009) – que indicam para a segunda etapa lógica da neurose obsessiva, a análise de uma insistência contra o inconsciente mesmo com a averiguação de sintomas de formação de compromisso – nos propomos agora em avançar sobre a análise do fenômeno da angústia nas neuroses obsessivas a partir das contribuições de Guimarães (2012). A autora formaliza a emergência da angústia na neurose obsessiva em decorrência de fortes defesas obsessivas, cujo êxito mantém o sujeito distante de sua divisão, distante de sua posição de sujeito barrado (\$).

Guimarães em seu livro “Logos 7” (2012) ao estudar a clínica psicanalítica na atualidade coloca em relevo uma peculiaridade inerente ao modo do funcionamento pulsional dos sujeitos que buscam tratamento. Observa cada vez mais o predomínio de fortes defesas obsessivas no modo de gozo destes sujeitos, e, sob esse prisma, defende a tese de as defesas obsessivas advirem de uma fobia estrutural de base na constituição da neurose. Sustenta sua tese pelo fato de verificar medidas protetivas bem parecidas tanto na fobia, quanto na neurose obsessiva no que tange à tentativa de apaziguar o real. A saber, identificando em ambos os casos uma distância em relação à divisão subjetiva, bem como um funcionamento pulsional mais regido pelo imaginário. E, de acordo com estas constatações, a autora desenvolve seus argumentos com o intuito de fundamentar índices teóricos que explicam a vigência da imaginarização do gozo no contemporâneo,

e, conseqüentemente, da angústia concebida como fenômeno principal do sofrimento subjetivo nos dias atuais.

Dissertamos no último item que Godoy e Shejtman (2009) situam o êxito da defesa no primeiro tempo lógico da formação dos sintomas obsessivos, reforçando como resultado para o modo de gozo subjetivo uma tentativa obsessiva de rechaço do inconsciente. Guimarães (2012), seguindo esta mesma lógica, vai atentar que o modo de gozo no contemporâneo revela-se cada vez mais a partir da presença de “fortes defesas obsessivas” (Guimarães, 2012, p. 64) que condizem com “uma amarração sintomática de gozo na estrutura subjetiva que faz uso principalmente do recurso do imaginário, ou melhor dizendo, de uma imaginarização do simbólico” (Guimarães, 2012, p. 64).

Guimarães explica a imaginarização do simbólico adotando como recurso teórico os operadores lógicos (Lacan, 1964/2008) da alienação e da separação, correlatos à constituição do sujeito – o processo de alienação relativo à inserção do sujeito ao campo dos significantes (encontrado no campo do Outro) e o processo de separação em que o objeto *a*, como objeto fantasmático, é introduzido entre o campo do sujeito e o campo do Outro (Guimarães, 2012, 64).

Respeitando os postulados lacanianos de 1964, o objeto *a*, resultado do processo de separação, confere ao sujeito um modo de se posicionar fantasisticamente em relação ao Outro, a partir da formulação da pergunta sobre o desejo do Outro. O objeto *a* por estar localizado na interseção do campo do sujeito e do campo do Outro é determinante para a inserção do Outro na satisfação pulsional do sujeito.

Guimarães, ao tomar como base para seu argumento este recorte laciano, propõe a compreensão sobre a inserção do Outro no circuito pulsional do sujeito (no processo de separação) também como determinante à abertura para o sujeito de se sentir amado pelo Outro. Sobre isto, profere: “objeto *a* na constituição da subjetividade da existência em um sujeito, enquanto neurótico sexuado, como uma maneira de fazer-se amado pelo Outro” (Guimarães, 2012, p. 65).

Deste modo, não é a toa que Guimarães elege os operadores lógicos da alienação e da separação, referentes à constituição do sujeito, para discorrer sobre o modo de gozo no contemporâneo representado pela égide da imaginarização do simbólico. Os operadores lógicos da alienação e da separação representam uma ferramenta teórica forjada por Lacan que serve para descrever as etapas lógicas da efetuação da estrutura (do mesmo modo que a teorização sobre os três tempos do Édipo também se apresenta, no primeiro ensino de Lacan, como uma forma de leitura das etapas lógicas da

constituição da neurose). Por esse prisma, a autora teoriza que a investigação sobre a forma de apresentação do funcionamento dos operadores lógicos dentro de cada caso abre a possibilidade de averiguar clinicamente duas situações: 1. Se o modo de gozo está orientado pelo predomínio do imaginário ou; 2. Se na amarração sintomática do sujeito já vigora a ação do simbólico de forma mais prevalente.

Seguindo essa lógica, Guimarães disserta sobre esta diferença, explicando o que quer dizer: quando um caso clínico se refere a uma efetuação da estrutura bem estabelecida, e, de modo contrário, quando a efetuação da estrutura se apresenta de forma inacabada. De acordo com a perspectiva da clínica estrutural de Lacan, o primeiro quadro clínico diz respeito a uma neurose em que, por exemplo, já apresenta o funcionamento do objeto *a* para posição fantasmática de gozo do sujeito. Para este primeiro caso, a autora afirma que aqui as operações lógicas da efetuação da estrutura já se encontram firmemente estabelecidas. Todavia, quando tratamos da prática psicanalítica na atualidade, encontramos, corriqueiramente, o que é avaliado para o segundo quadro clínico, na medida em que, segundo Guimarães, a forma de efetuação da estrutura psíquica que se apresenta, clinicamente, nos dias de hoje, tende a estar marcada pela presença de neuroses mal formadas e mal estruturadas (ibidem, p. 65).

Foram os estudos sobre a clínica das toxicomanias e dos transtornos alimentares que demandaram aos psicanalistas uma maior atenção aos estados subjetivos, em cujos modos de gozo a função paterna se encontrava manca (ibidem). Tal como Lacan, em 1934, advertira sobre a crise emocional que o declínio da função paterna antecipava, e do mesmo modo, como Guimarães, em 2006, situara os impasses para a efetuação da neurose em relação aos efeitos do declínio da função paterna. Guimarães (2012), após seis anos, mantém a sua posição, constatando que o resultado da queda do ideal paterno suscita, para os dias hoje, o surgimento de um modo de neurose constituída por posições fantasmáticas mal estabelecidas.

O que Guimarães quer dizer? Dissertamos acima, respeitando os postulados de Lacan de 1964, que o objeto *a* resultado do processo de separação propicia a inserção do Outro na dinâmica pulsional do sujeito, assim como a abertura do sujeito de ser amado pelo Outro. Isto acontece em função de o objeto *a* permitir a consolidação da fantasia, através do qual o sujeito busca sua satisfação pulsional pela via do que supõe faltar no Outro. Tal como Lacan (1964) formulou, o processo de separação se instaura a partir da interseção de duas faltas: do sujeito barrado (\$) e do Outro faltoso (A). Ou seja, é a

partir da falta de ambos que a fantasia e o desejo podem ser produzidos como motes para a relação pulsional entre o sujeito e o Outro.

Entretanto, no que tange à clínica da atualidade, Guimarães demarca que a função do objeto *a* não se dá desta maneira na dinâmica pulsional do sujeito, a saber, acontece de forma falha. Dito de outra forma, em tempos de neuroses mal formadas e mal estruturadas no que diz respeito a seu processo de efetuação: “a constituição fantasmática que lhes permitiria assentar-se na subjetivação de sua sexuação, para abordar daí, o parceiro sintomático, ainda não havia se estabelecido em sua estrutura” (Guimarães, 2012, p. 65-66). Quer dizer, a função do objeto *a* que se esperava advir do processo de separação, nestes casos, não se manifesta. Não se manifesta em consequência de a efetuação da estrutura da neurose esbarrar, na atualidade, em obstáculos, de modo a não alcançar o seu fim. Mediante a dificuldade do sujeito de alcançar o processo de separação, a partir do qual o objeto *a* se instalaria como objeto causa de desejo, propiciando a relação do sujeito com o Outro pela via da fantasia e do desejo, na atualidade, o engessamento no processo de alienação impede ao sujeito em sua constituição de inclusão do Outro no circuito pulsional. Isto ocorre em virtude da ausência de recursos simbólicos pelo sujeito como resultado direto dos efeitos do declínio da função paterna ou, em outros termos, da inexistência do Outro (tal como trabalhamos na primeira parte deste capítulo).

Por este motivo, Guimarães assinala, para o modo de gozar contemporâneo, a constatação de um aspecto subjetivo particular que se destaca pela busca incessante do sujeito se manter distante de sua divisão subjetiva, a saber, de sua posição enquanto sujeito barrado, marcado pela falta a ser. E esta configuração subjetiva decorre dos efeitos, na amarração sintomática da estrutura, das fortes defesas obsessivas, que se desenvolvem a partir de uma fobia estrutural de base (Guimarães, 2012, p. 66-67). Daí, podemos entender dois quadros clínicos: a fobia e a neurose obsessiva, marcados pelo predomínio do imaginário, pelo recuo da divisão subjetiva, e, conseqüentemente, pela dificuldade do sujeito em se relacionar com a falta do Outro.

Aqui, neste ponto de seu desenvolvimento, Guimarães segue sustentando sua tese a respeito da aproximação entre as defesas obsessivas e a fobia, tendo como base para sua argumentação uma fala de Bernardino Horne, A.E. (Analista da escola) da Escola Brasileira de Psicanálise, ocorrida em um debate na Bahia (1995-1997), no qual declara: “a neurose obsessiva é uma burocratização da fobia” (Guimarães, 2012, p. 66 apud Horne, 1995-1997). Mediante esta fala, Guimarães disserta sobre o que a faz concluir

para a neurose obsessiva, o registro de uma relação de dependência com uma posição fóbica central para a sua constituição.

“É precisamente isso, a neurose obsessiva não é senão uma grande burocratização da fobia; organiza tudo, mantém o sujeito ocupado em uma série de procedimentos burocráticos para não correr o risco de passar perto do desejo do Outro, se não, se angustiaria desesperadamente. É uma defesa justamente para não se aproximar da falta do Outro, mantendo assim uma posição fóbica central com relação a esse buraco no simbólico. Por isso, essa defesa mantém o sujeito protegido do âmbito do amor, pois o amor tem a ver com a dimensão da falta. O amor é precisamente um signo dessa falta no simbólico. Para preservar esta posição fóbica central, qual recurso utiliza a defesa obsessiva? Um recurso eminentemente imaginário: o recurso do eu” (Guimarães, 2012, p. 66-67).

Sobre esta citação, Guimarães (ibidem, p. 67) profere que quando se refere às defesas obsessivas, não necessariamente está falando das compulsões obsessivas derivadas destas defesas, aquelas conhecidas como T.O.C., e sim das medidas protetivas provenientes dos sintomas obsessivos (como, por exemplo: contar objetos, lavar as mãos, arrumar a mesma coisa várias vezes).

Em relação à dificuldade do neurótico obsessivo de se fazer como objeto de amor para o Outro, a autora explica que pelo fato de as defesas obsessivas serem oriundas de uma baixa operatividade da função paterna, o resultado disto à estrutura do sujeito culmina em uma carência de recursos simbólicos para fazer borda ao redor da falta do Outro. Devido a esta carência, o sujeito se depara com o impasse de encontrar em sua estrutura um tecido simbólico consistente que lhe permita formular uma pergunta sobre o desejo do Outro (Guimarães, 2012, p. 67). Neste sentido, em função das fortes defesas obsessivas, a falta do Outro se torna completamente angustiante para o sujeito, chegando a representar “um buraco profundamente angustiante, igual aos buracos negros do universo, justamente porque nas bordas deste buraco não encontra contornos simbólicos para sustentar” (ibidem).

É, exatamente, por este motivo que as defesas obsessivas mantêm para o sujeito uma posição fóbica central, pois é a partir desta inscrição psíquica que consegue fugir do buraco do Outro. E como a neurose obsessiva consegue fazer isto? Segundo Guimarães, isto é alcançado com o auxílio do imaginário, apoiando-se em um movimento espontâneo da estrutura que corresponde “a posição do bebê como objeto *a* da mãe, aparelhando esse objeto com a roupagem majestosa do Eu ideal  $-i(a)$ ” (Guimarães, 2012, p. 67). A saber, o conceito de eu ideal relativo ao narcisismo primário em Freud (1914), e, do mesmo modo, o eu ideal vivido pelo sujeito como

objeto faló da mãe no primeiro tempo do Édipo em Lacan (1957-58) – etapa lógica primitiva da constituição da neurose.

Sob esse prisma, à luz do que a tese vem fundamentando ao longo deste capítulo, podemos constatar que as defesas obsessivas instauradas na estrutura a partir da apreciação do retorno à posição subjetiva de ‘Majestade, o bebê’ (Freud, 1914) estão de acordo com os postulados freudianos (1913/1996) acerca da formação do caráter, que realçam uma regressão pulsional a fases anteriores do desenvolvimento libidinal, bem como das proposições de Godoy e Shetjman (2009) que destacam para o êxito da defesa no primeiro tempo lógico da neurose obsessiva, o efeito de rechaço do inconsciente, o que impede o sujeito de avançar na efetuação de sua estrutura. Do mesmo modo, acerca desta configuração psíquica orientada pelo predomínio do imaginário, podemos também acrescentar e articular com as contribuições de Miller (2003) quando este situa para a formação do caráter, a evidência clínica de um obstáculo narcisista inicial, ascendente na estrutura subjetiva, por onde o “imaginário obscurariza a análise” (Miller, 1998, p. 81).

Logo, de acordo com estas referências teóricas, torna-se possível afirmar que o sucesso da defesa, seja na fobia, seja na neurose obsessiva, diz respeito à localização da efetuação da estrutura da neurose em uma etapa lógica que não condiz com uma firme atuação do simbólico – o que faz vigorar aí um modo de gozo orientado pelo imaginário representado por uma satisfação mais arraigada no corpo, cuja carência de recursos simbólicos não permite assegurar a entrada do Outro no circuito pulsional do sujeito.

Sobre estes impasses para a efetuação da estrutura, Guimarães prossegue em sua descrição clínica acerca das peculiaridades, frente às fortes defesas obsessivas, da forma de atuação dos processos de alienação e de separação para a constituição da estrutura da neurose. Peculiaridades estas que trazem consequências para a efetuação da estrutura subjetiva. Primeiramente, a autora assinala que o sujeito obsessivo não consegue estabelecer uma firme fixação a uma identificação simbólica, a um S1, que por sua vez lhe permitiria ser representado para outro significante, para um S2. Este dado clínico ilustra o motivo pelo qual, mediante fortes defesas obsessivas, o sujeito consegue se manter distante de sua divisão subjetiva, de sua posição de sujeito barrado (\$). As identificações aos S1, relativas à operação lógica da alienação, constituem-se de forma falha, e, em consequência disto, o sujeito não consegue estabelecer um lastro firme de instalação no processo de separação (Guimarães, 2012, p. 67-68). Mediante este obstáculo, as defesas obsessivas se mostram bem sucedidas em sua estratégia de manter

o sujeito distante de sua divisão subjetiva, o que, do mesmo modo, remete-se à impossibilidade deste de se haver com a falta do Outro, e muito menos com o campo do amor. A defesa obsessiva ao “retroceder frente ao desejo do Outro consiste em uma estratégia de não ir adiante no sentido de operar efetivamente a operação de separação na estrutura” (ibidem, p. 68).

Além disso, outro dado clínico se faz importante ressaltar aqui. Guimarães ao trabalhar os aspectos teóricos inerentes às defesas obsessivas, também se preocupa em dar relevo que no que tange a clínica da neurose obsessiva, a verificação, na prática psicanalítica, de uma série de gradações que podem ser encontradas dentro deste tipo clínico. Quer dizer, segundo a autora, quando tratamos da clínica da neurose obsessiva, é possível e, sobretudo, necessário entender que podemos encontrar um leque de gradações pela constatação clínica tanto de casos marcados por um forte retrocesso frente à divisão subjetiva, quanto de casos que se abrem a vastas possibilidades de aproximação deste buraco (ibidem, 68).

A constatação dessa série de gradações suscita, diretamente, vastas formas de diagnosticar a neurose obsessiva por incluir os diferentes níveis relativos ao retrocesso ou à aproximação da divisão subjetiva. Tal contribuição de Guimarães (2012) é valiosa para esta tese, na medida em que nos servirá, para no próximo capítulo, aprofundar o estudo da clínica do recurso à substância no âmbito neurose, e, conjuntamente, apresentar os diferentes modos de uso e diferentes funções psíquicas possíveis da substância dentro de cada caso clínico.

Dito de outra forma, o caminho teórico que esta tese vem construindo a partir da temática da gradação diagnóstica no campo das neuroses nos fornece a possibilidade de fundamentar, de forma mais consistente, o que esta tese se propõe a defender desde o início. A partir do próximo capítulo, vamos sustentar nossa hipótese teórica que compreende a possibilidade de averiguar, clinicamente, diferentes tipos de uso da substância, na condição de considerá-los à luz desta série de gradações diagnósticas. O que nos permitirá também identificar na clínica psicanalítica do recurso à substância nas neuroses, diferentes modos de gozo que podem se estabelecer de forma mais ou menos autoerótica, de modo a prescindir, ou conseguir até mesmo incluir o Outro na dinâmica pulsional da satisfação do sujeito usuário de substância.

### **CAPÍTULO III: O RECURSO À SUBSTÂNCIA NAS NEUROSES E SUAS GRADAÇÕES DIAGNÓSTICAS.**

#### **Introdução:**

Esta tese desde o primeiro capítulo teve como uma de suas diretrizes de pesquisa se inclinar no estudo da gradação diagnóstica no âmbito da neurose. Isto não foi à toa. Quando se trata da clínica do recurso à substância, é corriqueira a constatação, em certos casos, de uma dificuldade inicial em estabelecer o diagnóstico diferencial, em psicanálise, entre neurose e psicose. Tal fato acontece, sobretudo, por dois motivos: primeiro devido ao efeito de algumas substâncias psicoativas serem similares a fenômenos psicóticos como: alucinações (auditivas ou visuais) e delírios de perseguição, e segundo em função da apresentação corriqueira de alguns casos de neuroses, com uso de substâncias, que ao se destacarem por um modo de efetuação da estrutura tão mal estabelecida, decorrente de uma baixíssima operatividade do Nome-do-Pai, a dúvida sobre o diagnóstico, num primeiro momento, pode se colocar em pauta.

Em vistas de abordar a temática da gradação diagnóstica no campo das neuroses, no último capítulo, contemplamos alguns pontos subjetivos acerca dos efeitos do advento de um novo estatuto do Outro, na atualidade, inscrito por seu caráter de ‘inexistência’. Resumidamente, vimos que a inexistência do Outro, para o cenário contemporâneo, culmina, por excelência, na manifestação do fenômeno da angústia que surge como saída psíquica possível ao sujeito de fazer frente ao gozo real. A falha do significante em fornecer tratamento ao gozo provoca a queda do sujeito a um abismo de angústia, a partir do qual se verifica, para a clínica da neurose, a emergência de um tipo de efetuação da estrutura deficitária de recursos simbólicos. Sob esse prisma, a baixa operatividade do Nome-do-Pai na amarração sintomática da neurose suscita, no contemporâneo, uma forma de sofrimento marcado pelo desamparo, uma situação subjetiva de deriva, haja vista a ausência de bússola e de orientação simbólica. Desta forma, mediante este cenário, um modo do gozar particular, na atualidade, tende a prevalecer, estabelecendo-se mais pela via do imaginário, em virtude da carência da função significante como reguladora de gozo – oriunda da inexistência do Outro.

Do mesmo modo, no último capítulo, com o intuito de avançar no estudo sobre a temática da gradação diagnóstica no campo das neuroses, adotamos também como

instrumentos de pesquisa os conceitos psicanalíticos de sintoma, defesa e caráter. Tais conceitos, trabalhados a partir das postulações em Freud (1913), Miller (1998-1999) e Godoy e Shejtman (2008), que permitiram-nos averiguar diferentes tipos de neuroses, a saber, umas mais abertas ao inconsciente, e, de modo contrário, também outras mais distantes, de maneira que não incluíam em seu modo de gozo a apropriação das leis do inconsciente para o tratamento pulsional do gozo real. A partir da análise destes conceitos foi possível delinear, teoricamente, diferentes formas de diagnosticar a estrutura da neurose. Circunscrevemos de um lado, o conceito de sintoma inscrito a partir do fracasso da defesa contra o inconsciente junto à produção de sintomas de formações de compromisso (encontradas nas neuroses histéricas e nas neuroses obsessivas com sintomas decifrados como mensagem), e do outro lado, as formações do caráter, resultantes do êxito da defesa e do rechaço do inconsciente, vide a ausência da participação do retorno do recaiado em seu modo de gozo (encontradas nas neuroses relativas à primeira etapa lógica da formação da neurose obsessiva). E, seguindo esta lógica, identificamos o sintoma ao lado do inconsciente, da fantasia e do simbólico, ao passo que a formação do caráter ao lado do real, da conscienciosidade e do gozo.

Mediante estes achados, o estudo acerca dos conceitos de sintoma, defesa e caráter acentuou-nos a necessidade de considerar, clinicamente, um leque de possibilidades de diagnosticar a estrutura da neurose. O que nos foi compreendido a partir do critério de investigação clínica, cuja função se destina a identificar o sucesso ou o fracasso das defesas obsessivas no modo de efetuação particular da estrutura psíquica do sujeito neurótico. Tal critério adquire sua relevância, haja vista que o sucesso ou o fracasso das defesas obsessivas, em seus diferentes graus, revelar-se-ão como determinantes psíquicos sobre o modo como se constituirá a relação do sujeito com sua divisão subjetiva, bem como com o Outro.

Portanto, a temática da gradação diagnóstica nas neuroses é contemplada, nesta tese, desde o início, com o intuito de defender que a estrutura da neurose pode ser diagnosticada de diferentes maneiras. Isto se configura pela via de considerarmos a existência de diferentes níveis de operatividade do Nome-do-Pai responsáveis por diversas formas de amarração sintomática no campo da neurose. Dito de outro modo, a abordagem das gradações diagnósticas na neurose, como resultado da verificação clínica dos diversos níveis possíveis de efetividade significativa (a serviço da regulação do gozo real), surge como uma relevante ferramenta de pesquisa, haja vista que nos permite ilustrar um leque de formas de diagnosticar a estrutura da neurose. Tal como

um traçado ilustrativo de todo um campo pulsional através do qual se pudesse representar o modo de gozo mais afastado da divisão subjetiva ao extremo oposto, mais próximo de sua falta a ser (\$).

Relembrar aqui todos esses elementos abordados no último capítulo tem seu valor, pois o caminho que a tese deseja construir nas próximas linhas se refere ao objetivo teórico e clínico de introduzir uma nova perspectiva para o estudo da clínica psicanalítica do recurso à substância nas neuroses. O que isto quer dizer? A tese, neste capítulo, buscará como meta, primeiramente, construir um material de estudo que explore, profundamente, o que Lacan quis dizer em 1975, quando concebe o uso da substância como o melhor recurso a promover o rompimento do casamento do corpo com o gozo fálico. No entanto, após apresentarmos as postulações psicanalíticas que trabalharam a temática do recurso à substância em referência à ruptura com o gozo fálico, teremos como proposta de estudo sugerir outras formas de avaliar o recurso à substância, bem como outras maneiras de verificar a categoria de casamento entre corpo e gozo, postulada por Lacan em 1975. Cabe aqui ressaltar desde já que a tese não vai prescindir do que a proposição lacaniana sustenta, apenas defender uma nova maneira de se apropriar desta proposição para o estudo da clínica do recurso à substância.

Esta nova perspectiva de estudo para a clínica do recurso à substância será construída, minuciosamente, à luz do que a tese vem desenvolvendo acerca da temática da gradação diagnóstica nas neuroses. Uma vez que a psicanálise não trabalha com o objeto e sim com o sujeito, a partir de suas particularidades de gozo, buscaremos realçar, primeiramente, a necessidade clínica de investigar e dar enfoque à função psíquica que o uso da substância possui dentro de cada caso de neurose. Junto a isto, adotaremos referências psicanalíticas, em Freud e Lacan, acerca das diferentes etapas lógicas da efetuação da estrutura da neurose, através dos quais nos lançaremos no objetivo de fundamentar um material teórico que aborde, de forma aprofundada: os diferentes tipos de uso de substância possíveis de serem encontrados no campo das neuroses, assim como a análise de dois modos de matrimônios distintos entre corpo e gozo fálico nesta clínica.

Mesmo que parece, num primeiro momento, um pouco contraditório em relação ao que Lacan postula em 1975, a tese se propõe fundamentar a possibilidade de avaliar o recurso à substância na neurose a serviço da ruptura com o pequeno pipi/ gozo fálico, mas, no entanto, também (dependendo do caso clínico) a serviço de manter o casamento do corpo com o gozo fálico. Faremos isto a partir das contribuições teóricas de

Naparstek (2008, 2011, 2014), Guedes (2014), Miller (1997), Lacan (1974-75, 1975-76) e outros.

Esta é a nova perspectiva que a tese pretende introduzir para o estudo da clínica psicanalítica do recurso à substância nas neuroses. Ao longo deste capítulo, vamos defender a identificação de um tipo de uso particular da substância que funciona para o rompimento do casamento com o gozo fálico – tal como Lacan postulou em 1975 –, mas também, de modo contrário, outros tipos de uso de substância que atuam, de forma bem sucedida, para a manutenção deste casamento. Tal distinção, manutenção ou rompimento do casamento entre corpo e gozo, nos indicará, clinicamente, quando o recurso à substância na neurose virá a corresponder a uma verdadeira toxicomania (relativa à ruptura) ou não.

Seguindo este raciocínio, buscaremos desenvolver neste capítulo duas hipóteses resultantes da trajetória de nossa pesquisa: 1. À luz de nossa pesquisa sobre a gradação diagnóstica das neuroses, conjuntamente, à modalidade de casamento que permite manter a relação do corpo com o gozo fálico, a verificação em alguns casos de neurose com uso de substância a identificação de uma fantasia, seja consciente ou inconsciente, em ação no modo do gozo do sujeito; e 2. Sob a égide do estudo dos tempos lógicos da constituição da neurose, acreditar que quanto mais inacabado e mais próximo ao imaginário se estabelecer a efetuação da estrutura da neurose, menores as chances do sujeito conseguir fornecer tratamento ao gozo real pela via da significação fálica, o que por sua vez determinará, por excelência, o tipo de relação que o sujeito terá com a substância.

Logo, em vistas a alcançar estas metas de pesquisa, começaremos o primeiro item, com referências de Freud e Lacan que contemplam a questão sobre o uso de substância. Para tal trabalharemos, sobretudo, em Freud, os textos “A carta 79” (1897), “Sobre a etiologia das psiconeuroses” (1898), “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” (1908b), “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor” (1913) e o “Mal-estar na civilização” (1930), através dos quais apresentaremos as diferentes abordagens do uso da substância encontradas ao longo da obra de Freud. Já em Lacan, abordaremos cinco referências: “Os complexos familiares” (1938), “Formulações da causalidade psíquica” (1946), “A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960), “O lugar da psicanálise na medicina” (1966) e “Encerramento da jornada de cartéis” (1975). Nas três primeiras referências

encontradas no primeiro ensino, Lacan descreve o uso de substância buscando a anulação da divisão subjetiva e o rechaço do inconsciente. E já nas duas últimas, localizadas em seu segundo ensino, o autor além de dissertar sobre a redefinição do recurso à substância a partir do advento do discurso da ciência, passando a ser considerado um produto do mercado que age, diretamente, sobre o gozo (1966), forja também sua proposição que concebe o uso da substância na função de promover o rompimento do casamento do corpo com o gozo fálico (1975)

No segundo item, trabalharemos com postulações de autores contemporâneos como Miller (1989), Freda (1988), Laurent (1988), Santiago (2001), Pacheco (2001), Mazzuca (2008), entre outros, por cujos materiais vamos estudar as referências produzidas, em psicanálise, da proposição lacaniana de 1975 que situa o uso de droga como um meio bem sucedido de promoção da ruptura com o pequeno pipi. A análise da proposição lacaniana de 1975, feita por esses autores, revela uma leitura que concebe o recurso à substância na neurose sob o prisma de uma ruptura com o gozo fálico. Mediante o entendimento de um uso fora do campo da fantasia (Laurent, 1988), de uma insubordinação ao serviço sexual (Miller, 1989), bem como de uma formação de ruptura em contraponto à formação de compromisso (Santiago, 2001). Quer dizer, formas de entender a proposição de Lacan (1975), referente ao uso de substância, sob o prisma de uma dinâmica de satisfação pulsional que prescinde do Outro e da ação do significante no modo de gozo do sujeito. Aspectos que desenvolveremos com todo cuidado no decorrer deste capítulo.

Além disso, dando continuidade a nossa pesquisa, após apresentarmos a fundamentação teórica sobre o uso de substância compreendido sob a lógica da ruptura com o gozo fálico, no item seguinte, a partir, sobretudo, das contribuições teóricas de Naparstek (2008, 2011), vamos iniciar o desenvolvimento de um material teórico e clínico que vai nos permitir delinear as diferentes facetas do uso da substância encontrados no campo da neurose, assim como defender uma nova análise para a proposição lacaniana de 1975, inserindo, agora, além da categoria de ruptura, a possibilidade de vislumbrar, para certos casos de neurose, o efeito da substância a serviço da manutenção do casamento do corpo com o gozo fálico. Naparstek construirá seus argumentos teóricos amparado no estudo psicanalítico dos diferentes tempos lógicos da efetuação da estrutura da neurose masculina. A fim de aprofundar sua pesquisa acerca do recurso à substância nas neuroses, esmiuçará, em consonância às postulações de Freud e de Lacan, as particularidades referentes às duas modalidades de

operacionalização do falo: inscrição do falo e função do falo; através dos quais tem o sucesso em explicar as diferentes funções psíquicas que o recurso à substância pode ter em cada caso de neurose, abordando também as diversas facetas da relação entre sujeito e Outro com o uso de substância.

Naparstek faz isto também à luz da adoção dos conceitos de sintoma e de amor em psicanálise. De acordo com as postulações de Lacan (1962-63, 1972-73), o sintoma é definido por dois momentos: o primeiro representado por um modo de gozo autoerótico em que o sujeito prescinde do Outro em sua satisfação, e, de modo diferente, o segundo relativo ao estabelecimento de uma conexão entre sintoma e amor que permite o sujeito se relacionar com o Outro sexo, incluindo-o, assim, em sua dinâmica pulsional.

Sendo assim, a partir destas duas formas de conceber o sintoma, em paralelo aos achados teóricos das duas modalidades de operacionalização do falo (inscrição e função do falo), Naparstek (2008, 2011, 2014) apresenta dois modos distintos de verificar a relação do sujeito com seu corpo e com o Outro no âmbito da neurose: 1. A partir da localização do modo de gozo do sujeito na primeira etapa lógica da inscrição do falo, referente ao primeiro momento do sintoma, mediante uma satisfação pulsional que não inclui o Outro, todavia, que permite a ligação do sujeito com seu falo através da satisfação masturbatória, ou; 2. A partir da localização do modo de gozo do sujeito na segunda etapa lógica da função do falo, correlato ao segundo momento do sintoma, em que a conexão entre o sintoma e o amor possibilita o sujeito se relacionar com o Outro via relação sexual.

Todo este percurso nos ajudará com nossa meta de construir um material consistente de estudo, cujo resultado final possa esclarecer as diferentes funções da substância dentro de cada caso de neurose, bem como sobre a distinção quando o recurso à substância se encontra a serviço de romper ou de manter o casamento do corpo com o gozo fálico. Buscaremos também delimitar alguns índices para contribuir com a questão do diagnóstico diferencial, entre neurose e psicose, na clínica do recurso à substância nas neuroses. E, ao final do capítulo, trabalharemos com alguns fragmentos de casos clínicos encontrados na literatura psicanalítica, através dos quais esboçaremos de forma clínica nossas hipóteses de pesquisa defendidas ao longo desta tese.

## **Parte I: Referências psicanalíticas sobre o recurso à substância nas neuroses e uma análise sobre os diferentes tipos de uso.**

### **1. Referências sobre o uso de substância em Freud e Lacan:**

Na obra de Freud não encontramos um artigo dirigido, exclusivamente, para a temática do uso de substância, no entanto, ao longo de seu percurso teórico, podemos contemplar diferentes abordagens sobre a função psíquica do uso de substância, a saber, revelando-se ora a serviço de consolo, ora a serviço da desinibição, ora até mesmo como defesa. Do mesmo modo, vale acentuar que a obra de Freud fundamenta dois registros de estudos no que concerne à questão da toxicidade. Por um lado, o autor tem o cuidado de descrever o funcionamento psíquico à luz de uma toxicidade pulsional inerente à constituição da neurose, e por outro lado, também busca fundamentar o papel do recurso à substância para a função libidinal da vida humana.

A temática da toxicidade pulsional é averiguada, primeiramente, a partir de textos freudianos, encontrados na primeira tópica pulsional, que discorrem sobre as particularidades das seguintes categorias clínicas: neurose de angústia (Freud, 1984, 1985), neuroses propriamente ditas (Freud, 1908b) e neuroses atuais (Freud, 1916-17). A característica em comum destas três categorias clínicas diz respeito à constatação de uma quantidade de pulsão que não recebe regulação, na medida em que não consegue estabelecer ligação com qualquer mecanismo psíquico. A angústia, deste modo, destaca-se, segundo Freud, através da transformação deste acúmulo de tensão sexual física (Freud, 1894, p. 237), que por não se conectar com qualquer conteúdo psíquico infantil (Freud, 1895, p. 85), permanece solta no corpo.

Dando continuidade ao estudo sobre estas categorias clínicas marcadas pela predominância da angústia no funcionamento pulsional, Freud defende a tese de que o acúmulo desta tensão sexual física – que suscita a angústia – incide, diretamente, na vigência de um excesso de libido no corpo, através do qual compreende, por excelência, a própria “natureza tóxica” da pulsão (Freud, 1908b, 172). Aqui, desde já, podemos pontuar que Freud correlaciona a noção de toxicidade com a emergência da angústia. Em termos lacanianos, uma toxicidade pulsional, correlata à incidência do gozo real sobre o imaginário corporal, oriunda de um déficit da efetividade significativa na regulação do gozo. Assim, em decorrência desta falha na regulação pulsional nestas

categorias clínicas, Freud também correlaciona a etiologia da doença nervosa ao modo particular de relação entre o eu e a libido e, mediante este argumento, assinala que, pelo fato de a tensão sexual (a quota pulsional solta) não corresponder a nenhum sentido e significado psíquico, tais manifestações tendem a acontecer, essencialmente, no corpo (Freud, 1916-17, p. 388).

Logo, de acordo com o que a tese vem produzindo à luz da temática da gradação diagnóstica das neuroses, nossa pesquisa acredita que estas categorias clínicas, encontradas na primeira tópica pulsional de Freud, descrevem a apresentação de um modo de efetuação da estrutura da neurose que se estabelece de forma mal acabada. A função do significante, em seu papel de regulador de gozo real, mostra-se, nestes casos, carente e débil. Tal como as formas de sofrimentos subjetivos, predominantes na atualidade, devido aos efeitos da inexistência do Outro.

Sendo assim, sob a égide do que trabalhamos no último capítulo, a tese propõe que as neuroses de angústia (Freud 1984, 1985), as neuroses propriamente ditas (Freud 1908b) e as neuroses atuais (Freud, 1916-17) também podem ser compreendidas sob o prisma de uma forma de efetuação da estrutura da neurose mais orientada pelo imaginário – a saber, apreciadas por uma tendência à imaginarização do gozo; haja vista que esbarra na carência do significante em oferecer recursos simbólicos ao modo de gozo do sujeito.

Do mesmo modo, ainda em relação à temática da toxicidade pulsional, inerente ao funcionamento psíquico da neurose, descrita, primeiramente, a partir dos textos freudianos da primeira tópica pulsional (Freud, 1894, 1895, 1908b, 1916-17), a tese também se inclina a equivaler a noção de toxicidade pulsional aos efeitos sádicos e cruéis advindos do supereu. No primeiro capítulo, acompanhamos os passos da construção conceitual do supereu na obra de Freud, por cujas referências realçamos o caráter agressivo e destruidor do supereu com seu objetivo principal de sempre estar agindo contra o próprio eu do sujeito. Dissertamos que o supereu, como uma parte do id, encontra os maiores poderes para provocar sofrimento ao sujeito, uma vez que se encontra a serviço da cultura pura da pulsão de morte (Freud, 1923), e, além disso, associado às noções de masoquismo moral e de sentimento de culpa, chega a atuar vorazmente, de forma a gerar o pior para a vida do sujeito (Freud, 1924).

A correlação entre toxicidade e supereu recebe uma maior clareza a partir das postulações lacanianas. O supereu freudiano concebido à luz de sua ação para além do princípio do prazer, bem como ao lado das pulsões de destruição e de agressividade,

posteriormente, é adotado por Lacan, oferecendo-se como instrumento base para a formulação de sua teoria do gozo. A criação da teoria lacaniana do gozo confirma o que já teria se desenvolvido na obra de Freud, isto é, a tese de que o aparelho psíquico age contra ele mesmo. E isto concerne à relação intrínseca existente entre a ação do supereu e a incidência do gozo real. Dito de outra forma, quando Lacan (1972-73, p. 11) profere que não há nada que faça um sujeito gozar senão o supereu, e, do mesmo modo, forja o supereu em seu papel de imperativo de gozo, faz isto considerando o gozo enquanto real/ puro/ traumático; em outros termos, aquele que foge do simbólico. E, por esta ótica, a tese defende uma correlação entre o supereu lacaniano (referente à incidência do gozo real) e a toxicidade pulsional freudiana (correlata à emergência da angústia); introduzindo, assim, uma nova maneira de ler a toxicidade pulsional em referência ao conceito de supereu.

Voltando às postulações freudianas, o autor além de desenvolver a temática da toxicidade pulsional, também se preocupa em contemplar o fenômeno do uso de substância, focando na investigação clínica acerca do valor psíquico do recurso à substância para o funcionamento libidinal da neurose. Ou seja, além de dissertar sobre a natureza tóxica da pulsão, também se inclina a circunscrever o papel das substâncias tóxicas para o modo de gozo do sujeito neurótico.

A primeira referência que nos propomos recortar da obra de Freud se refere à “Carta 79” (1897), uma publicação pré-psicanalítica, datada de 22 de dezembro de 1897. Nesta carta enviada à Fliess, Freud formula uma correlação entre a masturbação e o uso de substância, dando enfoque à questão da satisfação pulsional vivenciada no corpo: “(...) comecei a compreender que a masturbação é o grande hábito, ‘o vício primário’, e que é, somente, como sucedâneo e substituto dela que outros vícios – álcool, morfina, tabaco etc. – adquirem existência” (Freud, 1897, p. 323).

Tal hipótese é retomada no texto “A sexualidade na etiologia das neuroses” (1898). Freud ao dissertar sobre a relação entre a neurastenia e o ato masturbatório retoma a correlação, anteriormente proposta, entre a masturbação e o uso de substância. O tratamento da masturbação, em 1898, para Freud, equivale-se à cura de qualquer outro vício: “(...) o masturbador está acostumado, sempre que acontece alguma coisa que o deprime, a retornar a sua cômoda forma de satisfação” (Freud, 1898, p. 262). A partir desta constatação, realça que o tratamento para qualquer vício apenas obtém sucesso na única condição de se colocar em destaque a investigação clínica sobre a

etiologia da doença nervosa do sujeito, isto é, através da análise particular da “fonte que brota de sua necessidade imperativa” (ibidem). Em outras palavras, o autor assinala aqui, em primeira mão, a importância de investigar a função psíquica do uso de substância para cada sujeito. Trata-se de uma indicação especial sobre a direção de tratamento para a clínica do recurso à substância, destacada por Freud desde 1898.

Além disso, neste mesmo texto, o autor acrescenta duas considerações: 1. Ressalta que o uso de substância não culmina em vício para todos os casos de neurose; e 2. Compreende o recurso à substância mediante a função psíquica de substituir uma satisfação sexual faltosa (ibidem).

“Nem todos os que têm oportunidade de tomar morfina, cocaína, hidrato de cloral etc. por algum tempo não adquirem esta forma ‘um vício’. A pesquisa mais minuciosa geralmente mostra que esses narcóticos visam a serviço – direta ou indiretamente – de substitutos da falta da satisfação sexual; e sempre que a vida normal não pode ser reestabelecida, podem contar com certeza, com uma recaída do paciente” (Freud, 1899, p. 262).

Mediante esta formulação freudiana, nossa pesquisa recortará três elementos contidos nesta citação, que por sua vez serão aprofundados, de forma mais clara e fundamentada, no decorrer deste capítulo. Referem-se a três tópicos que nos servirão para avançar no estudo da clínica do recurso à substância, incluindo a questão do diagnóstico diferencial, entre neurose e psicose, nesta clínica.

1. Freud, nesta citação, demarca, de forma contundente, que o uso de uma substância não determina dependência a todos os casos. Faz isto pelo prisma de conceber que o valor psíquico do uso de substância é particular para cada caso, assim como por averiguar que os diferentes tipos de recurso à substância, dependendo de cada caso, podem se instalar, seja, simplesmente, a partir de um uso esporádico, ou até mesmo sob a forma de um consumo abusivo;
2. Freud, em 1897 e 1898, situa o uso de substância no papel de substituto da falta de uma satisfação sexual. No entanto, veremos que o conceito de sintoma psicanalítico, construído ao longo da obra de Freud: forjado como uma formação de compromisso e regido pelas leis do inconsciente (deslocamento e condensação) não é passível de equivalência ao recurso à substância. O sintoma psicanalítico diz respeito à produção de uma satisfação substitutiva diferente do que acontece com o uso de substância. A produção de um sintoma é decorrente da ação do retorno do recaiado, de um conteúdo inconsciente que retorna de maneira disfarçada, ao passo que o uso de substância

propicia uma satisfação no corpo que se dá, somente, pela via de um efeito químico; em termos lacanianos, pela via de um objeto da realidade, e, portanto, não pelo inconsciente. Sobre este ponto, discorreremos que, ao longo de sua obra, Freud delimitará de forma mais precisa a distinção entre o sintoma psicanalítico e a função do recurso à substância no âmbito das neuroses, bem como o uso da substância através de outras funções psíquicas;

3. E por fim, em vistas de avançar na questão do diagnóstico diferencial, entre neurose e psicose, na clínica do recurso à substância, a proposição freudiana (1897, 1898) que correlaciona o uso de substância com a primeira satisfação sexual oriunda do ato masturbatório, colocar-se-á para esta tese como um bom instrumento de estudo. O que isto quer dizer? Ao longo deste capítulo, teremos como meta analisar melhor esta correlação, à luz da determinação do diagnóstico diferencial em psicanálise. Freud, a princípio, parece forjar a correlação entre recurso à substância e masturbação, pensando apenas na estrutura da neurose; todavia, construções posteriores em Freud, e, do mesmo modo, em Lacan, nos suscitarão indagar sobre esta questão, de modo a buscar analisar melhor a forma como podemos nos apropriar desta proposição sob a égide do diagnóstico diferencial.

Dando continuidade às referências freudianas que trabalham com a temática do recurso à substância, uma diferente forma de abordar o uso de substância no campo das neuroses surge no texto “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” (1908b). Neste texto, Freud realça a relação inversa que existe entre a civilização e o livre desenvolvimento da sexualidade. Demarca que a obediência à ‘moral sexual civilizada’ suscita graves danos à saúde dos sujeitos (1908b, p. 169). O imperativo à monogamia, o crescimento social e as fortes exigências da civilização culminam, por excelência, em um enorme crescimento da doença nervosa moderna (ibidem, p. 170), prejudicando, assim, a saúde mental da população.

Neste texto, o que queremos dar relevo é que o autor não utiliza, diretamente, o termo ‘substância tóxica’, porém, relata que uma das saídas subjetivas encontradas pelos neuróticos, a fim de amenizar as exigências oriundas da moral sexual civilizada, destaca-se a partir de uma busca à vivência de grandes prazeres. Sobre isto, assinala: “A vida urbana torna-se cada vez mais sofisticada e intranquila. Os nervos exaustos buscam refúgios em maiores estímulos, e em prazeres intensos, caindo em uma maior exaustão” (ibidem, p. 171). Deste modo, embora o autor não tenha adotado, exclusivamente, o

termo ‘substância’, a tese propõe que esta citação permite nos orientar para uma nova abordagem do recurso à substância, cuja função, agora, busca responder aos efeitos oriundos das exigências morais e sociais.

Em 1908, Freud ainda não havia forjado o conceito de supereu, muito menos Lacan pensava em dar continuidade a seu desenvolvimento, entretanto, se consideramos os passos para a construção do conceito de supereu em Freud e em Lacan (trabalhados no primeiro capítulo), podemos propor duas leituras para a função do uso da substância, a partir da análise do texto de 1908b: 1. Estando a serviço do apaziguamento dos efeitos do supereu e da pulsão de morte sobre o eu (Freud, 1923); e/ou 2. Obedecendo as ordens do supereu, como imperativo de gozo (Lacan, 1972-73), buscando sempre maiores prazeres, a ponto de levar o sujeito à exaustão. E, além disso, vale destacar que, aqui, em 1908b, o valor psíquico do uso da substância não é postulado como um substituto de uma satisfação sexual faltosa (como em 1897 e 1898), mas sim, agindo perante o papel de tentar responder e/ou amenizar as exigências advindas das regras sociais.

Seguindo um pouco mais com nossa pesquisa das diferentes abordagens para a função psíquica do recurso à substância na obra de Freud, outro texto se oferece como material de estudo para esta tese. No texto “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor” (1912), Freud analisa outra faceta para o valor psíquico do uso da substância na neurose. Faz isto mostrando as divergências encontradas entre os aspectos psíquicos inerentes à relação do alcoólatra com sua bebida em comparação ao funcionamento libidinal dos homens, orientado pelo campo do amor, em relação às mulheres e à condução de seu desejo na parceria sexual.

Freud adverte que, na esfera do amor, o homem tende a estar sempre imputado a depreciar e desvalorizar o seu objeto sexual (1912, p. 189), de modo que, para intensificar a sua libido e conseguir gozar do amor, necessita criar sempre obstáculos constantes (1912, p. 193). De modo contrário, no que concerne à relação do homem com sua bebida, isto não acontece. Quer dizer, enquanto no casamento entre um homem e uma mulher, a frustração inicial do prazer sexual, sem satisfação completa, é quase constante (ibidem), no casamento entre um homem e sua bebida, algo diferente se instala; a ponto de Freud conceber este último casamento ‘um modelo de casamento feliz’. A fim de explicar esta divergência, o autor profere:

“Consideremos, por exemplo, a relação de um bebedor com o vinho (...) Alguém já ouviu falar que um bebedor seja obrigado a trocar constantemente de bebida, porque logo enjoa de beber a mesma coisa? Ao contrário, o hábito constantemente reforça o vínculo que prende o homem à espécie do vinho que bebe. Alguém já ouviu falar de um bebedor que precise ir a um país em que o vinho seja mais caro ou que seja proibido beber, de modo que, erguendo obstáculos, ele possa aumentar a satisfação decrescente que obtém? De maneira nenhuma. Se atentarmos para os que dizem os grandes alcoólatras, como Bocklin, a respeito da sua relação com a bebida, ela aparece como a mais harmoniosa possível, um modelo de **casamento feliz**.” (Freud, 1912, p. 193, negrito nosso).

Logo, por meio da análise da peculiar forma da relação entre Bocklin e sua bebida, podemos localizar um tipo de uso de substância bem diferente daquela postulada em 1908b. Dito de outro modo, à luz desta tese, o particular tipo de uso, feito por Bocklin com sua bebida, não se encontra a serviço de amenizar as exigências sociais, muito menos a serviço de deixá-lo em um estado de maior exaustão, mas sim para inscrevê-lo numa forma de satisfação pulsional fora do âmbito do amor, a saber, num modo de gozo autoerótico – representado por este ‘modelo de casamento feliz’ estabelecido com a bebida, cuja satisfação prescinde da participação do Outro.

Sendo assim, ao longo deste capítulo, teremos como meta nos aprofundar sobre o que Freud designa como ‘casamento feliz’, tendo como critério de estudo correlacioná-lo com a proposição lacaniana de 1975, em que o recurso à substância é localizado como uma saída bem sucedida a promover a ruptura do casamento do corpo com o pequeno pipi (Lacan, 1975). Em outras palavras, no decorrer deste capítulo, a partir da construção de novas formulações teóricas, poderemos explicar melhor o motivo pelo qual, desde já, consideramos o ‘modelo de casamento feliz’ (freudiano) equivalente ao que Lacan defende com o ‘rompimento do corpo com o pequeno pipi’.

Por fim, discorreremos sobre a abordagem do recurso à substância para a economia libidinal das neuroses desenvolvida no texto freudiano “O mal estar na civilização” (1930). A intoxicação, neste texto, é avaliada como uma das soluções subjetivas possíveis na busca da satisfação pulsional frente às fortes restrições impostas pela civilização. Sob esse prisma, podemos considerar o texto “O mal estar na civilização” (1930) como uma continuidade de pesquisa ao que Freud havia formulado no texto “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” (1908b). E, do mesmo modo, antecipar que neste texto de 1930, Freud fundamenta, de maneira mais clara, a distinção existente entre a função psíquica do uso de substância e o sintoma psicanalítico como formação de compromisso.

No texto “O mal estar na civilização” (1930), Freud começa por proferir que a felicidade não parece estar incluída no plano da criação (Freud, 1930, p. 84). A ameaça inevitável do sofrimento ao sujeito surge a partir de três fontes: do próprio corpo, do mundo externo e dos relacionamentos com Outros (ibidem, p. 85). Tal constatação faz o autor concluir que, em geral, a tarefa de evitar o sofrimento coloca a tarefa de obter prazer sempre em segundo plano (ibidem). A vida se mostra difícil demais. O sujeito precisa lidar com vastas decepções, sofrimentos e árduas tarefas impostas pela civilização. Mediante tanto mal estar, a única saída que o sujeito encontra para atenuar este quadro, instala-se por meio da adoção de medidas paliativas e de construções auxiliares (ibidem, p. 83). Freud nos aponta três medidas dessas espécies: “os derivativos poderosos que permitem extrair luz das desgraças, as satisfações substitutivas que as diminuem e as substâncias tóxicas que tornam os homens insensíveis às desgraças” (ibidem).

Primeiramente, vale dar destaque que Freud concebe a última fonte de sofrimento ao sujeito, aquela que advém de “nossos relacionamentos com outros homens” (ibidem, p. 85) como o mais penoso de todos. Em paralelo a isto, também avalia o efeito da substância tóxica como a medida paliativa de maior sucesso na função de evitar o sofrimento ao sujeito (ibidem, p. 86). Correlacionarmos os dois, desde já, faz-se importante, pois ao longo do capítulo, a tese se objetiva a fundamentar os diferentes tipos de uso substância encontrados no campo das neuroses, articulando-os à análise teórica e clínica das diferentes formas que o sujeito neurótico consegue operacionalizar seu falo, bem como de se relacionar com Outro – um material de pesquisa que será construído passo a passo. Sobre a medida paliativa concernente ao uso de substância na neurose, Freud profere:

“O mais grosseiro, embora também o mais eficaz desses métodos de influência é o químico: a intoxicação. Não creio que alguém compreenda inteiramente o seu mecanismo; é fato, porém, que existem substâncias estranhas, as quais, quando presentes no sangue ou nos tecidos, provocam em nós, diretamente sensações prazerosas, alterando, também, tanto as condições que dirigem nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis” (Freud, 1930, p. 86).

O aspecto particular do uso da substância em sua função bem sucedida de evitar que o sujeito receba estímulos desprazerosos será analisado, de forma criteriosa, ao longo deste capítulo. À luz da temática da gradação diagnóstica nas neuroses, teremos o cuidado de investigar sobre a função particular que o recurso à substância terá para cada

sujeito neurótico. A temática da gradação diagnóstica nos possibilita constatar um leque de formas de diagnosticar o campo da neurose: seja a partir da identificação de um modo de gozo mais orientado pelo imaginário (cuja efetuação da estrutura instala-se de forma mal acabada), ou até mesmo por um modo de gozo mais regido pelo simbólico (cuja efetuação da estrutura revela-se melhor acabada). Seguindo este raciocínio, defenderemos que a função e o modo do uso da substância encontrar-se-ão, caso a caso, na estrutura da neurose de vastas maneiras – avaliados em dependência do grau de operatividade do Nome-do-Pai, bem como do nível de sucesso da inscrição da significação fálica no modo de gozo do sujeito.

De acordo com esta lógica, é impossível, à luz desta tese, conceber a mesma função psíquica do uso de uma substância psicoativa para diferentes etapas lógicas da efetuação da estrutura da neurose. Em outros termos, graus de efetuação da estrutura que podem ser elucidados, por exemplo: 1. Por um modo de gozo, em que o sujeito estabelece uma relação próxima de sua condição de falta a ser (\$) e com o Outro faltoso (A), ou; 2. Por um modo de gozo mais orientado pelo registro do imaginário, cuja defesa busca se afastar de sua divisão subjetiva; ou, 3. Até mesmo por uma dinâmica pulsional de ordem autoerótica, em que o sujeito prescinde da participação do Outro para alcançar sua satisfação. Em cada grau de efetuação, a eleição do recurso à substância se estabelecerá a serviço na relação do sujeito com o corpo e com o Outro de diferentes maneiras.

Achamos interessante retomar aqui as considerações destacadas acima, de modo que nos servirão de base para buscar analisar uma passagem peculiar, e bem conhecida, do texto “O mal estar na civilização” (1930), no qual Freud contempla a dupla face da intoxicação, a saber, seus benefícios *versus* perigos. Vamos transcrever abaixo esta passagem e buscar tratá-la sob a égide da identificação das diferentes funções psíquicas do consumo da substância, bem como amparados à questão do diagnóstico diferencial, entre neurose e psicose. A passagem, da qual estamos nos referindo, é a seguinte:

“Os serviços prestados pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos, quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois se sabe que com o auxílio desse ‘amortecedor de preocupações’, é possível em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade. Sabe-se igualmente que é exatamente esta propriedade dos intoxicantes que determina o seu perigo e a sua capacidade de causar danos” (Freud, 1930/1996, p. 86).

Começaremos nossa análise recortando alguns termos contidos nesta passagem, escolhidos por Freud para abordar o papel da intoxicação na economia libidinal do sujeito. São eles: ‘produção imediata de prazer’, ‘independência do mundo externo’, ‘amortecedor de preocupações’, ‘afastar da pressão da realidade’, ‘refúgio num mundo próprio’ e ‘melhores condições de sensibilidade’ (ibidem, p. 86).

À luz das diferentes abordagens ao uso da substância formuladas por Freud, no decorrer de sua obra, propomos, agora, três formas possíveis de conceber os valores psíquicos da substância no campo das neuroses, em consonância aos termos contidos na passagem de 1930 transcrita acima:

1. Respeitando as postulações freudianas de 1908b e 1930: propomos a constatação da função subjetiva do recurso à substância a serviço de um apaziguamento às exigências do supereu – a partir da análise dos termos ‘amortecedor de preocupações’ e ‘afastar da pressão da realidade’, ou;
2. De acordo com as postulações freudianas de 1923 e 1924: propomos a avaliação da função subjetiva do recurso à substância a serviço de obedecer aos imperativos do supereu sádico e cruel e da pulsão de morte – por meio dos termos ‘produção imediata de prazer’ e ‘melhores condições de sensibilidade’, ou;
3. Em consonância às postulações freudianas de 1913 que aborda o modelo de casamento feliz entre o alcólatra e sua bebida – mediante os termos ‘independência do mundo externo’ e ‘refúgio num mundo próprio’.

Estes são os três tipos de valor psíquico ao consumo da substância que a tese formula sob a égide das construções freudianas. No entanto, em relação ao terceiro tipo de valor psíquico proposto acima, a tese também aponta que uma cautela diagnóstica deve ganhar bastante destaque. Por qual motivo? O modo de gozo, cuja satisfação prescinde do Outro, deve ser avaliado sob o prisma do diagnóstico diferencial (caso a caso). Torna-se necessário investigar se a desconexão com o Outro, a desconexão com o campo fálico e a desconexão com a linguagem encontram-se orientados: 1. Por um funcionamento pulsional neurótico regido de forma autoerótica ou, 2. Por um funcionamento pulsional psicótico correlato à forclusão do Nome-do-Pai e/ou do falo. Visto isto, este capítulo assume a finalidade de buscar construir um material teórico à clínica do recurso à substância no âmbito da neurose que tenha o sucesso de contribuir para a determinação do diagnóstico diferencial, entre neurose e psicose, nesta clínica.

Além disso, para finalizar a fundamentação sobre a análise do uso de substância nas neuroses feita por Freud, cabe ressaltar que, ao fim de sua obra, o autor fundamenta, de forma precisa, a diferença entre as soluções substitutivas e o recurso à substância. A intoxicação, em 1930, é compreendida como “um modo de tratar a pulsão pela via da sensação e não pela via do inconsciente” (Pacheco, 2001, p. 67), distinguindo-se, assim, do sintoma como formação de compromisso. Do mesmo modo, em termos lacanianos, Naparstek (2011) nos acrescenta:

“(…) a intoxicação não é um método, por assim dizer, simbólico, mas ao contrário, um método que visa o real, uma operação real. O sujeito não tenta remediar seu mal estar a partir da palavra e da sublimação (...) tenta introduzir no corpo qualquer coisa que produza uma alteração de sensações no corpo dele mesmo. Neste caso de angústia, observo que se trata de uma operação real sobre o real” (Naparstek, 2011, p. 37).

Após esta fundamentação sobre as abordagens do uso da substância na obra de Freud, vamos dar início ao desenvolvimento do percurso teórico, encontrado ao longo do ensino de Lacan, acerca do recurso à substância nas neuroses. Entre o primeiro ensino e o segundo ensino de Lacan, localizamos seis referências sobre o uso de substância. A primeira é de 1938 e a última de 1975.

Na última referência (Lacan, 1975), encontraremos a principal proposição lacaniana sobre o uso de substância na neurose, na qual o autor correlaciona-o à ruptura com o pequeno pipi, ou seja, com o gozo fálico. Tal referência é adotada, por esta tese, como nosso ponto de partida e nosso instrumento base de estudo. Com o intuito de começar nossa pesquisa sobre esta última referência, vamos, antes, abordar as três referências localizadas no primeiro ensino de Lacan, para em seguida, analisar as outras três do segundo. Por fim, nos lançaremos (no próximo item) ao aprofundamento sobre a proposição lacaniana de 1975, bem como à busca por responder todas as hipóteses de pesquisa das quais nossa tese se determinou defender desde o início.

A primeira referência é localizada no texto “Os complexos familiares” (1938). Importante lembrar (tal como contemplamos desde o último capítulo) que neste mesmo texto, Lacan fala pela primeira vez sobre o declínio da imago paterna na civilização, de tal forma que anuncia uma catástrofe para as subjetividades futuras caso nada se mudasse quanto a isto. Em 1938, Lacan formula três complexos existentes na constituição subjetiva: do desmame, da intrusão e do complexo de Édipo. Interessa-nos,

em particular, a abordagem do primeiro complexo. No tocante ao complexo do desmame, o autor aponta “as toxicomanias pela boca” (1938, p. 41) como um dos efeitos individuais quando o desmame é vivenciado como traumático. O sujeito preso às imagens do complexo fica condenado a repetir o esforço de desligamento da mãe, a ponto de vivenciar este esforço por meio de patologias orais. Em virtude disto, Lacan realça que a dificuldade do sujeito sublimar a imago materna pode levá-lo à morte, e essa tendência à morte correlata à saída do complexo do desmame apresenta-se, mais tarde, nas formas de suicídios ‘não violentos’ como por exemplo: “a greve de fome da anorexia nervosa, o envenenamento lento de certas toxicomanias pela boca, o regime de fortes neuroses gástricas” (ibidem, p. 41).

A segunda referência diz respeito ao texto “Formulação sobre a causalidade psíquica” (1946), em que Lacan sugere a toxicomania como um modo ilusório de suturar a discordância primordial entre o eu e o ser, bem como uma saída que busca romper as amarras do sujeito ao significante. Tudo sob o pretexto da busca da felicidade do eu: “essa miragem das aparências em que as condições orgânicas da intoxicação, por exemplo, podem desempenhar seu papel exigem o inapreensível consentimento da liberdade” (Lacan, 1946, p. 188).

E a última referência do primeiro ensino, o texto “A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960). Aqui, Lacan defende que o sujeito é dividido por uma relação com o saber – concepção que se contrapõe à lógica da ciência que visa a *unidade* do sujeito e a anulação da divisão entre o saber e a verdade. Sob esse prisma, o autor assinala que ‘o estado de conhecimento’ (avesso ao saber enquanto dividido) pode ser vivenciado, pelo sujeito, a partir da experiência vivida de consumo de alucinógenos (1960, p. 809). Os estados de conhecimento, nestes casos, buscam recuperar a unidade do sujeito, tentando, deste modo, anular toda divisão subjetiva. O efeito da substância se coloca, aqui, na função de promover um rechaço ao inconsciente.

De acordo com Freda (1988), este conjunto inicial, das três referências relativas ao primeiro ensino de Lacan, designa ao uso de substância na neurose um tipo de resposta do sujeito que busca apagar a existência do inconsciente e a divisão subjetiva. Trata-se de um “não querer saber nada do inconsciente” (1988, p. 305). Do mesmo modo, à luz dos operadores lógicos da alienação e da separação da constituição subjetiva, Freda delimita que no tocante à escolha entre a *afânise* e o significante, o usuário de substância opta pela primeira (ibidem).

Em relação ao segundo grupo de referências encontradas no segundo ensino de Lacan, temos os textos “O lugar da psicanálise na medicina” (1966), *Seminário, livro 24: os tolos também erram* (1973) e “O encerramento da jornada de cartéis” (1975).

Sobre o primeiro texto, “O lugar da psicanálise na medicina” (1966), Lacan averigua que o discurso da ciência determina uma nova definição para o consumo de substâncias psicoativas, dando um novo estatuto aos produtos, tal como os tranquilizantes e os alucinógenos. Os médicos passam a adotar uma nova prática, na qual duas orientações se colocam em ação: o uso ordenado dos tóxicos (vide a prescrição médica com dosagens precisas para cada paciente) e uma dimensão ética que põe em contato com a questão do gozo. O discurso da ciência despreza a dimensão do gozo e o uso da substância passa a atuar, diretamente, de modo a perder sua ‘dita inscrição’. Isto se dá a partir de um processo de deslocamento de gozo, por meio de aparatos de medida. O novo estatuto da substância modifica a noção antiga da toxicomania. Retira-se o caráter policial original, transformando-se em uma orientação epistemológica, cuja noção da substância psicoativa é redefinida como um produto da ciência.

Não trataremos da segunda referência, vamos passar, diretamente, para a terceira e última referente ao texto “Encerramento da jornada de cartéis” (1975). Aqui Lacan forja sua tese principal sobre o recurso à substância na neurose. Para chegar a tal tese, o autor se atenta, primeiramente, ao momento da irrupção da angústia na estrutura da neurose. Atesta que a angústia emerge, no imaginário corporal do sujeito, no instante em que este (sujeito) se descobre casado com seu pequeno pipi (ibidem).

Seguindo este raciocínio, dá destaque ao papel da castração como única saída de tratamento à angústia. Faz isto designando a castração o papel fundamental de liberar o sujeito da angústia. Sobre isto, Lacan profere: “a castração que nós mesmos chegamos a nos dar conta de que é um gozo, porque é um gozo? Nós o vemos muito bem: é porque nos libera da angústia. Mas então o que é a angústia?” (Lacan, 1975).

Com o intuito de explicar este momento primordial em que a angústia se apresenta pela primeira vez no corpo do sujeito neurótico, Lacan adota uma passagem bem particular do caso clínico do pequeno Hans. Realça o momento em que Hans se depara com a sensação de angústia em decorrência de seu pênis tomar vida, quando começa a se masturbar. Tomando como parâmetro esta passagem clínica, Lacan ilustra e situa a emergência da angústia no instante em que o sujeito “se dá conta de que está

casado com seu pau” (ibidem). Ou seja, “a angústia está muito presentemente localizada em um ponto de evolução desse parasita humano” (ibidem), esta relacionada, especificamente, ao falo do sujeito.

Portanto, respeitando tais formulações, Lacan defende sua proposição principal para o estudo da clínica do recurso à substância na neurose. Afirma que o efeito da substância assume o papel de resolver o estado aflito de angústia do qual o sujeito vivencia quando percebe seu casamento com seu pau/ falo. A partir disto, afirma:

“Digo ‘aflito’, porque falei de casamento e tudo o que permite escapar desse casamento é, evidentemente, bem-vindo. Disso decorre o sucesso da droga, por exemplo. Não há nenhuma outra definição da droga senão esta: é o que permite romper o casamento com o pequeno pipi” (Lacan, 1975).

Logo, a definição da droga como “o que permite romper o casamento com o pequeno pipi” (ibidem) denota a proposição lacaniana principal sobre o recurso à substância neurose. À luz de nossa pesquisa, desde já, podemos antecipar uma proposta de leitura para esta proposição. Parece-nos que Lacan, em sua proposição, define o uso da droga a serviço de romper os efeitos sentidos pelo sujeito com o advento da satisfação fálica. Tal como uma saída psíquica que permite romper com as consequências decorrentes da entrada da ação do significante no modo de gozo do sujeito, bem como do que diz respeito à incidência do gozo fálico em seu aspecto traumático e real (correlato à primeira etapa lógica do falo imaginário e referente à masturbação).

Sendo assim, visto nossas primeiras construções acima postuladas para a proposição lacaniana de 1975, vamos seguir para o próximo item onde trabalharemos com os achados teóricos dos autores contemporâneos psicanalíticos que se inclinaram no aprofundamento e no estudo desta proposição. Vale acentuar que são estes autores contemporâneos que apresentam a leitura da proposição lacaniana de 1975 a partir da inserção de uma nova terminologia. Isto é, a proposição passa a ser entendida também, neste segundo momento, da seguinte forma: a droga/substância como um recurso que possibilita promover a ruptura do casamento do corpo com o gozo fálico.

Chegamos em um ponto importante de nossa pesquisa, pois a partir de agora, nos próximos itens, o objetivo principal será de construir um material teórico que busque avançar sobre o sentido da proposição lacaniana de 1975, assim como de interrogar se a mesma se encontra a serviço para todos os casos de neurose com uso de substância, ou

seja, de indagar se em todos os casos presenciaremos, ou não, o recurso à substância promovendo a ruptura com o pequeno pipi/ gozo fálico.

### **1.1. Considerações sobre a ruptura com o gozo fálico na neurose:**

Tendo em vista alcançar este objetivo, primeiramente, vamos dar início a este item, com a apresentação de uma fundamentação teórica baseada em referências psicanalíticas, cujas produções se inclinam no estudo e aprofundamento sobre a proposição lacaniana de 1975 sobre o uso de drogas na neurose, em que o recurso à substância é concebido como uma solução psíquica que melhor se aplica ao rompimento do casamento com o pequeno pipi (Lacan, 1975), a saber, com o gozo fálico. De acordo com esta meta, vamos adotar as produções teóricas dos autores psicanalistas: Miller (1989), Freda (1988), Laurent (1988), Santiago (2001), Pacheco (2001), Naparstek (2008, 2011), Mazzuca (2008) e outros, de modo a buscar melhor entender o que Lacan quis dizer, em 1975, quando se remete ao uso de substância como o que permite a ruptura com o gozo fálico em casos de neurose.

Miller em seu texto “Para uma investigação sobre o gozo auto-erótico” (1989) busca responder sobre a proposição lacaniana de 1975, iniciando com a seguinte pergunta: “em se tratando da toxicomania, esta categoria freudiana de falo, aparece ou não como operatória?” (Miller, 1989, p. 14). Miller situa a droga como uma saída à angústia, uma saída à angústia frente ao desejo do Outro (ibidem, p. 18): um gozo cínico que rechaça o Outro, bem como “que recusa que o gozo do próprio corpo seja metaforizado pelo gozo do corpo do Outro” (ibidem). Deste modo, o autor afirma: “a especificidade do gozo toxicômano, que de fato não passa pelo Outro, nem tão pouco pelo gozo fálico” (ibidem). Todavia, realça a questão do diagnóstico diferencial, defendendo que não se trata de forclusão da castração, e sim de uma insubordinação ao serviço sexual para os casos de neurose (ibidem, p. 19).

Laurent em seu texto “Três observações sobre a toxicomania” (1988) compreende o recurso à droga como uma formação de ruptura e não como uma formação de compromisso (1988, p. 20). Visto isto, profere: “a tese de Lacan a propósito da toxicomania é, pois, uma tese de ruptura (...) uma tese que engaja forçosamente toda a teoria do gozo, assim como a do lugar do pai e o futuro do Nome-do-Pai na nossa civilização” (ibidem, p. 21). Do mesmo modo, ao se referir à questão do diagnóstico

diferencial, concebe que se trata de uma ruptura com o Nome-do-Pai fora da psicose. Quer dizer, tem-se a inscrição do Nome-do-Pai, mas com a ruptura com o gozo fálico (ibidem, p. 24), ou seja, “um uso de gozo fora da fantasia” (ibidem, p. 23).

Mazzuca em seu texto “Clínica diferencial dos transtornos narcisistas II” (2008) profere que a relação que o sujeito estabelece com a droga é insuficiente. Acerca da ruptura com o gozo fálico, o autor acredita em “uma operação de ‘cancelamento’ momentâneo das funções da fantasia, do mecanismo do recalque e da função do falo enquanto objeto de desejo, aquele que transformando-se em significante permite simbolizar uma satisfação” (2008, p. 156). E ao falar sobre a inscrição do significante do Nome-do-Pai para os neuróticos que fazem uso de substância defende: “prefiro falar em ‘cancelamento’ momentâneo ou colocado em suspensão, do que de forclusão” (ibidem).

Ainda em seu texto, Mazzuca (2008) lembra que Freud (1930) defende uma aproximação entre a toxicomania e a mania. No texto “O mal estar na civilização” (1930/1996), Freud demarca a possibilidade de averiguar a libido tóxica presente nas neuroses (Freud, 1908a, 1916-17) da mesma maneira que nos quadros de manias. Profere esta relação a partir da seguinte passagem:

“É possível que haja substâncias na química de nossos corpos que apresentem efeitos semelhantes, pois conhecemos pelo menos um estado patológico, a mania, no qual uma condição semelhante à intoxicação surge sem a administração de qualquer droga intoxicante” (Freud, 1930, p. 86).

Mazzuca adota esta citação freudiana para ressaltar que mesmo sendo possível, segundo Freud, relacionar ou colocar em continuidade a toxicomania da mania, ainda assim não se deve confundir necessariamente o recurso à substância com o quadro da psicose para todos os casos (Mazzuca, 2008, p. 148). Visto esta distinção, Mazzuca prossegue apresentando sua leitura da ruptura com o gozo fálico na neurose: “em relação à dinâmica dos processos inconscientes, fica momentaneamente cancelada a relação com o sujeito com o objeto de desejo, em virtude do qual, em relação ao fator econômico, fica acentuada sua condição de objeto de gozo” (ibidem, p. 148).

Neste sentido, Mazzuca atenta para o fator econômico. Fala de uma desregulação pulsional, por onde o objeto de gozo toma a cena, em contraponto ao objeto de desejo. Em outras palavras, enquanto o predomínio do objeto do gozo no funcionamento pulsional se apresenta como resultado da ausência de regulação libidinal, o objeto do

desejo que surgiria em função da ação do significante em fazer barreira ao gozo, em paralelo, às leis do inconsciente, não consegue participar da constituição do sujeito nestes casos.

Além disso, outros autores psicanalíticos como Freda (1988), Santiago (2001) e Pacheco (2001) também nos acrescentam com seus postulados acerca da proposição lacaniana de 1975 referente à ruptura do gozo fálico no uso de drogas. A partir dos trabalhos destes autores, daremos seguimento à fundamentação, deste item, que busca esclarecer sobre o papel da substância como saída psíquica em resposta ao gozo real, em casos de neurose.

Seguindo a nossa pesquisa sobre a proposição de 1975, a respeito do uso de substância situada, por Lacan, como uma solução psíquica que permite o sujeito romper o casamento com o pequeno pipi, Santiago em seu livro “A droga do toxicômano” (2001) apresenta importantes contribuições que nos servirão ao estudo vigente da tese, que visa o aprofundamento teórico acerca do que Lacan quis dizer quando localiza o recurso à substância na função de ruptura com o gozo fálico.

De acordo com Santiago (2001, p. 188), Lacan toma como ponto de partida a hipótese freudiana (1930) que concebe a droga como um método capaz de atenuar os efeitos do gozo. Se tomarmos esta hipótese freudiana e pensá-la sob o prisma da clínica do real, é sabido que a incidência do Outro gozador sobre o sujeito provoca angústia. Seguindo esta lógica, a tentativa particular do sujeito, que recorre à substância, de se afastar dos efeitos do Outro e de sua demanda é identificada por uma operação psíquica constituída por uma especificidade própria (Santiago, 2001, p. 188). Neste ponto do texto, Santiago destaca uma informação teórica muito importante para esta tese. Afirma que a definição da droga, como o que permite romper o casamento do sujeito com o faz-xixi, não deve ser lida como um ‘papel separador’ (entre corpo e gozo) que serve para o sujeito gozar. Pelo contrário! Este ‘papel separador’ deve ser entendido a serviço, sempre, do sujeito se proteger do gozo real que vem do campo do Outro (ibidem, p. 188-189):

“Concebo essa função separadora da droga com relação ao Outro em função do gozo, ou seja, a droga não é simplesmente, como muitos podem pensar, aquilo que faz o sujeito gozar. Ao contrário, trata-se de um dispositivo que visa de modo provisório e precário, a barrar a incidência da dimensão nociva e deletéria do gozo” (Santiago, 2001, p. 188-189).

Santiago, então, mediante sua concepção do uso da substância atuando como papel separador a serviço da proteção do sujeito ao Outro gozador, adota a construção conceitual lacaniana de significação fálica (oriunda da operação da metáfora paterna), com o intuito de esclarecer o que de diferente ocorre na efetuação da estrutura psíquica da neurose, quando se verifica o impasse ao sujeito de recorrer à fantasia e ao desejo, como formas de fornecer tratamento significativo ao gozo real – tendo em vista fundamentar seu entendimento a respeito da proposição lacaniana que indica para a neurose, com recurso à substância, a ruptura com o gozo fálico, fora do campo da psicose.

Santiago começa realçando que a função paterna por ser responsável pela transmissão da significação fálica ocupa um lugar decisivo nos modos de uso do gozo fálico na neurose (Santiago, 2001, p. 190). Afirmativa esta que vai de acordo com a concepção de gradação diagnóstica nas neuroses, adotada por esta tese, em relação aos níveis de operatividade do Nome-do-Pai para a regulação de gozo na estrutura psíquica. Devido ao fato da significação fálica não se encontrar constituída na clínica da toxicomania, Santiago articula este aspecto clínico ao que Miller (1989) define com a averiguação de uma insubordinação ao serviço sexual presente no modo de gozo do sujeito (Santiago, 2001, p. 192, apud Miller, 1989, p. 19).

De acordo com esta articulação entre a falha na inscrição do registro fálico na constituição da estrutura e a insubordinação ao serviço sexual, Santiago demarca dois aspectos da clínica da neurose com recurso à substância em caso de ruptura com o gozo fálico: 1. “A droga torna-se objeto de uma necessidade imperiosa, em que a satisfação solicitada não aceita prazos de substituição de objetos” (ibidem, p. 192) e 2. “A falta a ser, nessas situações, não parece por um objeto não-nomeável e irrecuperável, mas por um artifício, que, sob o invólucro do objeto da demanda, mascara o sujeito do desejo” (ibidem).

Seguindo esta linha de raciocínio, Santiago retoma o que Lacan advertiu em 1938 sobre o declínio da imago paterna na cultura, e defende que nossa época não experimenta o declínio do falocentrismo, mas sim os efeitos de um declínio da significação fálica, que por sua vez deveria advir da função paterna (Santiago, 2001, p. 193). Sob esse prisma, entende o quadro clínico correlato à ruptura com o gozo fálico, no cenário contemporâneo, como “mais uma das repostas do real, em momentos nos quais o Outro, com suas insígnias, não mais existe para orientar os rumos da vida” (Santiago, 2001, p. 193); como uma solução **não-fálica** de separação entre o corpo e o

gozo (2001, p. 193, grifo nosso) resultante de uma invasão cada vez maior do discurso da ciência na civilização. Em outros termos, a inexistência do Outro na atualidade provoca a necessidade da criação de novas formas de sintoma – não-fálicas – através das quais o sujeito tenta buscar formas se haver com a incidência do real (ibidem) em casos de debilidade da ação do significante como reguladora de gozo.

Ao fim de toda sua construção argumentativa, Santiago concebe a ruptura com o gozo fálico em caso de uso de substância como um recurso possível ao sujeito quando a significação fálica (condizente à metáfora paterna) não vigora na estrutura da neurose (ibidem, p. 195). Como dissertamos desde o primeiro capítulo, a castração simbólica, junto à significação fálica, é o que permite dar tratamento a uma parte do gozo. Esta parte do gozo torna-se significantizável e, deste modo, oferece ao sujeito recursos simbólicos para se proteger do Outro gozador. No entanto, como Santiago realça acima, na clínica da toxicomania, a instauração da significação fálica não se coloca. Neste caso, em virtude do *semblante* fálico falhar, o sujeito é jogado no abismo da angústia, através do qual o uso da substância surge como uma tentativa capenga de separação do corpo com o gozo fálico (ibidem):

“Em última análise, o efeito do discurso próprio ao recurso de uma prótese química surge no momento em que o sujeito se embaraça com o aspecto insuportável do gozo do corpo e que o *semblante* fálico fracassa em fazer valer para o sujeito, uma relação tolerável com a toxicidade do gozo. Tratando-se do *semblante* primordial da psicanálise, a significação fálica constitui a única ferramenta do sujeito para enfrentar a emergência massiva do gozo do Outro. Em outros termos, a instauração do *semblante* fálico é o índice incontestável de que uma parte do gozo, foi, de alguma maneira, significantizado e, portanto, afastado do corpo (...)” (Santiago, 2001, p. 195-196).

Do mesmo modo, as contribuições de Pacheco em seu texto “O corpo na toxicomania” (2001) também nos oferecem ferramentas para dar continuidade ao estudo sobre os efeitos da falha da instauração da significação fálica em casos de uso de substância com ruptura ao gozo fálico no campo da neurose.

Quando Lacan se utiliza do caso clínico do pequeno Hans com a finalidade de propor a droga como um recurso bem sucedido para romper o casamento do corpo com o pequeno pipi, a tese compreende que o autor destaca como norte de pesquisa a necessidade de dar destaque a dois aspectos subjetivo: a análise de como o sujeito se relaciona com o falo, e a partir disto as consequências em sua relação com o Outro. Dito de outra forma, a tese acredita que no tocante à clínica do recurso à substância, o que

precisa ser dado relevo é a investigação sobre a forma como o falo se inscreve na estrutura na neurose, o que por sua vez determinará diferentes formas de uso da substância e diferentes funções, dentro de cada caso clínico, como saída psíquica a fazer barreira ao real. Assunto que abordaremos, no próximo item, com a continuidade do estudo sobre as etapas lógicas da operacionalização do falo na constituição da neurose.

Seguindo esta linha de raciocínio, Pacheco com seu texto “O corpo na toxicomania” (2001) nos contribui para seguir com a fundamentação teórica acerca das particularidades encontradas na relação do sujeito com seu falo na clínica do recurso à substância. Em seu texto, Pacheco discorre sobre a importância do papel do significante falo na constituição da neurose, na medida em que este determina a inserção do sujeito na linguagem. Equivale a inscrição do falo em Lacan ao primado do falo em Freud, identificando nestas duas referências indicadores de que o sujeito tomou posse da linguagem (2001, p. 68). Fato essencial para nossa pesquisa, uma vez que, segundo Lacan, é a linguagem que introduz a dimensão sexual no humano, o que se dá também na condição do falo ser inscrito na efetuação da estrutura psíquica da neurose do sujeito.

Na meta de fundamentar a importância do falo para a constituição da neurose, Pacheco recorre à teoria lacaniana dos três tempos do complexo de Édipo, de modo a descrever os diferentes momentos do falo no decorrer do Édipo do sujeito. Seguindo os postulados lacanianos, começa por demarcar que o falo representa o significante da falta. O falo é o que falta. No primeiro tempo do Édipo, o falo é o que falta à mãe, o que faz o bebê se posicionar no lugar de objeto falo da mãe. Em seguida, no segundo tempo do Édipo, o falo não está mais com o bebê. O falo encontra-se alhures por passar a se localizar no pai. Vigora-se neste ponto da efetuação da estrutura a Lei do pai. Para, então, por fim, no terceiro tempo do Édipo, o falo se mantém com o pai, determinando a castração simbólica e a formulação da significação fálica no Édipo do sujeito. Lembrando que o falo permanece ao lado do pai, mesmo que este também seja castrado: “o pai é suposto detentor do falo. Ele não o tem, nele, mas mesmo assim, é o representante, o titular, ou seja, o pai só é pai por procuração, e o próprio pai é castrado” (ibidem, p. 68).

Como resultado do falo ser retirado do sujeito, no segundo tempo do Édipo, o falo surge em seu estatuto de um significante metonímico submetido à lei do pai. Deste modo, a significação fálica advém do papel paterno, de modo que emerge em consequência da proibição do pai ao filho de continuar gozar do objeto mãe. É,

exatamente, esta proibição paterna que torna possível o sujeito se relacionar com o gozo fálico de outra maneira, ou seja, agora, no campo do simbólico (ibidem, p. 68).

A fim de buscar melhor entender o que suscita na constituição do sujeito esta mudança de operacionalização com o gozo fálico, às considerações de Pacheco, a tese propõe acrescentar aqui duas frases lacanianas contempladas no *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-58) que, por sua vez, dizem respeito também ao efeito fundamental da proibição paterna sob o prisma do que permite a passagem do falo imaginário para o falo simbólico na neurose.

A primeira frase se refere à proibição paterna efetuada no segundo tempo do Édipo imposta pela regra “não te deitarás com sua mãe” (Lacan, 1957-58, p. 209). Esta frase carrega consigo duas indicações, uma negativa e outra positiva. O que isto quer dizer? Se por um lado, a proibição paterna ‘não deitarás com sua mãe’ interdita o desejo do filho de gozar da mãe, por outro lado denota uma faceta positiva, uma vez que esta mesma proibição é o que possibilita o sujeito poder gozar de outras mulheres. Tal fato nos abre o campo para apresentar a segunda frase, agora, destacada do terceiro tempo do Édipo. No terceiro tempo, o significante Desejo da mãe é finalmente metaforizado pelo significante Nome-do-Pai. O resultado da metáfora paterna trata-se, exclusivamente, da oferta, dada de pai para filho, do certificado de virilidade (ibidem, p. 212). Este certificado é recebido pelo sujeito no final de seu Édipo através do qual ganha o poder de usar seu falo agora com outras mulheres. Sobre isto, Lacan profere: “o sujeito pode receber da mensagem do pai o que havia tentado receber da mensagem da mãe (...) que lhe seja permitido ter um pênis para mais tarde. Aí está o que é efetivamente realizado pela fase do declínio do Édipo (...) o título de posse no bolso” (Lacan, 1957-58, p. 212).

Sob esse prisma, Pacheco aponta que será a significação fálica oriunda da metáfora paterna que permitirá o sujeito se orientar na relação com o Outro e em suas parcerias amorosas: “é neste sentido que se considera a metaforização pelo pai do desejo da mãe o fator determinante do destino da sexualidade do sujeito” (Pacheco, 2001, p. 68).

No entanto, tal como os autores trabalhados neste item apontam, na clínica do recurso à substância em caso de ruptura com o gozo fálico, a instauração da significação fálica não se estabelece na estrutura da neurose. Por esta ótica, Pacheco também sustenta que o recurso à substância se apresenta, nestes casos, como um artifício frente à falha da significação fálica (ibidem, p. 66), como um mecanismo reparador desta falha (ibidem, p. 69). O recurso à substância advém na tentativa dar sentido à falha do Pai

(ibidem, p. 66); e, logo, fora da ordem fálica, Pacheco sustenta não ser torna possível a produção de um sintoma de formação de compromisso para o tratamento do gozo real. Fato que a faz concordar tanto com a proposta de Laurent: “formação de ruptura”, (Pacheco, 2001, p. 68, apud Laurent, 1988, p. 23), quanto com a de Miller: “insubordinação ao serviço sexual” (Pacheco, 2001, p. 69, apud Miller, 1989, p. 19) para casos de uso de substância em que se verifica o rompimento com a satisfação fálica.

Seguindo esta fundamentação teórica a respeito da função do recurso à substância em articulação com a concepção de ruptura com o gozo fálico, Freda em seu texto “Entre a satisfação e o gozo: a droga” (1988) faz a leitura de dois aspectos contidos na citação lacaniana (1975) “a droga é o que permite romper o casamento com o pequeno-pipi”. Os dois aspectos destacados por Freda são: 1. “A angústia que sente todo sujeito na relação estabelecida com o pênis, definido como ‘casado com seu pênis’” (1988, p. 97); e 2. “A castração como ‘o que libera o sujeito da angústia’” (ibidem).

Baseado nestes dois aspectos recortados da citação lacaniana de 1975, Freda afirma que o processo normal de castração é o que permite o sujeito escapar do casamento do corpo com o gozo fálico – visto a passagem lacaniana (acima destacada) que aponta para a castração a única forma de liberar o sujeito da angústia. Segundo Freda, a castração consiste na apropriação subjetiva da significação fálica, tomada como um ponto de referência, que acarreta a passagem pelo gozo fálico acumulado no pênis, liberando o sujeito da satisfação autoerótica (ibidem). Por essa lógica, designa à castração um: “valor de separação, de obstáculo, de agente de divórcio” (1988, p. 97) entre corpo e gozo.

À luz de nossa pesquisa, Freda está falando da castração simbólica. Quer dizer, do processo que permite o sujeito ter sucesso em efetuar a passagem do falo imaginário para o falo simbólico. De acordo com nossos achados, desde o primeiro capítulo, a respeito do conceito de gozo fálico e das etapas lógicas da efetuação da estrutura da neurose, vale lembrar que num primeiro momento, o gozo fálico se manifesta de forma autoerótica via masturbação, para somente depois, num segundo momento, ser operacionalizado de forma simbólica vide recurso da significação fálica oriunda da metáfora paterna. No primeiro tempo lógico da efetuação da estrutura encontramos o falo imaginário (-φ) ao passo que no segundo tempo, o falo simbólico (Φ).

Qual a importância de se lembrar disso? Porque Freda, seguindo as postulações de Lacan, atesta ao sucesso da castração simbólica a única condição do sujeito operacionalizar com seu falo de uma nova maneira. A saber, saindo de um funcionamento pulsional autoerótico via masturbação, vivenciado no primeiro tempo lógico, em que o sujeito sofre a incidência do gozo fálico em seu aspecto real e traumático, e passando para um outro modo de funcionamento regido pelo simbólico no segundo tempo lógico, em que o gozo real recebe tratamento da castração através da significação fálica. Neste caso, usando as palavras de Freda, à luz de nossa tese, a castração funciona para o sujeito como ‘um agente separador e de divórcio’ dos efeitos traumáticos advindos do enigma que o gozo fálico impõe na primeira etapa lógica da constituição da neurose.

Todavia, no tocante ao quadro clínico da ruptura com o gozo fálico, Freda identifica uma falha do processo de castração e da instauração da significação fálica, e, portanto, de seu papel separador entre corpo e gozo. Logo, nestes casos, entende a função psíquica da substância tal como uma solução que produz um certo apaziguamento (Freda, 1988, p. 97) à incidência do gozo real. O uso de substância não se equivale à castração. Representa uma saída por onde o sujeito busca: “substituir, inclusive, suprir o agente da castração” (ibidem).

## **1.2. Recursos à substância e suas gradações – dos usos à toxicomania:**

Como já dissemos anteriormente, o estudo sobre a clínica do recurso à substância no campo da neurose, para esta tese, constrói-se mediante a necessidade de um aprofundamento teórico acerca do sentido da proposição lacaniana de 1975: “a droga é o que permite romper o casamento do corpo com o faz-pipi” (Lacan, 1975). Em vistas de dar prosseguimento à pesquisa à qual o item anterior deu início, a saber, como os autores psicanalistas, num primeiro momento, conceberam a proposição de Lacan (1975), neste item, a tese se propõe avançar, de modo a buscar defender novas formas de se apropriar desta proposição. O objetivo de pesquisa, que a tese propõe desenvolver, se pauta na hipótese teórica de acreditar ser possível localizar, psiquicamente, o uso de substância, não apenas sob a égide de uma ruptura com o gozo fálico e/ou com a fantasia. O que quer dizer que, em outras palavras, a tese também sustenta a

possibilidade de constatar, clinicamente, para certos casos de uso de substância na neurose, a fantasia em ação na constituição do sujeito.

No intuito de defender esta hipótese teórica-clínica, a tese adotará as contribuições teóricas de Freud (1897, 1908b, 1912, 1930), Lacan (1969-70, 1971, 1972-73, 1974, 1975, 1975-76), Miller (1989), Naparstek (2008, 2011, 2014), Santiago (2001, 2014), Guedes (2014) e outros. Adotar tais referências psicanalíticas nos permitirá abrir um campo de discussão, de modo a desenvolver e fundamentar teoricamente, sobretudo, duas temáticas relevantes para o estudo da clínica do recurso à substância. Em primeiro lugar, à luz da temática da gradação diagnóstica das neuroses e baseado em referências do ensino de Lacan, elucidaremos as diferentes modalidades de operacionalização do falo, por meio do estudo das duas etapas lógicas de sua operacionalização (inscrição do falo e da função do falo). Para em seguida, adotar os conceitos lacanianos de sintoma e de amor, a fim de fundamentar os diferentes possíveis tipos de função psíquica do recurso à substância para os homens no que tangem: suas relações nas parcerias amorosas, seus modos de satisfação com o Outro sexo e/ou apenas com seu próprio corpo.

A proposta é defender que o amor concebido por Lacan como “o que vem em suplência à relação sexual” (Lacan, 1972-73, p. 51) pode ser apreendido, à luz desta tese, como uma ferramenta de estudo fundamental para a clínica do recurso à substância nos homens. O critério de pesquisa, na adoção deste conceito, implica em investigar (caso a caso) se o amor, em sua função de suplência à relação sexual, revela-se bem sucedida ou se fracassa na satisfação pulsional do sujeito. Sob esse prisma, o instrumento conceitual do amor nos servirá para abordar a clínica do recurso à substância e suas gradações diagnósticas. Sobre o amor, Lacan (1972-23, p. 53) postula: se todo sujeito é *Um*, é apenas a função do amor que pode promover a junção dos *Uns-sozinhos*, condizentes ao gozo fálico.

Além disso, articulada a essas duas proposições lacanianas – o conceito de amor como o que faz suplência à relação sexual e o que possibilita a união dos *Uns* – a tese se atenta, seguindo a lógica da gradação, a duas hipóteses clínicas sobre o uso de substância na clínica dos homens. De acordo com a fundamentação teórica das etapas lógicas da operacionalização do falo – inscrição do falo e função do falo – colocar-nos-emos a defender que quanto mais a efetuação da estrutura estiver firmemente estabelecida já na segunda etapa lógica relativa à função do falo:

1. Mais o sujeito estará aberto à possibilidade de se apropriar da função do amor como suplência à relação sexual, unindo, assim, os *Uns-sozinhos*, e, do mesmo modo;
2. Mais a função do recurso à substância encontrar-se-á a serviço da manutenção do casamento do corpo com o gozo fálico, e não a serviço da ruptura.

Neste sentido, desde já a tese compreende a importância do estudo teórico das diferentes modalidades da operacionalização do falo na clínica masculina, na medida em que, apenas a partir dela, será possível delinear as diversas funções do uso da substância na clínica das neuroses. Sobre isto, faz-se sempre importante lembrar que se neste capítulo torna-se possível agora abordar as diferentes funções das substâncias, em consonância as modalidades da operacionalização do falo, isto advém de nossa fundamentação teórica prévia da temática da gradação diagnóstica das neuroses iniciada desde o primeiro capítulo.

O que queremos dizer com isto? Acreditamos ser possível vislumbrar a clínica do recurso à substância do mesmo modo que concebemos a pesquisa da gradação diagnóstica nas neuroses. A clínica do recurso à substância também se destaca a partir da averiguação de um leque de gradações no tocante às vastas formas do sujeito se relacionar com o Outro. Ou seja, por meio de diversos níveis diagnósticos que podem abranger: do maior nível de emergência de divisão subjetiva com a participação de um Outro faltoso, até ao menor nível de apresentação de sujeito barrado, incidindo na não inclusão do Outro na dinâmica da satisfação pulsional.

Neste sentido, a tese inclinar-se-á a defender que, no tocante a temática da gradação diagnóstica nas neuroses, o recurso à substância pode se encontrar a serviço de diferentes funções psíquicas (o que será identificado dentro de cada caso clínico). A começar pela avaliação clínica se o recurso à substância opera para o sujeito no intuito de promover o rompimento ou a manutenção do casamento do corpo com o gozo fálico. Sobre isto, teremos como meta postular, ao longo deste capítulo, a distinção fundamental de dois tipos de uso da substância na clínica das neuroses:

1. Um tipo de recurso à substância que se mostra a serviço de possibilitar a relação do sujeito com o Outro sexo e/ou apenas com a satisfação de seu próprio corpo via masturbação. Concernentes aos casos clínicos de **uso e abuso da substância** – ou;
2. Um tipo de recurso à substância marcado por um modo de gozo autoerótico sem participação do Outro. Casos clínicos, cujo recurso à substância se destaca por um tipo

de satisfação pulsional localizado, exclusivamente, fora do sexo (*hour du sexe*), isto é, sem masturbação e sem relação sexual. Correlatos às verdadeiras **toxicomanias propriamente ditas**: aquelas que, de fato, dizem respeito à proposição lacaniana (1975) sobre a ruptura do casamento do corpo com o pequeno pipi.

Logo, é a partir deste posicionamento de estudo que a tese buscará ser conduzida de forma fiel com o que a psicanálise indica – a saber, de que não tratamos do objeto, e sim do sujeito (caso a caso). Desta forma, para entender a função da substância particular para cada sujeito, o que nos cabe é dar início ao estudo sobre os diferentes modos de efetuação de estrutura psíquica encontrados no campo das neuroses, em relação, agora, às formas de funcionamento das etapas lógicas da operacionalização do falo (inscrição e função do falo), dentro de cada caso clínico. Tal fundamentação permitirá à tese contemplar a possibilidade de assinalar um caráter bem heterogêneo no que concerne à clínica do recurso à substância, haja vista sua meta de abordar os diferentes modos de satisfação pulsional, bem como as diversas formas do sujeito conseguir se relacionar, ou não, com o Outro.

Com o intuito de dar início a tal fundamentação, escolhemos por começar com as valiosas contribuições teóricas de Naparstek (2008, 2011, 2014) encontradas em seu livro “Introducción a la clínica con toxicomanias y alcoholismo” (2008), em sua tese de doutorado “La direction de la cure dans les toxicomanies et l’alcoolisme” (2011) e em seu artigo intitulado “De homens e mulheres” (2014).

É Naparstek (2008, 2011) quem constrói um minucioso trabalho de pesquisa para a clínica do uso de substância, haja vista que introduz uma teoria essencial que possibilita abordar, através dos postulados de Freud e de Lacan, as modalidades de operacionalização do falo nas neuroses masculinas, em relação ao estudo das diferentes etapas lógicas do falo: inscrição do falo e função do falo. Faz-se importante ressaltar que as contribuições de Naparstek surgem de forma valiosa para esta tese, na medida em que introduz uma nova perspectiva de estudo para a clínica do recurso à substância, pelo fato, sobretudo, de fundamentar dois aspectos relevantes: a produção de novas ferramentas teóricas para a determinação do diagnóstico diferencial, entre neurose e psicose, bem como, a partir de sua abordagem a respeito da proposição lacaniana de 1975, tornar possível interrogar se a função do uso de substância nas neuroses se revela,

para todos os casos clínicos, a serviço ou não do rompimento do casamento do corpo com o pequeno pipi/ gozo fálico.

Com a finalidade de responder tais questões, primeiramente, Naparstek (2008) apresenta sua forma de conceber as diferentes modalidades de operacionalização do falo, forjando um esquema no qual propõe três tempos de gradações diagnósticas, donde as etapas lógicas da satisfação sexual – inscrição do falo e função do falo – fazem parte. Os três tempos são circunscritos por ele da seguinte maneira (2008, p. 36):

1. **Tempo 0** - localizado como o período do autoerotismo;
2. **Tempo 1** - relativo à inscrição do falo;
3. **Tempo 2** - correlato ao instante em que o falo é colocado em função.

Naparstek (2008) fundamenta estas três modalidades a respeito das etapas lógicas da operacionalização do falo baseado em referências teóricas encontradas em Freud e em Lacan. Através destas, começa a explicar, teoricamente, como se faz possível, na constituição do sujeito neurótico, a passagem do autoerotismo para a primeira etapa lógica correlata à inscrição do falo.

Em primeiro lugar, Naparstek (2008), tendo como objeto de pesquisa a clínica do recurso à substância, toma como ponto de partida, para a construção de seus argumentos, a carta 79 de Freud (1987), em cujo escrito se localiza a primeira tese freudiana sobre o uso de substância. Nesta carta, Freud concebe a masturbação como a ‘adição primordial’, a partir da qual qualquer outro vício seguinte inserido na vida do sujeito colocar-se-ia no lugar de substituto da satisfação primária relativa ao ato masturbatório (Naparstek, 2008, p. 35, apud Freud, 1897).

Em seguida, em correlação à tese freudiana proposta em 1987 e com o objetivo de dar início à fundamentação teórica relativa à passagem do autoerotismo à etapa lógica da inscrição do falo, Naparstek recorre a outro texto freudiano intitulado “Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade” (1908b). Neste texto, Freud postula dois tempos acerca da masturbação: o primeiro concernente ao puro autoerotismo e o segundo em que a masturbação passa a estar atrelada à fantasia (Freud, 1908b). Naparstek, ao fazer sua leitura lacaniana sobre o texto de Freud, compreende que no primeiro momento, o significante não move o corpo, não há nenhuma conotação significativa, o que faz vigorar aí puro autoerotismo; ao passo que, de forma diferente, no segundo momento, verifica-se uma estreita relação entre significante e fantasia, a

partir da qual a fantasia opera e o significante toca o corpo (Naparstek, 2008, p. 35, apud Freud 1908b). Do mesmo modo, Freud (1908b), ainda neste mesmo texto, afirma que não se pode haver masturbação e sintoma ao mesmo tempo. É necessário que o sujeito deixe a masturbação (autoerótica) para entrar no registro da falta, para que assim, um sintoma possa se estabelecer como satisfação substitutiva (ibidem), em paralelo, a sua conexão com o significante e a fantasia inconsciente.

Articulando a este texto de Freud (1908b), Naparstek recorre também a dois seminários lacanianos onde se encontram passagens a respeito da mudança do autoerotismo à inscrição do falo: o *Seminário, livro 19: ou pior* (1971) e o *Seminário, livro 23: o sintoma* (1975-76) – trabalhados já pela tese no primeiro capítulo. Em 1971, Lacan concebe a etapa lógica da inscrição do falo como “uma espécie de ficção chamada casamento” (1971, p. 19), e circunscreve este ‘casamento ficcional’ em referência ao falo: “precisa continuar preso ao mastro, no qual vocês não podem deixar de reconhecer o falo” (ibidem, p. 20). Seguindo seu argumento, Lacan, em 1975-76, designa à inscrição do falo a responsabilidade de ligar o falo com linguagem, em outros termos, de conectar o órgão com a palavra: “se crê macho porque tem um pedacinho de pau (...). O falo é a conjunção do que chamei de *esse parasita*, ou seja, o pedacinho de pau em questão, com a função da fala” (1975-76, p. 17). A saber, descrição lacaniana correlata ao segundo momento da masturbação freudiana (1908b), postulada por Naparstek acima, em que o sujeito ao sair do autoerotismo permite ao significante que lhe toque o corpo, estabelecendo assim uma ligação entre falo e linguagem.

Além destas duas referências lacanianas recortadas por Naparstek para descrever a passagem do autoerotismo à inscrição do falo, vale lembrar aqui também outra referência lacaniana com a qual trabalhamos no primeiro capítulo: o texto “Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960). A partir deste texto, dissertamos sobre a importância do papel do significante (para a regulação do gozo) no processo da castração, responsável pela passagem do falo imaginário ( $-\phi$ ) para o falo simbólico ( $\Phi$ ). A partir deste texto, mostramos, desde já no primeiro ensino de Lacan, uma forma de conceber, teoricamente, os diferentes tempos lógicos da operacionalização do falo; ou seja, as etapas lógicas da inscrição e da função do falo em correlação ao falo imaginário e ao falo simbólico, respectivamente.

Do mesmo modo, ao trabalharmos, no primeiro capítulo, os conceitos de significante, falo, gozo, desejo, Nome-do-Pai, gozo fálico, função fálica e supereu,

aproximamos o Nome-do-Pai com a função fálica, relativa à castração simbólica, e, em contrapartida, o gozo fálico, em seu caráter fora do simbólico, com o supereu imperativo de gozo. Fundamentamos estas aproximações, desde o primeiro capítulo, em vistas, neste capítulo, junto à temática da gradação diagnóstica nas neuroses, de contemplar de forma mais contundente as diferentes funções psíquicas que o uso de substância pode ter, em seu aspecto particular, para cada sujeito neurótico. Entretanto, neste momento, antes de circunscrevermos esta heterogeneidade no tocante às diversas funções possíveis do recurso à substância no campo das neuroses, vamos aqui retomar – o que foi já desenvolvido de forma mais aprofundada no primeiro capítulo – apenas algumas postulações lacanianas (1960) relativas à passagem do autoerotismo à etapa lógica da inscrição do falo:

No texto “Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960/1998), Lacan afirma que o gozo somente recebe uma regulação e um contorno em consequência de um sacrifício relacionado ao complexo de castração, o que se dá em referência ao falo: “É a simples indicação desse gozo em sua infinitude que comporta a marca dessa proibição e, para constituir essa marca, implica um sacrifício: o que cabe um único e mesmo ato, com a escolha de seu símbolo, o falo” (Lacan, 1960, p. 863). Do mesmo modo, em relação à primeira etapa lógica da operacionalização do falo no processo de castração (inscrição do falo), Lacan profere que a presença do falo imaginário se instaura na estrutura da neurose por meio de uma negativização, e que, somente, sob a égide desta negativização do falo que o gozo passa a ganhar corpo: “(...) o falo, ou seja, a imagem do pênis, é negativizado em seu lugar de imagem especular. É isso que se predestina o falo a dar corpo ao gozo, na dialética do desejo” (ibidem). Ou seja, formas lacanianas de dizer sobre a significantização do falo, e, portanto, como o falo ganha corpo ao se relacionar com o significante – relativa à etapa lógica da inscrição do falo.

Além disso, a inscrição do falo também pode ser lida, à luz dessa tese, a partir dos postulados de Lacan do *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964) com os conceitos de alienação e de separação: operadores lógicos da efetuação da estrutura da neurose. Resumidamente, Lacan descreve o advento do sujeito como efeito de linguagem, resultado da sincronia significante, referente à primeira etapa lógica da alienação constitutiva da neurose. O sujeito ao se alienar buscando significantes no campo do Outro passa a se inscrever sob o prisma da falta-a-ser, em uma posição de sujeito barrado (\$), exatamente, pelo fato de ter se inserido na

linguagem. Logo, sob a égide de nossa pesquisa, também podemos apostar numa equivalência entre a inscrição do falo e o processo lógico da alienação, na medida em que para ambos a articulação com o significante apresenta-se como condição de existência.

Sendo assim, respeitando as postulações freudianas de 1908b, Naparstek (2008) escolhe nomear a primeira etapa lógica da inscrição do falo, em sua articulação com o significante, através do termo ‘soldadura’. Elege o termo ‘soldadura’, de modo a ilustrar a condição única que permite um homem fazer de seu órgão um instrumento. Para tal destaca uma passagem lacaniana encontrada no *Seminário, livro 19: ou pior* (1971): “um órgão só é um instrumento por meio disto em que todo instrumento se baseia: é que ele é um significante” (Lacan, 1971, p. 17). De acordo com esta afirmativa, Naparstek ressalta: “para o que o falo esteja inscrito não basta que alguém tenha um pênis, é necessário que este órgão responda de certa maneira a palavra” (Naparstek, 2008, p. 39), a saber, ao significante.

Seguindo este raciocínio, a tese também associa o momento da inscrição do falo, nomeado por Naparstek, a partir da eleição do termo ‘soldadura’ – correlato ao casamento ficcional entre corpo e gozo (Lacan, 1971) e à articulação do falo com a linguagem (Lacan, 1975-76) – a alguns postulados encontrados no *Seminário, livro 20: mais ainda* (1972-73). Quando Lacan dá prosseguimento a sua teoria do gozo, mantém sua concepção acerca do estatuto de gozo, pela condição única, deste estar entrelaçado com a função significante: “isso só se goza por corporizá-lo de maneira significante” (1972-73, p. 30). O corpo ganha estatuto de substância gozante na medida em que é o corpo que goza: “a substância do corpo (...) como aquilo de que se goza” (Lacan, 1972-73, p. 29). Determina-se, aí, a única condição de o órgão se tornar instrumento, que acontece, somente, a partir do significante; isto é, quando se inscreve em sua relação com a linguagem.

Logo, como resultado desta primeira fundamentação a partir dos textos de Freud e de Lacan, Naparstek (2008, p. 41) forja o quadro abaixo por onde ilustra a forma como organiza os tempos da efetuação da estrutura da neurose, em consonância às etapas lógicas da operacionalização do falo – inscrição do falo e função do falo. Constrói este quadro também com o objetivo de ressaltar a necessidade teórica de separar, de forma clara, as diferenças entre órgão e instrumento, entre pênis e falo. Além disso, vale dizer

que o estudo deste quadro mostrar-se-á essencial, ao longo deste capítulo, para a elaboração de índices teóricos que possam contribuir para a temática da determinação do diagnóstico diferencial, entre neurose e psicose, na clínica psicanalítica do recurso à substância:

<b>Tempo 0</b>	<b>Tempo 1</b>	<b>Tempo 2</b>
Puro autoerotismo	Masturbação como soldadura	Sintoma
Pênis/ Órgão	Inscrição do falo/ Instrumento	Falo em função

Após circunscrever a passagem do autoerotismo à inscrição do falo, Naparstek (2011) se inclina a desenvolver sua fundamentação a respeito de como acontece a passagem da inscrição do falo para a função do falo, em outros termos, quando o falo passa a ser colocado em função na estrutura subjetiva da neurose. Para tal, o autor destaca que a mudança da etapa lógica condizente à inscrição do falo (**tempo 1**) para a segunda etapa lógica em que o falo é posto em função (**tempo 2**), no campo dos homens, apenas torna-se possível a partir de duas saídas psíquicas: ou através do *sintoma* ou através do *amor*.

Quando a função do falo é colocada em cena pelo campo do amor, uma situação ganha destaque – a forma de casamento com o falo permite o acesso ao Outro sexo, possibilita ao homem se relacionar sexualmente em uma parceria amorosa, podendo, até para alguns casos, propiciar que este (homem) consiga fazer de uma mulher o seu sintoma, ao colocá-la no lugar de “objeto causa do seu desejo” (Lacan, 1974-75).

Com o intuito de esclarecer como o sintoma e/ou o amor são determinantes para a efetuação da passagem da inscrição do falo à função do falo, Naparstek (2014) adota, a partir de postulados de Freud e de Lacan, referências psicanalíticas que dissertam sobre duas definições distintas do conceito de sintoma. A primeira definição de sintoma se refere à concepção de uma formação de compromisso entre as instâncias psíquicas (consciente e inconsciente) passível de interpretação simbólica e decifrável como mensagem – primeira definição encontrada tanto na primeira tópica pulsional de Freud, quanto no primeiro ensino de Lacan (Naparstek, 2014, p. 146). No entanto, uma segunda definição do sintoma se impõe na teoria psicanalítica. Naparstek assinala que esta segunda definição é encontrada pela primeira vez no *Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63), em que Lacan descreve a natureza do sintoma como gozo, todavia, um gozo solitário, a saber: “um gozo putrefato que não precisa do Outro” (Naparstek,

2014, p. 146). Mediante esta categoria de sintoma correlata a um gozo solitário, Naparstek profere que Lacan, em 1972-73, destaca a transferência no dispositivo analítico como único ícone a possibilitar que este gozo autístico consiga se enlaçar com o Outro (Naparstek, 2014, p. 146).

Visto isto, respeitando os postulados de Lacan (1962-63, 1972-73), Naparstek distingue as duas definições de sintoma: a primeira referente a um gozo cínico que prescinde do Outro e a segunda no qual o sintoma consegue se ligar ao parceiro, ao Outro sexo, por meio da transferência e do amor. De acordo com estas duas distinções, o autor põe em destaque que é a partir dessas duas formas de conceituar o sintoma que Lacan forja a terminologia ‘parceiro-sintoma’ (Naparstek, 2014, p. 147).

Logo, tendo como base estas duas definições de sintoma, a tese acredita ser interessante aqui, em vistas de avançar em nossa pesquisa sobre as diferentes funções psíquicas do recurso à substância em dependência das etapas lógicas da operacionalização do falo, adotar algumas passagens do *Seminário, livro 20: mais ainda* (1972-73) que permeiam o conceito lacaniano de amor. Trabalharemos, de forma mais abrangente, o conceito de amor em Lacan, de modo a lapidar o entendimento sobre como acontece a conexão entre sintoma e parceiro, bem como a passagem da inscrição do falo à função do falo.

Tal como Naparstek (2014) pontua acima, Lacan (1972-73) destaca a transferência como o pivô do sujeito suposto saber por onde o amor encontra espaço para agir. É o amor, regido pela transferência, que faz o inconsciente existir como saber: “aquele a quem suponho saber, eu o amo” (1972-73, p. 73). Dito de outro modo, com o amor, o saber inconsciente passa a se inserir na constituição do sujeito. Isto ocorre, pois, segundo Lacan, é o amor que permite a junção entre o sintoma e o parceiro, na medida em que apenas ele (o amor) consegue acarretar a mediação entre os sujeitos, entre os *Uns-sozinhos*.

Lacan concebe o sujeito como *Um* por este ser orientado pelo gozo fálico, o que culmina no fato da relação sexual não existir. A princípio e estruturalmente falando, o gozo fálico não implica a relação com o Outro: “o gozo, enquanto sexual, é fálico, quer dizer, ele não se relaciona com o Outro como tal” (Lacan, 1972-73/2008, p. 16). O gozo fálico tem relação com a masturbação; pode bastar-se por si só. Não tem referência ao gozo do Outro, pelo contrário, localiza-se como gozo do *Um* (ibidem, p. 137).

No entanto, mediante este impasse relativo aos desencontros e desuniões estruturais entre os sujeitos, entre os *Uns*, Lacan postula o conceito de amor como o que surge e “vem em suplência à relação sexual” (ibidem, p. 51) enquanto inexistente:

“*Nós dois somos um só*. Todo mundo sabe, com certeza, que jamais aconteceu, entre dois, que eles sejam só um, mas, enfim, *nós dois somos um só*. É daí que parte a idéia do amor. É verdadeiramente a maneira mais grosseira de dar à relação sexual, a esse termo que justamente escapa, o seu significado” (Lacan, 1972-73, p. 52-53).

Do mesmo modo, no tocante à conceituação do amor, em 1972-73, Lacan sustenta que a satisfação a qual um ser falante experimenta diz respeito, exclusivamente, à linguagem. O ‘inconsciente estruturado como linguagem’ implica a constatação, segundo Lacan, da linguagem se localizar, automaticamente, como aparelho de gozo. Por esse prisma, o gozo passa a depender desta outra satisfação correlata à linguagem (ibidem, p. 57): “(...) aparelho, não há outro senão a linguagem. É assim que, no ser falante, o gozo é aparelhado” (Lacan, 1972-73, p. 61).

Todavia, ao se tratar do gozo, não há outro senão que o gozo fálico (ibidem, p. 66), o gozo do *Um* – salvo o gozo suplementar (não fálico) relativo à sexuação feminina. Devido a este fato, como foi destacado acima, Lacan sustenta que a relação sexual se estabelece de forma inexistente, a saber, ‘não há relação sexual’: “o que se produz é o gozo que não deveria. Aí está o correlato de não haver relação sexual, e o que é substancial da função fálica” (ibidem, p. 65).

Visto isto, mediante este desencontro inerente à inexistência da relação sexual, o conceito de amor, fundamentado por Lacan, advém como um recurso a fazer suplência ao que não existe: “Aí está a mola do amor (...) onde se reencontram o amor e o gozo sexual” (ibidem, p. 56), isto é, a possibilidade de juntar os *Uns*. Deste modo, à luz desta tese, este reencontro do amor com o gozo sexual e a possibilidade de junção dos *Uns* dizem respeito ao que Naporstek (2014, p. 147) aborda em relação à segunda definição de sintoma, correlata também ao segundo tempo lógico da função do falo, quando torna-se possível estabelecer uma ligação entre o sintoma e o parceiro. E isto, tal como Lacan profere, ocorre apenas por meio do amor que advém como suplência à relação sexual enquanto inexistente.

Assim, respeitando as considerações lacanianas a respeito do amor, cuja função de suplência propicia a conexão entre o sintoma e o parceiro, Naporstek lança o seguinte

questionamento: “desse modo e tratando de abordar a questão da toxicomania, perguntamo-nos como pensar o laço do sintoma ao parceiro?” (2014, p. 147).

Em busca de responder tal pergunta, Naparstek defende, teoricamente, dois tipos distintos de uso de substância encontrados na clínica de homens neuróticos. O autor sustenta esses dois tipos de uso, com suas respectivas funções psíquicas (dentro de cada caso clínico), tendo como base seu esquema anterior referente aos três tempos lógicos da constituição da neurose: **tempo 0** relativo ao *autoerotismo*, **tempo 1** à *inscrição do falo* e **tempo 2** à *função do falo*. São eles:

1. Um tipo de uso da substância correlato a um modo de efetuação da estrutura da neurose localizado no **tempo 1** (etapa lógica da inscrição do falo), em que o sujeito não consegue ter acesso ao Outro, mantendo sua satisfação sexual apenas por meio do ato masturbatório, mas no entanto, na condição de estar sob o efeito da substância, e;
2. Outro tipo de uso da substância condizente a um modo de efetuação da estrutura da neurose localizado no **tempo 2** (etapa lógica da função do falo), em que o sujeito faz do uso da substância um recurso para conseguir se relacionar sexualmente com o Outro, propiciando a inclusão do parceiro na dinâmica da satisfação pulsional.

Logo, sob o prisma desses dois tipos distintos de uso de substância presentes no campo das neuroses masculinas defendidos por Naparstek acima, a tese acredita também ser possível fazer a seguinte leitura (desses dois tipos de uso) em referência aos postulados lacanianos dos conceitos de sintoma e de amor, circunscritos anteriormente:

1. Para o primeiro tipo de uso de substância, a tese acredita numa aproximação entre o primeiro modo de gozo, que se destaca somente pela *satisfação do ato masturbatório* (junto ao efeito da substância), e a *primeira definição de sintoma*, cujo caráter de gozo autístico prescindido do Outro para a satisfação sexual do sujeito neurótico, ao passo que;
2. Para o segundo tipo de uso de substância, a tese defende uma correlação entre o segundo modo de gozo, que se refere à possibilidade de estabelecer a *conexão entre o sintoma e o parceiro*, e a *segunda definição de sintoma*, cuja função psíquica permite incluir o Outro na satisfação sexual do sujeito neurótico. Operando, nestes casos, o sintoma e/ou o amor de forma a ajudar o sujeito enfrentar e conseguir constituir uma parceria com o Outro sexo.

Faz-se importante delinear que Naparstek (2008, 2011) defende estes dois tipos de uso de substância, com suas respectivas funções psíquicas, tendo como base, em primeiro lugar, sua pesquisa teórica em psicanálise, mas também sua observação como analista de casos de neuroses com recurso à substância que acompanhara clinicamente. Logo, baseado no estudo e observação clínica de casos com uso de substância no campo da sexuação masculina, o autor tenta buscar dar sempre enfoque a duas questões clínicas:

1. A função psíquica particular do uso da substância dentro do funcionamento pulsional de cada sujeito neurótico e;
2. A identificação do momento lógico da efetuação da estrutura da neurose em que o sujeito se encontra (**tempo 1** ou **tempo 2**; *inscrição do falo* ou *função do falo*).

Tal critério de pesquisa permite o autor destacar que o falo sempre está presente nas casuísticas (Naparstek, 2008, 2011), todavia, com suas diferenças relativas às especificidades das modalidades de operacionalização do falo, quer dizer, seja ele apenas inscrito ou já posto em função.

Partiremos agora para segunda parte deste capítulo, em que daremos início a nossa fundamentação que apresentará a possibilidade de averiguar na clínica do recurso à substância das neuroses masculinas dois tipos de matrimônio entre corpo e gozo fálico, a saber, um tipo de uso da substância que permite manter este matrimônio e, de forma distinta, outro tipo de uso que opera para o rompimento do matrimônio entre corpo e gozo. Tal material será desenvolvido à luz de nossa pesquisa sobre a temática das gradações diagnósticas da neurose. Ao final de toda a nossa construção, a tese possuirá como a meta apresentar, de forma teórica e clínica, o caráter heterogêneo da clínica psicanalítica do recurso à substância no âmbito da neurose.

## **Parte II: Os diferentes matrimônios com o gozo fálico e algumas considerações sobre o diagnóstico diferencial na clínica do recurso à substância.**

### **2. Matrimônios e suas gradações:**

Tendo como base os achados de Naparstek (2011, p. 99-100), a tese, a partir de agora, se propõe a defender uma nova proposta teórica: a de que existem, na clínica do recurso à substância no âmbito da neurose, dois tipos distintos de casamento com o gozo fálico. Dependendo de cada caso clínico, o uso de substância pode se apresentar tanto a serviço para a manutenção do casamento do corpo com o gozo fálico, quanto para o rompimento deste casamento (ibidem).

Naparstek fundamenta, de forma teórica e clínica, seu olhar particular que revela uma nova perspectiva para o estudo da clínica do recurso à substância em psicanálise. A saber, uma clínica agora orientada por gradações diagnósticas, que, portanto, sob essa lógica, pode incluir além da proposição clínica lacaniana (1975) a respeito da ruptura com o pequeno pipi/ gozo fálico, a averiguação também, para alguns casos, de uma não ruptura com o gozo fálico. O que por sua vez representará, do mesmo modo, a possibilidade da tese buscar investigar a presença da ação da fantasia inconsciente em alguns casos de neuroses com uso de substância.

Para tal, Naparstek (2011) vai adotar, sobretudo, dois critérios de avaliação clínica, através dos quais terá a clareza em delimitar qual tipo de casamento do corpo com o gozo fálico – com ruptura ou sem ruptura – se estabelece em cada caso de neurose com recurso à substância:

1. A partir da investigação clínica sobre a forma particular de como o sujeito opera com seu falo, verificando a etapa lógica em que o sujeito se localiza em sua efetuação da estrutura neurótica (inscrição ou função do falo), bem como;
2. A partir da identificação da função psíquica que o recurso à substância exerce para o sujeito neurótico, no sentido, sobretudo, de averiguar se o efeito do uso da substância está a serviço – **ou não** – de manter alguma modalidade de satisfação fálica, seja pela via do ato masturbatório, seja por meio do encontro sexual com o Outro.

Com o intuito de buscar desenvolver o primeiro critério de avaliação clínica, pontuado acima, Naparstek (2011) elege uma passagem lacaniana que se refere, exatamente, a questão que se coloca no processo analítico com pacientes neuróticos homens, correlata à interrogação de como se faz possível analisar se a função do falo se encontra em ação, ou não, dentro da estrutura neurótica do sujeito. Sobre isto, Naparstek recorta a seguinte citação lacaniana: “por que não seria possível imaginar ou escrever uma função do gozo? É ao testá-lo que veremos, se assim posso dizer, se ela tem sustentabilidade ou não” (Naparstek, 2014, p. 99, apud, Lacan, 1971, p. 20).

Baseando-se na citação de Lacan, Naparstek (2011) ressalta a importância clínica de distinguir o que se encontra em ação: a inscrição do falo ou a função do falo. Esta distinção tem relevância, pois investigar tal aspecto permite ao analista identificar o que dentro da estrutura o sujeito neurótico consegue se apropriar para o seu modo de gozo. Dito de outro modo: “valhe a pena distinguir a inscrição do falo da sua função colocada em ação, no sentido de fazer uso daquilo de que se dispõe. Eu quero dizer que se o sujeito está ali inscrito, no segundo tempo, ele pode fazer uso ou não desse falo” (Naparstek, 2011, p. 99).

Logo, seguindo nossa linha de raciocínio, Naparstek, ao trabalhar esta passagem lacaniana, nos direciona ao destacamento teórico de dois aspectos já abordados anteriormente: 1. O primeiro relacionado ao que Naparstek delimita sobre a necessidade de dar sempre enfoque ao falo na clínica do recurso à substância no âmbito da sexuação masculina, uma vez que o falo está presente em todas as casuísticas (seja inscrito ou em função); e 2. O segundo que diz respeito à posição clínica de Naparstek que considera a importância de investigar se o sujeito neurótico, naquele momento particular de sua vida, consegue fazer uso ou não da função do falo.

A investigação desses dois aspectos clínicos na direção de tratamento adquire importância, à luz desta tese, de modo que incide, substancialmente, sobre a forma como o sujeito vai operacionalizar com o seu falo, assim como em qual modalidade de operacionalização do falo o sujeito se apoiará (inscrição ou função do falo) – o que culminará, conseqüentemente, na determinação da função psíquica que o uso da substância terá dentro de cada caso clínico de neurose, seja: 1. Para a satisfação sexual apenas com o ato masturbatório, 2. Para alcançar o encontro com o Outro sexo, 3. Ou, simplesmente, para vivenciar somente o efeito de gozo que o uso da substância fornece ao sujeito, fora do sexo.

Deste modo, sob o prisma destas três funções distintas sobre o uso da substância, e tendo por base a construção de seus argumentos teóricos contemplados até aqui, Naparstek defende e apresenta três diferentes modalidades de satisfação no campo fálico encontradas na clínica do recurso à substância com homens (2011, p. 99):

1. *Primeira modalidade de satisfação no campo fálico*: evidenciada pela masturbação como ‘soldadura’ (relativa à etapa da inscrição do falo), que, embora, se destaque a partir de um gozo autoerótico, sem a inclusão do Outro para a satisfação pulsional, propicia a ligação do sujeito com o falo (ibidem, p. 99);
2. *Segunda modalidade de satisfação no campo fálico*: instaurada por meio do sintoma ou do amor (relativa à função do falo) e, deste modo, aplicada ao processo de deslocamento, ao jogo dos significantes e às equações fáticas que permitem a análise do sujeito neurótico (ibidem, p. 99);
3. *Terceira modalidade de satisfação no campo fálico*: inscrita por um modo de satisfação fora da regulação fática, concernente a um puro autoerotismo – o que Lacan denomina no *Seminário, livro 4: a relação de objeto* (1956-57) como **gozo real** (ibidem, p. 99, negrito nosso).

Além disso, respeitando a forma como delimita acima as características específicas para cada uma das três modalidades de satisfação pulsional no campo fálico, Naparstek dá continuidade a seus argumentos teóricos e se propõe a defender e acrescentar uma nova hipótese clínica advinda de seu percurso de pesquisa em psicanálise, bem como atribuída à observação de seus casos clínicos de neurose com uso de substância. Esta nova hipótese clínica suscita a abertura de uma nova perspectiva para a clínica do recurso à substância, haja vista que se objetiva a sustentar dois tipos de casamento do corpo com o gozo fálico, a saber, dois modos distintos de matrimônio: um que permite a *manutenção* do casamento com o gozo fálico, e, todavia, outro correlato ao *rompimento* do casamento com o faz-pipi, tal como Lacan profere em 1975.

No tocante ao primeiro tipo de casamento, Naparstek (2011, p. 99) identifica a função psíquica do recurso à substância operando a serviço da **manutenção do casamento do corpo com o gozo fálico** para os seguintes casos clínicos de neurose:

1. Quando o sujeito não consegue se relacionar com o Outro sexo, elegendo para si a primeira modalidade de satisfação fálica autoerótica através da *masturbação*, mas na condição de acontecer sob o efeito do uso da substância. Nestes casos, ocorre a manutenção do casamento ao permitir a *ligação do sujeito com o falo*. Um tipo de manutenção do matrimônio localizado no **tempo 1** e referente à *inscrição do falo* (ibidem), ou;
2. Quando o sujeito precisa do recurso da substância como saída pulsional para conseguir *enfrentar a parceria com o Outro sexo* e, assim, ter relações sexuais. Referente à segunda modalidade de satisfação no campo fálico. Nestes casos, acontece a manutenção do casamento, mediante a possibilidade de uma *conexão entre o sintoma e o parceiro*. Um tipo de manutenção do matrimônio localizado no **tempo 2**, em que a *função do falo* já se encontra em ação (ibidem).

De modo contrário, Napartek concebe o uso da substância a serviço do **rompimento do casamento do corpo com o gozo fálico**, tal como Lacan afirma em 1975, a partir do instante em que o recurso à substância predomina e prevalece sobre algum tipo de satisfação fálica. Dito de outro modo, segundo o autor, isto acontece quando o sujeito inicia um modo de gozo maníaco fora do sexo; quer dizer, quando prescinde da masturbação ou da relação sexual com o Outro, adotando, deste modo, somente a satisfação oriunda do efeito do uso da substância. São esses casos que representam, de fato, a *dita ruptura com o gozo fálico* (ibidem, p. 100), bem como as *verdadeiras toxicomanias* nas neuroses, ou seja, quando o modo de gozo particular do sujeito neurótico encontra-se fora do campo da satisfação fálica.

Por fim, no que tange à *terceira modalidade de satisfação no campo fálico*, circunscrita acima, vale ressaltar que Naparstek a elege como um índice fundamental para a determinação do diagnóstico diferencial, entre neurose e psicose, na clínica do recurso à substância. O que isto quer dizer? O autor faz isto a partir dos seguintes argumentos: 1. Localiza a terceira modalidade de satisfação do campo fálico no **tempo 0** do autoerotismo; 2. Relembra que tal tempo lógico é determinado, teoricamente, pela averiguação do: pênis real, do órgão (sem se tornar instrumento), do puro autoerotismo, e, sobretudo, pela incidência maciça do gozo real; e 3. Destaca que o **tempo 0**, ao se referir à ausência de relação com o significante, não inclui a ação do significante tocando o corpo do sujeito e, visto isto, nem a passagem do autoerotismo à primeira

etapa lógica da inscrição do falo. Portanto, ao delimitar estas características que dizem respeito ao **tempo 0**, Naparstek atribuí a terceira modalidade de satisfação, exclusivamente, à estrutura psíquica da **psicose**. A verificação da incidência sobre o sujeito, por excelência, do gozo real, sem mediação do significante, corresponde, automaticamente, à forclusão (2011, p. 100).

Ao fim de todo o seu desenvolvimento, Naparstek (2008, p. 49) apresenta seu esquema dos tempos lógicos (tempo 0, tempo 1 e tempo 2), de forma mais aprofundada, acrescentando agora novos elementos.

<b>Tempo 0</b>	<b>Tempo 1</b>	<b>Tempo 2</b>
Puro autoerotismo	Masturbação como soldadura	Sintoma
Pênis real. A pulsão mais elementar	Inscrição do falo	Falo colocado em função
Gozo real	Gozo fálico: estancado	Gozo fálico: deslocado

Visto este esquema apresentado de forma mais avançada, a tese, neste ponto da pesquisa, propõe antes de dar prosseguimento ao estudo do material destacado acima por Naparstek, acrescentar para a fundamentação sobre os diferentes modos de matrimônios relativos ao gozo fálico no campo da clínica do recurso à substância, as contribuições teóricas de autores como Guedes (2014), Miller (1994) e Lacan (1974-75). Estes autores, cada um a seu modo, vão abordar o conceito de amor em psicanálise, permitindo-nos avançar no estudo das diferentes formas de relação entre o sujeito e o Outro encontradas na clínica do recurso à substância.

Sendo assim, seguindo o nosso estudo acerca dos diferentes modos de matrimônios, Guedes com seu texto “Toxicomania: casamento e rompimento” (2014) contribui com suas considerações teóricas ao adotar o conceito de amor, através do qual defende quando o uso da substância funciona para manter e, de modo contrário, quando opera para romper o casamento com o gozo fálico. Com o intuito de dissertar sobre essas duas diferentes funções psíquicas do recurso à substância em casos de neurose, o autor recorta três passagens sobre o conceito do amor, apresentadas ao longo do ensino de Lacan. Primeiramente, no *Seminário, livro 1: os escritos de Freud* (1953-54), Guedes (2014, p. 183) destaca as descrições conceituais de Lacan das três paixões

fundamentais: amor, ódio e ignorância; através dos quais circunscreve o amor como a junção do simbólico com o imaginário, o ódio como a junção do imaginário com o real, e a ignorância como a junção do real com o simbólico. Em segundo lugar, do *Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63), o autor realça a citação: “só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (Lacan, 1962-63, p. 197). E por último, atenta-se ao conceito de amor postulado por Lacan no *Seminário, livro 20: mais ainda* (1972-73), cuja função psíquica advém como suplência à relação sexual que não existe.

Sob o prisma destas três passagens lacanianas, Guedes demarca que o amor como suplência permite oferecer sentido ao que não é possível, haja vista que não há relação sexual (2014, p. 183). A saber, tal como a tese pontuou anteriormente neste capítulo, o amor, segundo Lacan, é o que se coloca como a única condição, entre dois sujeitos, de que haja a união dos *Uns*, referentes a seus gozos fálicos. Em seguida, Guedes sublinha, à luz do narcisismo, de que o amor é o que determina a passagem do autoerotismo para a escolha de objeto, cujo resultado subjetivo é de se posicionar num lugar de ‘amar e ser amado’ (ibidem). Entretanto, tendo como objeto de estudo a clínica do recurso à substância, o autor defende a averiguação de diferentes tipos de enlacs amorosos. A fim de explicar esses diferentes tipos de enlacs amorosos, adota a noção clínica do *Um*, de modo a assinalar os efeitos subjetivos específicos que podem emergir na forma da relação sexual, caso: 1. Se o tipo de enlace amoroso se mostre, sobretudo, orientado por uma prevalência do registro do imaginário; ou, 2. Se o tipo de enlace amoroso se estabeleça a partir da introdução da ação do simbólico junto ao imaginário.

Mediante estas duas possibilidades de enlacs, Guedes elege o estatuto do amor laciano (1972-73) como referência teórica base a fim de fundamentar e esclarecer, teoricamente, quando o uso da substância opera para manter e, de modo contrário, quando atua para romper o matrimônio do corpo com o gozo fálico. Como Guedes faz isto?

No tocante ao primeiro modo de matrimônio, o autor delimita a manutenção da relação com o gozo fálico, somente, para os casos de uso e/ou abuso de alguma substância, onde o conceito de amor, postulado a partir da junção do simbólico com o imaginário, esteja atuante na estrutura psíquica da neurose. Guedes concebe este tipo de uso da substância como um recurso pulsional que permite o sujeito alcançar certos objetivos, como por exemplo: perder a timidez e abordar o parceiro amoroso – delimitando, assim, para estes casos com a participação do amor, a constatação de uma

“vertente sintomática do uso da droga” (ibidem, p. 185). Logo, de acordo com o que a tese vem desenvolvendo até aqui, podemos propor uma equivalência entre esta primeira categoria de uso de substância, circunscrita por Guedes acima, com aquela que Naparstek propõe, referente ao tempo 2, quando a função do falo já se encontra em ação na estrutura subjetiva do sujeito. A saber, ambas orientadas pelo campo do amor, cujo resultado permite a manutenção do casamento do corpo com o gozo fálico, em caso de uso de substância na neurose.

Em contrapartida, no que tange ao segundo modo de matrimônio correlato ao rompimento do casamento do corpo com o gozo fálico, Guedes (2014) localiza esta ruptura para os casos em que o amor/ junção (entre simbólico e imaginário) não se sustenta na estrutura subjetiva: “isto é o que Lacan propõe, em 1975, ao se referir às drogas como o ‘rompimento do casamento com o pequeno pipi’” (Guedes, 2014, p. 185, apud, Lacan, 1975). Nestes casos, o rompimento do matrimônio com o gozo fálico leva o sujeito a romper laços com o simbólico, o Outro perde sua função, e, do mesmo modo, o significante deixa de ter necessidade (Guedes, 2014, p. 185).

Visto isto, voltando ao texto de 2014, Guedes indica que a ruptura do casamento do corpo com o gozo fálico faz vigorar uma relação particular do sujeito com a substância (Guedes, 2014, p. 185). Quer dizer, em virtude deste rompimento, o sujeito faz *Um* com a substância não pela via do Outro simbólico, mas pela via do outro especular (ibidem) – o que o faz ser pensado a partir de um funcionamento que opere sob a égide de um “mais além do amor na sua dimensão narcísica e imaginária” (ibidem). Ou seja, um modo de funcionamento em que o simbólico/significante não tem participação. Deste modo, considerando a citação lacaniana de que “só o amor permite o gozo condescender ao desejo” (Lacan, 1962-63), nos casos de rompimento do casamento com o gozo fálico, o amor, por não se inscrever aqui pela junção simbólico e imaginário, torna-se “incapaz de interferir no gozo para que este possa condescender ao desejo” (Guedes, 2014, p. 187).

Partindo, então, para o nosso próximo passo de pesquisa e ainda seguindo com a temática do amor, as contribuições do seminário de Miller intitulado “A teoria do parceiro” (1996) também se mostram interessantes para o prosseguimento de nosso estudo sobre as diferentes funções psíquicas do uso de substância, no campo das neuroses, atrelado a seus modos de matrimônios do corpo com o gozo fálico.

Primeiramente, o autor designa a teoria do parceiro como um complemento à teoria do sujeito. Constrói seus argumentos sobre o que nomeia como teoria do parceiro, ressaltando a averiguação, para a constituição do sujeito, de uma relação bastante estreita entre amor e sintoma (Miller, 1996, p. 156). Explica esta correlação, ao proferir que o parceiro fundamental que o sujeito busca no Outro (no campo do amor) se estabelece somente pela condição deste se encontrar associado a sua fantasia, em outros termos, a seu objeto *a*: “a parceria fundamental entre o sujeito e o Outro (...) se relaciona e se associa, essencialmente na fantasia, com o objeto *a*” (ibidem, p. 168).

Miller, então, articula os termos: parceiro-objeto *a*, parceiro-sintoma e parceiro-gozo, uma vez que assinala que a eleição do parceiro é determinada a partir da estrutura da fantasia, do sintoma e do modo de gozo do sujeito (ibidem). Por esse prisma, respeitando as postulações lacanianas, o autor situa o parceiro no lugar de objeto *a*, tendo em vista afirmar que este só existe na condição de corresponder à inexistência da relação sexual. Deste modo, o parceiro fundamental, apreciado como objeto *a*, diz alguma coisa sobre o gozo do sujeito, ou seja: “o parceiro sexual sempre seduz pela forma como ele se acomoda a não relação sexual, ou seja, só seduzimos por meio de nosso sintoma” (ibidem).

Portanto, em consonância ao conceito de amor postulado pela função de suplência à inexistência da relação sexual (Lacan, 1972-73), Miller sustenta que devido ao fato do amor passar pela existência do inconsciente, faz o sujeito perceber em seu parceiro “o tipo de saber que nele responde a não relação sexual” (Miller, 1996, p. 170). Vigora-se, assim, uma conexão entre as noções clínicas de saber, gozo, sintoma; e, deste modo, entre parceiro e sintoma. Sob esse prisma, a tese aqui também propõe costurar o que Miller (1996, p. 170) postula acima com o que trabalhamos, anteriormente, a partir de Naparstek e de Lacan acerca das duas definições de sintoma. Relembrando: a primeira referente ao gozo autístico/cínico e a segunda em que o sintoma passa a se conectar com o parceiro. Neste caso, a teoria do parceiro de Miller, apresentada acima, vincula-se à segunda definição de sintoma, por onde o sujeito consegue estabelecer uma relação com o Outro sexo pela via do amor e da fantasia.

Entretanto, quando Miller aprecia as particularidades da clínica do recurso à substância concernente ao modo de matrimônio que rompe com o gozo fálico, concebe este tipo de funcionamento pulsional, absolutamente, sob a égide do *avesso do amor*, ao passo de nomeá-lo na categoria clínica de ‘anti-amor’. No tocante ao tipo de recurso à

substância correlato ao rompimento da relação do corpo com o gozo fálico, Miller afirma que o amor, em sua função de suplência, não vigora na estrutura da neurose:

“A toxicomania (...) ela é um anti-amor, pois prescinde do parceiro sexual e se concentra, se dedica ao parceiro (a) sexuado do mais-de-gozar. Ela sacrifica o imaginário em nome do real do mais-de-gozar (...) pertence a uma época que prefere o objeto  $a$  em detrimento do Ideal, uma época em que  $I$  vale menos que  $a$  ( $I < a$ ) (...) traduz maravilhosamente a solidão de cada um com seu parceiro mais-de-gozar” (Miller, 1996, p. 170).

Faz-se interessante lembrar, aqui, do matema milleriano (1996, p. 170): ( $I < a$ ), trabalhado no último capítulo, cuja descrição pontua o funcionamento pulsional contemporâneo orientado pela perspectiva da ascensão do objeto  $a$ , em paralelo, à falência do ideal paterno como regulador de gozo (Miller, 2004); o que também nos faz lembrar o que Lacan pontua (1973) ao relacionar o modo de gozo contemporâneo a partir do funcionamento do objeto mais-de-gozar (e não pelo objeto  $a$  causa de desejo).

Sendo assim, Miller (1996) defende o recurso à substância, sob a égide ruptura do casamento com o gozo fálico, como um modo de gozo que representa, por excelência, a dimensão autista do sintoma (1996, p. 172). Propiciando a nossa pesquisa, à luz desta afirmativa, associar o modo de matrimônio do uso da substância relativo ao rompimento com o gozo fálico à primeira definição de sintoma concebida, por Lacan, como gozo cínico e autista. Quer dizer, um gozo cínico que ao prescindir do Outro para o alcance da satisfação pulsional, não permite uma conexão entre o parceiro e o sintoma. Vigorando-se, desta maneira, apenas um modo de gozo autoerótico, despojado do Outro, do significante e do simbólico. Sobre isto, Miller realça: “surge nas fórmulas o cada um por si pulsional e a horrível solidão do gozo, que é, particularmente, evidenciada na dimensão autista do sintoma. Há algo do gozo que se afasta do campo do Outro” (ibidem, p. 179).

Agora, tendo em vista caminhar para o final deste item, acrescentaremos à nossa fundamentação teórica construída até aqui a partir das contribuições de Naparstek (2008, 2011, 2014), Lacan (1972-73), Miller (1996-1997, 2004) e Guedes (2014), mais algumas breves passagens do *Seminário, livro 22: RSI* (1974-75) e do *Seminário 23: o sinthoma* (1975-76) de Lacan, onde encontramos a discussão clínica acerca da importância do papel da ‘pai-versão’ [*père-version*] para a constituição subjetiva da neurose.

A tese acredita que tal ferramenta pode servir a nossa pesquisa com a finalidade de dar a lapidação final às peculiaridades clínicas sobre o tipo de uso da substância feita pelos homens quando a função do falo (tempo 2) já se encontra em ação na estrutura da neurose. Nestes casos, o amor e/ou o sintoma tendem a se inscrever na estrutura, permitindo a participação do Outro sexo, o encontro com o parceiro amoroso, em sua forma de satisfação pulsional.

Começaremos, então, com uma passagem do *Seminário, livro 22: RSI (1974-75)* que destaca a condição ímpar de sucesso à função paterna em fazer vigorar, para seu filho, um modo de efetuação da estrutura bem acabada em relação às etapas lógicas da neurose. Esta condição ímpar, proposta por Lacan, delimita-se a partir de uma correlação entre a função do pai, seu aspecto perverso e o amor. Sob esse prisma, a passagem lacaniana a que queremos dar destaque é: “um pai só tem direito ao respeito, para não dizer ao amor, se o dito amor, o dito respeito estiver (...) pai-versamente [*père-versement*] orientado, isto é, se fizer de uma mulher o objeto *a* causa de seu desejo” (Lacan, 1974-75, aula de 21 de janeiro de 1975). Nesta citação, Lacan defende uma proposição teórica importante por onde avalia o sucesso da função paterna a partir de três condições: 1. Se este homem se relacionar com uma mulher tomada no lugar de como objeto *a* causa de seu desejo; 2. Se este homem estiver perversamente orientado por esta mulher, e, conseqüentemente; 3. Se este homem fizer dessa mulher seu sintoma.

Sendo assim, à luz desta tese, esta passagem adquire relevância à nossa pesquisa, pois de acordo com o que estamos desenvolvendo até aqui, o conceito de amor surge novamente e reafirma-se como ferramenta que possibilita a conexão entre o parceiro e o sintoma. Tal como vimos por meio da segunda definição de sintoma em Lacan e também de acordo com o que Naparstek (2008, 2011) propõe para a etapa lógica do tempo 2, em que a função do falo já se encontra em ação na constituição do sujeito neurótico homem.

Seguindo esta lógica, no texto de Naparstek intitulado “De homens e mulheres” (2014), respeitando esta formulação lacaniana de 1974-75, o autor concebe o sucesso da apropriação subjetiva da orientação perversa do pai como determinante para que o sintoma consiga se enlaçar a um parceiro. Ou seja, é somente pelo viés da orientação perversa paterna que uma mulher consegue ser tomada, por um homem, no lugar de objeto *a* causa de desejo. Fato clínico que realça para a função do pai seu caráter fundamental para o avanço da efetuação da estrutura neurótica do sujeito (Naparstek,

2014, p. 156). Sob esse aspecto, Naparstek disserta sobre a importância do estatuto perverso do pai: “a função do pai é crucial, porque regulariza um gozo singular, regulariza-o e o localiza-o, situa-o em um lugar (...) permite passar de um gozo autístico, autoerótico, que se abastece, a um que se enlaça ao outro sexo, a um parceiro” (ibidem, p. 156). Propiciando, assim, o encontro com o Outro sexo na dinâmica da satisfação pulsional do sujeito neurótico.

Já no *Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-76) de Lacan, encontramos também duas passagens ligadas à temática da perversão paterna. Tal como já dissertamos anteriormente, o estudo sobre a clínica borromeana dos nós no último ensino de Lacan – cujas formulações circunscrevem as possíveis formas de enodamento ou de amarrações sintomáticas entre os três registros: real, simbólico e imaginário – passa por uma mudança de avaliação teórica entre o *Seminário, livro 22: RSI* (1974-75) e o *Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-76).

No seminário de 1974-75, Lacan acreditava que os três elos: real, simbólico e imaginário poderiam se enlaçar entre si. Os registros se enodavam por eles mesmos. No entanto, no seminário seguinte, Lacan se posiciona de forma diferente. No *Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-76) os três registros não possuem mais a capacidade de enodar-se entre eles mesmos. Agora eles se encontram soltos e equivalentes (1975-76, p. 49). De acordo a esta nova posição teórica, Lacan forja o conceito de *sinthoma*. O *sinthoma* assume o lugar do quarto elo responsável, agora, em ligar e enodar os três registros: real, simbólico e imaginário: “a configuração seguinte à esquerda esquematiza o imaginário, o simbólico e o real como separados uns dos outros. Vocês tem a possibilidade de liga-los. Com o que? Com o *sinthoma*, o quarto” (Lacan, 1975-76, p. 21).

O que se torna importante dar destaque aqui é que a construção do conceito de *sinthoma* (1975-76) também conta com a participação da teoria da ‘pai-versão’ postulada por Lacan em seu seminário anterior. A saber, o conceito de *sinthoma* é criado em conexão ao aspecto perverso do pai. Concebido de forma articulada à orientação perversa da função paterna. Seguindo essa lógica, o autor ressalta uma relação intrínseca entre o sintoma e o Nome-do-Pai.

“Digo que é preciso supor tetrádico o que faz o laço borromeano – perversão quer dizer apenas *versão em direção ao pai* – em suma, o pai é um sintoma, ou um *sinthoma*, se quiserem. Estabelecer o laço enigmático do imaginário, do simbólico e do real implica ou supõe a ex-sistência do sintoma” (Lacan, 1975-76, p. 21).

Logo, de acordo com o que a tese vem desenvolvendo até aqui, as passagens trabalhadas do *Seminário, livro 22: RSI (1974-75)* e do *Seminário, livro 23: o sinthoma (1975-76)* reafirmam a importância da função paterna para o sucesso da efetuação da estrutura psíquica da neurose. A tese, neste sentido, considera, à luz da temática da gradação diagnóstica das neuroses, que quanto melhor acontecer a apropriação subjetiva da orientação perversa do pai, maiores as chances da efetuação da estrutura neurótica conseguir avançar em suas etapas lógicas de constituição (da inscrição para função do falo, ou em outros termos, da alienação para a separação), e, deste modo, estabelecer-se de forma mais acabada – mais próxima ao inconsciente.

Visto isto, podemos esperar, à luz desta tese, como resultado do sucesso da função perversa do pai para o modo de gozo do sujeito, o estabelecimento de dois aspectos subjetivos em especial:

1. O estabelecimento da conexão entre o sintoma e o parceiro para o modo de gozo do sujeito, oriunda da orientação perversa paterna, através do qual se faz possível tomar uma mulher no lugar causa de seu desejo (Lacan, 1974-75), tal como;
2. O estabelecimento de uma amarração entre os três registros real, simbólico e imaginário que se inscreva de modo borromeano por meio de um sinthoma como quarto elo. Relativo, do mesmo modo, a uma articulação com a versão perversa do pai (Lacan, 1975-76).

Seguindo este raciocínio, a tese ao lembrar do que trabalhou, no segundo capítulo, a respeito do novo estatuto do Outro da atualidade identificado por seu aspecto de inexistência e compará-lo ao que acabamos de fundamentar acerca da importância da função perversa do pai para a constituição da neurose, podemos propor a hipótese de considerar a orientação perversa do pai como o *avesso* do registro do Outro contemporâneo representado pelo axioma milleriano ‘O Outro que não existe’. Por que escolhemos o termo *avesso*? Por que acreditamos que enquanto a orientação perversa do pai permite oferecer ao filho os recursos do amor e do sintoma como formas de enlaçar-se, na vida adulta, ao Outro sexo, de forma contrária, a inexistência do Outro da atualidade (representada pela queda dos ideais paternos) empurra o sujeito ao abismo da angústia, deixando-o à deriva sem bússola de orientação pulsional e de regulação de gozo.

Portanto, o estudo lacaniano da teoria da ‘pai-versão’ se oferece, para esta tese, como mais um recurso teórico que nos contribuí ao esclarecimento, à luz da temática da gradação diagnóstica das neuroses, das diferentes funções psíquicas do uso da substância, bem como dos dois tipos de matrimônios avaliados pela égide do rompimento ou da manutenção da relação do corpo com o gozo fálico no âmbito da estrutura da neurose.

Passaremos agora para a última parte deste capítulo onde buscaremos formular índices teóricos e clínicos à questão do diagnóstico diferencial, entre neurose e psicose, na clínica do recurso à substância. Em paralelo à nossa formulação, apresentaremos alguns fragmentos de casos clínicos encontrados na literatura psicanalítica, através dos quais buscaremos avançar na compreensão dos nortes de determinação da estrutura, neurose ou psicose. Vamos recorrer a alguns casos clínicos de neurose, dando destaque ao modo como o sujeito lida com seu corpo e com o Outro, por onde elucidaremos, de forma clínica, os diferentes tipos do uso de substância em articulação à localização da etapa lógica em que o sujeito neurótico se encontra; e, do mesmo modo, casos clínicos de psicose, por cujos discursos dos sujeitos, analisaremos índices de avaliação da forclusão do Nome-do-Pai e/ou da forclusão do falo.

## **2.1. Achados de pesquisa sobre a clínica das neuroses com recurso à substância e o diagnóstico diferencial:**

Ao fim deste item, teremos a finalidade de apresentar alguns fragmentos de casos clínicos, cujos materiais nos servirão para esboçar, clinicamente, os diferentes tipos de uso da substância em relação à localização do modo de gozo do sujeito em uma das diferentes etapas lógicas da efetuação da estrutura da neurose.

No entanto, antes de iniciarmos esta apresentação, vamos, primeiro, lembrar o belo esquema forjado por Naparstek (2008, 2011) sobre os tempos lógicos da constituição da neurose: tempo 0 (autoerotismo), tempo 1 (inscrição do falo) e tempo 2 (função do falo), para em seguida, circunscrever a forma como o autor analisa o caso clínico do pequeno Hans, o que nos contribuirá, teórica e clinicamente, para o esclarecimento final das diversas funções do recurso à substância em relação aos modos de operacionalização do falo no campo das neuroses.

Sendo assim, vamos rerepresentar, agora, o esquema de Naparstek (2008, p. 49), em vistas de utilizá-lo como base de avaliação diagnóstica e análise clínica para o caso do pequeno Hans, e, do mesmo modo, para os fragmentos de casos clínicos de neuroses com uso de substância que serão apresentados ao final deste item:

<b>Tempo 0</b>	<b>Tempo 1</b>	<b>Tempo 2</b>
Puro autoerotismo	Masturbação como soldadura	Sintoma
Pênis real. A pulsão mais elementar	Inscrição do falo	Falo colocado em função
Gozo real	Gozo fálico: estancado	Gozo fálico: deslocado

Como já dissemos, este esquema foi apresentado e elucidado passo a passo, de forma minuciosa, na primeira parte deste capítulo, a partir das referências teóricas em Freud e Lacan. Por meio deste esquema, localizamos as diferentes etapas lógicas da efetuação da estrutura da neurose: autoerotismo, inscrição do falo e função do falo, através das quais Naparstek (2008), tomando-as como base de estudo, circunscreve os diferentes tipos de uso de substância, em associação às diferentes modalidades de satisfação sexual, identificadas pelo tipo particular de relação que o sujeito estabelece com seu falo.

No tocante à análise do caso Hans, Naparstek, ao trabalhar a clínica psicanalítica do recurso à substância, também se coloca a formular seu entendimento acerca da proposição lacaniana de 1975 tendo como base o caso Hans. Faz isto, buscando circunscrever, sob sua ótica, o motivo pelo qual leva Lacan a adotar o caso clínico do pequeno Hans como referência base para forjar sua proposição de 1975 que designa o uso de substância na neurose um recurso bem sucedido a promover a ruptura do casamento com o pequeno pipi.

Naparstek (2011, p. 90) assinala que, num primeiro momento, o mundo para Hans girava em torno do falo: ‘quem tem e quem não tem o falo?’. Hans vivia em um paraíso de felicidade com a mãe, o que vem a mudar no instante em que seu pênis começa a se movimentar e tomar vida própria. Nesse momento, instala-se a irrupção da angústia em Hans, donde se verifica três elementos importantes: a angústia, o pênis real e o falo (ibidem). Neste ponto do caso clínico, o pênis se torna independente. A emergência da angústia decorre da transformação do órgão em instrumento, do pênis real em falo, o que ocorre em consequência do gozo se articular ao significante. Sobre

isto, Naparstek afirma: “o pênis real, ou a pulsão mais elementar pôde começar a ser manejada (...) a partir de instrumentalizá-la como falo. Há uma aproximação entre pênis real e a pulsão (...) vemos que o falo tem a função de atrapalhar essa pulsão mais primordial” (Naparstek, 2011, p. 91). E, mediante esta análise, o autor elucida sua forma de compreender o motivo pelo qual Lacan elege o caso Hans para formular sua proposição em 1975 – trata-se do momento da irrupção da angústia.

Baseado em suas postulações acerca das etapas lógicas de efetuação da estrutura da neurose e dos dois tempos de operacionalização do falo: inscrição e função do falo, Naparstek entende que a emergência da angústia em Hans concerne ao estabelecimento da inscrição do falo (ibidem, p. 92). O que isto quer dizer? Vigora-se a irrupção da angústia pelo fato de Hans se deparar, naquele instante, com a ausência de recursos subjetivos que lhe permitisse efetuar uma ligação com a etapa lógica seguinte, da efetuação da estrutura da neurose, referente à função do falo (ibidem). Sobre esse impedimento, Naparstek pontua: “esse momento que chamei de inscrição do falo, não teve sucesso em oferecer um envelope ao pênis enquanto real, nem de fazer o fechamento, a *fusão*, a *ligação*, como dizia Freud” (ibidem). Acrescenta que o pênis real não se encontra ligado nem à metáfora, nem à metonímia que representasse o sujeito. Aqui o pequeno Hans sente a emergência da angústia em virtude de estar refém da carência da ação paterna, isto é, sem oferta de um envelope simbólico ou imaginário ao pênis enquanto real: “a função do pai, a lei, a castração que permitem colocar uma ordem, que seja simbólica ou imaginária, no real do corpo” (ibidem, p. 97).

No entanto, como é sabido, no desdobramento do caso clínico, Hans consegue encontrar uma solução para a sua neurose ao buscar na mordida do cavalo uma saída subjetiva para sua castração simbólica. A produção do sintoma fóbico se revela, neste caso, então, como o resultado de um apelo ao complexo de Édipo, em que por meio dos recursos das fantasias inconscientes da girafa e do bombeiro, Hans obtém sucesso e passa pela castração – a partir do qual seu falo torna-se símbolo. Além disso, é preciso realçar que Lacan não considera a irrupção do pênis real em Hans uma ruptura com o falo, e sim como um momento constitutivo da neurose do menino. Seu pênis ao se tornar independente aponta uma relação com o inconsciente retórico do sujeito (ibidem, p. 95).

Logo, em consonância com as contribuições de Naparstek e de todos os autores com os quais trabalhamos ao longo da construção desta tese, nossa pesquisa se propõe, agora, defender algumas hipóteses teóricas para o estudo sobre a clínica do recurso à

substância no campo das neuroses. À luz dos postulados da análise do caso clínico do pequeno Hans, destacados acima, vamos, nas próximas linhas, apresentar alguns achados de pesquisa, cujas proposições nos servirão, para em seguida, desenvolver uma melhor avaliação clínica nos estudos de casos, destinados também a representar, ao final desta tese, o caráter heterogêneo da clínica psicanalítica do recurso à substância.

O estudo do caso clínico do pequeno Hans sempre se destacou, para os pesquisadores da clínica psicanalítica do uso de substância nas neuroses, como uma ferramenta teórica preciosa, devido ao fato de permitir analisar, de forma clara, dois elementos clínicos em especial. À luz desta tese, a análise do caso Hans, além de oferecer uma passagem clínica ímpar, por onde se atesta o encontro do menino com a emergência de uma grande angústia (devido seu pênis se tornar vivo, e, portanto, real), também permite descrever o peculiar modo subjetivo como Hans encontra uma solução a partir de seu Édipo via adoção do significante cavalo para a produção do sintoma fóbico. O que vale dar destaque aqui é a função que o sintoma fóbico teve para Hans. Sua fobia lhe permite efetuar a passagem da primeira etapa lógica da inscrição do falo (momento da incidência do gozo fálico sobre o imaginário corporal com o advento da masturbação) à segunda etapa lógica da função do falo; onde o falo ao se tornar símbolo, permite a Hans passar pela castração simbólica.

A análise clínica do caso Hans nos aponta o destacamento de um recurso particular que o sujeito encontra dentro do seu Édipo, de maneira a conseguir, a partir da eleição de um significante especial (cavalo), suscitar a separação final entre corpo e gozo fálico, assim como de fornecer uma regulação ao gozo real por meio da castração simbólica. Deste modo, à luz desta tese, o destacamento desta saída psíquica particular referente à eleição de um significante cavalo, feita por Hans, utilizada para o tratamento de seu gozo fálico/ real, faz-se relevante, pois, como já dissemos anteriormente, os achados teóricos de Naparstek abrem a possibilidade de considerar para a clínica do recurso à substância no campo das neuroses, a existência também de casos clínicos em que a função do significante, tal como do falo se encontram em ação no modo de gozo do sujeito neurótico.

O que isto quer dizer? Baseado nas postulações de Naparstek, a tese acredita que, do mesmo modo que Hans consegue sair de seu estado de angústia em consequência da adoção do significante cavalo, alguns casos de neuroses com uso de substância também podem apresentar este mesmo aspecto clínico concernente à participação da ação do significante. Portanto, de acordo com esta proposta, a tese sustenta que a identificação

da ação do significante e do falo (inscrito ou em função) em alguns modos de gozo de sujeitos neuróticos com uso de substância, determina, automaticamente, a inexistência de ruptura com o gozo fálico nestes casos.

Em outras palavras, a tese defende, em referência aos postulados lacanianos, que quando a ação do significante opera no modo de gozo do sujeito neurótico, vide a constatação da inscrição ou da função do falo, o significante aí já permite a separação entre corpo e gozo; embora, saibamos que a função do falo suscite um maior sucesso para a regulação do gozo real em comparação à inscrição do falo. No entanto, o que é preciso dar relevo, neste ponto de nossos achados, é que ao avaliarmos, clinicamente, o significante tocando o corpo do sujeito, já se vigora aí a separação entre corpo e gozo fálico. E, nestes casos, o sujeito não precisará do recurso à substância para promover esta separação, e, sim para manter a relação entre corpo e gozo, seja pela via da masturbação, seja pela via do encontro com o Outro sexo (Naparstek, 2011).

Logo, de acordo com as postulações teóricas de Miller (1989/1994), Laurent (1998/2014), Santiago (2001, 2014), Naparstek (2008, 2011, 2014), Pacheco (2011), Guedes (2014) e outros, torna-se possível defender que só podemos falar em ruptura com o gozo fálico na estrutura da neurose, mediante a única condição de se na análise do caso clínico particular ficar claro que o sujeito prescinde, naquele momento de sua vida, dos modos de satisfação sexual relativos ao campo fálico: masturbação e/ou relação sexual com o Outro. Mantendo-se, deste modo, num circuito autoerótico de gozo, cuja satisfação é apenas resultante do consumo da substância – quer dizer, uma forma de satisfação pulsional regida fora do registro fálico.

Seguindo este raciocínio, a tese passa a compreender também a importância de realçar que só podemos falar em ruptura com o gozo fálico para a estrutura da neurose, somente se este sujeito já tiver se orientado, no passado, em seu modo de gozo, minimamente, sob a égide da primeira etapa lógica referente à inscrição do falo (**tempo 1**). Isto pode até parecer lógico, mas, no tocante à questão do diagnóstico diferencial, só podemos considerar um caso clínico como neurose, se anteriormente o modo de gozo do sujeito já tiver sido regido pelo funcionamento do significante, em outros termos, de ter passado pelo processo da alienação.

Sendo assim, baseada nesta proposição acima demarcada, a tese avança no estudo sobre a determinação do diagnóstico diferencial, neurose ou psicose, para a clínica do recurso à substância por meio da proposta de introduzir, teoricamente, uma nova forma

de conceber a tese freudiana de 1897. Tal como já dissertamos no início deste capítulo, Freud (1897), em uma carta dirigida a Fliess, concebe o uso da substância como um substituto pulsional referente à primeira satisfação oriunda do ato masturbatório. A tese, ao adotar como instrumento base de pesquisa, o esquema forjado por Naparstek (2008) dos tempos lógicos da constituição do sujeito, inclina-se a levantar a seguinte interrogação para a tese freudiana: a qual estrutura psíquica, neurose ou psicose, Freud se refere ao forjar sua tese de 1897 sobre o uso de substância?

Mediante esta interrogação realçada por nosso estudo, a pesquisa se propõe a defender uma nova perspectiva de leitura para a tese freudiana de 1897 no tocante à questão do diagnóstico diferencial. Quer dizer, à luz do que a tese vem desenvolvendo sobre a temática da gradação diagnóstica das neuroses até aqui, junto às contribuições teóricas de Naparstek (2008), sustentamos ser possível conceber, teoricamente, a tese freudiana de 1897 tanto pelo viés da neurose, quanto da psicose. Como isto é possível? Quando Freud (1897) profere sua tese, designando a masturbação como a adição primordial, por onde qualquer vício subsequente adviria no papel de substituto da satisfação primeira referente ato masturbatório, ele nos indica, a partir de nossos achados de pesquisa, duas maneiras de determinar o diagnóstico estrutural – faremos isto em consonância ao que o esquema de Naparstek (2008) sobre os tempos lógicos vem nos servindo de instrumento de estudo:

Napartek ao localizar em seu esquema: o **tempo 0** para o *autoerotismo*, o **tempo 1** para a *inscrição do falo* e o **tempo 2** para a *função do falo*, a tese constrói uma maneira de abordar a determinação diagnóstica para casos de uso de substância – seja pela estrutura da neurose, seja pela estrutura da psicose – através do critério clínico de investigação que contempla à forma particular da ação do significante no modo de gozo do sujeito para o tratamento de seu gozo real. Baseado neste critério de investigação, defendemos a determinação do diagnóstico diferencial, neurose ou psicose, na clínica psicanalítica do recurso à substância da seguinte maneira:

1. Pela determinação do diagnóstico estrutural de **psicose**, uma vez constatado para o modo de gozo do sujeito um funcionamento pulsional condizente às características do **tempo 0**, a saber: do pênis real, do puro autoerotismo e da incidência de um gozo real e traumático, sem mediação do significante, ou;
2. Pela determinação do diagnóstico estrutural de **neurose**, perante a única condição do modo de efetuação da estrutura subjetiva se encontrar localizado no **tempo 1** ou no

**tempo 2.** Isto é, em cujos funcionamentos pulsionais, a inscrição do falo ou a função do falo ao se encontrarem já presentes indicam a ação prévia do significante sobre o corpo, a separação entre corpo e gozo fálico, bem como a passagem do órgão ao instrumento.

Portanto, neste ponto específico da construção da tese, podemos dizer que fomos bem sucedidos na produção de um material teórico que contemplasse, de forma clara, o caráter heterogêneo da clínica do recurso à substância. A tese, neste sentido, propõe, agora, forjar cinco categorias representativas das gradações diagnósticas existentes nesta clínica. Tais categorias são formuladas em respeito aos seguintes critérios de investigação: 1. O tipo de atuação do significante (determinando uma neurose ou uma psicose); e 2. A verificação da presença ou ausência da ação da fantasia inconsciente no modo de gozo do sujeito nos casos de neurose. A partir destes critérios de avaliação diagnóstica, a tese defende cinco tipos de uso de substância em articulação às suas diferentes funções e estruturas psíquicas:

1. Determinação diagnóstica da estrutura da *psicose* (**tempo 0**), cujo recurso à substância opera na função psíquica de apaziguar os efeitos da forclusão do Nome-do-Pai e seus fenômenos de linguagem, tais como as alucinações e os delírios. Este tipo de uso da substância serve, nestes casos, para atenuar a invasão do gozo real (vide o furo no simbólico);
2. Determinação diagnóstica da estrutura da *psicose* (**tempo 0**), cujo recurso à substância opera em associação à forclusão do falo. Este tipo de uso de substância serve, nestes casos, como ferramenta de ajuda para a relação do sujeito com seu falo forcluído (vide o furo no imaginário);
3. Determinação diagnóstica da estrutura da *neurose* com a vigência da ruptura do casamento do corpo com o gozo fálico, identificado por meio da ausência de qualquer modalidade de satisfação fálica. Ou seja, sem a presença de masturbação e/ou sem relação sexual com o Outro. Lembrando que este tipo de uso de substância corresponde a uma forma de efetuação da estrutura da neurose que, anteriormente, localizava-se ou no **tempo 1** (inscrição do falo) ou no **tempo 2** (função do falo), dependendo do caso clínico em questão;
4. Determinação diagnóstica da estrutura da *neurose*, cujo modo de efetuação da estrutura se localiza na etapa lógica da inscrição do falo (**tempo 1**). Período da constituição da neurose, em que a fantasia inconsciente não se encontra estabelecida,

haja vista uma dificuldade na passagem do processo da alienação ao processo da separação. Este tipo de uso da substância serve, nestes casos, para manter a ligação do sujeito com seu falo através do ato masturbatório, operando, deste modo, para a manutenção do casamento do corpo com o gozo fálico;

5. Determinação diagnóstica da estrutura da *neurose*, cujo modo de efetuação da estrutura se localiza na etapa lógica da função do falo (**tempo 2**). Período da constituição da neurose, em que a fantasia inconsciente já se encontra estabelecida mais firmemente na amarração sintomática do sujeito, uma vez que o sucesso na passagem da alienação para a separação propicia a formulação da pergunta sobre o desejo do Outro. Este tipo de uso da substância, nestes casos, opera para promover a conexão entre parceiro e sintoma, através do encontro com o Outro sexo/ relação sexual, servindo, deste modo, para a manutenção do casamento do corpo com o gozo fálico.

Forjar estas cinco modalidades de recurso à substância nas neuroses e nas psicoses, suscita-nos apresentar nossas últimas considerações teóricas, para em seguida, passarmos ao último item deste capítulo, onde adentraremos no estudo de casos, através dos quais buscaremos elucidar, de forma clínica, estas cinco modalidades, bem como corroborar as proposições defendidas ao longo desta tese.

No tocante à questão do diagnóstico diferencial, Laurent, em seu texto “Três observações sobre a toxicomania” (1988), levanta a seguinte interrogação (oriunda do estudo da proposição lacaniana de 1975): “Abre-se o problema de como escrever a ruptura com o gozo fálico: escrevemos  $\phi 0$  ou  $\Phi 0$ ? Como vamos determinar, diferencialmente, se se trata de um novo modo de gozo, ou de um buraco de gozo?” (Laurent, 1988, p. 21). Laurent constrói essa pergunta, todavia, logo em seguida, neste mesmo texto, tem o cuidado de ressaltar seu entendimento à ruptura com o gozo fálico na neurose sem implicar uma forclusão do Nome-do-Pai (ibidem), designando, desta forma, ao quadro de ruptura “um uso fora da fantasia” (ibidem, p. 23).

Qual motivo de acentuarmos agora esta pergunta formulada por Laurent em 1988? Embora esta tese não tenha se objetivado a se aprofundar no estudo sobre o uso de substância nas psicoses, apresentaremos logo a frente alguns fragmentos de casos clínicos condizentes às duas primeiras modalidades do uso de substância encontradas na estrutura da psicose – as que se encontram a serviço para fornecer tratamento para a forclusão do Nome-do-Pai e/ou para a forclusão do falo. Entretanto, mesmo sem este

aprofundamento sobre o uso nas psicoses, acreditamos que, amparada a toda nossa fundamentação teórica dos diferentes tipos de recurso à substância no âmbito das neuroses, tivemos sucesso na produção de alguns índices que podem contribuir, diretamente, à distinção teórica e clínica entre a ruptura com o gozo fálico ( $\phi 0$ ) para a determinação da estrutura da neurose e a forclusão do falo ( $\Phi 0$ ) para a determinação da estrutura da psicose.

Em relação à determinação da estrutura da neurose identificada pelo funcionamento pulsional orientado pela ruptura com o gozo fálico (condizente a terceira modalidade de uso de substância que defendemos acima), à luz desta tese, vale relembrar, tal como já dissertamos anteriormente, que só podemos estabelecer um diagnóstico de neurose, através da única condição clínica, de que o significante já se tenha, em algum momento da vida do sujeito, colocado em ação no modo de gozo do sujeito, de modo a ter propiciado no passado a separação entre corpo e gozo fálico. Mesmo que esta informação nos pareça óbvia, faz-se importante retomar esta postulação, na medida em que quando formos trabalhar, mais a frente, com os fragmentos de casos clínicos para elucidar a ruptura com o gozo fálico, vamos mostrar que um efeito bem sucedido de um processo de análise pode propiciar a saída do sujeito de seu funcionamento pulsional referente à ruptura com o gozo fálico, a ponto deste conseguir voltar ao campo da satisfação fálica. Veremos a partir deste fragmento de caso clínico que isto ocorre mediante o sucesso da transferência em análise, que por sua vez resulta a produção de um sintoma de formação de compromisso, através do qual o sujeito deixa de estar articulado com o gozo da substância e passa a se relacionar com o gozo do sintoma correlato ao inconsciente.

O estudo e análise deste caso clínico, em especial, nos indicará que este sujeito antes de romper o casamentos do corpo com o gozo fálico, já se encontrava instalado, anteriormente, na etapa lógica relativa à função do falo (**tempo 2**) – ou seja, etapa lógica também referente à operação da separação, em que já podemos constatar na constituição da neurose, tanto o recurso à fantasia inconsciente, quanto a formulação da pergunta sobre o desejo do Outro. Dito de outra forma, este caso clínico nos mostrará que, para alguns casos de neurose, um processo de análise bem sucedido pode propiciar uma transformação, de maneira que o modo de gozo do sujeito possa voltar a se instalar pela via da satisfação fálica, seja pela via da masturbação (quando o caso estiver

orientado pelo **tempo 1**), seja a partir da relação sexual, do encontro com o Outro sexo (quando o caso estiver orientado pelo **tempo 2**).

Logo, ao final de todo este percurso de pesquisa, podemos dizer que tivemos sucesso em fundamentar, teoricamente, de forma consistente, três modalidades de recurso à substância no campo das neuroses à luz da temática da gradação diagnóstica. São elas:

1. O uso da substância obedecendo ao modo de gozo referente à ruptura com a fantasia, a saber, com o gozo fálico – sem a evidência de qualquer modalidade de satisfação do campo fálico, operando sobre o sujeito apenas o gozo da substância;
2. O uso da substância, sem ação da fantasia inconsciente, todavia, com a incidência do significante, promovendo a ligação entre sujeito e falo através da satisfação do ato masturbatório – relativo à primeira etapa lógica da inscrição do falo;
3. O uso da substância, com a ação da fantasia inconsciente, permitindo a conexão entre parceiro e sintoma, e, portanto, a relação sexual com o Outro – concernente à segunda etapa lógica da função do falo. Vide a função do amor ou do sintoma.

Sendo assim, após compartilhar todos estes pensamentos, resultantes do percurso de nossa pesquisa, vamos adentrar aos estudos de casos, elegendo esboçar alguns fragmentos clínicos, por cujos conteúdos poderemos ilustrar e corroborar as hipóteses teóricas defendidas até então.

### **3. Estudo de casos com uso de substância:**

Aqui neste item, iniciaremos nossa última etapa da construção desta tese. Esboçaremos fragmentos de casos clínicos encontrados na literatura psicanalítica, através do quais poderemos defender, de forma consistente, o caráter heterogêneo da clínica do recurso à substância nas neuroses.

Além disso, a fim de tentar delimitar alguns índices teóricos e clínicos que possam contribuir para a questão da determinação do diagnóstico diferencial, entre neurose e psicose, na clínica do recurso à substância, começaremos nosso estudo de caso,

apresentando dois fragmentos clínicos de psicose, por cujos discursos, localizaremos a identificação da forclusão do falo ( $\Phi_0$ ). Veremos que, nestes casos, os recursos à substância se encontrarão associados aos efeitos psíquicos do falo enquanto foracluído, e, portanto, a serviço dos impasses inerentes da relação do sujeito psicótico com o seu corpo.

Em seguida, passaremos para a apresentação de alguns fragmentos de casos clínicos de neurose com uso de substância que se oferecerão a esboçar, de forma clara, a heterogeneidade desta clínica. Ao trabalharmos tais casos, a tese terá o sucesso em ilustrar, clinicamente, os seguintes tipos de uso de substância no âmbito da neurose e situações subjetivas:

1. O recurso à substância encontrando-se a serviço para manter o casamento do corpo com o gozo fálico mediante a localização do modo de gozo do sujeito na primeira etapa lógica da inscrição do falo (**tempo 1**);
2. O recurso à substância, num primeiro momento, atuando para manter o casamento do corpo com o gozo fálico em referência à localização do modo de gozo do sujeito na etapa lógica da função do falo (**tempo 2**), todavia, num segundo momento, culminando para a ruptura com o gozo fálico;
3. O recurso à substância a serviço de romper o casamento do corpo com o gozo fálico, entretanto, num momento seguinte, como resultado de um processo de análise, a verificação do retorno do sujeito, a seu modo de gozo prévio, referente à etapa lógica da função do falo (**tempo 2**). Mudança subjetiva instalada via sucesso da transferência com produção de sintoma psicanalítico, e, conjuntamente, o fim do consumo da substância na vida do sujeito.

A análise destes casos clínicos nos servirá para exemplificar toda gradação diagnóstica proposta, por esta tese, para a clínica do recurso à substância nas neuroses. A saber, a partir de casos de neuroses localizados na etapa lógica da inscrição do falo (**tempo 1**), em que o recurso à substância propicia a satisfação com o ato masturbatório e a ligação entre sujeito e falo; depois, através de casos de neuroses em que observaremos a função do falo (**tempo 2**), a conexão entre sintoma e parceiro e a possibilidade do sujeito se relacionar sexualmente com o Outro sob efeito do uso de substância; e, finalmente, de modo contrário, casos de neuroses em que o recurso à

substância passa a servir para promover a ruptura do casamento do corpo com o gozo fálico, haja vista a ausência de qualquer modalidade de satisfação fálica pelo sujeito.

Começaremos pelos casos de psicose, com uso de substância, com a intenção de tentar apresentar alguns índices clínicos que possam contribuir para a determinação da diferença entre a foraclusão do falo ( $\Phi_0$ ) na psicose e a ruptura com o gozo fálico ( $\phi_0$ ) na neurose. Com o intuito de facilitar esta distinção, apresentaremos, de forma bem breve, alguns postulados de Malleval (2003) a respeito dos aspectos subjetivos que indicam a foraclusão do falo no modo de gozo do sujeito.

### **3.1. Recurso à substância na psicose associado à foraclusão do falo:**

Embora o estudo sobre a clínica da psicose com uso de substância não seja nosso objeto principal de pesquisa, a tese acredita ser importante, aqui, apresentar dois casos clínicos, cujos relatos assinalam a constatação de uma foraclusão do falo. No entanto, antes de darmos início à exposição destes dois casos de psicose, vamos, de forma breve, apresentar, à luz de Maleval, alguns aspectos subjetivos que operam como indicadores da não extração do objeto *a* na psicose. Maleval, em seu texto “Elementos para uma apreensão clínica da psicose ordinária” (2003), forja cinco índices de orientação clínica da não extração do objeto *a*. São eles:

1. *Emergência de um gozo fora do limite*: sensação de um gozo extremo, fora do limite, não falicizado, que se apodera do corpo do sujeito (2003, p. 130);
2. *Carência da fantasia fundamental*: pode se revelar por comportamentos ‘como se’, não dispondo de recursos para se orientar na existência; ou por desaparecimentos rápidos de sintomas neuróticos; ou por uma concomitância de sintomas, sobressaindo lógicas de fantasias diferentes, associando, por exemplo: fobia, perversão e obsessão; ou por uma ausência da fantasia fundamental (ibidem, p. 131);
3. *Embotamento afetivo*: falha na conexão do imaginário com as outras dimensões, fazendo o sujeito não encontrar sentido na vida e/ou não sentir nada (ibidem, p. 134);
4. *Empuxo-á-mulher*: o significante ‘A mulher’ não tem representação. Esse elemento foracluído no simbólico para o psicótico tende a retornar no real, vigorando uma feminilização (ibidem, p. 136);

5. *O sinal do espelho*: para que o sujeito possa ex-sistir ‘fora’ do que percebe é necessário que a operação da castração seja atingida. Caso contrário, o objeto não sendo barrado pelo significante, ameaça se destacar pela imagem. Trata-se de uma falha da falicização do eu (ibidem, p. 138). Nestes casos, o sujeito se revela muito preocupado com sua imagem, podendo se examinar de forma longa e frequente diante de espelhos (ibidem, p. 137).

O primeiro caso clínico que apresentaremos encontra-se no texto “Elementos para uma apreensão clínica da psicose ordinária” (2003) de Maleval e foi analisado por Dessal. Neste fragmento de caso, encontraremos os índices: emergência de um gozo fora do limite, o sinal do espelho e o empuxo-a-mulher.

*“O paciente possuía desde a infância propensão por se observar nos espelhos. Desde criança, sente uma profunda rejeição por sua imagem. Há um paradoxo: ele não consegue parar de se olhar no espelho, mas ele se acha feio e por isso rejeita a sua imagem. Sob o efeito do consumo de substâncias alucinógenas, observando-se no espelho acredita ver com um peito de mulher, revelando uma associação entre o empuxo-à-mulher e o sinal do espelho. O sinal do espelho testemunha uma fragilidade das bases do sujeito, de modo que ele anuncia frequentemente o desencadeamento da psicose. A emergência de um gozo fora do limite ou os esboços do empuxo-à-mulher são índices de semelhantes experiências subjetivas; todavia, parecem menos frequentemente anunciadores de um marasmo psicológico”* (2003, p. 141-142).

O segundo caso clínico encontramos em outro texto de Maleval “Sobre a fantasia no sujeito neurótico: de sua carência e seus substitutos” (2009).

*“Paciente J. tem 30 anos e vive em um mal-estar e não consegue fazer amigos. Seu principal sofrimento reside no fato de não conseguir tomar banho com um homem. Esta idéia o atormenta desde a puberdade e não sabe como se desembaraçar dela. Teve êxito em largar o álcool nos alcóolicos anônimos, porém se queixa de que não haja ‘banheiras anônimas’ para acabar com seu tormento. O banho tomado com seu primo aos 5 anos capta o seu gozo, tal como também fez com o álcool. A vontade de tomar banho é a mesma que a vontade de beber. Com a diferença de que pensar em tomar banho lhe provoca uma ereção. Agora na vida adulta, quando seus primos saem do*

*banho, verifica se a banheira está bem molhada. Como um conjugue verifica as garrafas. Tudo indica que supõe para os outros o mesmo modo de gozo que o seu. Ele não sabe o que faz um casal de namorados. O termo ‘trepar’ tem o mesmo sentido de banho para ele.*

*J. muito se interroga sobre uma publicidade de sabonete que mostra um homem tomando banho com uma criança. A fim de saber se é permitido pai e filho tomarem banho juntos, leu livros, fez uma enquete com conhecidos, mas algo de enigmático persiste. Quando J. procura deduzir ‘o que é um Pai?’ percebe a sua precariedade. ‘Se fosse pai’, afirma ‘tomaria um banho com o meu filho, lava-lo-ia, mas a paternidade não é só isso, é levantar-se a noite se a criança chora, é ir em cana se a criança faz um bobagem...’. Procura saber se é lícito que um pai, ou um adulto, tome banho com uma criança; não chega a concluir, o que o perturba” (Maleval, 2009, p 31-33).*

Sobre este fragmento de caso clínico, Maleval desmarca que não se poderia encontrar um exemplo de carência mais radical da função fálica – identificando, assim, a forclusão do falo. A cena do banho tenta dar uma resposta não fálica à questão do gozo sexual (2009, p. 31). O gozo do sujeito fixado em uma cena não recalcada, enquadra um gozo do corpo pela imagem, e revela-se suficiente como assinatura da estrutura psicótica” (ibidem, p. 33).

### **3.2. Recurso à substância na neurose e a manutenção do casamento com o gozo fálico – etapa lógica da inscrição do falo (tempo 1):**

Trabalharemos, agora, um caso de Nartek encontrado em sua tese “La direction de la cure dans les toxicomanies et l’alcoolisme” (2011), por onde o autor descreve a função do recurso à substância em associação à satisfação obtida pelo ato masturbatório.

*“O sujeito me conta que, desde seus 12 ou 13 anos, sente-se bloqueado para abordar as mulheres. Chega à conclusão que há alguma coisa com as mulheres, para ele, que é ‘imanejável’. Uma enunciação que marca este tempo diz o seguinte: ‘eu sou fraco como meu pai’. A fraqueza é tomada no sentido sexual, de sua relação passiva com seu pai. Neste momento, conta que sempre teve dificuldades em ter ereções, ele lembra de sua ejaculação precoce e conta a seguinte cena: ‘Muito jovem, eu tive uma ereção e eu me*

*prendi no zíper da calça, então, eu quis chamar a minha mãe, mas eu sabia que se eu a chamasse, eu tinha feito algo errado'. Ele acrescenta ao fim: 'assim não me a chamei mais'. A partir desse momento, ele lembra de uma série de reprovações provenientes das mulheres e de sua mãe, resumidas todas em um 'ele não se esquenta por nada'. Ele lembra, então, que na ocasião da cena em que ele havia se prendido no zíper da calça, ele estava dentro de um tanque vazio, em posição de encolhido. Ele diz que a ereção é devida a esta postura, pois tem uma ereção cada vez que se fica encolhido. E, além disso, se lembra de outra cena, posterior a do tanque, como a seguinte: deitado com sua irmã, sublinha que teve sua primeira sensação sexual e não queria mais que aquela sensação terminasse. Ele teve uma forte ereção e ficou bem excitado. Explica que em seguida, isto lhe gera inibição e um sentimento de culpa e esclarece que no tanque não havia qualquer coisa sexual, ele teve uma ereção mas não sentiu excitação, esse seria diferente da qual sentiu deitado com uma mulher.*

*Nos dias de hoje, ele não consegue ter prazer com as mulheres. Prefere a masturbação e o prazer da solidão, o que é acompanhada da tomada de certas drogas, que o ajudam na prática solitária.*

*Depois de uma ausência prologada da análise, ele me diz se sentir 'estancado', preso nele mesmo. Segundo ele, há alguma coisa que não o deixa avançar e que na realidade é o que acontece sempre, acrescentando que em análise as coisas avançam pouco a pouco, mas 'eu me encontrei de novo preso' [voltei a estancar-me]. Imediatamente, fez a referência ao fato de 'estar no tanque', e, portanto, sabia que o fato de estar preso lhe fazia bem, e que só quando começa a ficar angustiado, que ele 'se acelera' e as coisas tornam-se mal para ele. A aceleração o leva 'ao choque' – em que ele consome as drogas que lhe dão coragem – que lhe tiram o medo, sua integridade física e o possibilita trabalhar. Após o choque, ele se descobre novamente preso 'estacando'. E acrescenta: 'às vezes eu começou a me 'enganchar' com uma mulher, em análise, mas eu não me quero deixar levar. Ele diz ter 'medo de se enganchar', 'eu prefiro ficar enganchado só, na masturbação, com a droga, preso ao pênis'. E acrescenta: 'deve ter alguma coisa de fora que me possa tirar daqui'." (Naparstek, 2011, p. 92-94).*

Sobre este caso clínico, Naparstek (2011) nos acrescenta com as seguintes considerações. O sujeito se sente preso [estancado] e sozinho com sua masturbação. Neste caso, fica claro que a efetuação da estrutura psíquica do sujeito se estagna no **tempo 1**, primeiro tempo lógico da constituição da neurose relativo à inscrição do falo.

Há aí uma recuperação da satisfação autoerótica pela via fálica sem deslocamento para o sintoma analítico. O sujeito se queixa de que seu falo, enquanto inscrito, não se coloca em função. Tem-se a cena do tanque, e, em seguida, as relações edipianas na cena com sua irmã, que deveriam pôr em jogo seu falo, fazendo-o circular. No lugar disto aparecem as formulações: ‘não *me* a chame mais’, a culpa e a inibição. O significante ‘estancado’ indica a inscrição do falo, bem como o impasse de colocar o falo em jogo, de fazê-lo circular, de pô-lo em função. Não se verifica a passagem da masturbação ao sintoma/ amor (Naparstek, 2011, p. 94).

### **3.3. Recurso à substância na neurose, da manutenção à ruptura do casamento com o gozo fálico – da etapa lógica da função do falo (tempo 2) ao rompimento:**

Com o objetivo de esboçar esta modalidade de uso (referente ao tempo 2), que, num dado momento da vida do sujeito, pode culminar ao rompimento com o gozo fálico, apresentaremos um breve fragmento clínico apresentado por Naparstek (2011):

*“Neste caso clínico, o sujeito define sua primeira modalidade de relação com o álcool a partir do que chamava de ‘bebedor social’. O álcool lhe servia para abordar o Outro sexo, ou seja, para colocar em função o falo. Dizia que bebia ‘para ter atitudes confiantes, para ter mais coragem, para falar melhor com as mulheres’, ‘a fim de saber como fazer com o gozo feminino no ato sexual’. Num segundo momento, a modalidade de relação com o álcool se transforma em uma forma que ele chama de ‘bebedor alcóolatra’. Diz que esta segunda modalidade implica ser ‘fora do sexo’, somente com a satisfação do consumo da substância, que o sujeito chama de compulsão a beber. Esse ‘fora do sexo’, eu entendo como uma ruptura com o falo. Quer dizer, fora da satisfação fálica”* (Naparstek, 2011, p. 98-99).

A partir deste caso, podemos avaliar, inicialmente, o uso da substância a serviço da função fálica (tempo 2), facilitando o sujeito abordar o Outro em busca de relação sexual, em contraponto ao momento seguinte, em que o gozo da substância prevalece de modo a vigorar um tipo de satisfação pulsional ‘fora do sexo’, determinando a ruptura com o gozo fálico neste segundo momento da vida do sujeito.

### **3.4. Recurso à substância na neurose, da ruptura à manutenção do casamento com o gozo fálico – do rompimento à etapa lógica da função do falo (tempo 2):**

Este caso clínico com que vamos trabalhar agora foi analisado por Diana Wolodarsky. Nomeado como “La droga-partenaire” e encontrado no livro “Introducción a la clínica com toxicomanias y alcoholismo II” (2009):

*“Um jovem de 23 anos chega à consulta em um estado de abstinência obrigada, já que sua liberdade civil ‘está em perigo’, devido a um fato que protagonizou, ‘do qual é acusado pela lei’. Quando se apresenta na consulta, não é este fato que compromete a sua vida, o que relata em primeiro lugar, é a causa de sua angústia silenciosa.*

*O incidente que protagonizou acontece em uma saída noturna: entre carros, músicas e álcool, dois desconhecidos lhe provocam na saída de uma boate, humilhando-o e colocando-o como ridículo na frente da moça que lhe acompanha.*

*Com um sentimento de indefesa e impotência retorna ao hotel, raivoso e angustiado; permanece horas ali ruminando uma fúria crescente e um turbilhão de angústia. Imputado por uma grande força, retorna aos circuitos noturnos a fim de falar com os provocadores; ao encontrá-los lhes atinge com o carro, obrigando-os a abaixar. Briga com um deles e lhe corta o rosto com uma navalha que levava no carro.*

*A gravidade das consequências de sua ação produz uma intervenção policial e depois jurídica, que acompanha grande parte do seu tratamento. No entanto, se pode notar no sujeito uma enorme ausência de conexão entre o fato violento e a causa de que despertou na particular resposta. Por um lado, se preocupa com o alcance das sanções legais, e, por outro, sente certa tranquilidade sustentada pelo imaginário, por trabalhar em uma empresa de seguros do pai. O significante ‘seguros’ age como um asseguramento que acalma na sua fantasia as possíveis consequências que podem cair sobre ele.*

*A matriz fantasmática do sujeito: Relata uma cena infantil que dá consistência a sua fantasia. Em diferentes ocasiões, ele é castigado com violência por seu irmão mais velho, quem obedece aos comandos da mãe. A mãe lhe mandava golpear o irmão quando este cometia alguma falta. O filho maior satisfazia a demanda da mãe, golpeando-o. O pai mesmo que se opusesse ao método da mãe, presenciava silenciosamente a cena sem intervir. Esta cena é a que desenha a matriz fantasmática do que comandará a vida do sujeito.*

*No decorrer da análise, um acontecimento vem a sobressaltar para nosso sujeito. Em consequência das inúmeras reclamações feitas para o pai sobre o cargo pequeno que ocupava na empresa da família, seu pai desobedecendo dessa vez as advertências de sua mulher e de seu filho maior, autoriza seu pedido e lhe outorga maiores responsabilidades no trabalho.*

*A angústia que lhe causa frente à possibilidade de não estar a altura da responsabilidade outorgada pelo pai se atua novamente: após um fim de semana agitado em que passa as noites bebendo, retorna a sua casa fora do horário combinado, provocando uma ostensiva amostra de sua falta.*

*O pai, encurralado entre os ditos maternos e do filho mais velho – que previam este fracasso –, decide tirá-lo da empresa, dali em diante, com nenhuma troca de palavras entre eles. O pai lhe falta com a palavra; assumindo esse silêncio a nosso sujeito em um renovado sentimento de angústia, raiva e impotência.*

*Esta decisão do pai de ‘cortar-lhe o rosto’ toma para o sujeito o valor de ‘um golpe’, e a dor que manifesta vai crescendo e alimentando um sentimento de ódio carregado de fantasias ferozes dirigidas ao pai, que lhe retorna em culpa.*

*Participando triste das sessões, manifestando não encontrar sentido em sua vida, começa a se apresentar um valor no seu discurso que alivia a agressividade presente até aquele momento. Situa-se o começo da passagem do ‘não penso’ para o ‘não sou’, suportado pela operação da transferência, dando lugar ao discurso do inconsciente. O sentimento de injustiça e de vitimização começam a ser ouvidos e passam por uma transformação da culpa em responsabilidade. Analisa as consequências de suas ações intempestivas.*

*A formação do sintoma: A necessidade de supor um Outro castigador vai cedendo e deixa lugar para que o sujeito constate que a atividade da pulsão, em seu exercício, demonstra um gosto de ‘fazer-se pegar’.*

*Em certa ocasião a analista tem a oportunidade de perguntar se o sujeito tinha algum apelido entre os amigos. E ele responde: ‘Tuca’. Mediante um semblante de ignorância por parte da analista, ele explica: ‘Tuca é o resto que fica quando se fuma maconha, é o que mais gosto de fumar, é o que te pega mais forte’.*

*Ao sublinhar-lhe: ‘O que te pega mais forte é o que mais gosta’, ri surpreendido, oferecendo seu consentimento à verdade que no discurso emerge, articulando-se, dali em diante, libido e palavra. O sujeito localiza o gozo posto em jogo.*

*Ser pego – fazer-se pegar, o que te pega mais forte, uma vez dito, permite articular com o fora do sentido de ‘tuca’ ao objeto de gozo fantasmático. Podemos por em correlação a cena infantil (ser pego), o golpe do pai (fazer-se pegar) e o golpe da droga (o que te pega mais forte).*

*Despejada a gramática do fantasma recorta-se um sintoma: ingestas alimentares noturnas, nas quais consome o que resta da geladeira do preparado por sua mãe. Esta ingesta não é mais que outra modalidade compulsiva, que põe de manifesto o constante da pulsão, todavia, não é da mesma ordem que o consumo tóxico. A diferença radical é que a queixa é sua, não é dos outros.*

*Podemos verificar que ao produzir-se o sujeito em análise o sintoma emerge entre o simbólico e o imaginário, dando lugar ao real do gozo. Depois de três anos de tratamento, a droga já não é sua eleição nem seu tema de análise. A sessão em si mesma, semblante do não-todo, permite produzir um sujeito em análise, alienado no campo do Outro, dando lugar a pergunta pelo amor e pela eleição da vida.*

*Esta colocada em forma de neurose, não será sem consequências à sexualidade. O encontro sexual tomará a partir deste momento a modalidade do possível, de forma a lhe aliviar o horror da castração, permitindo-lhe ascender à mulher que ama sem acompanhar-se de sua parceira ideal, a marihuana, com a qual obturava o ‘não há’ da relação sexual” (Wolodarsky, 2009, p. 45-50).*

Este caso nos mostra o que realçamos anteriormente. A necessidade de sempre relembrar que só podemos nos referir a um caso como neurose, se a ação do significante, anteriormente, já tiver se inscrito no modo de gozo do sujeito – minimamente, pela averiguação da etapa lógica da inscrição do falo. Quer dizer, só é possível determinar a estrutura psíquica como neurose, na condição, de uma atuação prévia do significante na constituição do sujeito; para, deste modo, em seguida, num outro momento do caso clínico, poder conceber a ruptura com o gozo fálico.

Sobre isto, este caso esboça exatamente esta situação clínica peculiar. Um quadro subjetivo de ruptura com o gozo fálico, através do qual o sucesso do processo de análise, permite o sujeito retornar a sua etapa prévia que, neste caso, em particular, é a função do falo (**tempo 2**). Por meio da análise deste caso, é possível apreciar que antes do sujeito efetuar a ruptura com o falo, este já se encontrava instalado estruturalmente na etapa lógica da função do falo. Pela via do sintoma e do amor, o sujeito consegue prescindir da antiga parceira ‘marihuana’ para, finalmente, relacionar-se com uma

parceira amorosa de ‘carne e osso’, como quem encontrar-se-á às voltas de precisar lidar com os efeitos da castração e com a ‘não relação sexual’.

Enfim, fragmentos de casos clínicos através dos quais a tese pode, de forma clínica, mostrar alguns exemplos das gradações diagnósticas existentes na clínica psicanalítica do recurso à substância. Considerados pelo viés da determinação da estrutura neurose ou psicose, assim como da função psíquica particular do uso da substância em cada caso. No âmbito da psicose, combatendo os efeitos da forclusão do Nome-do-Pai e/ou do falo e no campo da neurose, a serviço de manter ou romper o casamento entre corpo e gozo fálico.

Sendo assim, concluímos nosso percurso de estudo de forma fiel ao que nos propomos desde o início – sobretudo, com o intuito de defender, de forma teórica e clínica, a heterogeneidade da clínica psicanalítica do recurso à substância. Passemos às considerações finais, onde além de retomar, de forma resumida, os pontos mais importantes da construção desta tese, vamos, finalmente, apresentar nosso entendimento e nossa posição teórica sobre a proposição lacaniana de 1975.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese trabalhou, por excelência, com três eixos de pesquisa fundamentais que se entrelaçaram ao longo da nossa trajetória. São eles: a clínica psicanalítica do real, a gradação diagnóstica no campo das neuroses e a heterogeneidade da clínica das neuroses com recurso à substância. Estes três eixos caminharam juntos no decorrer de toda nossa construção teórica, servindo-nos, de maneira bem sucedida, a alcançar as hipóteses traçadas no início da tese.

A tese começa desenvolvendo uma consistente fundamentação teórica, no primeiro capítulo, sobre a construção do conceito de supereu e da teoria do gozo, desde Freud até Lacan. E, em paralelo, a esta construção, a tese também introduz, desde já, o convite a pensar sobre a temática da gradação diagnóstica no campo das neuroses. Vale dizer que estes foram os dois eixos de pesquisa que nos serviram como ponto de partida a buscar um aprofundamento teórico sobre a clínica do recurso à substância. Quer dizer, de início, o estudo da gradação diagnóstica das neuroses foi formulado, exatamente, como uma ferramenta que nos permitisse abordar, teórica e clinicamente, as vastas formas possíveis de um sujeito neurótico conseguir lidar com o real, ou de fornecer tratamento pulsional, via significante, à incidência do gozo real; para em seguida, servir-nos de material de estudo à clínica do recurso à substância.

Atrelado a isto, outra razão pela qual a tese escolhe iniciar sua pesquisa a partir da fundamentação teórica sobre a clínica do real e a teoria do gozo diz respeito ao fato de que a principal proposição lacaniana (1975) que discorre sobre o recurso à substância nas neuroses, defende, exatamente, a função psíquica da substância tal como uma solução particular que o sujeito encontra para se a ver com o gozo real. Tal correlação é verificada quando Lacan profere, em 1975, o uso da substância na neurose como o melhor recurso para promover a ruptura do casamento do corpo com o pequeno pipi (Lacan, 1975) – lido, posteriormente, por autores psicanalíticos (Miller, 1989; Freda, 1988; Laurent, 1988; Santiago, 2001; Pacheco, 2001; Mazzuca, 2008; Naparstek, 2008, 2011 e outros), a serviço da ruptura com o gozo fálico.

Deste modo, pensando na proposição lacaniana de 1975, a tese acompanhou as etapas da construção do conceito de supereu (em Freud e Lacan), assim como aprofundou-se, à luz da temática da gradação diagnóstica das neuroses, nas diferentes facetas possíveis do tratamento simbólico/significante ao gozo real no campo das

neuroses. Um material teórico que foi construído, de forma minuciosa, nos dois primeiros capítulos, com o intuito de servir de base teórica para o avanço e aprofundamento sobre o que Lacan quis dizer, em 1975, ao situar o recurso à substância como a melhor saída de promoção à ruptura do corpo com o pequeno pipi.

Circunscrevemos que o conceito do supereu freudiano foi precioso para a formulação da teoria lacaniana do gozo. O conceito do supereu freudiano, trabalhado posteriormente no ensino de Lacan, introduz a formulação do conceito de gozo para a clínica psicanalítica. Os conceitos de sintoma e de gozo passam a se entrelaçar, de modo que, sob a ótica lacaniana, não é possível mais pensar sintoma fora do registro do gozo. E, por esse prisma, o conceito de supereu no ensino de Lacan se destaca, para esta tese, como um instrumento teórico, por excelência, relevante, pois nos abre o campo de discussão sobre a direção de tratamento na clínica psicanalítica, uma vez que propicia a abordagem do funcionamento do sintoma pela via do real do gozo.

No tocante à relação entre sintoma e gozo, descrevemos o conceito lacaniano de sintoma, em referência à clínica dos nós, localizado na interseção entre o elo do simbólico e o elo do real (Lacan, 1974, p. 30). Sua localização nesta interseção (entre o simbólico e o real) acarreta ao sintoma psicanalítico se constituir, por um lado, aberto à decifração simbólica, e, por outro lado, submisso ao gozo real oriundo da incidência mortífera do supereu sobre o imaginário corporal. Valendo lembrar também que demarcamos que a conceituação de sintoma, por Lacan, é forjada em consonância às postulações freudianas encontradas na segunda tópica pulsional. O conceito freudiano de supereu, em “O ego e o id” (1923), implica o advento teórico de uma instância psíquica que atua contra o próprio eu. Freud concebe o supereu como uma parte do id; condição que permite o supereu, a partir do resultado das identificações/desfusão pulsional, incidir sobre o eu os piores efeitos da pulsão de morte, colocadas em ação através das pulsões de agressividade e de destruição.

Em consonância a seus achados teóricos da segunda tópica pulsional, Freud (1923, 1924) identifica que mesmo que a estrutura da neurose produza sintomas de formação de compromisso (em obediência às leis do inconsciente), tal como um recurso simbólico a fornecer tratamento à angústia, o supereu, em seu aspecto de gozo real, segue persistindo no papel de gerar sofrimento ao sujeito. À luz destas considerações, a tese pode acentuar que, desde Freud, a formulação teórica do conceito de sintoma se desenvolve na interface entre o simbólico e o real. Seguindo esta lógica, o conceito de supereu vem a servir como uma luva para a construção da teoria lacaniana do gozo

quando relacionado ao conceito freudiano de masoquismo primário (Freud, 1924). Sob essa égide, o masoquismo moral instaura-se como o elemento final de lapidação para a construção do conceito freudiano de supereu – adotado, em seguida, por Lacan como o ponto de partida para a fundamentação de sua teoria do gozo e, portanto, também para a clínica do real. A saber, aquela que não diz respeito ao simbólico.

Portanto, a construção do conceito de supereu permitiu a tese abrir o campo de discussão a respeito da temática da gradação diagnóstica no campo das neuroses, através do qual circunscrevemos as diferentes maneiras – de acordo com os diversos graus de operatividade do significante na efetuação da estrutura psíquica – do sujeito vivenciar, em termos freudianos, sua luta interna entre *Eros* e *Tânatos*, ou seja, entre a pulsão de vida e a pulsão de morte.

Em falar sobre a luta entre *Eros* e *Tânatos*, no que tange à relação dicotômica entre o significante do Nome-do-Pai e o supereu, demos destaque a uma preciosa postulação milleriana: “se o supereu interessa Lacan é precisamente porque se refere a uma função que faz contraponto com a do Nome-do-Pai. O Nome-do-Pai é uma função relacionada ao desejo, o supereu é uma função correlata ao gozo” (Miller, 1981a, p. 146). Ou seja, enquanto a ação do significante do Nome-do-Pai tem o papel de fornecer um contorno ao gozo real via castração, o exercício do supereu vigora, exatamente de modo contrário, em incidir o gozo real sobre o imaginário corporal do sujeito. Daí, a tese já delimita seu primeiro ponto de investigação (de pesquisa) em vistas de tentar esclarecer o sentido da proposição de 1975, em cujo enunciado Lacan situa o uso da substância como uma solução subjetiva de rompimento com o pequeno pipi, a saber, com o gozo fálico.

Logo, a fim de desenvolver, teoricamente, a importância da função do significante (em contraponto ao supereu) operando para a regulação do gozo real, bem como para uma bem sucedida efetuação da estrutura psíquica em relação ao inconsciente, à fantasia e ao desejo, elegemos algumas passagens encontradas ao longo do ensino de Lacan que assinalam, exclusivamente, a extrema necessidade da ação do significante para o sucesso da constituição da neurose. Para tal, demos destaque a cinco momentos determinantes da atuação do significante para o estabelecimento final de uma efetuação da estrutura bem acabada no que tange os tempos lógicos da constituição da neurose. São elas:

1. A ação do significante no processo da castração operando na passagem do falo do imaginário para o falo simbólico (Lacan, 1957-58, 1960, 1968-69);
2. A ação do significante promovendo a mudança de funcionamento pulsional do primeiro piso para o segundo piso no grafo do desejo – crucial para a inserção do sujeito neurótico no campo da fantasia inconsciente e do desejo (Lacan, 1960);
3. A ação do significante permitindo, ao modo de gozo do sujeito neurótico, a passagem da primeira operação lógica da alienação para a segunda operação lógica da separação – fundamental para a formulação da pergunta sobre o desejo do Outro e a construção de um sintoma de formação de compromisso (Lacan, 1964);
4. A ação do significante responsável pela positivação do gozo autoerótico (antes vivido pela masturbação) – determinante para que o desejo do sujeito se estabeleça em dependência do desejo do Outro, assim como o desejo de saber em relação ao inconsciente (Lacan, 1968-69) e;
5. A entrada da ação do significante como o que permite a separação entre corpo e gozo fálico na estrutura da neurose (Lacan, 1968-69, 1971, 1972-73).

Além disso, de acordo com as referências lacanianas acima abordadas, destacamos que a ação do significante somente fornece uma regulação ao gozo por atuar diretamente sobre o falo. Trata-se do sacrifício chamado complexo de castração. O processo de castração propicia a passagem do falo imaginário ( $-\phi$ ) ao falo simbólico ( $\Phi$ ). A primeira etapa lógica da castração diz respeito à inscrição do falo ( $-\phi$ ) marcada por uma negativização do falo, cuja função é fazer do órgão um instrumento, estabelecer a ligação do falo com a linguagem e possibilitar a separação entre corpo e gozo fálico – fatos que acontecem em decorrência da entrada do significante no funcionamento pulsional do sujeito. Já a segunda etapa lógica da castração é correlata ao falo simbólico, oriunda de uma positivação do falo ( $\Phi$ ); momento em que o gozo real recebe tratamento pela significação fálica produto da metáfora paterna (Lacan, 1957-58, 1960, 1968-69, 1971). Visto isto, à luz dos postulados de Lacan, o processo final da castração simbólica consiste em uma captura de gozo por parte do significante, através da qual esta limitação de gozo determina o tratamento do gozo puro (Lacan, 1968-69).

Atrelado a isto, realçamos que o gozo puro diz respeito ao gozo fálico. Tudo ligado ao gozo sexual é gozo fálico (Lacan, 1972-73). No entanto, o gozo fálico possui sua peculiaridade. É localizado fora do sistema significante, fora do campo da linguagem, e por se situar fora da cadeia significante incide sobre o corpo de forma

perturbadora e traumática, sentida pelo sujeito como angústia (Lacan, 1968-69, p. 310). O que quer dizer que o gozo fálico (enquanto puro e autoerótico), num primeiro momento, sem tratamento da castração e do significante representa a faceta do gozo em seu aspecto mais real e absoluto. Seguindo esta lógica, outra característica é colocada para o gozo fálico: o gozo fálico, enquanto gozo sexual, não se relaciona com o Outro (Lacan, 1972-73, p. 137). É gozo do Um relacionado à masturbação auto-erótica. Podendo, deste modo, bastar a si mesmo: “o Um não se amarra com verdadeiramente nada do que pareça com o Outro sexual” (ibidem, p. 137).

Logo, avançar no estudo do conceito do gozo fálico se fez fundamental para o desenvolvimento da tese, haja vista que a leitura psicanalítica contemporânea da proposição lacaniana (1975) sobre o uso de substância na neurose refere-se ao conceito de gozo fálico em seu aspecto de ruptura. Deste modo, a partir deste ponto, uma pergunta de pesquisa se colocou em voga: como entender a ação do gozo fálico nas diferentes etapas lógicas da efetuação da estrutura da neurose? Este se mostrou o caminho de pesquisa para se buscar alcançar o sentido que Lacan quis transmitir com sua proposição, em 1975, quando correlaciona o uso da substância na neurose e a ruptura com o pequeno pipi/ gozo fálico.

A fim de desenvolver esta pergunta, a tese recorreu a três ferramentas, em especial, do ensino de Lacan de modo a delinear as peculiaridades de cada etapa lógica da constituição da neurose: 1. Os três tempos do Édipo (Lacan, 1957-58); 2. Os dois modos de operacionalização do falo: inscrição e função (Lacan, 1968-69, 1971, 1972-73) e; 3. Os operadores lógicos da alienação e da separação (Lacan, 1964). Apropriando-nos destas ferramentas teóricas, circunscrevemos as particularidades existentes em cada etapa lógica da efetuação da estrutura da neurose, dando enfoque aos seguintes aspectos subjetivos: o modo de relação do sujeito com seu corpo, com o Outro e com o inconsciente. Como resultado de nossa pesquisa, encontramos três maneiras distintas de conceber a ação do gozo fálico ao longo da constituição da neurose (que apresentaremos logo abaixo). Com intuito de elucidar nossos achados de pesquisa, tomaremos como instrumento base o esquema de Naparstek (2008, 2011) dos três modos da satisfação pulsional – **tempo 0: autoerotismo**, **tempo 1: inscrição do falo**, **tempo 2: função do falo**.

**Gozo fálico no tempo 0:** De início, encontramos a primeira forma de entender o conceito de gozo fálico tomando como referência sua localização no **tempo 0**. Aqui, identificamos o gozo fálico, em seu aspecto puro e traumático, sem nenhum tratamento da castração e do significante, cujo modo de gozo evidencia-se, absolutamente, de forma autoerótica. Refere-se ao funcionamento do pênis real, da pulsão mais elementar, do órgão, e, portanto, de um tipo de satisfação sem incidência do significante. A saber, representante da estrutura da *psicose*, em decorrência da forclusão do Nome-do-Pai e/ou do falo.

**Gozo fálico no tempo 1:** Avançando para o estágio seguinte, temos a segunda forma de compreender o conceito de gozo fálico, agora, orientado pelo **tempo 1**. Aqui encontramos a entrada da ação do significante no modo de gozo do sujeito, o que vem a determinar sua inserção na estrutura da *neurose*. À luz desta tese, o tempo 1 diz respeito *a passagem do primeiro para o segundo tempo do Édipo*, representa a primeira etapa lógica referente à *inscrição do falo* e, do mesmo modo, a primeira operação lógica da *alienação*. No tempo 1 (diferente do tempo 0), a ação do significante existe. O significante, neste estágio da efetuação da estrutura, propicia a mudança do pênis em falo, do órgão em instrumento, e, além disso, a conexão entre o órgão e a palavra, entre o falo e a linguagem (Lacan, 1960, 1971, 1972-73, 1975-76).

Devido ao fato deste ser o primeiro estágio da constituição da neurose, ele concerne a uma forma de funcionamento pulsional orientado pelo imaginário. Valendo pontuar que mesmo que se encontre regido pelo processo da alienação, o sujeito já opera pelo registro da falta a ser, alienado ao campo do Outro – isto é, em relação com a linguagem. A prevalência do imaginário vai operar, diretamente, por uma modalidade particular de satisfação fálica relativa à masturbação. Por este motivo, a apresentação do gozo fálico no tempo 1 se aplica a uma dinâmica pulsional, em que o sujeito tende a possuir dificuldades em estabelecer parcerias amorosas com o Outro sexo, preferindo, deste modo, o gozo solitário do ato masturbatório. Trata-se da imaginarização do gozo, da etapa lógica do falo imaginário e da inscrição do falo. Um gozo que pode bastar a si mesmo via masturbação. E, portanto, marcado por um rechaço ao inconsciente e uma tentativa de anulação da posição de sujeito dividido.

Neste sentido, os modos de efetuação da estrutura da neurose localizadas no **tempo 1**, na maioria das vezes, apresentam-se, clinicamente, de forma mal acabada, com dificuldades de avançar para a segunda operação lógica da separação e, da mesma

maneira, de estabelecer uma relação com o desejo e com a fantasia inconsciente. Todavia, é importante acentuar que mesmo que o sujeito se encontre impedido de sair da operação lógica da alienação, a ação do significante já opera no tempo 1, promovendo desde aí uma separação entre corpo e gozo fálico. Claro que de forma débil quando comparada à etapa lógica seguinte referente à função do falo (**tempo 2**).

**Gozo fálico no tempo 2:** Por fim, a terceira e última forma de conceber o conceito de gozo fálico quando o consideramos a partir de sua localização no **tempo 2**. O tempo 2 representa o estágio mais avançado da efetuação da estrutura da neurose, é correlato à etapa lógica do *falo já colocado em função* no modo de gozo do sujeito. Aqui verificamos a passagem do segundo para o terceiro tempo do Édipo – momento em que o sujeito sai da castração levando consigo o Ideal do eu paterno: instância reguladora de gozo e responsável pelo recalque das pulsões. Diz respeito à operação lógica da separação, cuja satisfação pulsional opera via desejo, fantasia inconsciente e produção de sintoma de formação de compromisso, e do mesmo modo, do falo enquanto simbólico. Momento final da castração, onde o gozo fálico recebe tratamento via significação fálica oriunda da Metáfora Paterna.

O tempo 2 demarca um modo de efetuação da estrutura, em que a satisfação pulsional permite conexão entre parceiro e sintoma, e, portanto, a relação sexual com o Outro. Diferente do tempo 1 (falo imaginário/ inscrição do falo), no tempo 2 (falo simbólico/ função do falo) identificamos a passagem da masturbação à possibilidade do sujeito se relacionar com o parceiro amoroso. O que quer dizer que o Outro, no tempo 2, passa a participar da dinâmica pulsional do sujeito, seja pela via do amor ou do sintoma. Vigora-se, desta maneira, um modo de gozo mais orientado pelo inconsciente e mais próximo da posição de sujeito dividido, em que a ação do significante tem mais poder em atenuar e fornecer tratamento simbólico ao gozo real; e, do mesmo modo, de promover melhor a separação entre corpo e gozo fálico.

Logo, a tese formula três distintas estas abordagens para o conceito de gozo fálico, tendo em vista o critério de avaliação que averigua as gradações concernentes ao modo de relação do sujeito com seu corpo, com o Outro e com o significante. Resumidamente, descrevemos três modalidades de gozo: 1. Em primeiro lugar, um modo de gozo autoerótico, sem incidência do significante e submisso à atuação mais pura e traumática do gozo fálico enquanto gozo real; 2. Em seguida, pela entrada do

significante que promove a inscrição do falo e a separação entre corpo e gozo, cuja prevalência do imaginário suscita ao gozo fálico atuar via masturbação; 3. Por fim, um modo de gozo mais aberto ao inconsciente, orientando pela função do falo, em que a atuação do simbólico/ significante oferece tratamento ao gozo fálico pela significação fálica, permitindo, via amor e/ou sintoma, a conexão entre parceiro e sintoma, e relação sexual com o Outro (saindo, deste modo, da satisfação fálica solitária da masturbação relativa ao estágio anterior).

Visto isto, a tese conclui que cabe, unicamente, à operatividade do significante em propiciar a entrada do sujeito no campo da falta e do inconsciente, e, em paralelo, fornecer tratamento ao gozo real/ fálico. Quanto melhor sucedido for a efetividade significante na neurose, melhor será a promoção da separação entre corpo e gozo fálico, e, do mesmo modo, melhor o sujeito estará amparado simbolicamente para se proteger da incidência mortífera do supereu, como imperativo de gozo real, no imaginário corporal. Sobre o papel do significante em sua função separadora (corpo e gozo), a tese trabalhou com três citações lacanianas que valem a pena relembrar aqui:

1. “É efetivamente como ligado à própria origem da entrada em ação do significante que se pode falar de gozo (...) faltando significante, não há distância entre corpo e gozo” (Lacan, 1968-69, p. 188);
2. “Isso só se goza por corporizá-lo de maneira significante” (Lacan, 1972-73, p. 29);
3. “O significante é aquilo que faz barreira ao gozo” (ibidem).

Em consonância às citações lacanianas lembradas acima, a tese lança a seguinte pergunta de pesquisa: Qual o motivo que faz a tese acreditar ser relevante dar destaque e desenvolver, teoricamente, a dicotomia entre significante e supereu? A tese responde: porque o supereu tem estreita relação com o gozo fálico, enquanto puro e real – aquele que incide sobre o corpo e suscita angústia ao sujeito.

Seguindo esta lógica, faz-se importante relembrar também o que ressaltamos, no primeiro capítulo, sobre a advertência milleriana que indica a necessidade de corrigir a concepção unilateral do complexo de Édipo: “Freud situa o supereu no declínio do complexo de Édipo, porque o supereu é um chamado ao gozo puro, quer dizer, um chamado a não castração” (Miller, 1981b, p. 156). A proposição milleriana que designa à função do supereu um ‘chamado a não castração’ se equivale ao que tese encontra ao acompanhar, teoricamente, as etapas de construção do conceito de supereu no ensino de

Lacan. O percurso epistêmico do conceito de supereu, abrangendo os três registros imaginário, simbólico e real, sobretudo, confirmam e reforçam sua ação e registro fora do simbólico e contrário às leis do funcionamento da cadeia significante. O que nos resulta, a partir do ensino de Lacan, a averiguação do supereu representante do gozo puro e real.

De forma resumida, no registro do imaginário, vimos o supereu concebido como “figura obscena e feroz” (1954, p. 362) exemplificado pelo Outro gozador do pai da Horda; no registro do simbólico como “uma lei desprovida de sentido” (Lacan, 1954, p. 11), “uma relação com a lei, e, ao mesmo tempo, é uma lei insensata” (ibidem, p. 108), “uma lei dialética (...) sabotador interno” (1955-56, p. 311); e no registro do real, identificado pelo objeto voz: “a voz (...) conhecemos seus restos nas vozes extraviadas da psicose, seu caráter parasitário sob a forma dos imperativos interrompidos do supereu” (Lacan, 1962-63, p. 275), bem como a partir do Desejo Materno, referente ao primeiro tempo do Édipo, em sua faceta de demanda absoluta, incondicional e caprichosa (Lacan, 1957-58).

Tendo como base todo este percurso, ao fim das formulações acima destacadas, Lacan defende sua proposição principal para o conceito de supereu: “nada força ninguém a gozar, senão o supereu. O supereu é um imperativo de gozo – Goza!” (Lacan, 1972-73, p. 11). Portanto, o supereu aqui, tal como Freud já havia o forjado como parte do id e a serviço da cultura da pulsão de morte (1923), mantém-se e reafirma-se, ao longo do ensino de Lacan, em seu aspecto sádico e mortífero numa função imperativa, exclusiva, ao gozo real.

E daí, retomamos a pergunta: por que dar tanto enfoque ao supereu? A tese responde: porque é o caminho que encontramos para entender o que Lacan (1975) quis dizer quando designa o uso de substância como o melhor recurso a promover a ruptura com o gozo fálico, haja vista que nosso percurso de pesquisa afirma a estreita relação existente entre o gozo fálico enquanto gozo real e o supereu representante do gozo puro.

Ok. Vamos seguir com nosso raciocínio. Descrevemos acima três formas do gozo fálico se apresentar de acordo com as três gradações referentes às etapas de efetuação da estrutura da neurose, tendo como critério de pesquisa a adoção do esquema do Naparstek com os tempos: tempo 0 para o autoerotismo, tempo 1 para a inscrição do falo e tempo 2 para a função do falo. Identificamos para o tempo 1 o falo imaginário e para o tempo 2 o falo simbólico, e, do mesmo modo, ressaltamos que o primeiro tempo

da castração já começa com a negativização do falo relativo ao falo imaginário. O significante começa a atuar sobre o falo a partir desta negativização ( $-\phi$ ), o que permite o pênis se tornar falo e o órgão se tornar instrumento. Logo, é no tempo 1, no primeiro tempo lógico da castração que se instaura o advento da satisfação fálica no corpo da neurose.

Daí, como foi dito acima, Miller se atenta ao seguinte aspecto para o supereu: “Freud situa o supereu no declínio do complexo de Édipo, porque o supereu é um chamado ao gozo puro, quer dizer, um chamado a não castração” (Miller, 1981b, p. 156). O supereu ‘um chamado ao gozo puro’, ‘um chamado a não castração’. Vamos, por enquanto, ficar com estas formulações, para logo à frente, apresentarmos nossas conclusões sobre a proposição lacaniana de 1975 à luz da dicotomia existente entre as funções do significante e do supereu no modo de gozo do sujeito neurótico.

Nosso percurso de pesquisa nos fez compreender através das contribuições teóricas de Naparstek (2008, 2011, 2014), Guedes (2014), Santiago (2014), entre outros, que só podemos falar em ruptura com o gozo fálico quando o sujeito neurótico, com uso de substância, prescinde, num dado momento de sua vida, de qualquer modalidade de satisfação fálica, seja a masturbação, seja a relação sexual com o Outro, mantendo-se, desta maneira, apenas com o gozo da substância. Na ruptura com o gozo fálico, nada mais do campo fálico opera; somente a satisfação oriunda do efeito da substância. Ocorre uma desconexão com o Outro, todavia, sem a determinação da forclusão do Nome-do-Pai.

Porém, antes de alcançarmos esta especificidade sobre a noção de ruptura com o gozo fálico na neurose, outras preciosas contribuições teóricas nos deram um embasamento prévio para entendermos melhor o sentido da proposição lacaniana de 1975. Trabalhamos, no início do terceiro capítulo, com as produções de autores psicanalíticos como: Miller (1989), Freda (1988), Laurent (1988), Lilany (2001), Santiago (2001, 2014), Pacheco (2011) e outros, cujos materiais serviram-nos para o aprofundamento de pesquisa sobre proposição lacaniana de 1975. Nestas referências, a ruptura com o gozo fálico diz respeito a um modo particular de gozo em que a ação do significante não participa. Considerada, sob esse prisma, como uma saída psíquica localizada fora do campo da satisfação fálica. A ruptura com o gozo fálico foi avaliada, por exemplo: por Miller (1989) como um modo de gozo que se recusa a ser metaforizado pelo gozo do corpo do Outro, bem como uma insubordinação ao serviço

sexual; por Laurent (1998) como uma formação de ruptura e não como uma formação de compromisso, um uso de substância fora do campo da fantasia; por Santiago (2001) uma solução não-fálica de separação entre corpo e gozo, resultante da falha do semblante fálico; e por Pacheco (2011) referente a uma falha da significação fálica.

Em paralelo a isto, defendemos, de forma bastante consistente, os diferentes tipos de uso da substância, de acordo com o modo de operacionalização do falo: inscrição do falo ou função do falo; e, da mesma maneira, a possibilidade de averiguar também a função psíquica do recurso à substância nas neuroses servindo tanto para romper o casamento do corpo com o gozo fálico, quanto para manter este casamento.

No tocante ao tipo de matrimônio que permite a manutenção da relação entre corpo e gozo fálico, destacamos duas situações clínicas: 1. Casos de neurose localizados na etapa lógica da inscrição do falo (**tempo 1**), em que recurso à substância permite a ligação entre sujeito e falo através da satisfação oriunda do ato masturbatório; e 2. Casos de neurose localizados na etapa lógica da função do falo (**tempo 2**), em que o recurso à substância facilita o sujeito abordar e se relacionar sexualmente com o Outro, pela via amor ou do sintoma. E, de modo contrário, no que tange o tipo de matrimônio referente à ruptura com o gozo fálico, concebemos os casos de neurose em que as modalidades de satisfação do campo fálico (masturbação e/ou relação sexual) saem de cena, instaurando um modo de gozo ‘fora do sexo’ proveniente somente do efeito da substância no corpo. Designamos a este último tipo de matrimônio a verdadeira toxicomania na neurose – a saber, quando o recurso à substância deixa de se encontrar a serviço da manutenção do casamento do corpo com o gozo fálico, transformando-se, via somente gozo da substância, para o rompimento deste casamento.

Valendo ressaltar que caminhando além do binômio manutenção-rompimento do casamento do corpo com o gozo fálico, a tese, a partir do estudo de alguns fragmentos clínicos encontrados na literatura psicanalítica, também ilustra a possibilidade, a partir da transferência analítica, de um sujeito neurótico conseguir sair da ruptura com o gozo fálico, retornar a alguma modalidade de satisfação fálica, a ponto até mesmo de deixar o uso da substância. Deste modo, a tese denota a função do processo analítico, em alguns casos clínicos, a possibilidade do sujeito conseguir sair do quadro autístico de satisfação exclusiva com a substância, passando novamente a relacionar-se com seu corpo e com o Outro como outrora fazia.

Portanto, chega-se a hora de se atrever a responder a pergunta que impulsionou a escrita desta tese: o que Lacan quis dizer em 1975 com ruptura com o gozo fálico em caso de neurose com uso de substância? Dito de forma melhor: o que Lacan quis transmitir, que sentido quis dar, quando escolhe o termo ‘ruptura com o pequeno pipi’ para explicar a toxicomania na neurose? Para tal, trataremos de entrelaçar três ferramentas teóricas:

Primeiramente, temos a indicação de Miller que entende a função do supereu tal como ‘um chamado ao gozo puro’, ‘um chamado a não castração’ (1891b). Em paralelo, possuímos a apresentação, feita por esta tese, das diferentes abordagens do gozo fálico em referência aos três tempos da constituição da neurose (tempo 0, 1 e 2). E, agora, conjuntamente a estas duas formulações, a tese convida a acrescentar um novo elemento postulado por Miller, trabalhado pela tese no segundo capítulo. Trata-se do inovador matema que Miller escolhe com o intuito de melhor escrever o supereu no ensino de Lacan: “penso que podemos usar um significante menos utilizado (...), um com que nunca se fez nada:  $(\Phi_0)$ ” (Miller, 1981b, p. 146). Com este significante lido como falo simbólico índice zero, Miller acredita na possibilidade de representar “o gozo não freiado pelo falo” (ibidem). Embora lembre que Lacan indique ser impossível negativizar o falo (1960, p. 838), Miller sustenta sua escolha, proferindo: “não considero que  $(\Phi_0)$  seja uma negativização, considero que mostra a ubiquidade do gozo, quando este não se localiza como gozo fálico” (Miller, 1981b, p. 146), “escreve o gozo congelado, não cativo do falo” (ibidem).

Tendo como base estas três ferramentas teóricas de pesquisa: 1. A equivalência do supereu ao chamado a não castração e ao gozo puro, 2. As três diferentes abordagens do conceito de gozo fálico e 3. O matema do supereu representante do falo simbólico índice zero  $(\Phi_0)$ , a tese defende, agora, duas maneiras de explicar a ruptura com o gozo fálico na neurose:

Em primeiro lugar, a tese defende a ruptura com o gozo fálico na neurose como o resultado psíquico da maior submissão possível ao supereu enquanto imperativo de gozo real. A submissão maciça do supereu implica aqui a impossibilidade do sujeito continuar se apropriando da ação do significante, culminando, desta forma, um modo de gozo que prescinde de qualquer modalidade de satisfação fálica. Saem de cena a masturbação e/ou a relação sexual com o Outro, restando apenas ao sujeito o império do

gozo da substância. O rompimento do casamento do corpo com o gozo fálico, sem implicar a forclusão do Nome-do-Pai, refere-se aqui ao sucesso da função do supereu em seu chamado ao gozo puro, em seu chamado a não castração, tal como pontua Miller (1981b, p. 156).

Além disso, a tese defende outra forma de compreender a ruptura com o gozo fálico tomando, agora, como referência os três tempos forjados por Naparstek para a constituição da neurose. No decorrer do terceiro capítulo, advertimos que só se pode falar em ruptura com o gozo fálico, através da única condição, de que na história do sujeito se avalie uma ação prévia do significante, minimamente, a partir da inscrição do falo. Portanto, respeitando esta informação, a tese lança a proposta de conceber a ruptura com o gozo fálico como resultado de um retorno pulsional, de uma regressão pulsional, se assim podemos dizer, para o **tempo 0** – tempo lógico em que a ação do significante é inexistente e que o gozo fálico assume sua faceta mais equivalente ao supereu no que tange seu chamado a não castração, ao gozo puro. O significante e a satisfação fálica deixam de operar, e, deste modo, o modo de gozo do sujeito passa a ser dominado, exclusivamente, pelo supereu enquanto imperativo do gozo real.

Essas duas maneiras de compreender a ruptura com o gozo fálico na neurose, forjada pela tese, é consoante ao que Mazzuca propõe. O autor entende o rompimento do casamento com o gozo fálico como “uma operação de ‘cancelamento’ momentâneo das funções da fantasia, do mecanismo do recalque e da função do falo (...) prefiro falar em ‘cancelamento’ momentâneo ou colocado em suspensão, do que forclusão” (2008, p. 156). E daí, uma nova pergunta surge como proposta de continuidade de estudo: o que provoca este cancelamento momentâneo? O que provoca esta desregulação pulsional no sujeito neurótico que faz uso de substância, a ponto de prescindir da ação do significante e romper com o gozo fálico?

Aqui a tese termina com um material que defende, de forma consistente, três formas de averiguar a clínica psicanalítica das neuroses com uso de substância: 1. A primeira relativa à ruptura com o gozo fálico; 2. A segunda sem fantasia inconsciente operando, porém, com a ação do significante permitindo a ligação entre sujeito e falo (referente ao tempo 1 da inscrição do falo); e 3. A terceira com a presença da fantasia inconsciente através da ação da significação fálica (correlato ao tempo 2 da função do falo).

A tese acredita que o material teórico desenvolvido ao longo de toda a nossa trajetória alcança o sucesso em abrir o horizonte de um campo de pesquisa orientado, agora, por uma nova perspectiva e por um novo olhar, na medida em que introduz uma peculiar abordagem teórica para a clínica do recurso à substância nas neuroses, cuja novidade principal é a identificação de seu caráter *heterogêneo*. Entendida, à luz da psicanálise, caso a caso, a serviço da manutenção ou do rompimento do casamento do corpo com o gozo fálico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREDA, Hugo (1988). **Entre la satisfacción y el goce: la droga**. In: Pharmakon 11: El lazo social intoxicado. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2009.

FREUD, Sigmund (1896). **Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, vol. 3, 1996.

\_\_\_\_\_ (1897) **Carta 79**, vol 3, op.cit

\_\_\_\_\_ (1898) **Sobre a etiologia das psicose neuroses**, vol. 3, op.cit

\_\_\_\_\_ (1908a) **Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna**, vol 9, op.cit

\_\_\_\_\_ (1908b) **Fantasia histéricas e sua relação com a bissexualidade**, vol. 9, op.cit.

\_\_\_\_\_ (1909) **Homem dos Ratos**, vol. 10, op.cit.

\_\_\_\_\_ (1912) **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor**, vol. 13, op.cit.

\_\_\_\_\_ (1912-13) **Totem e Tabu**, vol. 13, op.cit.

\_\_\_\_\_ (1913) **Disposição à neurose obsessiva**, vol. 13, op.cit.

\_\_\_\_\_ (1914) **Introdução ao Narcisismo**, vol. 14, op.cit

\_\_\_\_\_ (1915a) **O recalque**, vol. 14, op.cit

\_\_\_\_\_ (1915b) **O inconsciente**, vol 14, op.cit.

\_\_\_\_\_ (1915c) **Luto e melancolia**, vol. 14, op.cit.

\_\_\_\_\_ (1920) **Além do Princípio do Prazer**, vol. 18, op.cit.

\_\_\_\_\_ (1921) **Psicologia de Grupo e Análise do Ego**, vol. 18, op.cit

\_\_\_\_\_ (1923) **O ego e o id**, vol. 19, op.cit

\_\_\_\_\_ (1924) **O problema econômico do masoquismo**, vol. 19, op.cit.

\_\_\_\_\_ (1930) **O mal estar na civilização**, vol 21, op.cit.

GODOY, Claudio; SCHETJMAN, Fabian (2009). **La neuroses obsessiva en el último período de la enseñanza de J. Lacan**. In: Anuário de Investigaciones. Facultad de Psicología, vol. XVI, 2009, p. 91-95.

GUEDES, Rodrigo. (2014). **Toxicomania: casamento e rompimento**. In: MEZENICO, M. et al. (Org). Tratamento possível das toxicomanias. Belo Horizonte: Scriptum, 2014, p. 175-180.

GUIMARÃES, Leda (2006). **Um modo de fazer consistir o pai**. In: Correio. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. Salvador (BA): EBP, n 56, p. 50-59.

\_\_\_\_\_ (2008). **A identificação ao sintoma na clínica do Supereu**. In: Letra Clínica. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. Seção Pernambuco: EBP, n 1, 2008, p. 101-112.

\_\_\_\_\_ (2012). Logos 7: **El estatuto de la feminidad en nuestros días**. Buenos Aires: Grama ediciones, 2012.

LACAN (1938). **Os complexos familiares**. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 29-90.

\_\_\_\_\_ (1946) **Formulações da causalidade psíquica**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_ (1954) **Seminário, livro 1: os escritos técnicos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_ (1955-56) **Seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_ (1956-57) **Seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_ (1957-58) **Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_ (1959-60) **Seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_ (1960) **A subversão do desejo e a dialética do inconsciente freudiano**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_ (1962-63) **Seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_ (1964) **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_ (1966) **O lugar da psicanálise na medicina**. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 401-432.

\_\_\_\_\_ (1968-69) **Seminário, livro 16: do Outro ao outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_ (1969-70) **Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

\_\_\_\_\_ (1970) **Radiofonia**. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 401-432.

\_\_\_\_\_ (1971) **Seminário, livro 19: ainda pior**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

\_\_\_\_\_ (1972-73) **Seminário, livro 20: mais ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_ (1973) **Televisão**. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 509-543.

\_\_\_\_\_ (1974) **A terceira**. In: Opção lacaniana. Revista Escola Brasileira de Psicanálise, Rio de Janeiro: EBP, n 62, 2011, p. 11-35.

\_\_\_\_\_ (1974-75) **Seminário, livro 22: RSI** (não publicado).

\_\_\_\_\_ (1975) **Encerramento da Jornada de Cartéis**. In: Pharmakon online, 2016.

\_\_\_\_\_ (1975-76) **Seminário, livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LAURENT, Eric. (1988). **Três observações sobre a toxicomania**. In: MEZENICO, M. et al. (Org). Tratamento possível das toxicomanias. Belo Horizonte: Sciptum, 2014, p. 19-26.

\_\_\_\_\_ (2007). **A sociedade do sintoma**. In: A sociedade do sintoma – a psicanálise hoje. Rio de Janeiro: Contra capa, 2007, p. 163-177.

LILANY, Pacheco (2001). **O corpo na toxicomania**. In: Opção lacaniana. Revista de Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro: EBP, n 30, 2001, p. 65-70.

MALEVAL, Jean-Claude (2003). **Elementos para uma apreensão clínica da psicose ordinária**. In: Clínica e Cultura, v. III, jan-jun 2014, p. 112-140.

MALEVAL, Jean-Claude; GROLLIER, Michel; SALMANE, Gwénola (2009). **Sobre a fantasia no sujeito psicótico: de sua carência e seus substitutos**. In: BESSET, V. et al. (Org). A soberania da clínica na psicopatologia do cotidiano. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 13-44.

MARTELLO, Andréa (2014). **Método científico, normatividade social e sintoma psicanalítico**. In: SANTOS, C. et al. (Org). Os corpos falantes e a normatividade de supersocial. Rio de Janeiro: Companhia de Freud/FAPERJ, 2014, p. 199-223.

MAZZUCA, Marcelo. (2008). **Clínica diferencial de las afecciones narcisistas**. In: NAPARSTEK et al. (Org). Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo. Buenos Aires: Grama ediciones, 2008, p. 141-162.

MILLER, Jacques-Alain (1981a). **Clinica del supereu**. In: Recorrido de Lacan. Buenos Aires: Ediciones Manatíal, 2006, p. 131-148.

\_\_\_\_\_ (1989b). **Teoria de los goces**. In: Recorrido de Lacan. Buenos Aires: Ediciones Manatíal, 2006, p. 149-160.

\_\_\_\_\_ (1989). **Para uma investigação sobre o gozo auto-erótico**. In: TARRAB, M. et al. (Org). Sujeto, goce y modernidade: fundamentos de la clínica. Buenos Aires: Ateu, 1994, p. 13-21.

\_\_\_\_\_ (1996) **A teoria do parceiro**. In: Os circuitos do desejo na vida e na análise. Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro: Contra capa, 2000, p. 153-207.

\_\_\_\_\_ (1996-97) **El Otro que no existe y sus comités de ética**. LAURENT, E. (col). Buenos Aires: Paidós, 2010.

\_\_\_\_\_ (1998-99) **La experiencia de lo real em la cura psicoanalítica**. Buenos Aires: Paidós, 2011.

\_\_\_\_\_ (2004) **Uma fantasia**. IV Congresso-AMP, Bahia, Comandatuba, 2004.

NAPARSTEK, Fabían. (2008). **Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo**. Buenos Aires: Grama ediciones, 2008, p. 29-62.

\_\_\_\_\_ (2011). **La direction de la cure dans les toxicomanies et l'alcoolisme**. Doctorat de Psychanalyse. Saint-Denis: Université Paris VIII, 2011.

\_\_\_\_\_ (2014). **De homens e mulheres**. In: MEZENICO, M. et al. (Org). Tratamento possível das toxicomanias. Belo Horizonte: Scriptum, 2014, p. 143-158.

SANTIAGO, Jesús. (2001). **A droga do toxicômano: uma parceria na era da ciência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_ (2014). **A droga de Willian Burroughs: um curto-circuito na função sexual.** In: MEZENICO, M. et al. (Org). Tratamento possível das toxicomanias. Belo Horizonte: Scriptum, 2014, p. 39-46.

WOLODARSKY, Diana (2009). La droga 'partenaire'. **Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II.** Buenos Aires: Grama ediciones, 2009, p. 45-52.